



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

FRANCISCO JAHANNES DOS SANTOS RODRIGUES

**EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E ESPERANÇA NO SERTÃO DE OITICICAS –
VIÇOSA DO CEARÁ: AS APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS REALIZADAS NO
CENTRO ESPÍRITA “O POBRE DE DEUS”**

Fortaleza

2013

**EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E ESPERANÇA NO SERTÃO DE OITICICAS –
VIÇOSA DO CEARÁ: AS APRENDIZAGENS EXPERIENCIAIS REALIZADAS NO
CENTRO ESPÍRITA “O POBRE DE DEUS”**

FRANCISCO JAHANNES DOS SANTOS RODRIGUES

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola.

Orientação: Prof^a. Dr.^a Ercília Maria Braga de Olinda

Aprovada em __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr.^a. Ercília Maria Braga de Olinda, (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr.^a. Celecina de Maria Veras Sales
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr.^a. Rosa Maria Barros Ribeiro
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- R613e Rodrigues, Francisco Jahannes dos Santos.
Educação, juventude e esperança no sertão de Oiticicas – Viçosa do Ceará: as aprendizagens experienciais realizadas no Centro Espírita “O Pobre de Deus” / Francisco Jahannes dos Santos Rodrigues. – 2013.
231 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013.
Área de Concentração: Educação.
Orientação: Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda.
- 1.Educação e espiritismo – Vila Oiticicas(Viçosa do Ceará,CE). 2.Jovens – Educação – Vila Oiticicas(Viçosa do Ceará,CE). 3.Narrativas pessoais. 3.Educação – Métodos biográficos. I. Título.

À Deus,
À espiritualidade,
À minha família,
Aos que vivenciam o Evangelho de Jesus
proporcionando amparo, alívio e educação ao
próximo,
Em especial, ao meu pai que permanece forte
frente a sua enfermidade me dando uma lição
de paciência e fé.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares que sempre me apoiaram e me incentivaram a dar sempre o meu melhor. Aos meus tios que Irina e Aristóteles. À minha mãe pelo seu exemplo de paz e candura e ao meu pai pelo seu exemplo de trabalho e de dedicação.

À Luana, meu amor e minha companheira que aguentou minhas ausências e os meus apherreios na construção deste trabalho. Agradeço a sua paciência e a sua brandura comigo, pois sem você ao meu lado não saberia o quão grande é viver a vida com amor.

Ao Everaldo, à Luzia e à todos os trabalhadores do Centro Espírita “O Pobre de Deus” por viabilizarem a realização deste trabalho. Fiquei muito contente e feliz pelo carinho com o qual fui recebido e pelas experiências que vivenciei. Saibam que o trabalho de vocês muito me inspirou e me estimulou a agir na seara do bem.

Ao Seu Pedro Nogueira, à Dona Vânia e toda sua família por me acolher em seu lar e por me proporcionar muitos momentos de alegria.

Ao Jailson, à Joana e ao Wallacy pelo apoio e ajuda na concretização deste trabalho.

Aos companheiros do Grupo Espírita Renascendo com Jesus que me proporcionam momentos de felicidade e de aprendizagem. Neste grupo tenho a possibilidade de estudar a Doutrina Espírita para melhor compreender o Evangelho de Jesus e de praticar a caridade àqueles que precisam.

À galera da Banda Cantar é Viver que através do forte sentimento de amizade e de compromisso me oportuniza o trabalho na seara do bem. Que as ondas musicais possam sempre nos manter juntos, fortalecendo os nossos laços de amizade. “Porque cantando vou crescer, por isso cantar é viver, pois quando eu canto fica tudo tão bom.” (Cantar é Viver).

À amiga e professora Ercília Maria Braga de Olinda, que com seu amor, com a sua paciência e com os vários “puxões de orelha” orientou este trabalho e a minha formação como pesquisador, educador e ser humano. Sua alegria me contagia, seu conhecimento me inspira e sua força de fazer pelo mundo me serve de exemplo para minha formação.

Aos amigos que toparam participar dessa aventura biográfica: Iranir, Jorge e Valdilene. Suas experiências me ensinaram muito e espero que outros possam aprender com as narrativas de vida de vocês.

“A educação, se bem compreendida é a chave do progresso moral.” (Allan Kardec)

RESUMO

A lógica do sistema neoliberal, vigente em nossa sociedade, almeja tornar a juventude contemporânea refém de suas propostas que visam o lucro, o imediatismo, o consumo e a competitividade. Esse cenário estabelece uma situação opressora para aqueles que não aderem a esse sistema e para os que não têm os seus direitos básicos garantidos. Esse contraste evidencia-se mais ainda quando comparamos os jovens procedentes dos centros urbanos aos jovens dos núcleos rurais, que ainda sofrem com a ineficácia das políticas públicas, a educação precária, o desemprego, as drogas e a falta de espaços dignos de lazer. Diante desse panorama, foram feitas as seguintes indagações iniciais: Como jovens oprimidos podem ter esperança diante de tanta negação de direitos? Como construir projetos de vida em uma situação social desfavorável? Como lutar para garantir os seus direitos? Como se “humanizar” perante uma sociedade que estabelece a lógica injusta do “ser menos”? Em oposição a essa lógica, a Doutrina Espírita coloca-se não apenas como religião, mas também como ciência e filosofia que propõe, a partir de seus princípios e fundamentos, um olhar mais atento e globalizado sobre o ser humano, considerando-o em sua multidimensionalidade: social, histórico, espiritual, ético, estético, cultural, cognitivo, político, biológico etc. Considerando que a Doutrina Espírita desperta nos indivíduos esse olhar para si, na intenção de reconstruir o “ser mais” e atingir o patamar de “Homem de Bem”, este trabalho teve como objetivo geral compreender, a partir de um trabalho de biografização, os significados da pertença espírita para a formação de três jovens que participaram das atividades educativas do Centro Espírita “O Pobre de Deus”, destacando a relação entre educação moral, esperança e luta por direitos humanos na elaboração de seus projetos de vida. Para realizar esse trabalho, apoiamos-nos nos princípios, fundamentos e procedimentos da pesquisa (auto)biográfica (JOSSO, 2010; DELORY-MOMBERGER, 2008), utilizando os dispositivos metodológicos provenientes do Círculo Reflexivo Biográfico – CRB (OLINDA, 2009, 2010) para a construção das biografias educativas (DOMINICÉ, 1988) desses jovens. Outros referenciais teóricos deram suporte a este trabalho, destacando-se os que abordam as seguintes temáticas: Doutrina Espírita (KARDEC, 2005, 2008; PIRES, 1979); juventude (GROPPO, 2000; PAIS, 2003; BRUMER, 2007); esperança (FREIRE, 1992, 2005; BLOCH, 2005); experiência (DEWEY, 1952; LAROSSA, 1996, 2002); movimento social (GOHN, 2009; MELUCCI, 1989).

Palavras-chaves: juventudes, aprendizagens experienciais, educação espírita, narrativas.

RÉSUMÉ

La logique, qui prévaut dans notre société, le système néolibéral vise à faire en otage des jeunes d'aujourd'hui à ses propositions à but lucratif, l'immédiateté, la consommation et la compétitivité. Ce scénario prévoit une situation d'oppression pour ceux qui n'adhèrent pas à ce système et ceux qui ne disposent pas de leurs droits fondamentaux garantis. Ce contraste est encore plus évident lorsque l'on compare les jeunes venant de centres urbains à la jeunesse rurale de noyaux, qui souffrent toujours de l'inefficacité des politiques publiques, le manque d'éducation, le chômage, la drogue et le manque d'équipements de loisirs décents. Dans ce contexte, on a demandé les premières questions suivantes: Comment les jeunes désenchantés peut avoir de l'espoir dans le visage de tant de déni des droits? Comment construire des projets de vie dans une situation sociale défavorable? Comment lutter pour vos droits? Comment faire pour "humaniser" à une entreprise qui établit la logique injuste" d'être moins"? En opposition à cette logique, la doctrine se pose non seulement comme une religion mais aussi comme la science et la philosophie qui propose, à partir de ses principes et fondamentaux, et un coup d'oeil de plus près à l'être humain globalisé, la considérant dans son multidimensionnel: social, historique, spirituel, éthique, esthétique, culturel, cognitif, politique, etc biologique. Considérant que la doctrine réveille personnes qui cherchent eux-mêmes, dans l'espoir de reconstruire le «être» et atteindre le niveau de "Good Man", ce travail a pour principal objectif de comprendre, à partir d'un biographization de travail le sens de l'esprit appartenant à la formation de trois jeunes gens qui ont participé aux activités éducatives de la Centre Spirituel "le pauvre de Dieu», soulignant la relation entre l'enseignement moral, l'espoir et la lutte pour les droits de l'homme dans le développement de leurs projets de vie. Pour accomplir ce travail, nous appuyons les principes, les fondamentaux et les procédures de l'étude (auto)biographique (JOSSO, 2010; MOMBERGER-DELORY, 2008), les dispositifs méthodologiques du Biographique Reflective Circle - CRB (OLINDA, 2009, 2010) pour la construction de biographies éducatives (DOMINICÉ, 1988) de ces jeunes. D'autres cadres théoriques ont soutenu ce travail, en soulignant celles qui portent sur les thèmes suivants: le spiritisme (KARDEC, 2005, 2008; PIRES , 1979), les jeunes (GROPPO, 2000; PARENTS, 2003; BRUMER, 2007), l'espérance (FREIRE, 1992, 2005; BLOCH, 2005), l'expérience (DEWEY, 1952; LAROSSA, 1996, 2002), le mouvement social (GOHN, 2009; MELUCCI, 1989) .

Mots-clés: jeunesse, l'apprentissage expérientiel, éducation spiritualiste, récits.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Visão geral da Vila Oiticicas	p.29
Foto 2 - Visão da entrada da Vila Oiticicas	p.30
Foto 3 - Visão aérea da Vila Oiticicas na década de 90.....	p.31
Foto 4 - Visão das ruas da Vila Oiticicas na década de 90	p.31
Foto 5 - 1ª fachada da capela da Vila Oiticicas.....	p.33
Foto 6 - Fachada atual da capela da Vila Oiticicas	p.34
Foto 7 - Fachada do casarão cedido para fundação do CEPD	p.36
Foto 8 - 1º grupo de crianças atendidas no CEPD	p.39
Foto 9 - Primeiras reuniões espíritas no CEPD.....	p.39
Foto 10 - Fachada da 1ª sede do CEPD.....	p.40
Foto 11 - 1ª turma da Escola Allan Kardec	p.42
Foto 12 - Interior da marcenaria.....	p.42
Foto 13 - Festa dos concludentes da turma de alfabetização	p.46
Foto 14 - Fábrica de petas no Pão da Vida	p.48
Foto 15 - Antiga fachada do casarão sede do Pão da Vida	p.48
Foto 16 - Plantação no Sítio Estrada de Damasco	p.49
Foto 17 - Avicultura no Sítio Estrada de Damasco.....	p.49
Foto 18 - Suinocultura no Sítio Estrada de Damasco	p.50
Foto 19 - Oficinas de <i>bijoux</i>	p.51
Foto 20 - Encontro formativo de qualificação profissional	p.51
Foto 21 - Fábrica de petas	p.52
Foto 22 - Fábrica de petas	p.52
Foto 23 - Grupo de crianças da Escola Allan Kardec	p.60
Foto 24 - Crianças no Apoio Escolar	p.60
Foto 25 - Crianças no Apoio Escolar	p.61
Foto 26 - Escolinha agrícola	p.62
Foto 27 - Biblioteca Amaury Holanda Santos	p.62
Foto 28 - Projeto Economia Doméstica	p.63
Foto 29 - Horta.....	p.63
Foto 30 - Projeto Sorriso de Esperança.....	p.64
Foto 31 - Mocidade Cristã em Busca do Bem	p.65
Foto 32 - Jovens da mocidade visitando idosos	p.65

Foto 33 - Curso de confeitaria no Pão da Vida	p.66
Foto 34 - Encontro das famílias	p.67
Foto 35 - Oficinas para mães	p.67
Foto 36 - Evangelho no lar.....	p.68
Foto 37 - Chafariz Poço de Jacó	p.69
Foto 38 - Farmácia Viva	p.69
Foto 39 - Valdilene.....	p.124
Foto 40 - Iranir	p.125
Foto 41 - Nazinha.....	p.125
Foto 42 - Jorge	p.126
Foto 43 - Autorretrato da Valdilene	p.127
Foto 44 - Autorretrato da Iranir.....	p.128
Foto 45 - Autorretrato da Nazinha	p.128
Foto 46 - Autorretrato do Jorge.....	p.129
Foto 47 - Construindo os caminhos	p.137
Foto 48 - Valdilene, Iranir, Jorge e seus caminhos	p.138
Foto 49 - A árvore da Iranir	p.139
Foto 50 - A árvore da Valdilene.....	p.139
Foto 51 - A árvore do Jorge	p.140
Foto 52 - Autorretrato da Iranir.....	p.211
Foto 53 - Autorretrato da Nazinha	p.211
Foto 54 - Autorretrato do Jorge.....	p.212

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Escolaridade	p.78
Gráfico 2 - Quantas pessoas em sua casa concluíram o ensino médio	p.80
Gráfico 3 - Sua casa tem rede de esgoto.....	p.81
Gráfico 4 - A água da sua casa é	p.82
Gráfico 5 - Como é tratado o lixo da sua casa	p.83
Gráfico 6 - Morador que utiliza substancia química	p.84
Gráfico 7 - Qual a fonte de renda da casa	p.85
Gráfico 8 - Atividades de lazer	p.87
Gráfico 9 - O que as pessoas que moram na casa costumam fazer para se divertir	p.88
Gráfico 10 - Com que frequência você vai	p.88
Gráfico 11 - Que tipo de leitura prefere	p.90
Gráfico 12 - Com que frequência você tem acesso	p.91
Gráfico 13 - Personagens do Movimento Espírita	p.115

SUMÁRIO

Introdução.....	p. 13
Construção do objeto de estudo, objetivos da pesquisa e justificativa.....	p. 13
Abordagem da pesquisa e procedimentos metodológicos.....	p. 19
1. O Centro Espírita “O Pobre de Deus” e sua trajetória: luta, trabalho e compromisso social.....	p. 28
1.1 Vila Oiticicas: características e especificidades.....	p. 28
1.2 Uma flor brota no sertão.....	p. 35
1.3 Múltiplos olhares: os desafios e os embates.....	p. 54
1.4 O florescer de um novo jardim: atualidade do centro espírita “o Pobre de Deus”.....	p. 59
2. Juventude: dilemas conceituais, características e especificidades.....	p.72
2.1 Construindo o entendimento de juventudes.....	p.72
2.2 A juventude em oiticicas: um retrato socioeconômico e social.....	p.77
3. Doutrina Espírita em movimento.....	p.94
3.1 Os precursores do Espiritismo.....	p.94
3.2 Kardec e a codificação da Doutrina Espírita.....	p.99
3.3 O movimento espírita como movimento social.....	p.109
4. Experiências em narrativas.....	p.110
4.1 Aventura biográfica: desenvolvimento e desafios do Círculo Reflexivo Biográfico.....	p.121
4.1.1 Primeiro encontro.....	p.121
4.1.2 Segundo encontro.....	p.123

4.1.3 Terceiro e quarto encontros	p.129
4.1.4 Quinto e sexto encontros	p.132
4.1.5 Sétimo encontro	p.132
4.1.6 Oitavo e nono encontros	p.134
4.1.7 Do décimo ao décimo segundo encontros	p.136
4.2 Meu presente, meu passado, meu futuro	p.140
4.3 Tempo: o melhor reformador da vida.....	p.150
4.4 Recordações de minha vida no centro espírita “O Pobre de Deus”	p.158
5. Significados das experiências no centro espírita: reflexões sobre construção de projetos de vida, esperança e luta por garantia de direitos	p.164
5.1 A atuação no centro espírita como experiência formadora	p.165
5.2 Dialogando sobre direitos humanos	p.170
5.3 Construindo horizonte de esperança.....	p.182
5.4 Os jovens de oitocenas e seus projetos de vida.....	p.194
6. O que aprendemos e o que podemos aprender com a experiência do centro espírita “O Pobre de Deus” – à guisa de conclusão	p.205
Referências bibliográficas	p.214
Apêndice A.....	p.220
Apêndice B	p.221
Apêndice C	p.225
Anexo	p.231

INTRODUÇÃO

Construção do objeto de estudo, objetivos da pesquisa e justificativa

A temática desenvolvida nesta pesquisa partiu da vontade pessoal do pesquisador de investigar uma experiência sócio-educativa realizada em uma instituição espírita, avaliando como as concepções de esperança e de direitos humanos se articulam com o intuito de promover projetos de vida em jovens de baixa renda residentes na zona rural.

Há 12 anos estou envolvido com atividades de educação espírita, particularmente a evangelização de crianças e adolescentes e a formação de educadores. Paralelamente, dedico-me às atividades artísticas no Movimento Juvenil Espírita do estado do Ceará utilizando especificamente a música como elemento pedagógico. Produzo, também, artigos para o meio acadêmico abordando a temática da educação e espiritualidade. No final do ano de 2010, defendi meu trabalho de conclusão de curso abordando as concepções dos educadores espíritas, avaliando o grau de coerência destas com as práticas pedagógicas com os jovens de faixa etária de 14 a 18 anos do Grupo Espírita Renascendo com Jesus. Nessa última pesquisa, centrei-me nos educadores espíritas. Agora, pretendo focar a juventude. Considerar o olhar do jovem, sujeito desse processo pedagógico, além de construir junto com eles a consciência de que sem sonhos e esperanças não somos capazes de enfrentar nem superar as situações extremas que a vida e a história nos impõem.

Compreendo que toda escrita, pesquisa, enfim, qualquer produção que se possa fazer deve partir de algo que foi vivido, de uma experiência pessoal. Reconheço a importância dos grupos de jovens na seara espírita, pois, enquanto jovem, participei do Movimento Espírita Juvenil da cidade de Fortaleza. No Movimento Espírita os espaços juvenis são chamados de mocidades espíritas.

Aos 16 anos comecei a participar de uma mocidade espírita que se reunia no Centro Espírita André Luiz. Posso afirmar que esse ambiente foi fundamental na minha formação. Sentia-me muito estimulado pelos coordenadores. Coordenava grupos de estudos, trabalhava com diversas manifestações artísticas, participava de diversos encontros e congressos que reuniam jovens de várias mocidades, enfim, sentia-me estimulado a aprender.

Foi dentro do grupo da mocidade que comecei a ter hábito de leitura. A escola que cursava nunca me motivou a ler, e em casa também não tinha esse estímulo. Na mocidade tínhamos de ler as obras básicas da Doutrina Espírita para que pudéssemos conhecer e debater os seus princípios e fundamentos. Começando a ler, me envolvia com outras pessoas. Como eu era muito tímido, essas atividades me proporcionaram meios para que eu pudesse perder a timidez e começar a falar em público. Sem dúvida, a mocidade foi muito importante para mim.

Em meados do ano de 2006 fui demitido do emprego em que então me encontrava. Por conta própria tirei dois meses de férias. Depois resolvi estudar sozinho e fazer o vestibular no final do ano. Em paralelo a esses estudos eu era bem presente nas atividades do Centro Espírita, contribuindo em diferentes setores e atividades: na recepção, nas reuniões públicas, na distribuição de mensagens e na biblioteca.

Alguns amigos falavam que eu deveria deixar as atribuições espíritas de lado para poder estudar. Eu nunca pensei nisso. Procurei sempre conciliar estudo e participação nas atividades da mocidade e do Centro Espírita como um todo. Estava claro em minha mente que essas atividades me completavam, dando sentido ao meu caminhar, principalmente quando comecei a me envolver com as atividades artísticas, em especial com a música.

Aprendi a tocar violão e a cantar no Centro Espírita. Dentro da mocidade, participei da fundação do grupo musical “Cantar é Viver”, que até hoje existe e do qual ainda faço parte. Dentro desse trabalho do Cantar é Viver aprendi muita coisa, principalmente sobre amizade. O que construí nessas experiências não desejo perder nunca e procuro com cada pessoa que eu conheço cultivar uma amizade, porque considero muito importante. O Cantar é Viver me fortaleceu justamente por conta disso: os laços de amizade, a cumplicidade e a presença em todos os momentos da vida. As pessoas que fazem parte do Cantar é Viver até hoje são irmãos para mim. É muito forte a minha relação com esse grupo, demonstrando a força da organização entre pares para a sociabilidade juvenil.

Apesar de todas as minhas atividades consegui estudar e passar no vestibular. Como eu tinha uma relação muito grande com os trabalhos espíritas, decidi, ao entrar na faculdade, levar algo novo para o Centro Espírita, procurando demonstrar minha gratidão por tudo o que aprendi lá. Como eu trabalhava na evangelização infanto-juvenil, eu via no curso de Pedagogia uma oportunidade para o aprofundamento teórico e prático que pudesse contribuir com as ações pedagógicas junto às crianças e aos adolescentes que frequentavam o Centro Espírita.

Em todas as pesquisas de que participava, queria trazer a Doutrina Espírita como uma "novidade" dentro da área da educação. Procurei, em todos os eventos de que participava e nos artigos que produzia, sempre trabalhar no campo da educação espírita, contribuindo com uma proposta de Pedagogia Espírita, investigando como esse trabalho acontecia dentro do Centro Espírita e avaliando em que a Doutrina Espírita pode contribuir para essa área pedagógica. Procurei muito trabalhar com essa temática. Posso dizer que as experiências que construí na minha juventude são oriundas, em boa parte, do ambiente no qual estava implicado, no caso, o Centro Espírita.

Quando se é jovem, têm-se muitos sonhos e criam-se muitos projetos de futuro baseados nas vivências pelas quais se passam. Correm-se riscos, tropeços acontecem, vitórias se concretizam, mas o que nos formam são os processos reflexivos que fazemos dessas vivências, ou seja, a transformação daquilo que vivenciamos em experiências formadoras articuladas conscientemente por atividades sensibilizadoras, afetivas, reflexivas e práticas (JOSSO, 2010).

Como pensar vivências educativas para uma juventude que está inserida em uma sociedade que se baseia no lucro e no consumo? O que esperar de uma juventude que é estimulada desde a escola à competitividade no lugar da colaboração? Existe ambiente "sadio" dentro desse sistema para vivências educativas? Esses são alguns dos questionamentos que permeiam as mentes daqueles que aceitam o desafio de propor uma educação dissociada da lógica consumista.

No decorrer da história da humanidade, a sociedade passou por diversas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais. De modo geral, essas mudanças provocaram um progresso importantíssimo em nossa sociedade, mas tal fato não indica que todos os indivíduos são tratados com equidade nesse processo.

Observa-se na atualidade uma imensa discrepância entre as classes sociais, a supervalorização do consumo e a degradação dos valores morais. Fruto do capitalismo, essa desarmonia modificou o cenário mundial refletindo, assim, nos diversos setores socioeconômicos da sociedade atual. Em meio a esse turbilhão, a juventude contemporânea torna-se alvo constante do sistema capitalista, sustentado pela ideologia neoliberal vigente, que pretende, a qualquer custo, manter e difundir a dominação social.

As ideologias neoliberais, representadas pelo capitalismo mundializado, promulgam, em sua essência, o consumismo. Muda-se o conceito de ser para ter, apregoando,

na sociedade, a necessidade desenfreada de consumir. Sem se perceber os jovens se veem rodeados de propagandas e joguetes publicitários que alimentam e impregnam suas mentes da ideia de que a “verdadeira felicidade e prazer” estão em consumir o produto da moda. O imediatismo material toma a frente do bom senso, transformando o jovem em um ser sem medidas capaz de fazer tudo e ir contra todos (inclusive contra si mesmo) para alcançar seus objetivos.

Nesse crescente, em que o consumo é exacerbado, valores morais e éticos são suprimidos pelo levante consumista. O modo como os jovens se relacionam com os bens de consumo reflete-se nas interações entre os indivíduos. A solidariedade, a cooperação, a generosidade e o respeito são substituídos pela competição, o egoísmo, o orgulho e a cobiça. As ações e relações humanas tornam-se frias e mesquinhas alimentando o individualismo e o exclusivismo (JUNCKEN, 2006).

A relação da juventude com o sistema neoliberal é estreita, pois esse grupo social nasceu e está crescendo em meio a esses conceitos. A um olhar preciso e especial das últimas décadas, podemos perceber o grande desenvolvimento técnico e científico vivido pela sociedade. Inovações tecnológicas, como o computador, os telefones celulares, o acesso rápido e sem fronteiras pela internet, os inúmeros materiais eletrônicos e digitais, compõem os principais objetos de fetiche da juventude atual (BATISTA, 2008).

Além das revoluções tecnológicas, a juventude atual convive intensamente com o sentimento opressor que se fortalece no sistema neoliberal. Surge uma polarização na educação, no campo profissional, na área econômica, no lazer, entre outros. Esse contraste se torna mais evidente quando comparamos os jovens oriundos dos grandes centros urbanos com os jovens provenientes dos núcleos rurais.

Apesar do esforço para suavizar esses contrastes sociais, a juventude rural continua sofrendo com a educação precária, o desemprego, as drogas, a falta de espaços dignos de lazer e a falta de políticas públicas que atendam de modo eficaz e duradouro as verdadeiras necessidades dos jovens (CARNEIRO, 2007).

Diante dessa realidade, surgem diversas perguntas: como esses jovens oprimidos podem ter esperança para continuar sonhando diante de tanta opressão? Como construir projetos de vida em uma situação social desfavorável? Como superar a opressão sem se tornar opressor? Como se “humanizar” perante uma sociedade que estabelece a lógica injusta do “ser menos”?

A Pedagogia Libertadora proposta por Paulo Freire e continuada/reinventada por inúmeros educadores populares dão pistas significativas para a continuidade das denúncias e dos anúncios que colaborarão na busca de novos caminhos e respostas. Para Freire (2005, p. 105), a superação das “situações-limites”, implica uma problematização e uma ação transformadora da realidade.

Esta superação, que não existe fora das relações homens-mundo, somente pode verificar-se através da ação dos homens sobre a realidade concreta em que se dão as “situações-limites”.

Desta forma, o próprio dos homens é estar, como consciência de si e do mundo, em relação de enfrentamento com sua realidade em que, historicamente, se dão as “situações-limites”. E este enfrentamento com a realidade para a superação dos obstáculos só pode ser feito historicamente, como historicamente se objetivam as “situações-limites”.

Contradizendo esse estado de coisa e buscando alternativas educacionais, surge no sertão de Oiticicas, o Centro Espírita “O Pobre de Deus” (CEPD), cujo principal objetivo é promover uma reestruturação social, econômica, moral e espiritual das famílias oriundas da região.

Oiticicas é uma pequena vila situada a 360 km da cidade de Fortaleza-CE, mais precisamente no Vale do Lamedouro, distrito do município de Viçosa do Ceará. É nessa região que se situa o CEPD. Fundado há 22 anos o CEPD tem como atividades cotidianas o estudo dos princípios e fundamentos da Doutrina Espírita, bem como o trabalho sócio-educativo com as famílias da região.¹

Diante das opressões vividas pela pequena população de Oiticicas, Everaldo Mapurunga e Pedro Carlos de Castro, ao lado de alguns companheiros procedentes do Centro Espírita Francisco de Assis, localizado no município de Viçosa do Ceará, resolveram fundar um Centro Espírita na pequena vila, desenvolvendo atividades beneficentes, pedagógicas e evangelizadoras apenas para algumas famílias, pois, de início, havia certo receio em ampliar o raio de ação, uma vez que a maioria da população era oriunda dos ciclos católicos e protestantes.

Atualmente o CEPD atende cerca de 637 pessoas através dos programas Sócio-Familiar e Sócio-Educativo. O Programa Sócio-Familiar acolhe 109 famílias e desenvolve

¹ Uma caracterização mais detalhada do lócus da pesquisa será feita no capítulo 1.

atividades, como palestras educativas, educação social e espiritual, distribuição de cestas de alimentos, distribuição de kits de limpeza e higiene, formação profissional e feiras culturais.

No que tange ao Programa Sócio-Educativo, esse atende 220 crianças e adolescentes através das seguintes atividades: apoio escolar, oficinas criativas, rodas de leitura, aulas de ética e espiritualidade, formação profissional, encontros lúdico-pedagógicos e educação alimentar.

Sendo assim, a presente pesquisa tem como **objetivo geral** compreender, a partir de um trabalho de biografização, os significados da pertença espírita para a formação dos jovens que participaram das atividades educativas do Centro Espírita “O Pobre de Deus”, destacando a relação entre educação moral, esperança e luta por direitos humanos na elaboração de projetos de vida.

Para atingir este objetivo elaborei os seguintes **objetivos específicos**:

Mapear as condições socioeconômicas e culturais dos jovens de Oiticicas;

Reconstruir o processo de fundação do Centro Espírita “O Pobre de Deus”; avaliando sua importância e a abrangência das ações do Programa Sócio-Educativo;

Elucidar o caráter sócio-educativo do Movimento Espírita, demonstrando sua contribuição para a formação juvenil;

Caracterizar a juventude de Oiticicas apresentando dilemas conceituais e especificidades;

Discutir a relação entre atuação no Movimento Espírita e construção de projetos de vida, esperança e luta por garantia de direitos.

A relevância desta pesquisa centra-se nas contribuições que ela pode proporcionar aos jovens que participaram como sujeitos desta pesquisa em poder ressignificar suas experiências formadoras e estimular vivências educativas em outros jovens que venham a conhecer suas trajetórias de vida.

Essa relevância se estende aos subsídios que seus resultados possam proporcionar ao CEPD, oferecendo pistas para o aperfeiçoamento de suas atividades com a juventude de Oiticicas através do Programa Sócio-Educativo. Além disso, a presente pesquisa pretende estender suas contribuições ao Movimento Espírita Brasileiro bem como às diversas instituições que trabalhem com jovens, seja nos centros urbanos, seja em área rural.

Em síntese, algumas questões nortearam este trabalho, como: Qual a relação entre esperança e projeto de vida e como estas podem auxiliar a “humanização” dos indivíduos? Qual o conceito de juventude? Em que conjuntura vivem os jovens de Oiticicas? Que ações educativas são desenvolvidas no CEPD? Qual a abrangência das ações educativas do CEPD no sertão de Oiticicas e até que ponto essas ações atenderam aos anseios dos jovens que participaram ou participam do Programa? Qual o significado do CEPD na formação dos jovens que foram atendidos pelas suas ações educativas? Como a Doutrina Espírita, através do Centro Espírita, pode contribuir com a “humanização” dos indivíduos?

Abordagem da pesquisa e procedimentos metodológicos

Na busca por compreender os significados para a formação das experiências desses jovens, a presente pesquisa utiliza-se da abordagem qualitativa. Essa abordagem auxilia no aprofundamento dos significados, convidando pesquisador e pesquisados a expor e interpretar sentimentos, vivências, motivos, valores, crenças e atitudes e conceitos, subsidiando a construção de uma nova prática. (MINAYO, 2009). Na mesma direção assinala Chizzotti (2006, p. 28):

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e, enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 17) a

[...] pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

No universo da investigação qualitativa, considero que a abordagem mais adequada para o presente trabalho é a pesquisa (auto)biográfica. Essa abordagem permite destacar, como principal sujeito da pesquisa, os jovens e suas narrativas, no intuito de compreender o presente e construir perspectivas futuras, resgatando o passado através das narrativas, buscando sempre a conscientização para uma posterior transformação. Discutindo o valor formativo e heurístico das narrativas, Olinda (2009a, p. 76 - 77) afirma:

Contando nossa história, demonstramos o valor atribuído a cada experiência vivida. Tal reflexão realiza-se em três níveis: antropológico (características do ser humano situado); ontológico (pergunta pelo ser enquanto tal) e axiológico (evidencia valores e princípios que embasam e orientam a vida. Ao narrar sobre como nos tornamos a pessoa que somos hoje, transitamos no mundo de pensamentos, de sentimentos, de conflitos e de modos de fazer que foram constituindo nossa subjetividade e definindo/redefinindo nossas identidades.

Ainda sobre as contribuições da abordagem biográfica, Josso (2010, p. 62) aponta que:

As narrativas de formação e o trabalho intersubjetivo de análise e de interpretação dão acesso a um conhecimento de si fonte de invenção possível de seu vir-a-ser, no entanto, os efeitos transformadores desse trabalho são aleatórios porque exclusivamente orientados pelo pensamento reflexivo.

Segundo Delory-Momberger (2008), a abordagem biográfica apresenta-se como “uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos” (p. 26). Assim, a atividade biográfica apresenta-se como uma oportunidade de se exercitar a reflexividade crítica, levando o narrador a uma interpretação sobre eventos vividos, possibilitando uma avaliação sobre os efeitos desses eventos na sua formação.

A pesquisa (auto)biográfica propicia aportes teóricos e instrumentais metodológicos consistentes para identificar, através das narrativas, como as experiências formadoras foram construídas no passado, o que significam no presente e o que causaram, ou ainda podem causar, na vida futura do sujeito. A narrativa (auto)biográfica abre caminhos

para reinterpretações do vivido e novas formações, além de proporcionar uma organização no interior dos sujeitos. Vale ressaltar que esse processo varia de sujeito para sujeito e que o sucesso dessa avaliação e formação vai depender da capacidade que cada sujeito tem para mergulhar em si, pois a cada narrativa se iniciam novos processos de formação e reflexão, ou seja, o mergulho em si se torna cada vez mais profundo.

A tomada de consciência sobre as experiências formadoras é uma operação significativa, cognitiva e afetiva para o sujeito, impulsionando, a partir da tessitura narrativa a um conhecimento de si. Ao conhecer-se, o sujeito pode, de maneira mais expressiva, melhorar-se integralmente, ou seja, tornar sua formação mais consistente e tomá-la verdadeiramente para si. Para Josso (2010, p. 62),

As narrativas de formação e o trabalho intersubjetivo de análise e de interpretação dão acesso a um conhecimento de si fonte de intervenção possível de seu vir-a-ser, no entanto, os efeitos transformadores desse trabalho são aleatórios porque exclusivamente orientados pelo pensamento reflexivo.

As reflexões biográficas que geram o conhecimento de si não se limitam a proporcionar ao sujeito apenas apreensões dos processos formadores e suas significações, mas um conhecimento que causa uma transformação profunda e integral do ser.

O que está em jogo nesse conhecimento de si não é somente compreender como nos formamos e nos transformamos, ao longo de nossa vida, mediante um conjunto de vividos transformados em experiências, mas também tomar consciência de que esse reconhecimento de nós mesmos como sujeitos encarnados, mais ou menos ativos, ou passivos, segundo as circunstâncias, permite, doravante, visualizar nosso itinerário de vida, nossos investimentos e nossos objetivos, com base numa auto-orientação possível, numa invenção de si, a qual articula mais conscientemente nossas heranças, nossas experiências formadoras, nossas pertenças, nossas valorizações, nossos desejos e nosso imaginário às oportunidades socioculturais que saberemos apreender, criar e explorar, para que advenha um si que aprende a identificar e a combinar obrigações e margens de liberdade. (JOSSO, 2010, p. 65)

Ainda sobre a abordagem biográfica, Delory-Momberger (2008, p.26) aponta que biografar-se é importante para que o sujeito possa se compreender em si e no meio em que vive.

[...] pensar o 'biográfico' como uma das formas privilegiadas da atividade mental reflexiva, segundo a qual o ser humano se representa e compreende a si mesmo no seio do seu ambiente social e histórico. Neste sentido, somos levados a definir o biográfico como uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos.

Pierre Dominicé (1988, p.103) chama atenção para a dupla função do biográfico em pesquisas.

[...] a abordagem biográfica tem a sua origem num processo educativo, não constituindo apenas uma orientação metodológica. [...] a biografia é um instrumento de investigação e, ao mesmo tempo, um instrumento pedagógico. Está dupla função da abordagem biográfica, caracteriza a sua utilização em ciências da educação.

O autor citado, pioneiro do movimento sócio-educativo das histórias de vida em formação, propôs a utilização das biografias educativas (DOMINICÉ, 1988, p. 102) no trabalho grupal em que se fazem narrativas sobre histórias de vida, sugerindo que este é um instrumento de avaliação formadora e que “[...] permite a tomada de consciência das contribuições fornecidas por um ensino e, sobretudo, das regulações e auto-regulações que dele resultam para o seu processo de formação.”

Assim, tendo como base metodológica a pesquisa (auto)biográfica, a presente pesquisa iniciou os seus procedimentos de construção de dados com a feitura das biografias educativas do pesquisador e dos jovens selecionados para esta pesquisa. As construções das biografias educativas auxiliaram na compreensão dos processos formadores, bem como no conhecimento de si. Essas biografias educativas inicialmente foram elaboradas de modo oral e depois, escrito em que os sujeitos puderam iniciar a descrição e reflexão da sua trajetória formativa. Ao construir as biografias educativas, o pesquisador e os sujeitos da pesquisa iniciaram um processo que Delory-Momberger (2008) chama de “biografização”.

Quanto à biografização podemos compreender que é o processo pelo qual o indivíduo se coloca subjetivamente no tempo histórico e social do ambiente no qual ele está inserido, buscando a apropriação e compreensão não só dos fatos biográficos formais, mas também de valores, sentimentos e gestos, ou seja, para tal, o sujeito faz uma figura de si. Delory-Momberger (2008, p.27) afirma que “a atividade de biografização aparece assim como uma hermenêutica prática, um quadro de estruturação e significação da experiência por

intermédio do qual o indivíduo se atribui uma figura do tempo, ou seja, uma história que ele reporta a um si mesmo.”.

Para permitir a construção das biografias educativas, utilizei como procedimento metodológico o **Círculo Reflexivo Biográfico (CRB)**, criado pela Prof.^a Dr.^a Ercília Maria Braga de Olinda. O CRB é um dispositivo de pesquisa e de formação sob a inspiração de múltiplas fontes, como: o **Ateliê Biográfico**, de Projetos de Christine Delory-Momberger; o trabalho coletivo com experiências de vida em formação, de Marie Christine Josso; e a tradição dos **Círculos de Cultura**, de Paulo Freire (OLINDA, 2010).

Esse dispositivo assenta-se em seis princípios interligados:

- 1) **Princípio formativo** – a reflexividade crítica permite passar das experiências existenciais às experiências formadoras;
- 2) **Princípio dialógico** – seres em interação deixam-se atravessar pela verdade do outro, experimentando o diálogo como fundamento da ação educativa libertadora;
- 3) **princípio sócio-político** - inseparabilidade entre processos identitários e dimensão societal;
- 4) **princípio antropológico** – discute a relação entre sujeito e narração, destacando a capacidade da linguagem como constitutivo do humano;
- 5) **princípio da potência narrativa** - permitindo que tenhamos verdadeiras experiências e desenvolvamos crescentes níveis de autonomia;
- 6) **princípio integrador** – como prática consciente e integral de educação de si. (OLINDA, 2010, p. 24 - 25)

De acordo com Olinda (2009), o CRB possui três momentos imbricados e uma série de atividades que culminam com a feitura da biografia educativa. Os momentos se dividem em: despertar consciencial (sensibilizações e problematização); biografização (construção da biografia educativa); e integração experiencial (avaliação do CRB e projeções para o futuro baseando-se nos resultado).

Resumidamente, as atividades do CRB se configuram nas seguintes fases: preparar o grupo com a discussão dos objetivos da pesquisa e das regras de funcionamento do círculo; elaborar um acordo biográfico²; elaborar coletivamente a pergunta que estimulará o início das narrativas; iniciar a narrativa de si com o tempo de 30 a 40 minutos (todas as narrativas terão seus conteúdos gravados em áudio e/ou vídeo); transcrever a narrativa oral; ler a narrativa em pequenos grupos; realizar vivências artísticas para rememorar fatos que não emergiram nas fases anteriores ou que necessitam de uma maior e melhor explicação; realizar

² Neste acordo biográfico são colocados pontos importantes para o bom caminhar do CRB como: os dias e horários destinados aos encontros do grupo; acordo de sigilo e bom relacionamento entre o os membros do grupo; quantidade de encontros, dentre outros.

círculos reflexivos temáticos (CRTs) para aprofundamento de determinados temas; realizar a escrita final da biografia educativa; fazer integração experiencial e avaliação do processo.

Durante o CRB os sujeitos da pesquisa assumiram vários papéis: na narrativa oral, o papel de ator; ao fazer a leitura nos pequenos grupos, papel de leitor; e na escrita do texto final, o papel de escritor. Nesse processo, os sujeitos tornam-se personagens e senhores de sua própria história de vida, pois, segundo Delory-Momberger (2008, p.37), “É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história à nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida”.

No que tange ao mapeamento das condições socioeconômicas e culturais dos jovens de Oiticicas, utilizei-me de questionários. Os jovens que responderam ao referido questionário tinham entre 15 e 29 anos, de ambos os sexos, e residiam em Oiticicas. A escolha dessa faixa etária baseia-se na divisão apresentada na Política Nacional da Juventude (PNJ). A PNJ ainda divide essa faixa etária em três grupos: o primeiro de 15 a 17 anos, chamados de jovens-adolescentes; o segundo de 18 a 24 anos, como jovens-jovens; e o terceiro e último grupo vai de 25 a 29 anos, como jovens-adultos.

Para apresentar a história do CEPD foram feitas entrevistas semiestruturadas, por meio de entrevistas foto-narrativas, com os fundadores e colaboradores mais antigos do CEPD. Trata-se de uma entrevista aberta na qual os entrevistados têm a liberdade de narrar os fatos registrados nas fotografias podendo, nesse processo, reinterpretar o vivido. O uso da fotografia ajuda na lembrança de fatos que às vezes ficam esquecidos ou que passam despercebidos aos olhos. O uso desse procedimento sustenta-se na capacidade que a fotografia tem de criar uma ponte entre o passado e o presente, promovendo, assim, uma ressignificação do contexto vivido com o momento atual (DELORY-MOMBERGER, 2006).

Considerada dessa forma, a fotografia ultrapassa as dimensões da arte e coloca-se como ferramenta capaz de gerar representações e formações da coletividade e de si. As entrevistas com foto-narrativas não tiveram temas específicos. Os relatos surgiram a partir das escolhas das fotos feitas pelos próprios participantes. Algumas fotos, selecionadas previamente, compuseram o corpo do texto da presente pesquisa.

Com a intenção de não perder nenhum relato, todos os encontros com o grupo e as entrevistas individuais tiveram gravação fonográfica. Estas gravações foram transcritas para análise posterior aos encontros.

Além disso, foram feitas análises de alguns documentos, como o estatuto e o regimento interno do CEPD, os jornais e revistas em que as ações do CEPD são divulgadas e os relatórios publicados anualmente. A análise documental foi de grande importância para uma melhor compreensão dos fatos narrados. Nesta pesquisa considerei as orientações da professora Berenice Corsetti (2006, p.36):

O ponto de partida não é assim, a pesquisa de um documento, mas a colocação de um questionamento – o problema da pesquisa. O cruzamento e confronto das fontes é uma operação indispensável, para o que a leitura hermenêutica da documentação se constitui em operação importante do processo de investigação, já que nos possibilita uma leitura não apenas literal das informações contidas nos documentos, mas uma compreensão real, contextualizada pelo cruzamento entre fontes que se complementam, em termos explicativos.

No que tange ao referencial teórico, esse compreendeu, inicialmente, as seguintes literaturas: Codificação Espírita; Estatuto da Criança e do Adolescente e literatura do campo da Educação em Direitos Humanos; obras de Dewey, Larosso e Josso sobre experiência; obras de Delory-Momberger e Josso sobre formação; obras de Paulo Freire, Eric Fromm e Ernest Bloch sobre esperança; obras da Maria da Glória Gohn e Alberto Melucci sobre movimentos sociais; produções acadêmicas sobre a pesquisa (auto)biográfica e o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) e sobre juventude; e obras sobre educação e pedagogia espírita.

Vale salientar que o cronograma de encontros com horários, data, e duração foi discutido com os participantes. Respeitando os princípios e fundamentos do método escolhido para a realização desta pesquisa, o pesquisador não impôs as condições da pesquisa, mas desenvolveu-as coletivamente de modo colaborativo.

A escolha do lócus da pesquisa se deu a partir de uma visita que realizei no ano de 2010. Ao chegar à Vila Oiticicas percebi a precariedade social em que os moradores estavam mergulhados, através de relatos e visitas à casa de alguns moradores. Mesmo diante dessa realidade os moradores não desanimavam tanto, pois, segundo eles o trabalho do CEPD amenizava as dificuldades e proporcionava meios para que eles pudessem mudar aquela situação.

Ao conhecer as atividades realizadas pelo CEPD, percebi esse engajamento para proporcionar assistência material, apoio espiritual, formação escolar e profissional. Não se

tratava de puro assistencialismo, mas de engajamento social na busca de construir, a partir principalmente da formação, o homem de bem e um ambiente social mais justo e fraterno.

Quanto à escolha dos sujeitos desta pesquisa (jovens que participaram do Programa Sócio-Educativo de “O Pobre de Deus”), posso dizer que foi feita pela afinidade e proximidade que tenho com a juventude espírita. Percebi que havia jovens na coordenação de todas as atividades do CEPD. Ao conversar com alguns deles, percebi que suas histórias de vidas poderiam auxiliar na formação de outros jovens, pois, ser um jovem na realidade social na qual está a Vila Oiticicas e conseguir criar projetos de futuro e concretizá-los não é fácil. O CEPD estava em todas as narrativas, demonstrando a centralidade daquela instituição para a resposta positiva dada pelos jovens diante das adversidades cotidianas. Ouvi bastantes frases como: “aqui aprendi tudo que me fez ser o que sou hoje”; “se não fosse o Centro não sei o que seria de mim”; e “muita gente aprendeu a ler aqui na escolinha do Centro [...]”. A partir daí resolvi organizar o projeto, no intuito de fazer uma pesquisa em que esses jovens pudessem ressignificar essas experiências formadoras e estimular vivências educativas em outros jovens que venham a conhecer suas trajetórias de vida.

O presente trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo tem como título *O Centro Espírita “O Pobre de Deus” e sua trajetória: luta, trabalho e compromisso social*. Ele apresenta a Vila Oiticica, seus aspectos econômicos, sociais, políticos, sociais e educacionais, estabelecendo uma contextualização socio-histórica e espacial. Traz também a origem da instituição, ressaltando momentos importantes de sua fundação e de sua firmação no cenário sócio-educativo de Oiticicas. Esse capítulo observa ainda as relações interpessoais existentes no interior do grupo e a organização das suas respectivas atividades, ressaltando os programas educativos e sociais, sua configuração e significado para a comunidade.

O segundo capítulo – *Juventude: dilemas conceituais, características e especificidades* – tece considerações sobre o conceito de juventude na contemporaneidade. Como os jovens que participam deste trabalho vivem no meio rural, faço também um breve debate sobre a juventude rural e sua postura nos dias de hoje. Ainda nesse capítulo, apresento um retrato socioeconômico e cultural da juventude de Oiticicas, bem como a análise desses dados que foram colhidos através de um questionário.

O terceiro capítulo se intitula *Doutrina em movimento* e contempla a discussão sobre como o Movimento Espírita se configura como movimento social. Esse capítulo inicia com um olhar histórico da Doutrina Espírita, desde as primeiras observações e estudos Allan

Kardec até a sua consolidação como doutrina científica, filosófica e religiosa. Em seguida, apresento as demandas do Movimento Espírita e a forma como esse movimento se organiza, se articula e atua nas diversas frentes sociais.

Experiências em Narrativas, assim se chama o quarto capítulo, que destaca as narrativas de vida dos jovens coautores desta pesquisa. Essas narrativas são fruto de um processo intenso de olhar para si, no qual cada jovem se tornou narrador, ator, ouvinte e escritor de sua própria história. Antes de tudo, inicio esse capítulo com uma espécie de diário de campo em que relato as dificuldades e os prazeres de trabalhar com o Circulo Reflexivo Biográfico (CRB), bem como a descrição de cada encontro do CRB.

O quinto capítulo – *Significados das experiências no Centro Espírita: reflexões sobre construção de projetos de vida, esperança e luta por garantia de direitos* – destaca a compreensão construída pelos jovens nos Círculos Reflexivos Temáticos sobre projetos de vida, esperança e direitos humanos, buscando esclarecer o conceito de cada um desses tópicos, bem como o modo como esses projetos são estimulados e desenvolvidos no cotidiano do CEPD. Inicio o capítulo com considerações acerca da contribuição do Centro Espírita no oferecimento de ações (coletivas e individuais) que estimulam experiências formadoras. Finalizo apresentando as contribuições teóricas e práticas da Doutrina Espírita na discussão sobre a construção de projetos de vida, a alimentação e a manutenção do sentimento de esperança e a importância da luta por garantia dos direitos humanos.

O que aprendemos e o que podemos aprender com a experiência do Centro Espírita “O Pobre de Deus” – À guisa de conclusão encerra, no ponto de vista textual, este trabalho. Nele estão as reflexões do grupo sobre o seu caminhar no CEPD e suas projeções futuras. Descrevo aqui as “integrações experienciais” que ajudaram o grupo a perceber e encontrar seu caminho, seus sonhos, seus alicerces e a si mesmos. Encontram-se aqui também as autoavaliações das participações individuais dos envolvidos neste trabalho e a avaliação da estrutura e da condução do Círculo Reflexivo Biográfico. Fecho tecendo considerações sobre como a Doutrina Espírita contribui na constituição do ser integral e a importância do fazer biográfico na formação desses jovens.

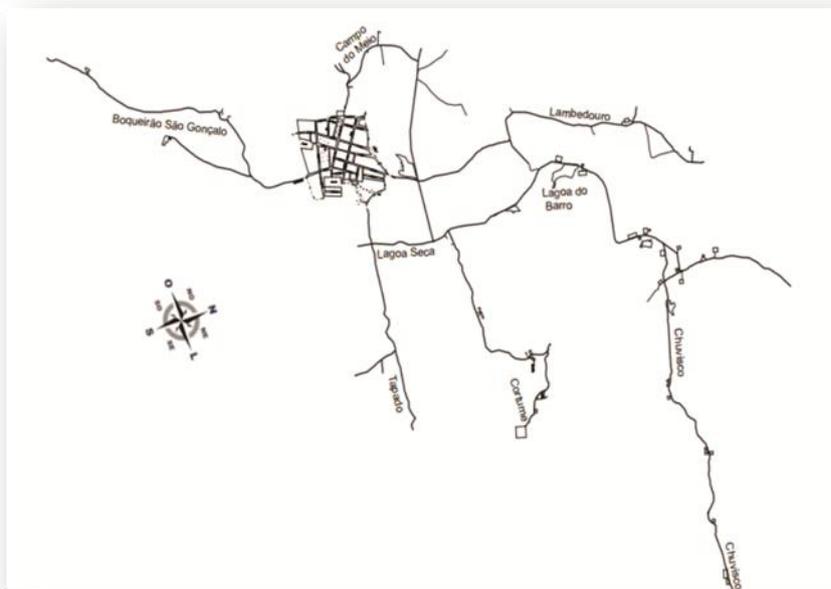
1. O CENTRO ESPÍRITA “O POBRE DE DEUS” E SUA TRAJETÓRIA: LUTA, TRABALHO E COMPROMISSO SOCIAL

O presente capítulo traz uma contextualização sócio-histórica e espacial do lócus da pesquisa. No primeiro tópico, chamado **Vila Oiticicas: características e especificidades**, apresentamos a pequena vila que acolhe o Centro Espírita “O Pobre de Deus” (CEPD), mostrando a sua história e as características que fazem desse local um ambiente árduo e áspero em diversos sentidos. O segundo tópico intitula-se **Uma flor brota no sertão** e traz em seu corpo a biografia do CEPD, destacando: sua fundação, estruturação, sonhos e trabalhos desenvolvidos. Busca-se, assim, esclarecer detalhes importantes de sua trajetória em que se enfatizam os pontos de vistas partilhados e as reflexões realizadas. No terceiro tópico – **Múltiplos olhares: os desafios e os embates** – trazemos reflexões sobre dificuldades e desafios, mostrando que nem todo trabalho no bem é fácil de ser realizado, pois pedras e espinhos podem ser encontrados no caminho. O último tópico intitula-se **O florescer de um novo jardim: atualidade do Centro Espírita “O Pobre de Deus”** e encerra este capítulo, apresentando como as atividades do CEPD se organizam atualmente e qual o significado do seu trabalho para aqueles que lá convivem cotidianamente desde sua fundação.

As informações expostas neste capítulo foram produzidas no trabalho interativo e grupal realizado a partir das entrevistas foto-narrativas, dos depoimentos e da análise documental, conforme explicitado na introdução.

1.1 Vila Oiticicas: características e especificidades

A 360 km de Fortaleza, no município de Viçosa do Ceará, exatamente no Vale do Lamedouro, está situada a pequena Vila Oiticicas. Esse pacato lugarejo encontra-se no meio do vale da Serra da Ibiapaba, apresentando clima quente e seco, apesar de algumas vezes ser presenteado com ares amenos e frios vindos do alto da serra.

Foto 1 - Visão geral da Vila Oiticicas

Fonte: Arquivo do CEPD.

Terra de povo simples, trabalhador e acolhedor, Oiticicas tem como principal atividade econômica a agricultura. Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, sua população totaliza 1631 habitantes. A pequena vila fica a 13 km do centro de Viçosa, e, para chegar até tal localidade, é necessário descer pelo vale por uma estrada estreita e tortuosa. Durante esse percurso podemos perceber facilmente a mudança climática quando deixamos para trás a brisa fresca e fria do alto da serra e adentramos no ar seco e quente do Vale do Lambedouro. Durante o período chuvoso, entre os meses de janeiro e abril, podemos ver no caminho até à Vila uma paisagem belíssima e um verde que abraça quem por ele passa. Nos demais meses do ano somos surpreendidos por uma paisagem seca, penosa e chorosa por uma gota de orvalho.

Adiante no percurso avistamos um açude que ameniza o clima quente da Vila como também recebe as lavadeiras que utilizam suas margens para as lavagens de roupas. Com o término da estrada asfaltada somos recepcionados na entrada da Vila pela imagem de sua padroeira: Santa Luzia.

Foto 2 - Visão da entrada da Vila Oiticicas



Fonte: Arquivo Pessoal de Francisco Jahannes.

Oiticicas é uma vila tranquila e pacata. Em nenhum momento encontramos movimentação intensa nas ruas. Seus habitantes preferem o aconchego de ficar em frente às suas casas para “prosear” e desfrutar de raros ventos que aliviam o calor intenso. Em algumas calçadas, vemos milhos e feijões sendo debulhados e ressecados pelo sol, prática comum entre os pequenos agricultores. À tarde, o calor se torna mais intenso, chegando ao ponto de deixar as ruas da pequena vila quase desertas, pois muitos se refugiam em seus lares, protegendo-se do sol escaldante. Quando chega a noite, adultos e idosos permanecem em suas calçadas a conversar, enquanto os jovens ocupam a Praça das Virtudes, onde fica a paróquia local. Outro ponto de encontro juvenil são as mediações do cemitério, pois esse é um dos poucos locais que facilitam, pela altura, a captação do sinal de celulares.

Foto 3 - Visão aérea da Vila Oiticicas na década de 90



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 4 - Visão das ruas da Vila Oiticicas na década de 90



Fonte: Arquivo do CEPD.

As informações sobre a história de Oiticicas, infelizmente, não estão registradas em nenhum documento oficial ou bibliográfico. Conhece-se a sua história através de breves textos dispersos em algumas biografias de clérigos da região e pela cultura oral dos mais idosos. Para entender melhor a origem de Oiticicas consultamos o jovem Jairo Lima que tem

materiais fotográficos e escritos sobre a história da Vila. Segundo Jairo, o seu interesse em organizar a história da terra em que nasceu surgiu da construção de um trabalho na escola no qual ele tinha de colher relatos sobre a origem da Vila. Jairo aprofundou-se nesse trabalho histórico e mesmo depois do fim do trabalho escolar continua a organizar fontes orais e fotográficas.

Sobre a sua fundação, sabe-se que foi uma iniciativa do Sr. Antônio Félix de Siqueira, que saiu do Piauí para cuidar de terras que seu pai deixou no Vale do Lamedouro. Por volta de 1900 chegava a novas terras onde conheceu uma moça chamada Cristina, com a qual se casou e teve três filhos. O Sr. Antônio Felix possuía um grande lote de terra onde trabalhava com o plantio de pastagem que vendia para outros agricultores, além de alimentar os seus animais. Nessas terras foram residir e trabalhar alguns agricultores, divididos em pequenos lotes cedidos pelo Sr. Antônio Felix.

O terreno que lhe pertencia tinha muitas oiticicas, uma planta alta típica da região de caatinga, que oferece como fruto a oiticica, utilizada como corante e na produção de biodiesel. Daí vem o nome da vila, pois ao sair para trabalhar o Sr. Antônio Felix costumava dizer: “Cristina, estou indo para as oiticicas”.

Em uma de suas viagens para Canindé, o Sr. Antônio Felix trouxe uma imagem de madeira de Santa Luzia conhecida como a protetora dos que têm problemas de visão. A vinda da imagem da santa não foi por acaso. O Sr. Antônio Felix contraiu uma doença oftalmológica chamada tracoma e fez uma promessa a Santa Luzia para ficar curado. Após conseguir alcançar sua graça, o Sr. Antônio Felix preparou um altar para a imagem em uma vala no tronco de uma oiticiqueira. Muitas pessoas recorreram à santa, pois, como ninguém tinha banheiro, e todos tomavam banho no Riacho Sabiá, o tracoma, que é uma doença muito contagiosa, se alastrou rapidamente. Diante disso, e das intensas orações e procissões para a santa, os moradores de Oiticicas adotaram Santa Luzia como sua padroeira.

O Sr. Antônio Félix observa o grande devotamento das pessoas para com a santa e resolve estruturar, em 1910, uma pequena e simples capelinha de taipa e chão batido para acomodar a santa e as pessoas que traziam prendas, orações e pagavam promessas. Como a capelinha não tinha padre, vendo o grande movimento de pessoas de Oiticicas e de regiões próximas que acorriam à capelinha, o Sr. Antônio Felix, juntamente com o Sr. Antônio Regino e o coronel Bitônio, foi ao centro de Viçosa solicitar ao pároco visitas para realizações de missas e festejos. O pároco, então, respondeu que só poderia ir se ele doasse o terreno para a paróquia de Viçosa que ela iria estruturar e oferecer para Santa Luzia.

O Sr. Antônio Felix aproveitou a ida à cidade e providenciou, no cartório de lá, a passagem do terreno para a paróquia, mas foi enganado por aqueles que considerava como amigos: eles não colocaram apenas o terreno da capelinha para paróquia, mas toda a extensão de terra de Oiticicas.

Ao perceber que havia sido enganado, o Sr. Antônio Felix decidiu ir embora com a sua família da produtiva terra. Segundo a memória popular, no momento em que se despedia de Oiticicas, ele teria dito a sua esposa que “Oiticicas crescerá como fogo em folha seca”. A partir de então, foi construída uma paróquia para Santa Luzia, ao redor da qual, foi-se estruturando a vila com construções simples de adobe³ e taipa.

Foto 5 - 1ª fachada da capela da Vila Oiticicas



Fonte: Arquivo do CEPD.

³ Adobes são blocos feitos de forma artesanal utilizando terra crua, água, palha e outras fibras naturais. Esse material, utilizado na construção civil, antecede o uso do tijolo de barro e seu processo de fabricação é muito rudimentar.

Foto 6 - Fachada atual da capela da Vila Oiticicas



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

A paróquia foi inaugurada e benzida oficialmente em 24 de junho de 1913. A Vila Oiticicas cresceu rapidamente após o erguimento da paróquia e com os festejos para Santa Luzia que acontecem no dia 13 de dezembro. A chegada de muitas pessoas procurando o acolhimento e o sossego próprio da localidade inflou a pequena vila em poucos anos.

Uma característica muito forte dos moradores de Oiticicas é a sua receptividade. Todos os que chegam à pequena vila são acolhidos com zelo e atenção por seus moradores. Todos buscam fazer o melhor para o visitante. As crianças nos cercam perguntando de onde viemos, o que estamos fazendo lá e o que queremos visitar. Todos se dispõem a ajudar aqueles que os visitam. Em todo local somos chamados para tomar café, almoçar ou jantar. Oiticicas não é uma região turística onde as pessoas são ensinadas a tratar bem seus visitantes. Tal comportamento é oriundo da simplicidade do sertanejo, comportamento típico em cidades interioranas.

Mas infelizmente a Vila Oiticicas não está isenta dos males sociais. Grande parte da população ainda depende exclusivamente da agricultura e dos benefícios do Governo Federal, como o Bolsa Família. Muitos adultos não tiveram acesso à educação, mantendo o quadro de analfabetismo ainda alto. A maioria das habitações é precária e dificulta a manutenção das condições de higiene e saúde de seus habitantes. O acesso à saúde pública é um grande desafio, pois, em casos mais complexos, os moradores devem se deslocar até a

área urbana, no centro de Viçosa, para conseguir atendimento médico. As condições sanitárias são um dos grandes problemas de Oiticicas, pois nenhuma casa possui rede de esgoto, sendo os moradores obrigados a despejar os detritos em fossas ou em valas improvisadas.

Quanto aos jovens, esses são reféns da falta de políticas públicas eficientes voltadas para o seu lazer, e a sua formação escolar e profissional. Muitos que conseguem terminar o Ensino Médio acabam ficando de mãos atadas por não receber uma formação técnica adequada para conseguir empregos melhores. Muitos encontram no êxodo uma solução para esse problema. Outros enveredam pelo consumo exagerado de álcool e outras drogas. Apesar do baixíssimo índice de criminalidade, os moradores da pequena vila têm medo de que tais males possam ameaçar a vida pacata, típica da região.

Diante de tal realidade, no início dos anos 90, surge uma iniciativa que iria mudar a vida na pequena vila. A partir da fundação de um Centro Espírita em Oiticicas, o quadro de extrema pobreza existente começa a sofrer alterações positivas e significativas. Inicia-se também uma luta para garantir direitos que foram esquecidos no decorrer do longo caminho que liga a área urbana de Viçosa à pequena vila. Em meio ao Vale do Lamedouro, no sertão escaldante e seco, surge um broto de vida que aponta para dias melhores.

1.2 Uma flor brota no sertão

Por volta de 1990 o Sr. Brito chega à Vila Oiticicas para visitar seu pai, que havia sido acometido por uma enfermidade que o deixou acamado em estado bem crítico. Filho de Oiticicas, mas residindo, à época, em Manaus, Brito reencontra amigos e parentes em sua breve estadia na vila. É nesse período que encontra a pessoa de Everaldo Mapurunga, também natural de Oiticicas, que, há algum tempo, residia no centro de Viçosa.

Nessa ocasião, Everaldo iniciava seus estudos na Doutrina Espírita frequentando o Centro Espírita Francisco de Assis – CEFA –, no centro de Viçosa do Ceará. Brito, que também era espírita, encontra com Everaldo e o encoraja para, juntos, criarem um grupo espírita em Oiticicas. Everaldo ficou muito preocupado quanto à falta de organização e planejamento para tal empreitada, o que pode ser constatado na seguinte fala⁴:

⁴ As narrativas neste trabalho estão destacadas em itálico. Neste capítulo em especial a transcrição foi feita respeitando o modo de falar dos entrevistados.

Eu, muito metódico, achei aquilo tudo muito estranho. Eu sou muito planejado nas coisas. Mas ele me incentivou muito, dizendo: “Você vai ver. Eu comecei um Centro Espírita em Manaus em uma garagem. Aqui, depois de fundar o Centro, várias pessoas vão se tornar espíritas”.

Apesar de Everaldo ainda se sentir inseguro, Brito conseguiu convencê-lo a iniciar o projeto. O local escolhido para iniciar as reuniões foi um velho casarão adquirido pela família de Brito, que estava sob a responsabilidade de seu tio. Com o espaço cedido, Brito e Everaldo visitaram todas as famílias de Oiticicas, convidando-as para participar da primeira reunião espírita da comunidade.

Foto 7 - Fachada do casarão cedido para fundação do CEPD



Fonte: Arquivo do CEPD.

Muito entusiasta, Brito conseguiu atrair a atenção das pessoas para fazerem-se presente na reunião espírita. Em sua primeira reunião, o Centro Espírita, que até o momento ainda não tinha nome, conseguiu agregar diversas pessoas, dentre as quais estavam moradores de Oiticicas e trabalhadores do CEFA. Assim aconteceu o primeiro encontro espírita de Oiticicas.

Após o desencarne de seu pai, Brito voltou para Manaus e, desde então, segundo Everaldo, não demonstrou interesse em saber notícias de como estava o pequeno Centro Espírita que ajudou a fundar. Acreditando que a ideia de Brito de fundar um centro espírita com a sua ajuda fosse um “empurrão” da espiritualidade para que o trabalho iniciasse, Everaldo continua mantendo as reuniões sempre aos sábados e com a ajuda dos amigos trabalhadores do CEFA. Como o Centro Espírita da serra se chamava Centro Espírita Francisco de Assis, resolveram chamar o novo em Oiticicas de Núcleo Espírita “O Pobre de Deus”⁵, pois funcionava, inicialmente, como uma extensão do CEFA.

Em um primeiro momento, o novo Centro teve a ajuda e participação dos membros do CEFA em suas atividades, mas, em seguida, essa participação mais próxima foi-se rareando tendo em vista o calor intenso do Vale do Lamedouro e as diversas dificuldades que tinham para se deslocarem para a distante vila, cujo acesso era prejudicado pelas más condições da estreita estrada que ligava o centro de Viçosa com o seu pobre distrito. Apesar de os companheiros do CEFA não firmarem compromissos mais efetivos, como esperavam os trabalhadores do novo núcleo, os laços de amizade e companheirismo nunca foram perdidos entre as partes, e eles nunca deixaram de apoiar as atividades espíritas em Oiticicas e colaborar com elas.

O trabalho continuou, tendo como foco as atividades doutrinárias, ou seja, estudos de obras espíritas, atividade mediúnica e palestras públicas sobre temas espíritas e sobre temas gerais que eram analisados sob a ótica espírita. Com o passar do tempo os trabalhadores do Centro Espírita perceberam que, além do aspecto espiritual, era necessário atuar no campo da assistência material ao ser humano, tendo em vista, as grandes dificuldades sofridos pela população de Oiticicas nas áreas da saúde, educação, habitação e profissionalização.

A primeira ação desenvolvida foi uma festa de Natal para as crianças de Oiticicas. Muitas crianças participaram desse evento, que, até então, era novidade para os moradores da pequena vila. O aglomerado de crianças e as traquinagens dessas despertaram nos trabalhadores do Centro Espírita a necessidade de implantar atividades de evangelização espírita infanto-juvenil. Vejamos a narrativa de Everaldo a esse respeito;

⁵ Francisco de Assis também é conhecido como “O Pobre de Deus” e esse fato inspirou a escolha desse termo por parte dos coordenadores do novo centro espírita.

Há quem estime que tivesse 500 crianças, mas eu não sei. Chama atenção a quantidade imensa de crianças das redondezas. Fizemos esta atividade e foi dela que surgiu a reflexão sobre o trabalho de evangelização. Quando a gente viu tantas crianças para ganhar um presentinho, isso chamava a atenção. Esta atividade foi feita debaixo de uma mangueira e iria terminar na sede do Centro Espírita. No caminho, tinha um fogo em um entulho, aquele fogo de monturo, tipo brasa, e os meninos passavam por cima do fogo. Ficou um negócio... assim... sem controle e perigoso. A gente dizia que ele iam se queimarem, eles passando por cima do fogo, era uma loucura. A gente pensou que tínhamos que fazer alguma coisa, que tínhamos que evangelizar essas crianças por que elas não estão aqui à toa. Desta forma, iniciamos o processo de evangelização logo que construímos a sede do Centro Espírita.

Com a ampliação das atividades, o grupo de trabalhadores teve de se organizar e se estruturar em diversos aspectos. Depois da organização inicial do trabalho de evangelização espírita, buscou-se estruturar fisicamente o trabalho, ou seja, organizar um espaço físico que viabilizasse tais atividades. Depois da fase inicial de inauguração, muitos se afastaram e poucos ficaram e firmaram compromisso com o trabalho em Oiticicas. Com o grupo pequeno de trabalhadores, as reuniões ficaram mais intimistas e os sonhos de desenvolver atividades de assistência social e espiritual permeavam a mente de cada participante.

Tendo em vista isso, os trabalhadores não mediram esforços para a aquisição de um espaço próprio para as atividades do Centro Espírita, já que o casarão era apenas cedido, e o grupo não tinham garantias de tempo para permanência. Em 1991, aproximadamente nove meses depois de sua fundação, o Centro Espírita ganha um terreno que fazia parte do quintal da avó do Everaldo. Lá os trabalhadores construíram a sede própria do Centro Espírita. Aproveitando a mudança de espaço, o grupo fez uma pequena mudança no nome que passou a se chamar Centro Espírita “O Pobre de Deus” (CEPD).

Foto 8 - 1º grupo de crianças atendidas no CEPD



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 9 - Primeiras reuniões espíritas no CEPD



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 10 - Fachada da 1ª sede do CEPD



Fonte: Arquivo do CEPD.

O entusiasmo tomou conta de todos os que compunham o CEPD. A conquista da sede própria alimentou os sonhos, a vontade e o trabalho de promover meios que melhorassem a vida daquelas crianças e de suas famílias, em todos os seus aspectos. A luta pela garantia de direitos e a evangelização foram, inicialmente, as principais molas propulsoras da obra do CEPD.

Os sonhos não tinham fim. O entusiasmo não tinha fim e nem as forças pareciam não ter fim para o trabalho que a gente entende que eram dádivas divinas. Então, com as necessidades muito grandes, com as crianças da evangelização sem serem alfabetizadas, necessitadas de conhecimento, de se alfabetizar, e aquela pobreza geral muito grande. Então nós tínhamos sonhos muito grandes e começamos a sonhar com uma vida melhor para aquelas pessoas, aquelas crianças, e a ter o desejo de trabalhar com todas as nossas forças. Para isso, não havia cansaço. Ninguém cansava. Não havia sábado ou domingo, não havia noite ou madrugada. (Everaldo)

Luzia, trabalhadora do CEPD desde sua fundação, complementa a informação, demonstrando o grande entusiasmo de todos:

Eu lembro que os meninos faziam muitas estripulias. Em uma festinha de Natal, o Iran, um amigo do Centro Espírita João o Evangelista, de Fortaleza, disse: “pessoal vocês devem arrumar um lugar para evangelizar esses meninos”. Acho que foi a partir daí que surgiu a ideia de evangelização. Os meninos eram demais. Acho que eles nunca tinham tido uma festinha de Natal, pois aqui nunca teve nem festa de criança nem festa de Natal, isso só surgiu com o Centro Espírita. (Luzia)

Vemos que, após quatro anos de atividades, os trabalhadores perceberam a necessidade da alfabetização das crianças. As crianças eram evangelizadas à luz do evangelho de Jesus, participando de atividades que educavam os sentimentos, a boa convivência e as virtudes. Mas uma realidade prenunciava outra necessidade: o alto índice de analfabetismo em Oiticicas. Isto preocupava e incomodava os trabalhadores do CEPD, que desejavam ver seus conterrâneos lendo e escrevendo.

Foi quando, no ano de 1994, surgiram duas pessoas que moravam em Fortaleza e que fizeram uma visita ao trabalho do CEPD. Elas não eram espíritas, mas tinham ligações com Oiticicas, pois seus parentes eram oriundos da pequena vila. Sensibilizados com a simplicidade do trabalho e com o esforço de todos em promover bem-estar físico e espiritual àquelas crianças, eles se dispuseram a arrecadar fundos financeiros para auxiliar a obra do CEPD. Mas colocaram uma condição: fazer o esforço de iniciar um trabalho escolar para as crianças.

Tal apoio foi aceito, pois se alinhava aos anseios do CEPD. A partir daí surge a Escola Allan Kardec, funcionando, inicialmente, no mesmo espaço físico do Centro Espírita. No começo, a escola funcionava com duas turmas de alfabetização, uma pela manhã e outra pela tarde.

Foto 11 - 1ª turma da Escola Allan Kardec



Fonte: Arquivo do CEPD.

Com a passagem dos alunos de alfabetização para a 1ª série e a chegada de novos alunos na turma de alfabetização, surgiu a necessidade de haver mais salas para atender a todos. Foi quando o CEPD recebeu algumas doações financeiras e até um pequeno lote de um terreno próximo à sua sede. Assim foram construídas, de modo simples, mais duas salas de aulas, próprias para as aulas da escola. A construção da escola teve o apoio e a contribuição ativa das crianças e dos moradores de Oiticicas. Um grande grupo se mobilizou para viabilizar a construção do pequeno e simples prédio da escola. Dessa forma, foi dado o passo inicial para a estruturação da sede própria da Escola Allan Kardec, conforme narra Everaldo:

O interesse era pelo fato das pessoas estarem juntas. Havia uma sopa e, ao entorno dela, uma conversa. Conversávamos sobre coisas da vida, sobre questões cristãs conforme a Doutrina Espírita. Sem violentar as pessoas, a obra não deixava de ser Espírita, mas não queríamos a conversão das pessoas. Nós nos empenhávamos para que elas participassem das reuniões espíritas, mas logo entendemos que não deveríamos forçar e que algumas vezes levar para um determinado caminho era uma forma de coerção. Nós tratamos de deixar à vontade, porque o trato espírita é o carinho. Se educa com carinho com atenção, com respeito, esses são os valores inerentes ao trabalho espírita. Vimos, pouco tempo depois, que não devíamos chamar para o trabalho espírita, e sim esperarmos a espontaneidade.

O crescimento da escola e das atividades de atendimento às crianças ficou acima do esperado. Na escola, estimava-se à época, o trabalho iria até a segunda série, mas essa meta foi superada, chegando a atender até a quarta série. O número de crianças atendidas passou à marca de cem participantes e isso saiu do controle, pois não se esperava tal crescimento, bem como os demais desdobramentos de tais ações.

Não sabíamos o desdobramento. A comunidade se motivou, as mães vieram e se espantavam com as crianças lendo e escrevendo. A comunidade tinha a percepção à novidade que ali havia uma escolinha. Mas que a precariedade da educação pública era muito grande. Sem recursos, muito complicada, não estou dizendo que hoje não tenha, mas antigamente era muito mais difícil. Como tocávamos em uma necessidade das pessoas, não tínhamos mais como controlar e, em certa altura, nós achávamos que até não tinha mais como crescer. Mas as pessoas batiam na porta, e a gente ficava com o coração na mão. Desta forma nós fomos impelidos ao crescimento. (Everaldo)

A demanda sempre aumentava, mas o entendimento da importância do cuidar do próximo e a consciência cristã impediam que os trabalhadores do CEPD rejeitassem qualquer criança e/ou família que buscasse auxílio. A partir desse crescimento, o CEPD buscou novas parcerias para suprir as necessidades materiais que apareceram com o aumento do número de atendidos. Como a maior demanda estava na escola, Everaldo buscou junto ao Governo do Estado do Ceará um apoio para manter a obra.

Nós tínhamos a necessidade da escola, e fomos pedir a ajuda ao Governo do Estado, aí eles disseram “A gente apoia uma marcenaria”. Já pensou? Assim são as coisas. A gente precisa de escola, e eles oferecem uma marcenaria. Assim mesmo, fizemos uma parceria para instalar a marcenaria, pois o governo quer coisas produtivas, escolas não. (Everaldo)

Sobre a responsabilidade de promoção da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (1996) afirma em seu art. 2º:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Ainda sobre esse ponto, o ECA no seu art. 53 enfatiza o direito à educação para crianças e adolescentes, visando a “pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”, e, em seguida, ainda estabelece, de modo mais claro, os deveres do Estado e dos pais/responsáveis para a efetivação desse direito. Quanto à responsabilidade, o ECA declara:

Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade;

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador;

VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não oferecimento do ensino obrigatório pelo poder público ou sua oferta irregular importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º Compete ao poder público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsável, pela frequência à escola.

Em vista desses documentos, fica nítido o desrespeito e o descompromisso do poder público com a educação de crianças e adolescentes dessa região. A não garantia do direito à educação, pode desencadear uma série de problemáticas sociais, assim como comprometer o desenvolvimento integral do ser humano. Não garantir condições para a efetivação de processos educativos é negar possibilidades de “ser mais”.

Foto 12 - Interior da marcenaria

Fonte: Arquivo do CEPD.

A marcenaria foi criada e, de certa forma, também ajudou o povo de Oiticicas, pois trouxe a possibilidade de mais um ofício para os trabalhadores que até então tinham como opção de trabalho apenas a agricultura. A marcenaria, com todo o seu maquinário é cedida pelo CEPD, para as famílias que fazem parte do Programa Sociofamiliar, e é uma forma de essas produzirem para a comunidade e obterem lucros. A madeira, que é doada pelo IBAMA para o CEPD, é repassada para as famílias que querem trabalhar na marcenaria e dali gerar sua renda familiar. Com a marcenaria funcionando, o governo do Estado resolveu destinar uma verba para a estruturação do espaço físico da Escola Allan Kardec. Segundo Luzia, isso se deu através do Programa de Combate a Pobreza Rural do Ceará (PCPR), apelidado “Projeto São José”. A partir do aporte financeiro do Governo do Estado, foram construídas algumas salas de aula, uma biblioteca, uma cantina e um pátio de areia.

Em seguida, foi acertado um convênio com o município de Viçosa, em que a Secretaria de Educação cedia à escola dois professores e merenda escolar para as crianças. Apesar do grande empenho dos trabalhadores do CEPD em organizar a escola, sempre esbarraram em crises que eram originadas da grande demanda. Nesse momento, a escola já tinha mais de cento e cinquenta crianças matriculadas e os auxílios oriundos das parcerias, que até então mantinham as atividades, já não eram suficiente.

Foto 13 - Festa dos concludentes da turma de alfabetização



Fonte: Arquivo do CEPD.

Outro problema que apareceu foi a dificuldade de lidar com os órgãos públicos, que infelizmente, movidos por interesses que não condiziam com a proposta do CEPD, esboçavam uma iniciativa de descaracterizar o verdadeiro sentido do trabalho ali realizado. Foi quando os trabalhadores do CEPD resolveram procurar o Lar Fabiano de Cristo⁶, por acreditar que ali poderiam conseguir não só apoio financeiro, mas também orientação na esfera pedagógica e no fortalecimento do ideal de educar corpo e espírito.

Nós tivemos uma acolhida muito espetacular. Eles não prometiam muito. Os recursos que eles disseram que ofereceriam eram mínimos, mas era uma carta cheia de tanta bondade em resposta ao nosso pedido, e aquilo era como se fosse uma correspondência espiritual do que nós buscávamos. Uma carta cheia de muita ternura assinada pelo professor Cesar Reis. Esse momento foi muito bom, pois não era questão de dinheiro. Era como se alguém lhe dissesse assim: “a gente vai apoiar, porque a gente conhece isso tudo e a gente respeita, quer e faz isso também”. Nós tínhamos de certa forma, um apoio e parcerias, mas sempre com

⁶ O Lar Fabiano de Cristo desenvolve dois programas para a promoção social de famílias em estado de extrema pobreza e exclusão social. O Programa de Orientação e Apoio Sociofamiliar atua nas áreas de educação, saúde e acompanhamento social, oferecendo suporte para elaboração do Plano de Qualidade de Vida (planejamento de inclusão social), palestras socioeducativas, apoio às necessidades básicas, encaminhamento jurídico, entre outros serviços. Por meio do Programa de Orientação e Apoio Socioeducativo, a instituição promove o atendimento lúdico infantil em tempo integral, com assistência médica, odontológica, nutricional e com vestuário. Atua nos Estados do Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Pará, Amazonas, Bahia e Minas Gerais.

dificuldades que nos levavam, se não tivéssemos cuidado, à descaracterizações, e o apoio do Lar Fabiano, ao contrário, ele nunca pediu uma descaracterização ele sempre encaminhou para o mais fiel cumprimento do que a gente buscava e do que a gente precisava ainda alcançar. (Everaldo)

Depois da parceria com o Lar Fabiano de Cristo, o CEPD teve o apoio repentino do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, que também apoiava o trabalho do Lar Fabiano de Cristo. A parceria com o Lar Fabiano deu certo respaldo ao CEPD, que, felizmente, teve o seu pedido de apoio aceito pelo BNDES.

Hoje, na manutenção do trabalho, o apoio do Lar Fabiano de Cristo ainda se mantém, e sua representatividade se destaca mais no campo da sustentabilidade do ideal cristão de ajudar o próximo do que no financeiro. Toda a organização pedagógica da escola se estruturou tendo como base a proposta pedagógica do Lar Fabiano de Cristo.

A partir de 2001, o CEPD decidiu trabalhar na estruturação de uma atividade que trouxesse uma sustentabilidade para as atividades. O primeiro projeto foi a criação do Pão da Vida, uma padaria situada no centro da cidade de Viçosa do Ceará que venderia pães, petas e lanches produzidos na própria instituição. Inicialmente, foi feita uma parceria com o Consulado Britânico e o Instituto VITAE (Associação de Solidariedade e Desenvolvimento Internacional), que tornou exequível a compra do terreno e a estruturação de todo local, viabilizando, assim, a construção e o funcionamento da padaria.

No momento que o BNDES fez tudo, eu disse “A casa tá bonita, todo mundo fardado, muita criança, e agora, pra comer? O que vai ter nas panelas? As panelas estão vazias, temos água e fogo, mas cadê o arroz e o feijão?”. Foi quando o BNDES sugeriu a criação de projetos que gerassem a sustentabilidade da obra. E daí surgiu o Pão da Vida. (Luzia)

Foto 14 - Fábrica de petas no Pão da



Vida

Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 15 - Antiga fachada do casarão sede do Pão da



Vida

Fonte: Arquivo do CEPD.

Como todo empreendimento que se inicia, o Pão da Vida não deu o tão esperado retorno financeiro para financiar a obra do CEPD. O que era arrecadado com os lucros era destinado para a manutenção da própria padaria e para o pagamento de funcionários. A grande esperança dos trabalhadores do CEPD era que a padaria gerasse emprego para os jovens de Oiticicas. Os jovens que participaram da primeira turma da Escola Allan Kardec foram selecionados para terem sua primeira experiência com trabalho formal. A partir daí, a padaria serviu como espaço de aprendizado e profissionalização dos jovens de Oiticicas. Dessa forma, o CEPD pode suprir mais uma necessidade daqueles indivíduos, agora adolescentes e adultos: a de se profissionalizar.

Depois dessa fase, o CEPD envereda para novos caminhos deixando de atender apenas crianças e adolescentes para acolher também suas famílias, através do Programa Sociofamiliar. Daí surge o Sítio Estrada de Damasco, com o propósito de promover e fortalecer a sustentabilidade das novas atividades do CEPD. A ideia do sítio surge a partir de uma visita ao Lar Antônio de Pádua, em Fortaleza, que há tempo desenvolve trabalhos sustentáveis de cunho social.

Foto 16 - Plantação no Sítio Estrada de Damasco



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 17 - Avicultura no Sítio Estrada de Damasco



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 18 - Suinocultura no Sítio Estrada de Damasco



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Colaboradores e trabalhadores do próprio Centro Espírita se mobilizaram para a compra do terreno que abrigaria o sítio. O primeiro serviço foi a retirada das inúmeras pedras que compunham o terreno comprado. Trabalhadores do CEPD e grupos de famílias de Oiticicas se mobilizaram para realizar limpeza do terreno e estruturar o sítio. Nesse processo, o CEPD recebeu também apoio financeiro da Fundação Banco do Brasil para a construção dos galpões e maquinário.

Com o sítio pronto, diversas atividades começaram a ser desenvolvidas, como: criação de aves e porcos, constituição de horta e pomar, plantações de árvores, construção do poço profundo que distribui água para inúmeras famílias, dentre outras atividades agrícolas. Todas essas atividades tinham o empenho das famílias coparticipantes do Programa Sociofamiliar que permitia a estas usufruir do que era produzido no sítio, bem como, participar de cursos frequentes para aperfeiçoar a técnica de trabalho no campo, consumo consciente, reciclagem e reutilização, dentre outras formações.

Foto 19 - Oficinas de *bijoux*



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 20 - Encontro formativo de qualificação profissional



Fonte: Arquivo do CEPD.

O sítio também começou a abastecer o Pão da Vida com o fornecimento de ovos, verduras, frutas e diversos produtos que eram utilizados na feitura dos produtos vendidos na padaria. Outra atividade dentro do sítio foi a construção de uma fábrica de peta que

possibilitou emprego e profissionalização não só para os jovens, mas também para toda a família, desde que esta fosse cadastrada no Programa Sociofamiliar.

Foto 21 - Fábrica de petas



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 22 - Fábrica de petas



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

É uma decorrência da proposta espírita cristã. A gente entende que as leituras nos mostravam que os desejos sonhos e as necessidades pediam. Aquele entendimento pestalozziano de que a educação consiste em educar não só o cérebro, mas as mãos, a cabeça

e o coração, foi algo que norteou a nossa busca. As pessoas perguntavam: “qual a fundamentação da escola? Em que ela se fundamenta?”. Se fundamenta no entendimento de Allan Kardec, naquelas colocações dele em O Livro dos Espíritos de que “a educação, se bem compreendida, é a chave do progresso moral”. Então não nos baseávamos em grandes referenciais, mas aquelas palavras concisas do codificador e as referências que ele fazia, meditava e desenvolvia representaram a extensão dos sonhos que estávamos tendo.

Depois disso, a leitura de obras como a de Francisco Cândido Xavier, Casimiro Cunha em Cartilha da Natureza, ou de diversos autores espíritas que apontam o trabalho como uma solução. Nós vemos esse trabalho como uma lei, a lei do trabalho. A criança trabalha, mas não o trabalho que as instituições sociais e a legislação combate como a exploração do trabalho, mas o fazer, o labor, a atividade laboral, a ocupação do tempo, a ocupação útil do tempo, ou seja, o mesmo conceito de educação integral. (Everaldo)

Segundo a Doutrina Espírita, o trabalho é uma lei natural justificando, assim, a necessidade de ser exercida pelo Homem. Toda ocupação útil, todo esforço de se melhorar sem se diminuir e sem oprimir o próximo é trabalho. O Homem se desenvolve através do trabalho edificante. Algumas correntes filosóficas, como o marxismo, entendem que o trabalho, no sistema capitalista, é indissociável do capital, gerando alienação. Na perspectiva espírita, não é o trabalho que aliena o homem, mas sim a opressão egoísta e orgulhosa do Homem sobre o Homem. Trabalho não se resume a um fazer remunerado, mas a um fazer transformador dos indivíduos. Aquilo que oprime e que aliena pode ser qualquer coisa, menos trabalho.

É sob essa lógica de trabalho que o CEPD atua. Não é o fato de oferecer apenas emprego e ocupação aos que necessitam, mas sim construir junto a eles a ideia de que a ocupação das mãos e do espírito edifica-os interiormente. É pelo trabalho que o Homem se aperfeiçoa, desenvolvendo a sua inteligência e os seus sentimentos quando convive com o diferente e pratica a beneficência, a paciência e a tolerância com o próximo.

Isso já começa cedinho. No segundo ano de CEPD, já vem aspiração de ensinar a fazer. As meninas e mães, o crochê e o bordado, os garotos e os pais, coisinhas de carpinteiro. Sempre os trabalhos do centro passam por isso, passam pelo desejo de ocupar, e quando chegou o Pão da Vida, que era para a subsistência do centro, nós não realizamos essa tarefa de

autossustentabilidade no início, mas descobrimos que os adolescentes que estavam saindo da Escola Allan Kardec tinham encontrado uma profissão e uma sobrevivência. Então a gente entendeu que aquilo não estava dando dinheiro, não estava mantendo o centro ainda, mas estava ocupando a garotada. Percebemos que isso aqui também é trabalho, é ocupação. Com isso a entidade avançou nesse campo, porque também correspondia às necessidades daquelas crianças que agora eram jovens e que pediam empregos e queriam ocupação e/ou preparação para o mercado que a gente nem sabe se viriam e que se descortinou com suas dificuldades. Esses jovens foram bandeirantes, eles enfrentaram a cidade, eles vieram e saíram da comunidade, não em um êxodo rural ou uma saída forçada do campo, vieram para a sua cidade e abriram caminhos para outros jovens e essa abertura de caminho foi muito importante. O trabalho na entidade, eu não diria que ele é profissionalizante por que a profissionalização está prevista em lei, mas ele é de educação para o trabalho. (Everaldo)

O Centro Espírita também apoiou a criação do grupo de Alcoólicos Anônimos – AA – para auxiliar as famílias da região que sofriam com o alcoolismo. O grupo de AA é autônomo e utiliza as dependências da sede do CEPD uma vez por semana para as suas reuniões e eventos. Concomitante a esse período, a Escola Allan Kardec deixa de funcionar como escola formal e passa a trabalhar como um ambiente de apoio escolar. Tal mudança aconteceu após alguns conflitos com o poder público em Viçosa do Ceará. Diferenças ideológicas ocasionaram distanciamento entre as partes acarretando um grande desgaste de ambos. O CEPD encontrou aí seu maior desafio.

Hoje, há uma tendência dentro do Movimento Espírita de empreender lutas em prol da educação pública e gratuita sob a tutela do Estado. A oferta da educação formal regular e de qualidade é dever do Estado, cabendo aos movimentos sociais e organizações da sociedade civil trabalhar numa perspectiva de complementaridade, e não de substituição às ações do Estado.

1.3 Múltiplos olhares: os desafios e os embates

No que tange à aceitação e adesão aos trabalhos do CEPD, a comunidade de Oiticica se mostra dividida, pois há aqueles que participam e há outros que apenas assistem. No início, havia certa resistência e preconceito, principalmente por dois aspectos: um relacionado

à juventude daqueles que idealizaram e que organizavam a obra e outro, ao fato de os mesmos serem espíritas. Piadas e zombarias eram ouvidas pela Vila, disseminado, principalmente, pelos mais idosos, que criticavam tais atitudes. A novidade assustava aqueles que, de certo modo, estavam acostumados com a vida que levavam.

Quando iniciou, existia muito preconceito. Eu lembro que muitas pessoas não iam ao centro, porque acreditavam que lá aparecia, quando fechávamos os olhos para prece, um bode dos olhos vermelhos. As pessoas diziam que não deviam ir pra lá, que lá era coisa do demônio e que ninguém fosse. Eu vejo que era por conta da ignorância e do pouco conhecimento. O fato de atendermos a comunidade, isso foi tirando o medo e o preconceito deles, pois é muito fácil eu ensinar a fazerem o bem, e outra coisa é fazerem o bem. E quando eles viram que lá fazíamos o bem perderam o medo, e agora têm respeito. A comunidade tem muito respeito pelo Centro apesar de não serem Espíritas. (Luzia)

Com o crescimento e o aparecimento dos frutos, a comunidade acaba se rendendo aos trabalhos executados pelo CEPD. As mães passaram a ver os seus filhos lendo e escrevendo, praticando esportes saudáveis e participavam de oficinas artísticas. A marcenaria funcionava como mais um ponto de trabalho e profissionalização para os homens de Oiticicas. Cursos eram oferecidos no sítio, na escola e no próprio Centro Espírita. Enfim, a pequena vila situada em meio ao sertão do Vale do Lambedouro conhece novos ares. Tais benefícios apontavam um caminho de esperança no crescimento e no desenvolvimento humano e social de Oiticicas.

Nesse processo de conquista da comunidade, os trabalhadores do CEPD tinham o cuidado para que a crença e a aceitação das atividades do Centro Espírita não se restringissem apenas ao aspecto material. Essa postura teria um resultado negativo, pois, com as crises que naturalmente apareceriam na instituição, essa crença esmoreceria, inviabilizando a verdadeira transformação do ser. O CEPD, como uma instituição espírita, fundamenta-se no cuidar do corpo e da alma. De nada adiantaria alimentar os sonhos no campo da matéria se os indivíduos não melhorassem sua moral, não buscassem a grande meta que é constituir-se conscientemente em Homem de bem.

Todas as famílias são convidadas a participar das reuniões públicas, que ocorrem na quadra da Escola Allan Kardec, devido ao pouco espaço físico na sede do CEPD para

acomodar muita gente. Essas reuniões abordam temas do cotidiano delas sempre atrelados aos ensinamentos do Evangelho de Jesus e aos princípios e fundamentos da Doutrina Espírita. Certa feita, para exemplificar tais reuniões, o tema do mês foi “Família e Melhoria da Qualidade de Vida”. Esse tema foi desenvolvido através de encontros familiares nas casas de cada coparticipante, com palestras sociais, estudos do Evangelho à luz do Espiritismo e projeção de vídeos sobre qualidade de vida física e espiritual.

Muitas famílias gostam das reuniões públicas e participam ativamente de todas as atividades do Programa Sociofamiliar. Outras, apenas frequentam de modo esporádico, sem demonstração de laços de compromissos. Não há preocupação por parte do CEPD se as famílias são ou não espíritas. Não existe o interesse de formar espíritas, mas sim, pessoas mais lúcidas quanto ao seu papel no mundo em que vivem. O CEPD busca oferecer às pessoas que passam pelas suas atividades educativas uma educação integral, que forme o ser em sua multidimensionalidade, que considere nesses processos educativos o desenvolvimento da inteligência, da moral, do espírito e do corpo, atrelado sempre a um método que interligue o amar, o pensar e o fazer.

Apesar de todo o esforço do grupo de trabalho em promover as atividades sociais e educativas, o CEPD sofre com diversos embates. Quanto à questão religiosa, o CEPD não sofre, hoje, nenhum confronto pelo fato de ser um grupo espírita. É inegável que, no início, os embates religiosos existiam pela estranheza da população, massivamente católica, com a proposta espírita. Os conflitos resumiam-se a atitudes descorteses e ofensivas por parte de devotos que, tomados pela ignorância e intolerância, repugnavam a ideia de que se formasse um Centro Espírita e de que esse trabalhasse com a comunidade.

Hoje se estabelece um respeito recíproco entre os credos que compõem o quadro religioso de Oiticicas. O padre da paróquia apoia as atividades executadas pelos espíritas, não excitando nenhum tipo de preconceito. Houve até um fato inusitado: o próprio bispo visitou as dependências do CEPD para conhecer seus trabalhos e após a visita também reconheceu a importância das ações daquela instituição cristã. Quanto aos evangélicos, também existe uma relação cordial. Muitos participam, por exemplo, das atividades esportivas e dos cursos profissionalizantes.

Atualmente, os maiores embates encarados pelo CEPD acontecem na esfera política. Tais conflitos perduram desde 1996 e ocasionam um desgaste de ambas as partes. Em algumas cidades interioranas, infelizmente, ainda existe uma coerção por parte de alguns políticos sobre o que é feito na cidade, principalmente quando eles não têm o controle das

ações de modo a obter resultados eleitorais ou financeiros. Luzia expressa sua visão em relação à atitude dos políticos nos seguintes termos:

Acontece o que acontecia no tempo de Jesus. Por que Jesus foi crucificado? Porque os homens poderosos tinham medo de perder o poder pra ele, e eu acho que da mesma forma quando uma instituição como o Centro Espírita passa a fazer trabalhos no lado social, os nossos irmãos políticos não veem como parceiros, eles veem como pessoas que vão atrapalhá-los, então os embates são por causa disso, eles têm medo de perder o poder que eles têm [...] Isso começou com o projeto marcenaria. Por que, na época, eles propagaram nas ruas que tinham conseguido o projeto para a Escola Allan Kardec. Quando dissemos na frente deles que isso não era verdade, acho que eles se doeram.

Everaldo também tece comentários a este respeito:

Quando você tem qualquer ajuntamento, você desperta uma preocupação dos governantes, dos políticos, porque eles começam a questionar “aí tem coisa, aí não vai dar certo, eu tenho que ter um pezinho aí.” Eles buscam criar uma raiz ali, ter o referendo daquele grupo, ou então ele combate. Ou ele recebe aprovação para entrar ou então ele passa a combater. E numa cidade do interior isto é muito ostensivo. Eles não querem a nossa amizade e o nosso respeito, eles querem é ter um pé e mão lá. A gente sempre teve essa dificuldade.

O principal argumento utilizado pela gestão municipal o fato de acreditar que Everaldo, fundador do CEPD, possui um posicionamento político contrário ao da gestão atual. Em 2004, alguns populares da cidade apontavam que Everaldo iria ser candidato ao cargo de prefeito de Viçosa do Ceará, evento negado por ele mesmo. Essa propalada oposição de Everaldo à atual gestão do município, inviabiliza parcerias com o CEPD.

Outro argumento que advém da gestão do município é que os critérios de auxílio à população de Oiticicas são feitos de modo discriminatórios, pois o CEPD tem como critério ajudar, em um primeiro momento, aqueles em situação mais vulnerável. Para a prefeitura, se é para ajudar, tem de fazer para todos, e não apenas para alguns selecionados. Falta uma cultura política de respeito à autonomia das instituições da sociedade civil e a persistência da cultura

da subserviência ancorada no medo. Como em muitas cidades do interior, o trabalho no setor público é uma espécie de garantia de um bom salário e de bem estar. Segundo trabalhadores do CEPD, a prefeitura por muitas vezes os procura para trabalharem como funcionários públicos ou terceirizados nessa repartição. O salário e o medo de se opor aos gestores levaram alguns a deixarem o trabalho do CEPD para se vincularem à prefeitura.

Everaldo comenta algumas estratégias utilizadas pelo poder público municipal visando à desestruturação do trabalho empreendido em Oiticicas:

Uma das primeiras formas de desmonte, de tentativa de desmonte da Escola Allan Kardec foi uma espécie de coerção, de compra de nossos colaboradores/professores, é dando Bolsa Família pra eles, que não tinham perfil. Infelizmente eles aceitaram, foi uma tristeza danada, a gente brigou com o mundo por causa deles, e eles aceitaram isso. Depois eu fui lá e conversei com eles “Minha gente, não façam uma coisa dessas”, mas aí, de repente, eles quiseram realmente sair e aceitar.

Diante dessa triste situação, os trabalhadores do CEPD buscam a tranquilidade e continuam trabalhando e superando ameaças e insultos. Segundo Luzia, as reações dos coordenadores do CEPD já foram mais enérgicas, mas agora preferem ter uma postura mais pacífica, ao se opor ao conflito. Provavelmente, tais embates não se resolverão da noite para o dia. Infelizmente, os interesses que movem boa parte das gestões públicas são gerados em torno da garantia e manutenção do poder sobre os indivíduos. Enquanto aqueles que se responsabilizam em gerir órgãos públicos estiverem utilizando cabrestos e rédeas como ferramentas de coerção sobre a população, principalmente sua parcela mais pobre, continuará o estado de opressão e de perpetuação de uma “cultura do silêncio” (FREIRE, 2005).

É inegável, diante dos fatos, a grande contribuição das atividades sociais e educativas do CEPD para a população de Oiticicas. Dessa forma, o Centro decidiu não cruzar os braços diante do quadro social da Vila. Como instituição espírita, aceitou o desafio de propor o desenvolvimento multidimensional para os oiticiquenses. A Doutrina Espírita não é contrária à assistência social, desde que esta esteja atrelada, também, à busca da consciência espiritual do ser e da assistência das necessidades espirituais dos indivíduos. Na realidade, não é a oposição política que distancia o CEPD da atual gestão, mas a incompatibilidade das ideias defendidas por ambas. Na avaliação dos espíritas, é preferível que se descarte o apoio

de políticos ou de qualquer instância e seus aportes financeiros, se esse apoio estiver contra os ideais cristãos de uma vida digna vivida em abundância.

1.4 O florescer de um novo jardim: atualidade do Centro Espírita “O Pobre de Deus”

Após 22 anos de fundação, o CEPD se mantém firme e fiel ao seu compromisso de superar as misérias existentes na Vila Oiticicas através de atividades doutrinárias de cunho espírita, ações evangelizadoras, projetos comunitários, reestruturação e promoção social de famílias pobres. Suas ações se configuram nos seguintes programas: Programa Socioeducativo, Programa Sociofamiliar, Projetos Comunitários e Atividades Doutrinárias.

As ações do Programa Socioeducativo têm como objetivo promover a complementação educacional de crianças e adolescentes de baixa renda, como também desenvolver conhecimentos e habilidades para a vida. Tais ações são direcionadas principalmente para cerca de 150 crianças e adolescentes. Nesse Programa existe uma diversidade de atividades, como: apoio escolar; oficinas criativas; Projeto Sorriso de Esperança; Jornalzinho Aprendendo e Ensinando; aulas de ética e moralidade; formação profissional (para os adolescentes); alimentação; rodas de leitura; saúde preventiva; material de higiene; material escolar; uniformes; biblioteca; educação pelo lúdico; Mocidade Cristã em Busca do Bem; semana da criança; festa natalina; colônia de férias; esportes em geral e escolinha de futebol de salão.

Foto 23 - Grupo de crianças da Escola Allan Kardec



Fonte: Arquivo do CEPD.

Após atuar como escola formal durante 10 anos consecutivos (entre 1994 e 2004), hoje o CEPD atua no contra turno dos estudantes oferecendo apoio escolar. Seu calendário se organiza em 10 meses do ano com aulas com duração de 4 horas. Os educandos são dispostos em quatro turmas, nas quais participam de atividades de alfabetização, reforço escolar, desinibição, recuperação da confiança em aprender e do prazer de buscar novos conhecimentos.

Foto 24 - Crianças no Apoio Escolar



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 25 - Crianças no Apoio Escolar



Fonte: Arquivo do CEPD.

As oficinas criativas são espaços dinâmicos em que as crianças e os adolescentes têm a oportunidade de desenvolver habilidades em múltiplas dimensões (estéticas, cognitivas, morais, biológicas, artísticas, sociais etc.). Além disso, auxiliam no fortalecimento dos vínculos afetivos entre os participantes e a instituição. O CEPD acredita que a aprendizagem dinâmica e interativa entre todos os envolvidos no processo de aprendizagem, bem como com a natureza, pode construir estruturas de saber verdadeiramente significativas, nas quais o que se aprende é usado no cotidiano dos educandos. As oficinas se constituem em: colônia de férias, escolinha agrícola, prevenção às toxicomanias, economia doméstica, sexualidade e educação, jogos matemáticos, vocações profissionais, reciclagem, festa das crianças, cartões natalinos, gincana de esporte, festa de natal, oficina de reciclagem do português, e oficina de música.

Foto 26 - Escolinha agrícola



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 27 - Biblioteca Amaury Holanda Santos



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 28 - Projeto Economia Doméstica



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 29 - Horta



Fonte: Arquivo do CEPD.

O Projeto Sorriso de Esperança consiste em fortalecer as atividades já existentes no CEPD, bem como oferecer tratamento dentário para 96 crianças que participam do Programa Socioeducativo. Esse projeto é viabilizado com o patrocínio do Banco do Brasil,

através do Fundo para a Infância e Adolescência – FIA, com intermediação do Governo do Estado do Ceará e Conselho dos Direitos da Criança do Estado do Ceará – CEDCA.

Foto 30 - Projeto Sorriso de Esperança



Fonte: Arquivo do CEPD.

A formação profissional para adolescentes é promovida e desenvolvida a partir dos seguintes cursos: pesos de porta diversificados, em tecido e aperfeiçoamento; flores de fuxico; cestas ornamentadas de tecido; aplicação em tecido sobre tecido; aplicação com fuxico; ponto cruz; efeitos decorativos com materiais recicláveis; bolsa de tecido; boneca de pano; e enfeites natalinos. Além dos adolescentes, mães também fazem parte do grupo de iniciação profissional. Juntamente com a confecção de brinquedos, enfeites e peças de utilidades domésticas, o grupo também trabalha com recursos recicláveis chegando até a vender esses materiais em feiras e exposições artesanais, ajudando, assim, na renda familiar.

As atividades cristãs doutrinárias acontecem no grupo de evangelização infantil e na Mocidade Cristã em Busca do Bem. Basicamente os temas estudados nesses encontros são baseados no Evangelho de Jesus e têm o aporte dos princípios e fundamentos da Doutrina Espírita. Os encontros não têm propósito de catecismo nem de formar adeptos do Espiritismo, mas os conhecimentos doutrinários espíritas são utilizados para melhorar esclarecimento quanto aos temas cristãos. Atualmente os jovens do grupo de mocidade se reúnem todas as noites de segundas-feiras e, além desses encontros, realizam visitas fraternas a idosos e

enfermos, em dias previamente marcados e sob a orientação de uma monitora. Todos os participantes também estão inseridos nos cursos e oficinas do CEPD.

Foto 31 - Mocidade Cristã em Busca do Bem



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 32 - Jovens da mocidade visitando idosos



Fonte: Arquivo do CEPD.

No que tange ao Programa Sociofamiliar, as atividades que o compõem são: palestras educativas; sessões de filmes educativos; educação social; formação espiritual; cestas básicas; cestas de produtos de limpeza e higiene; auxílios e serviços diversos do programa sociofamiliar; reestruturação de habitações (ajuda financeira e doação material de construção); datas comemorativas (dia da mulher, dia do trabalho, dia das mães e dia dos pais); formação em habilidades domésticas; formação profissional; boas práticas de fabricação de alimentos e 5S; doação de enxovaizinhos; itarumã; produtos encantados; curso agricultura natural (agroecologia); informática comunitária; geração de trabalho e renda; marcenaria “o carpinteiro”; projeto pão da vida, projeto sertão, sabor e vida e patrimônio histórico; caminhão Mesa Brasil SESI; jogos fraternos; voluntariado; Sítio Estrada de Damasco; consultoria em panificação e confeitaria; Alcoólicos Anônimos; estudo doutrinário e distribuição de panfletos com temas espíritas.

Foto 33 - Curso de confeitaria no Pão da Vida



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 34– Encontro das famílias



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 35 – Oficinas para mães



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 36 – Evangelho no lar

Fonte: Arquivo do CEPD.

Sobre os Projetos Comunitários, vale destacar o Chafariz “Poço de Jacó” e a Farmácia Viva. Mantido pelo CEPD, o chafariz atende em média 600 famílias da Vila Oiticicas distribuindo água potável para a população que constantemente sofre com racionamentos de água, principalmente entre os meses de julho e dezembro. O chafariz encontra-se na sede do CEPD e no Sítio Estrada de Damasco. A Farmácia Viva encontra-se na sede do CEPD e é utilizada pelas famílias coparticipantes dos programas e pela comunidade em geral. Existente desde 2002, esse projeto foi desenvolvido em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR/CE e visa à utilização de ervas para preparo de infusões, xaropes e pastas caseiras. Nesse mesmo espaço, também existe uma horta com diversas hortaliças que são utilizadas no preparo da alimentação das crianças e adolescentes.

Foto 37 - Chafariz Poço de Jacó



Fonte: Arquivo do CEPD.

Foto 38 - Farmácia Viva



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes

A comunidade sempre está muito envolvida nas atividades do CEPD. Desde sua fundação o Centro organiza mutirões de trabalho nos quais a comunidade se reúne para trabalhar em prol de algum morador. O que é comum nessa atividade são os mutirões de reforma habitacional em que um grupo de moradores, juntamente com os trabalhadores do CEPD, reforma uma casa colocando telhas novas, pintando, colocando piso, reformando banheiros e construindo novos cômodos. O dinheiro utilizado nessas reformas é oriundo de doadores e do CEPD, que destina parte de sua verba para tal atividade. Nessas ações coletivas

vê-se a construção e o estabelecimento de um sentimento de colaboração e cooperação mútuas.

Através desses programas e projetos, crianças, jovens e suas famílias são recepcionadas e acolhidas fraternalmente provocando uma mudança significativa em seus espíritos. Todos aqueles que passaram e passam pelas atividades educativas do CEPD demonstram, ao falar de suas experiências, a grande importância que essa instituição teve em sua trajetória demonstrando o grande significado dessa instituição para a vida daqueles que constroem e usufruem de suas ações.

O Centro Espírita “O Pobre de Deus” é como se fosse o pai espiritual que atende a nossa necessidade espiritual, a nossa necessidade material e profissional. O Centro Espírita é como se fosse o pai de muitas pessoas que precisam e que passam necessidade. (Luzia)

O Centro Espírita “O Pobre de Deus”, para mim, é uma experiência cristã como outra. É o sonho de revivescência daqueles dias que Ernest Renan fala que viveram os primeiros cristãos após o pentecoste, depois do medo, do arrependimento e da negação. Depois da perda da presença física do Cristo, eles tiveram aquela coragem e encontraram aquele sonho de assistência aos seres humanos. Eles deram os primeiros passos orientados por Jesus à assistência ao ser humano, porque, até então, a orfandade, a miséria e a fome eram muito grandes. Renan diz que aqueles dias foram os mais felizes daquelas pessoas, porque depois viria a perseguição e o martírio. Então “O Pobre de Deus” é uma lembrança, é uma tentativa de materialização dos sonhos desses cristãos. Não temos a pretensão de se igualar, mas é pelo respeito ao que eles fizeram, é por sermos beneficiários deles indiretamente, embora muitos séculos depois, a gente entende que esse sonho continua vivo nos corações. E, apesar do rigor dessa instituição, das fraquezas, das imperfeições, ela representa uma vitória do Evangelho, porque, se o evangelho triunfa no coração, quando ele revoluciona, quando ele altera a dinâmica do coração de um homem duro, de uma pessoa grosseira, como somos nós, eu acho que se realiza a vitória do Evangelho. O “O Pobre de Deus” enseja essa vitória do Evangelho nas almas rudes que nós somos. (Everaldo)

Fica evidente que a obra causa transformações em todos os envolvidos, efetivando o verdadeiro sentido de evangelização, que é o de educar o corpo e o espírito seja daquele que

se propõe a ensinar ou daquele que assume o papel de aprendiz. Educar e se autoeducar, ensinar, aprender, refletir e agir, essa é a real acepção da máxima evangelizar com Cristo.

2. JUVENTUDE: DILEMAS CONCEITUAIS, CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES

O presente capítulo organiza-se em dois tópicos. No primeiro deles, que se chama **Construindo o entendimento de juventudes**⁷, faço ponderações conceituais sobre juventude na contemporaneidade, além de constituir um breve debate a respeito de como a juventude rural lida com as opressões estabelecidas no campo.

Em seguida, no tópico **A juventude em Oiticicas: um retrato socioeconômico e cultural**, esboço um retrato da juventude oiticiquense a partir de dados colhidos em um questionário que foi aplicado com 88 jovens da Vila. Apresento esses dados através de gráficos, seguidos de breve análise das respostas colhidas. Ao final, apresento outros dados sobre as concepções desses 88 jovens a respeito de como são os jovens de Oiticicas.

2.1 Construindo o entendimento de juventudes

Definir o que representa juventude contemporânea aparenta-nos certo grau de complexidade, principalmente se nos referimos à juventude oriunda de setores rurais, que se apresentam tão distantes dos padrões culturais e econômicos e dos sistemas de valores estabelecidas pelas mídias. Neste estudo sobre juventude tomarei como base inicial as contribuições de Pais (1990), Groppo (2000), Sales (2010), Damasceno (2001), Carneiro (2007) e Brumer (2007).

Segundo Pais (1990, p. 140), a sociologia da juventude divide-se em duas tendências sobre o conceito de juventude:

- a) Numa delas, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada «fase da vida», prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase da vida— aspectos que fariam parte de uma «cultura juvenil», específica, portanto, de um geração definida em termos etários;

⁷ Considero mais apropriado utilizar o termo juventudes para apontar a existência de diversas culturas juvenis. Essa minha posição é baseada na literatura chamada de “sociologia da juventude” (PAIS, 1993). Contudo, reconheço que há uma unidade na diversidade, sendo assim, possível reportar-se à juventude no singular.

b) Noutra tendência, contudo, a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, etc.

Percebe-se que não existe uma unidade entre os jovens. Os elementos apresentados na citação acima podem ser provenientes da individualidade de cada jovem, da sua fase etária, ou podem ser assimilados de gerações anteriores. (PAIS, 1990)

Gropo (2000) considera que a sociologia da juventude mais “indefine” do que define a juventude, pois, para ele, os critérios etários e socioculturais, na realidade, não se conciliam. Para o autor, há juventudes. A juventude é definida como uma categoria social representando uma situação social e uma representação sociocultural. Dessa forma, a juventude seria “[...] uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos.” (GROPPO, 2000, p. 8)

Definir a juventude como categoria social torna-a algo superior à classe e vai muito além de apenas defini-la em uma faixa etária, restringindo-a temporalmente. Nessa lógica, podem-se considerar outras faixas etárias como a infância, a fase adulta e a terceira idade como outras categorias sociais. (GROPPO, 2000, p. 8) “Trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas”.

Bourdieu (1983, p.113) também contribui com a análise sobre a limitação etária na conceituação da juventude.

A idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes.

A atividade de definir juventude é muito complexa. Por muito tempo não há entre as diversas áreas do conhecimento um diálogo que torne essa discussão viável para que possa apontar para horizontes comuns. Tomamos o exemplo da medicina, que por muito usou o

termo puberdade para definir o período das mudanças fisiológicas no qual a criança passa a ser um ser adulto; da psicologia e da pedagogia, que utilizaram o termo adolescência para definir o período de transformações cognitivas e comportamentais do indivíduo que deixa de ser criança para se tornar um adulto; e da sociologia, que tinha o termo juventude para designar o período que o indivíduo deixa de ter funções sociais próprias da infância para ter funções sociais do mundo adulto. (GROPPO, 2000)

Conceituar a juventude como categoria social é entendê-la a partir das realidades sociais e culturais próprias de cada jovem. Significa considerar suas experiências, suas potencialidades, além de compreendê-lo a partir do contexto histórico no qual está inserido, pois este se coloca como um dos principais fatores que influenciam a sua formação. Pensar juventude denota garantir a esses jovens relações sociais que não suprimam ou sufoquem sua capacidade de formar e de se autoformar, sempre buscando o “ser mais”.

Muito se fala sobre a importância do jovem para a sociedade enquanto “futuro da nação”. Paradoxalmente, essa mesma sociedade limita o potencial crítico do jovem, instituindo um modo de pensar, de agir e se expressar, padronizando o seu comportamento social diante dos apelos consumistas da mídia. Sobre essa questão, Sales (2001, p.27) faz a seguinte observação.

A desqualificação do discurso dos jovens leva a sociedade a tratá-los como indivíduos que não podem falar por si. Dessa maneira, a mídia, a religião e diversos campos de conhecimento, disputam a hegemonia de uma discursividade sobre a juventude. Quando lhes é dada a palavra, é apenas simbolicamente, uma vez que a fala é controlada, selecionada, para conter o perigo que dela pode advir.

Outros desafios enfrentados pela juventude concentram-se nos domínios do desemprego, da vida afetiva e sexual, da violência, das drogas, da construção de própria identidade e da conquista de sua liberdade. O que o jovem precisa identificar é que os seus problemas também são problemas sociais, ou seja, não se restringem à juventude. A respeito de como a juventude é compreendida, Pais (1990, p. 141) pondera:

Histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados «problemas sociais». Se os jovens não se esforçam por contornar esses

«problemas», correm mesmo riscos de serem apelidados de «irresponsáveis» ou «desinteressados».

No que tange à juventude rural, essas dificuldades se intensificam provocando o êxodo rural. Muitos jovens, à procura de salários melhores e de condições sociais favoráveis, buscam na vida urbana estabilidade financeira e social.

Para Brumer (2007, p. 37), existem fatores de atração e expulsão que influenciam na decisão de migrar para as áreas urbanas:

Apesar do peso dos fatores estruturais, as decisões sobre a migração são tomadas por indivíduos, que variam na avaliação de fatores de atração ou de expulsão. Ademais, na decisão de migrar, provavelmente os fatores de expulsão são anteriores aos de atração, na medida em que os indivíduos fazem um balanço entre a situação vivida e a expectativa sobre a nova situação. Dependendo de como se examina a questão, os estudos sobre a migração de jovens focalizaram ora os atrativos no novo ambiente ora os aspectos vistos como negativos no local de origem. Entre os ‘ruralistas’ predominam as análises que apontam antes os fatores de expulsão do que os de atração, como causas de migração.

O termo rural foi marginalizado por muitos, ou seja, o rural tornou-se o que não é urbano, bom e tecnologicamente civilizado. Dessa forma, criou-se um estereótipo que discrimina os moradores da região rural, inclusive a população jovem. A juventude rural sofre com diversos dilemas internos e externos a sua região demográfica, como: trabalhar no campo ou tentar ganhar salários melhores na cidade? Ser agricultor significa “ser alguém na vida”? Ter “estudo” significa destruir o que está preestabelecido para quem mora no campo? Seria necessário urbanizar o rural? A cidade é a única alternativa para um projeto de vida? (CARNEIRO, 2007)

Como não cair em desespero diante de tais dificuldades? A juventude é alvo constante da desesperança, crescente em uma sociedade opressora, como a em que vivemos atualmente. Acreditamos que o grande desafio está em não aceitar a condição de “ser menos” imposta pelos opressores, uma vez que, aceitando-a, os indivíduos caem em um processo de desumanização. Nesse sentido, Freire (2005, p. 16) faz a seguinte consideração sobre a luta da humanização do Homem.

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. [...] ‘A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres para si’, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos.

A busca da humanização, do “ser mais”, é uma necessidade ontológica dos indivíduos. Lidar com as dificuldades impostas pela vida ou pela história e superá-las, com consciência e resignação, são atitudes essenciais para sobrepujar o paradigma opressor. Mas acima disso tudo está a esperança. Freire (1992, p. 6) ressalta que “sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero”

Ter esperança não significa cruzar os braços diante das “situações-limites” e esperar que as soluções das nossas dificuldades provenham dos outros. Ter esperança constitui a luta por um mundo melhor, ou seja, deve ser prática, concreta. Entregarmo-nos à desilusão, ao pessimismo e ao fatalismo significa privarmo-nos do direito de sonhar com uma vida melhor. Como os jovens podem desenvolver a esperança ante as diversas crises inerentes à sua faixa etária e os apelos de uma sociedade consumista? Como os jovens podem sonhar quando, aparentemente, não possuem perspectivas de um futuro melhor?

Assim como a esperança, a educação moral se coloca como fator preponderante no desenvolvimento da “humanização”. Kardec (2008), no item 685 de *O Livro dos Espíritos*, pontua:

[...] Há um elemento que não se costuma considerar, sem o qual a ciência econômica torna-se apenas uma teoria: é a educação. Não a educação intelectual, mas a educação moral; não ainda a educação moral pelos livros, mas a que consiste na arte de formar o caráter [...] Quando essa arte for conhecida e praticada, o homem trará hábitos de ordem e de providência para si e para os seus, de respeito pelo que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos angustiado os maus dias inevitáveis.

Dessa forma, a educação moral não deve ser limitada aos ensinamentos teóricos e ilustrativos, mas sim vivida. Diferentemente da ideologia neoliberal, da qual o consumismo e

o poder são os alicerces, a educação moral tem como base o amor que tem como fim o aperfeiçoamento do indivíduo e a autonomia moral. (PESTALOZZI, 1946, p. 16)

2.2. A juventude em Oiticicas: um retrato socioeconômico e cultural

As análises deste tópico são baseadas nas respostas colhidas através do questionário socioeconômico e cultural, aplicado com 88 jovens de Oiticicas entre os dias 30 de setembro de 2013 e 4 de outubro do mesmo ano. Essa atividade foi realizada com jovens de 15 a 25 anos, residentes em Oiticicas, participantes ou não das atividades educativas do CEPD. Para efeito de análise a amostra de jovens foi dividida em três categorias de 15 a 17 anos, 18 a 20 anos e 21 a 25 anos.

Tomando como base os dados demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao censo de 2010, Oiticicas tem uma população de 1636 habitantes, sendo 837 homens e 794 mulheres. Não foram encontrados dados específicos sobre a população jovem de Oiticicas.

Esse questionário foi dividido nos seguintes eixos temáticos: dados pessoais; características da moradia; constituição familiar; renda familiar; lazer; e religiosidade/espiritualidade. Esses tópicos estão diluídos em 46 perguntas de múltipla escolha. O questionário também possui seis questões subjetivas com as seguintes questões: O que você entende por projeto de vida? Qual o seu projeto de vida? O que significa ser jovem em Oiticicas? Que atividades você realiza no dia a dia? Você gosta de morar em Oiticicas? Por quê? Você gostaria de morar em outra localidade? Por quê? Neste tópico não analisaremos as questões relacionadas aos projetos de vida, ficando essas para serem observadas no quarto capítulo deste trabalho.

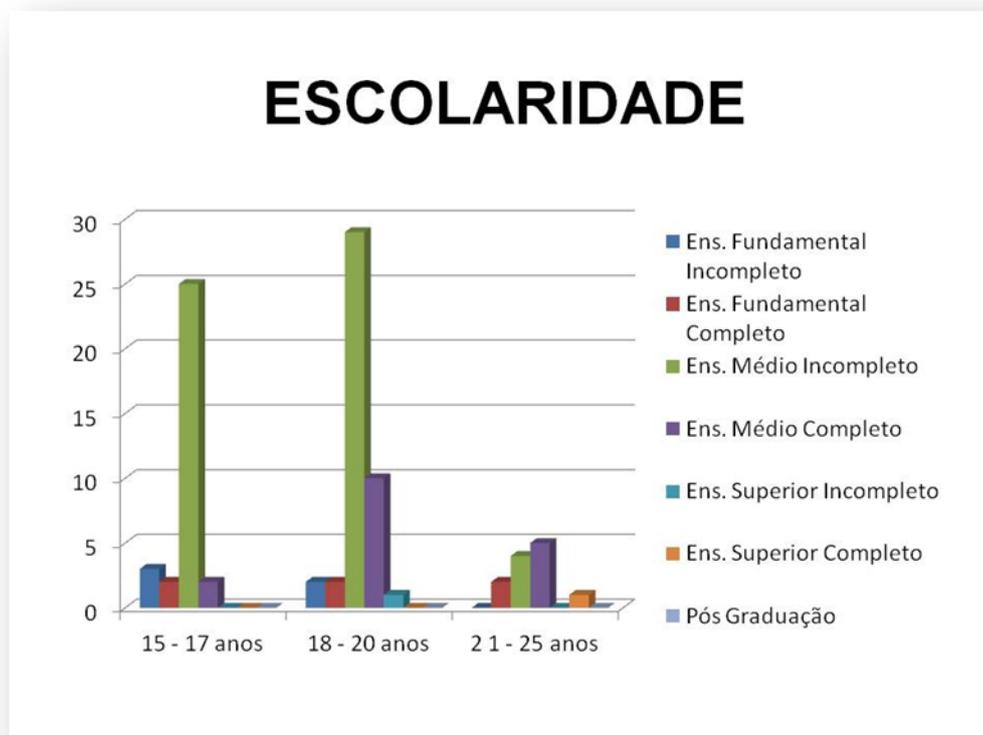
Iniciemos nossas observações sobre os dados pessoais dos jovens. Neste eixo temático, ficaram as questões alusivas a idade, sexo, estado civil, cor da pele e escolaridade. Quanto ao sexo e à idade, tivemos, no universo da amostra, 33 jovens entre 15 e 17 anos, sendo que 17 declaram ser do sexo masculino, e 16, do sexo feminino; 44 jovens de 18 a 20 anos, dos quais 22 se declararam do sexo masculino, e 22, do sexo feminino; por último, temos apenas 11 jovens na amostra da faixa de 21 a 25 anos, dos quais 7 se declararam do sexo masculino, e 4, do sexo feminino. No total, temos 46 jovens do sexo masculino e 42 do

sexo feminino. Sobre o estado civil, 92% dos jovens se afirmaram ser solteiros e apenas 2,2% casados. O percentual de jovens que vivem com o(a) companheiro(a) sem vínculo legal é maior que o de casados chegando aos 4,5%.

Sobre a cor da pele, 13,6% se declararam brancos e 6,8% declararam-se negros. A maioria, cerca de 76% se consideram pardos e apenas 3 não declararam. Para o IBGE a categoria negra abrange pretos e pardos, mas, nesta pesquisa, negros e pardos assumem grupos diferentes.

O Gráfico 1 apresenta dados referentes à escolaridades dos jovens. Cerca de 70% dos jovens têm o Ensino Médio incompleto, ou seja, ainda o está cursando, enquanto 19,3% conseguiram concluí-lo. A maior parte desses jovens está na faixa de 15 a 20 anos. 6,8% têm apenas o Ensino Fundamental completo, e 5,6% ainda estão cursando esse nível. Apenas um desses jovens chegou ao Ensino Superior.

Gráfico 1

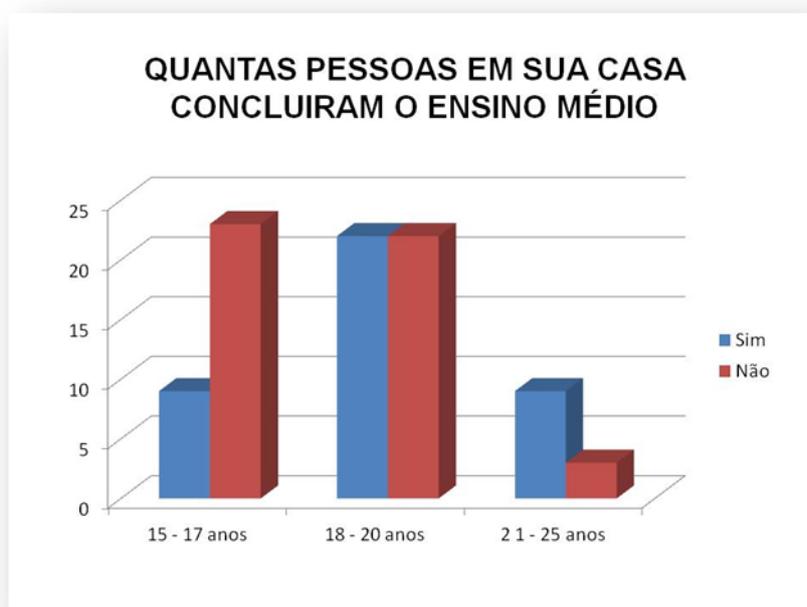


Fonte: Elaborado por Joana Pereira Brito a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

Oiticicas têm apenas uma escola de Ensino Fundamental (que funciona pela manhã e pela tarde) e uma de Ensino Médio (que funciona apenas no período noturno). Essas escolas atendem também crianças e adolescentes de distritos próximos de Oiticicas. O poder público pode até garantir o acesso à escola, mas a qualidade do ensino fica muito abaixo do necessário para a formação básica dos jovens. Essa realidade da qualidade da educação não é limitada apenas ao meio rural, mas estende-se até as áreas urbanas. No Ceará, o Ensino Fundamental é dirigido para atingir metas que são medidas por programas de avaliação como o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE). Em números divulgados por estes e outros programas, a educação vem crescendo bastante, mas na realidade a qualidade na formação de crianças e adolescentes ainda é muito rasteira. Em Oiticicas se compararmos o número de jovens que concluem o Ensino Médio e ingressam no Ensino Médio existe um abismo imenso.

Quando comparamos o Gráfico 1, que contém a escolaridade dos jovens, com o Gráfico 2, que contém a escolaridade dos familiares, fica claro que em Oiticicas já é uma grande conquista concluir o Ensino Médio. Essa observação é importante para ser analisada, pois é perceptível que a situação precária de gerações passadas ainda permeia as gerações atuais.

Gráfico 2



Fonte: Elaborado por Joana Pereira Brito a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

Quanto a questões de moradia, 93% dos jovens moram em residência própria, sendo 60% dessas feitas de alvenaria, enquanto 26% são feitas de adobe. Nas primeiras décadas após a sua fundação, as residências de Oiticicas eram erguidas com adobe. Com o passar do tempo e com a melhoria das condições financeiras da população, as residências sofreram reformas nas quais se utilizou o tijolo mais moderno, mas ainda encontramos muitas casas feitas com adobe.

Quanto às questões sanitárias, 81% dos jovens relataram que suas residências possuem até um banheiro, mas ainda houve respostas, cerca de 3,4%, que destacaram que não havia banheiro em suas residências. A maioria das residências de Oiticicas possuem banheiros externos, ou seja, isolados no quintal. Esses banheiros têm uma estrutura precária, pois a maior parte é feita de madeira, palhas e barro, não tendo ainda, encanamento para banho e sanitário.

No Gráfico 3 fica evidenciada a precariedade sanitária na região, pois 90% dos jovens declararam que suas residências não possuem rede de esgoto. Informações colhidas no CEPD indicam que nenhuma casa em Oiticicas possui rede esgoto. 9% dos jovens relataram que suas casas tinham rede de esgoto porque existe um encanamento que leva a água suja para fossas feitas distantes da residência. A maioria das casas possui fossas para a dispersão de dejetos fecais, mas rede de esgoto inexistente.

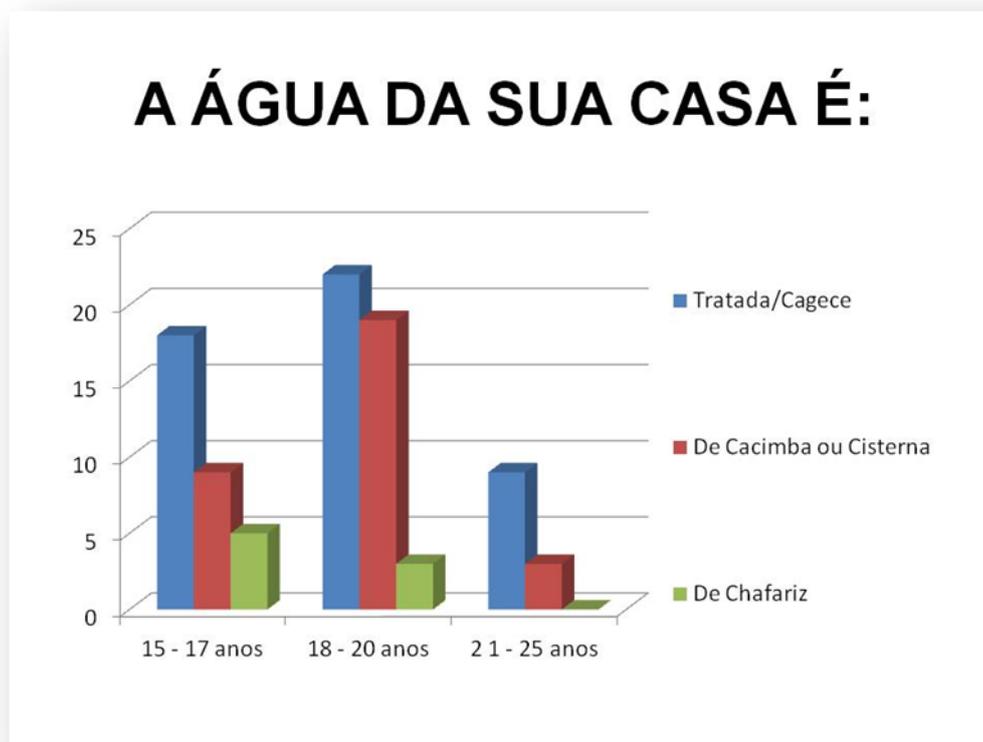
Gráfico 3



Fonte: Elaborado por Joana Pereira Brito a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

Outro dado importante para retratar a moradia dos jovens de Oiticicas é como se dá o tratamento da água utilizada nas residências. O Gráfico 4 apresenta que 55,6% dos jovens declararam que suas casas têm água fornecida pela Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE), enquanto 35,2% utilizam água da cacimba/cisterna. A CAGECE fornece água para boa parte das residências, mas essa distribuição não é ordenada e diária. Há relatos dos moradores que água na torneira aparece em dois ou três dias na semana. Nos dias em que o fornecimento de água não acontece, as famílias recorrem a cacimbas e chafarizes. O CEPD mantém, no Sítio Estrada de Damasco, um chafariz chamado Poço de Jacó, que atende inúmeras famílias que sofrem com a seca e a má distribuição de água.

Gráfico 4

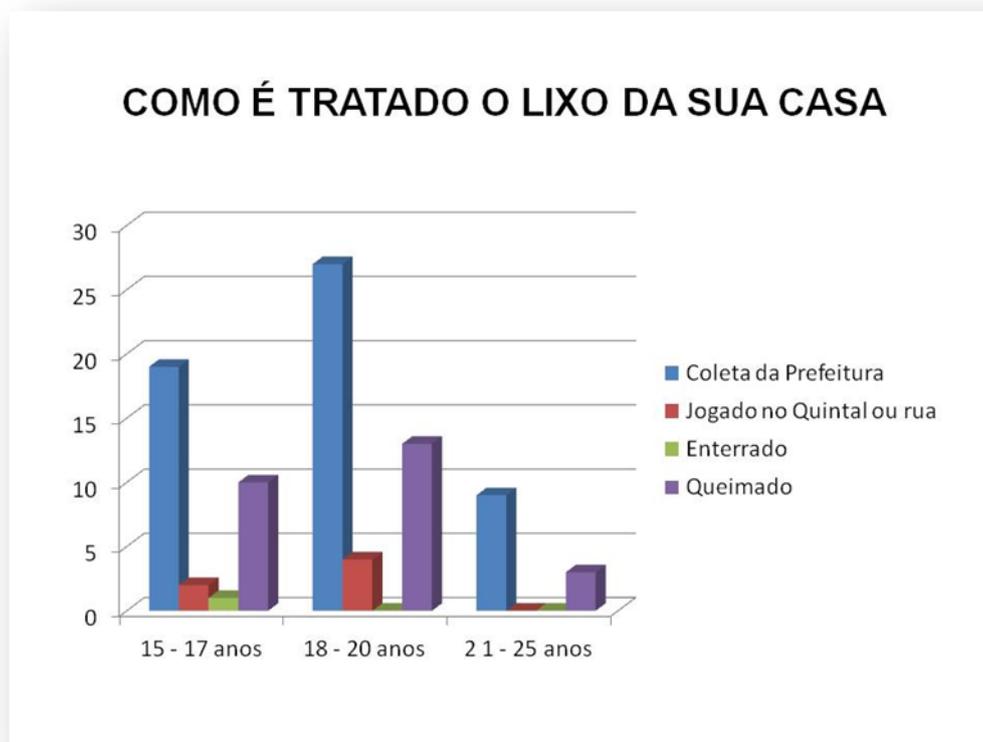


Fonte: Elaborado por Joana Pereira Brito a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

Quanto ao tratamento do lixo, 55% relataram que o lixo de suas residências é colhido pela prefeitura semanalmente. O lixo é colocado pelos moradores em pequenos *containers* espalhados pela vila, ficando, assim, expostos por muito tempo nas ruas, exalando mau cheiro, além de aumentar a probabilidade de espalhar doenças. Em Oiticicas muitos animais, como burros, galinhas, cachorros e porcos, ficam soltos nas ruas, e, como este lixo fica exposto por uma semana, alguns animais mexem no lixo à procura de alimentos, ajudando a espalhá-lo pelas ruas.

Além disso, outro dado interessante é que cerca de 30% dos jovens disseram que o lixo de suas casas é queimado. A utilização de queimadas para tratar o lixo é a segunda maior opção em Oiticicas. Essas queimadas acontecem nos quintais das casas e em terrenos baldios. A queima desse tipo de material é muito prejudicial à saúde, pois aumenta a poluição atmosférica da região ao emitir dioxinas e dióxidos de carbono. No gráfico 5 essa realidade é mostrada.

Gráfico 5



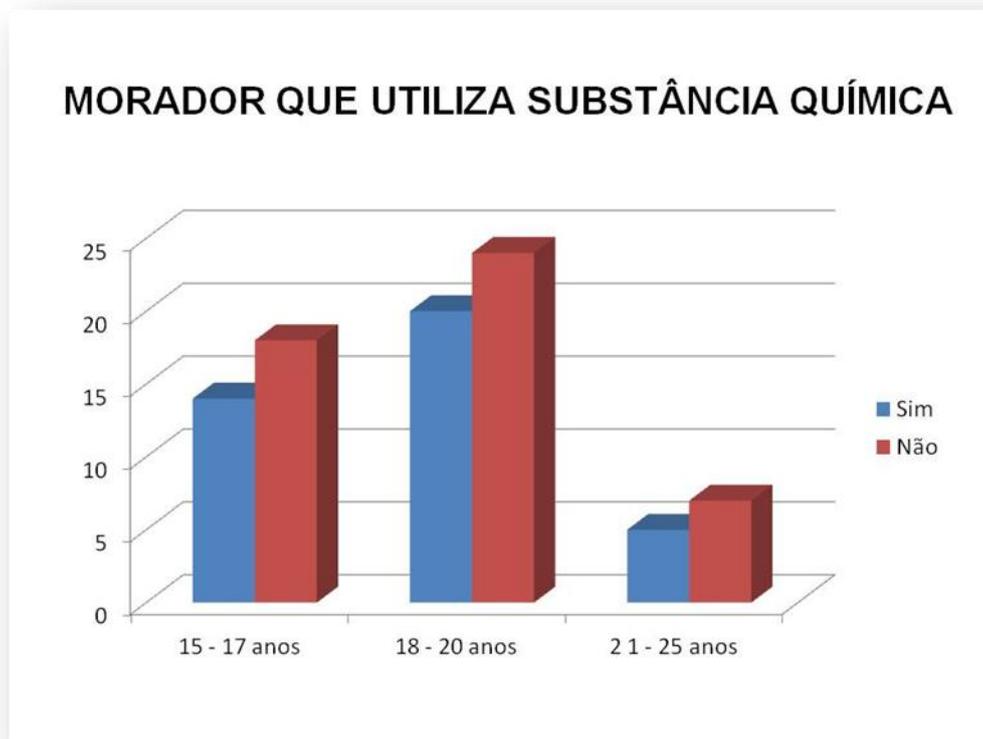
Fonte: Elaborado por Joana Pereira Brito a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

No que tange à constituição familiar, 94% moram com os pais, sendo que 73% do total de jovens moram com o pai e mãe, enquanto 21% moram somente com o pai ou com a mãe. A maioria das famílias é formada por mais de cinco pessoas, cerca de 60%. A respeito do número de adultos que constituem a família desses jovens e que não sabem ler, há uma taxa de 48%. Esse índice pode ser considerado alto para os dias atuais, mas infelizmente é uma realidade no espaço rural.

No Gráfico 6, apresenta-se outra característica importante a ser analisada: o número de familiares que utilizam alguma substância química. Nesse quesito 44% dos jovens afirmaram que têm algum familiar que utiliza alguma substância química (álcool, cigarro e outras drogas ilícitas). A substância química mais utilizada é o álcool, seguido pelo o cigarro. O alcoolismo é uma realidade que incomoda as famílias de Oiticicas, pois, além dos adultos, muitos jovens já enveredam pelo caminho do uso do álcool tornando-se, em pouco tempo, alcoólatras. O CEPD cedeu a sua sede para encontros semanais do grupo de Alcoólicos

Anônimos (AA), que atende não só a população de Oiticicas, como também pessoas da região do Vale do Lamedouro.

Gráfico 6



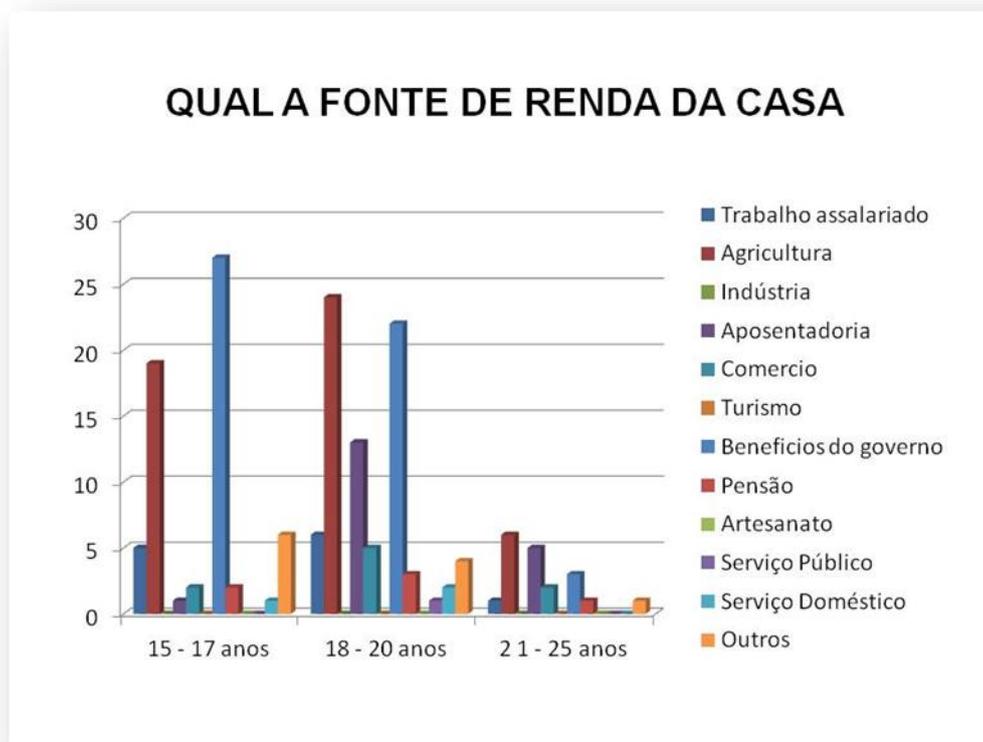
Fonte: Elaborado por Joana Pereira Brito a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

Os participantes também relataram a situação econômica de suas famílias e como se dá a sua participação. Inicialmente, 69% dos jovens apenas estudam, enquanto 16% estudam e trabalham. Quanto à renda familiar, 56% disseram que a renda mensal é de menos de um salário mínimo⁸, e 17% declararam ter entre um e dois salários mínimos mensais. O número de jovens que decidiram não declarar a renda mensal familiar compreende 26%, um alto índice.

No gráfico abaixo, podemos perceber que a renda das famílias desses jovens advém principalmente da agricultura e dos programas sociais do Governo Federal, como o Bolsa Família. Outra fonte de recursos financeiros que tem certo destaque nas respostas são as aposentadorias.

⁸ Na data da pesquisa, o valor do salário mínimo no Brasil era R\$ 678,00.

Gráfico 7



Fonte: Elaborado por Joana Pereira Brito a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

Oiticicas tem na agricultura uma das suas principais fontes de renda. A plantação de gêneros alimentícios, como feijão, milho, arroz e hortaliças, move a economia local, porém os hectares que as famílias possuem para o plantio não são grandes, limitando, assim a produção. Outros fatores que complicam a semeadura e a colheita são a falta de mão de obra e o clima seco da região.

A prática da agricultura em Oiticicas se restringe ao trabalho familiar, pois os agricultores não possuem renda extra para pagar serviços de outros para aumentar a produção. O clima árido e seco complica as plantações que dependem diretamente das chuvas para terem a irrigação. Poucos agricultores possuem um sistema de irrigação, e, quando possuem, é executado de forma rudimentar.

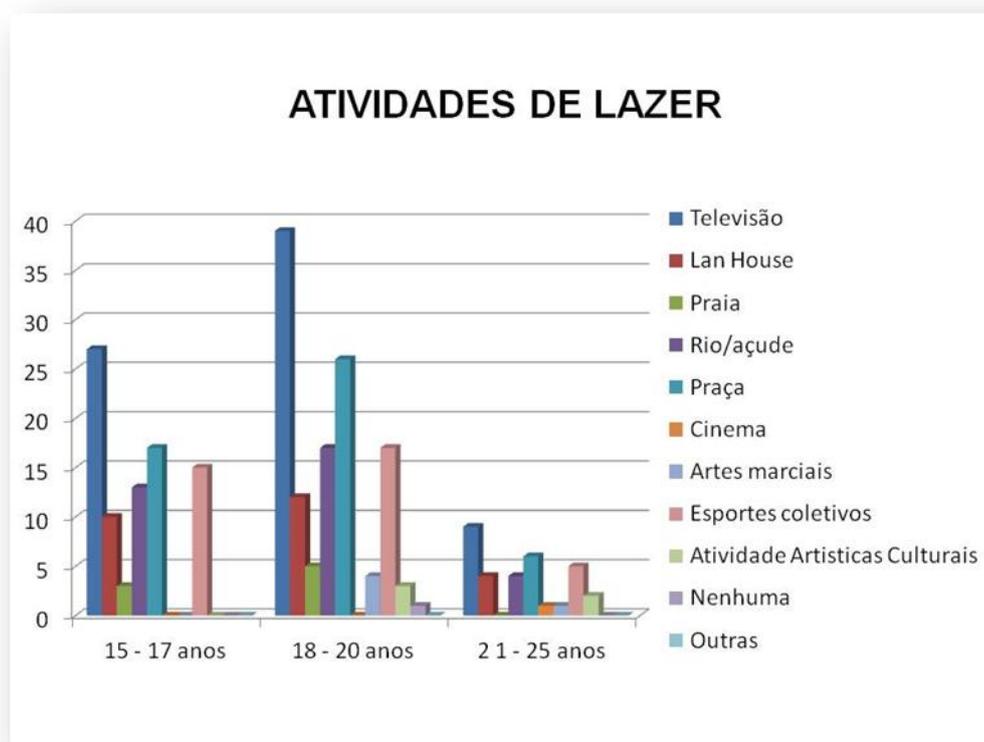
O dinheiro garantido que as famílias possuem vem do Programa Bolsa Família. As famílias utilizam esse benefício para o sustento cotidiano e, muitas vezes, para manter o trabalho no campo, comprando sementes e arrendando terrenos para o plantio. Quando o questionário desta pesquisa estava sendo aplicado, muitos perguntavam se era “coisa do Bolsa

Família”. Essa pergunta soava com um tom de preocupação, pois todos temem perder o que é, para muitos, a única fonte de renda.

Outros setores econômicos, como o comércio, ainda são bem acanhados em Oiticicas, contudo, podemos encontrar na Vila botequins, bodegas, *lan houses*, salões de beleza e lojinhas de utilidades. Segundo os colaboradores do CEPD, o que está crescendo muito é o trabalho no serviço público. Muitos jovens estão trabalhando, como terceirizados em órgãos da prefeitura de Viçosa, mas infelizmente esse vínculo empregatício não é com carteira assinada. Esta é uma das maiores reivindicações dos jovens de oiticicas: conseguir um trabalho que seja com carteira assinada. Segundo as declarações dos Jovens sobre quantas pessoas que moram com ele têm carteira assinada, 85% responderam que nenhum morador de sua residência possui carteira assinada. O vínculo formalizado com carteira assinada representa, para a população, uma segurança financeira suficiente para arcar com as despesas de quem mora em Oiticicas.

No aspecto do lazer, os gráficos a seguir auxiliam na análise do acesso às atividades culturais e esportivas e da sua frequência. Do mesmo modo, apresentam respostas significativas para o entendimento do uso do tempo livre pelos jovens de Oiticicas. O gráfico 8 traz informações acerca das atividades de lazer praticadas pelos jovens de Oiticicas.

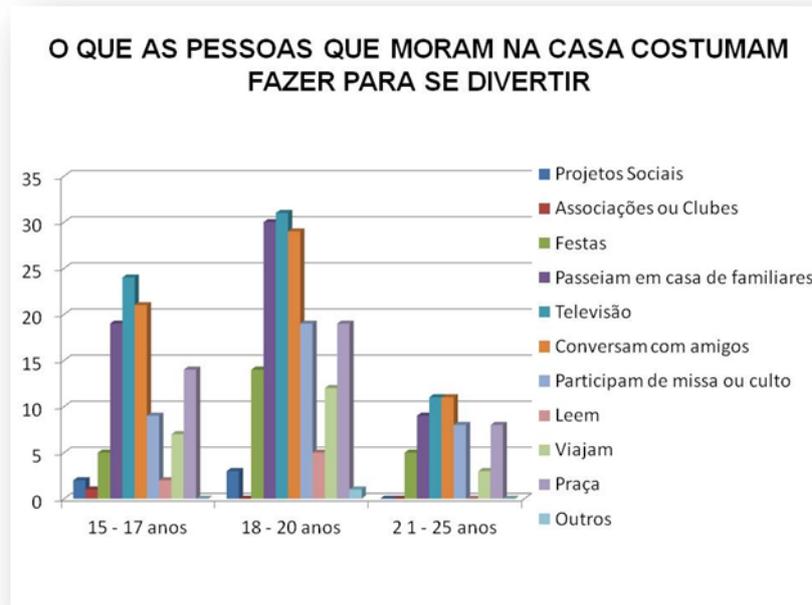
Gráfico 8



Fonte: Elaborado por Joana Pereira Brito a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

Em todas as faixas etárias, vê-se um predomínio da televisão como principal atividade de lazer. Em média, 85% relataram que assistem à televisão regularmente. Em segundo lugar, com 57%, aparece a conversa na praça como atividade de lazer. Atividades esportivas e banhos em rio/açude aparecem com 42% e 38% respectivamente. Em contraponto, a frequência em praias e *lan house* somam, juntas, 38%. A prática de artes marciais e a assiduidade em cinema tiveram os menores índices, uma vez que juntos somaram apenas 6%. Esses dados confirmam que a vida social da juventude do campo se reduz, em grande parte, a encontros com familiares e amigos em praças públicas, além de esportes (que, na maioria, se resumem ao futebol) nos fins de semana (CARNEIRO, 2004). O gráfico abaixo reforça esta verificação.

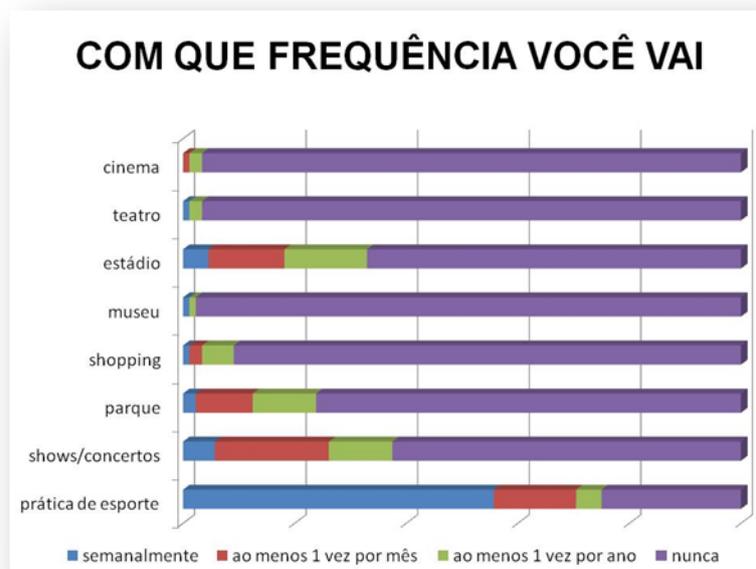
Gráfico 9



Fonte: Elaborado por Joana Pereira Brito a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

Quanto à frequência em atividades culturais o Gráfico 9 exibe dados que comprovam quão grande é a carência de acesso à cultura na esfera rural.

Gráfico 10



Fonte: Elaborado por Francisco Jahannes dos Santos Rodrigues a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

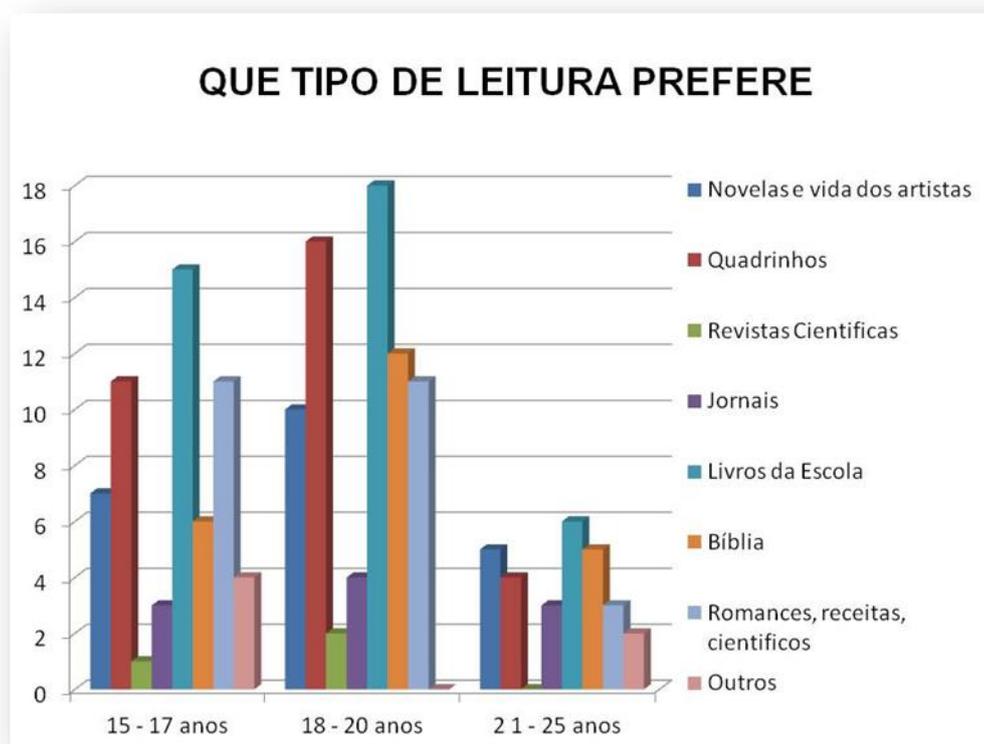
Espaços de cultura e lazer como cinema, teatro, museu e shopping tiveram os menores índices relacionados à frequência. Por volta de 96% dos jovens relataram que nunca foram a esses espaços. O cinema e o shopping mais próximos de Oiticicas ficam no município de Sobral, que dista 130 quilômetros da pequena vila. Os museus não são comuns na Serra da Ibiapaba. Existem apenas alguns memoriais em cidades específicas, e todos são destinados a sacerdotes ou instituições católicas. Em Viçosa, encontra-se o segundo teatro mais antigo do Ceará. O Teatro Pedro II foi fundado em 1909 e atualmente é pouco utilizado para performances teatrais. Os poucos esquetes e peças apresentados nesse espaço são montados por grupos de teatro local ou escolas do município. Esses espaços de cultura e de lazer ficam, na sua totalidade, fora do espaço geográfico de Oiticicas, dificultando assim o acesso.

As atividades que tiveram o maior índice de frequência foram as do campo esportivo, tendo como principal representante o futebol. 55% dos jovens disseram que praticam esportes pelo menos uma vez por semana. Essa prática esportiva acontece no ginásio da Escola Allan Kardec, na escola de Ensino Fundamental do município e nas ruas da Vila. Outro esporte crescente em Oiticicas é a capoeira, que tem se disseminado através do trabalho de mestres de capoeira de Viçosa do Ceará que dedicam um dia na semana para dar aulas a crianças e jovens.

Outra questão que considero significativa é o envolvimento dos jovens oiticiquenses com a leitura e o seu acesso à informação. Quando perguntados sobre quantos livros, em média, eles leem por ano, cerca de 30% disseram que liam um livro, 34% afirmam que leem de dois a cinco livros por ano e 22% relataram que leem mais de cinco livros por ano. Apenas 14% dos jovens responderam que durante o ano não liam nenhum livro.

Ao analisar o gráfico abaixo, que mostra o tipo de leitura preferido pelos jovens, fica claro que o livro didático é o mais utilizado nas suas leituras, seguido das revistas em quadrinhos. Considerando o uso diário do livro didático na escola, pode-se crer que a maioria dos jovens de Oiticicas tem um maior contato com a leitura na escola. A leitura de bíblia tem a adesão de apenas 26% dos jovens que responderam ao questionário.

Gráfico 11

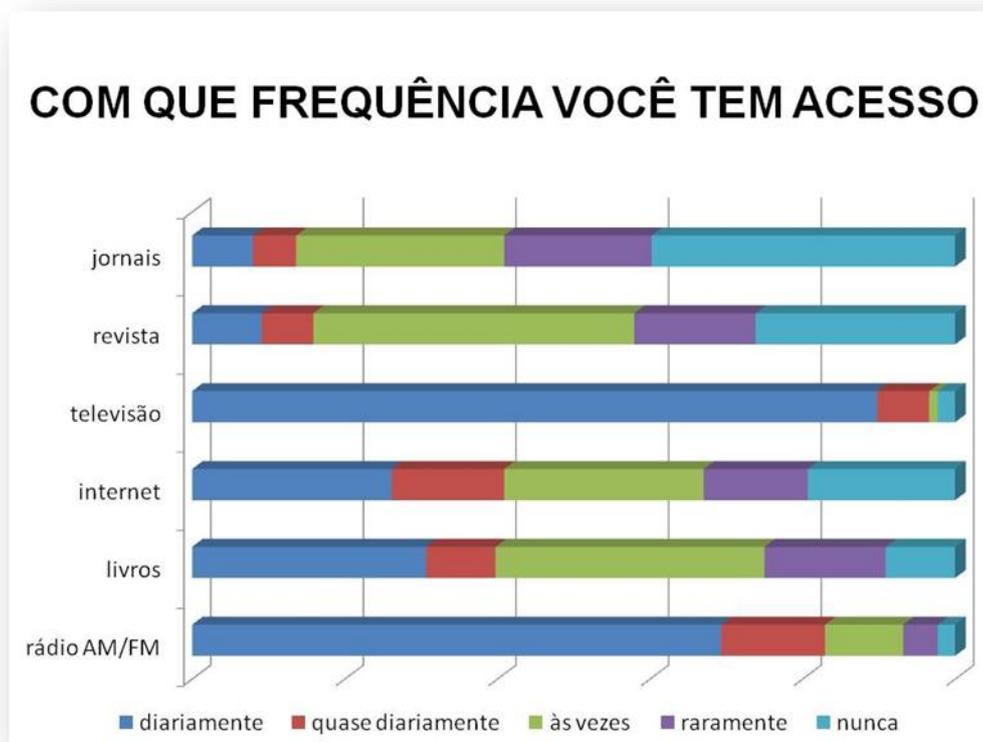


Fonte: Elaborado por Joana Pereira Brito a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

No que diz respeito à frequência de acesso a informação, 90% dos jovens oiticiquenses relataram que usam diariamente a televisão e o rádio para obter informações. Revistas e jornais impressos são os meios de comunicação utilizados com menos frequência, uma vez que 65% disseram que utilizam esse recurso raramente ou nunca utilizaram.

A utilização da internet tem uma frequência razoável para os padrões e condições de acesso em Oiticicas. Isso, porque a internet que chega à pequena vila é transmitida via rádio, portanto sua qualidade de acesso é muito baixa. A conexão é muito lenta inviabilizando a visualização de e a interação com alguns *sites* da rede. Outros motivos, como o baixo índice de computadores na Vila, inviabilizam a interação da juventude de Oiticicas com o mundo digital. Dos jovens que responderam ao questionário, apenas 11% afirmaram ter computador em casa. Os outros 89% recorrem à *lan house* e ao CEPD, que possui um laboratório de informática aberto ao público. Nas escolas, esse acesso é um pouco mais restrito pela falta de equipamento suficiente e de disposição da escola em organizar o uso da internet na escola, para auxiliar ainda mais no processo de inclusão digital. O gráfico abaixo retrata a frequência de acesso a esses meios de comunicação.

Gráfico 12



Fonte: Elaborado por Francisco Jahannes dos Santos Rodrigues a partir dos dados do Questionário Socioeconômico e Cultural

Sobre a participação juvenil em entidades e/ou associações, 38% declaram que participam. Das opções expostas no questionário (ver apêndice C) a que teve um maior número de marcações foi “time de futebol ou clube esportivo”. A propósito de prestarem algum tipo de serviço assistencial, ajuda financeira ou trabalho voluntário, 95% dos jovens responderam que não fazem nenhuma prestação nesse sentido, demonstrando o baixo engajamento social dos jovens oiticiquenses.

Uma visão tradicional de serviço voluntário limita essa atividade a puro assistencialismo. Não há como negar que existe, decerto, um viés assistencialista, porém ações nesse campo promovem formações e oportunizam vivências importantes para o desenvolvimento dos indivíduos na esfera espiritual, cognitiva, afetiva e moral.

No que tange à religiosidade e à espiritualidade dos jovens oiticiquenses, 82% declararam ser católicos. 7% disseram que são católicos, mas não participam de atos religiosos. Esse mesmo percentual representa também aqueles que disseram que acreditam em

Deus, mas não professam nenhuma religião específica. Apenas 4% dos jovens disseram ser protestantes. Em Oiticicas existem uma paróquia, duas igrejas evangélicas e um Centro Espírita. Desses, apenas o Centro Espírita possui atividades que transcendem o ritualismo típico na maioria das religiões. Apesar de muitas famílias participarem dos programas do CEPD, apenas uma minoria se diz espírita. O CEPD não se preocupa com isso, pois o seu objetivo não é de criar um nicho espírita, mas de estabelecer a comunhão e o ideal cristão na comunidade.

No final do questionário socioeconômico e cultural, havia três perguntas: a primeira, que questionava sobre como é ser jovem em Oiticicas; a segunda, se eles gostavam de morar em Oiticicas; e a terceira e última, se eles desejam se mudar para outra cidade.

Para a maioria dos jovens que responderam ao questionário, ou seja, 32% disseram que os jovens de Oiticicas são pessoas boas e felizes, que trabalham e estudam para terem um futuro melhor, enquanto 19% afirmam que os jovens de Oiticicas só querem saber de farra e brincadeira. Já 13% disseram que muitos jovens querem alguma coisa da vida, mas que também existem muitos que só querem brincar. Em seguida, 8% relataram que a maioria dos jovens não querem nada da vida e vivem sem assumir nenhum compromisso com sua melhora. Por outro lado, 3% relataram que o jovem em Oiticicas é livre e vive mais sossegado do que o jovem da cidade. Também com 3%, outros jovens relataram que a juventude oiticiquense era desmotivada pelo falta de trabalho e de oportunidades de crescimento após o término dos estudos. Os que não souberam ou não responderam somaram 22%.

Sobre o fato de gostarem de morar em Oiticicas, 72% disseram que sim, e 17% disseram que não. Os que responderam de modo afirmativo basearam sua resposta na tranquilidade da pequena vila e no fato de ser a sua terra natal. Por outro lado, os que disseram que não gostava de morar em Oiticicas justificaram-se no fato de o clima ser muito quente e seco, além das inúmeras dificuldades existentes na área do trabalho e da educação que inviabilizam o crescimento da população. Apenas 10% não souberam ou não responderam essa questão.

A respeito da vontade de mudar-se para outra localidade, 50% relataram esse desejo, por acreditarem que em outra cidade poderiam encontrar empregos melhores, além de poderem fazer uma faculdade. Noutro sentido, 39% afirmaram que não desejam sair de Oiticicas por estarem acostumados com a tranquilidade da região e por ser sua terra natal. Não souberam ou não responderam apenas 10%.

Os aspectos aqui citados ajudam a esboçar um retrato da juventude em Oiticicas, além de demonstrar que, de um modo geral, ela não diferencia muito das características e especificações da juventude rural no Brasil. A partir desse questionário, ficam evidenciados direitos que não são garantidos e aspirações juvenis. Esse retrato auxilia no entendimento da realidade juvenil de Oiticicas, bem como aponta alguns focos problemáticos que emperram o desenvolvimento pleno da juventude oiticiquense.

3. DOCTRINA ESPÍRITA EM MOVIMENTO

Neste capítulo, proponho-me a problematizar o conceito de Espiritismo, apresentando-o sob duas vertentes: como doutrina e como movimento social. Inicialmente, organizei um breve histórico da Doutrina Espírita, dividindo-o em duas partes: os precursores e o trabalho de Allan Kardec. Na primeira parte, apresento as personalidades que, através de suas habilidades e estudos na área dos fenômenos psíquicos, ajudaram direta e indiretamente na sistematização da Doutrina Espírita. Na segunda parte, descrevo a vida de Kardec, desde sua formação inicial no instituto de Yverdon, até seus estudos e pesquisas para a codificação da Doutrina Espírita, que resultou em diferentes obras. Procuo esclarecer o conceito, a finalidade e as contribuições da Doutrina Espírita para a humanidade, destacando seu tríplice aspecto: ciência, filosofia e religião.

Em um segundo momento do capítulo, faço uma discussão de como o Movimento Espírita pode ser encarado, também, como um movimento social, através de um debate com diversos autores que estudam os chamados “Novos Movimentos Sociais” (NMS). Trago o conceito, as características e a estrutura organizacional do Movimento Espírita, a fim de identificar, compreender e esclarecer quais as demandas desse movimento. Farei isso, no entanto, sabendo que o tema é polêmico, pois o campo teórico acadêmico que trata dos movimentos sociais ainda não incorporou, de forma mais orgânica, a concepção de que o Espiritismo não é apenas mais uma religião organizada.

3.1 Os precursores do Espiritismo

A partir do estudo sério e comprometido da Doutrina Espírita, constatei que Kardec não foi o único responsável por estudos, experimentações e pesquisas nesse âmbito. Como o próprio Kardec relata, na Introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, as ideias espíritas têm raízes desde Sócrates, percorrendo toda a história da humanidade. Seria necessária uma obra específica para tratar de tal histórico, portanto, limito-me a descrever brevemente sua trajetória a partir do século XVIII, destacando as personalidades de médiuns como: Emanuel Von Swedenborg, Edward Irving, Andrew Jackson Davis e a família Fox, mas tendo ciência de que muitos outros contribuíram para o advento do Espiritismo.

Relatos de fenômenos “sobrenaturais” são comuns na história da humanidade, mas, a partir do século XVIII, tais fenômenos se intensificaram e chamaram cada vez mais a atenção da sociedade. A complexidade, a diversidade e o modo como aconteciam esses fenômenos atraíram olhares mais atentos de cientistas e de pensadores da época, conforme pode ser visto na obra *História do Espiritismo* de Arthur Conan Doyle.

De acordo com o pesquisador inglês, que ficou famoso pela criação do personagem Sherlock Holmes no século XVIII, por volta de 1744, a atenção da sociedade européia voltou-se para Emanuel von Swedenborg. Nascido em Estocolmo, Suécia, Swedenborg estudou matemática, mecânica, astronomia, geologia, mineralogia, além de um ter um hábil conhecimento de latim, grego, inglês e hebraico. A fim de ampliar seus conhecimentos, visitou diversos países, como Alemanha, França, Holanda e Inglaterra. Atuou como zoologista, anatomista, financista e político.

Dentre o vasto campo de estudos no qual trabalhava, Swedenborg dedica-se de modo intenso aos seus estudos sobre a anatomia humana, buscando encontrar a fonte ou morada da alma. Swedenborg acreditava que o corpo obedecia aos comandos da alma e que descobrir como essa relação acontecia era de grande importância para entender a vida humana. Percebera que os métodos da época eram insuficientes para provar, entender e explicar tal relação:

Com respeito à alma e suas várias faculdades, não me parece possível que possam ser explicadas ou compreendidas através de alguma das leis de movimento conhecidas; nosso estado de ignorância é tal, que não sabemos se os movimentos pelos quais a alma opera sobre os órgãos do corpo podem se resumir a uma simples lei, seja ela semelhante ou diferente das leis da mecânica (SWEDENBORG, citado por TROBRIDGE, 1998, p. 47).

Essa dificuldade metodológica encontrada por Swedenborg fê-lo publicar em diversos livros seus experimentos e suas conclusões. Essas obras têm caráter fisiológico, teológico e filosófico. Mas o que mais chamou a atenção do público foi a sua capacidade de comunicar-se com os espíritos. Swedenborg relata que sua visão espiritual foi aberta em 1743, mas apenas em 1745 pôde dialogar diretamente com os anjos. (TROBRIDGE, 1998, p. 71).

Na obra *O céu e as suas maravilhas e o inferno segundo o que foi ouvido e visto*, relata como eram suas experiências:

Fui interiormente elevado nessa luz, por graus; e à proporção que eu era elevado, meu entendimento era iluminado a tal ponto que eu percebia coisas que não tinha percebido antes e, finalmente, coisas que não poderiam mesmo ser compreendidas pelo pensamento segundo a luz natural (SWEDENBORG, 1987, p. 42).

[...] o mundo dos Espíritos, do céu e do inferno, abriu-se convincentemente para mim, e aí encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de todas as condições. Desde então diariamente o Senhor abria os olhos de meu Espírito para ver, perfeitamente desperto, o que se passava no outro mundo e para conversar, em plena consciência, com anjos e Espíritos. (SWEDENBORG, citado por DOYLE, 1926, p. 35)

Diversos registros foram feitos dos casos que envolviam a vidência de Swedenborg. O mais conhecido foi o caso de Gothenburg no ano de 1759, presenciado por diversas pessoas em um jantar. Swedenborg prevê e descreve um incêndio na cidade de Estocolmo. Tal incidente aconteceu poucas horas após sua visão. Esse caso foi investigado pelo filósofo Imanuel Kant.

Em suas experiências fora do corpo, Swedenborg relatava com detalhes como era o mundo espiritual. Descrevia sua arquitetura, costumes, ciência, alimentação, práticas artísticas e como funcionavam instituições como escolas e bibliotecas. Explicou que o mundo espiritual era comparado à esfera e que se organizava pelo grau de luminosidade e perfectibilidade. Relatou como se dava o momento da morte e como as almas eram recebidas nessas esferas.

Essas e outras revelações advindas da vidência de Swedenborg chocaram a sociedade europeia, sendo ele taxado, por muitos, de louco. Sua vidência e seu empenho na busca da alma fez de si um pioneiro dos estudos psíquicos. Suas obras *Céu e Inferno*, *A nova Jerusalém* e *Arcano Celestial* descrevem e buscam esclarecer, a partir de uma análise teológica e filosófica, aquilo que experimentava e vivenciava através de sua vidência. Desencarnou em 22 de março de 1772, em Londres, cidade onde morou por muitos anos e na qual eclodiu sua mediunidade.

Doyle (1960) informa que, entre os anos de 1830 e 1833, encontramos destaque nos fenômenos psíquicos de Edward Irving. Protestante escocês chamava a atenção pelas suas

pregações evangélicas frutos de fenômenos de psicofonia⁹ e de voz direta¹⁰. Tais fenômenos ocorriam em sua igreja e envolviam também outras pessoas. Na época, havia boatos de que os membros de sua congregação ficavam possessos em seus lares. No ano de 1831, em um culto rotineiro, alguns membros começaram a repassar comunicações psicofônicas interrompendo as atividades da igreja. Os gritos dos “possessos” despertaram certo desconforto em alguns presentes gerando uma repercussão negativa na mídia impressa da época.

Os homens e mulheres que participaram desse episódio foram taxados de heréticos, pois muito dos ensinamentos pregados durante os fenômenos de psicofonia e de voz direta fugiam da ortodoxia da igreja. Tal situação causou um grande conflito entre os membros. Muitos começaram a acreditar que realmente estavam possuídos pelo demônio, enquanto outros não compactuavam com a ideia de que os discursos psicofônicos eram diabólicos. Esses desentendimentos que ocasionaram posteriormente uma dissensão dos membros e uma forte pressão social contra o acontecido forçaram Irving a fechar sua igreja.

Em 1833, foi excomungado junto com seus partidários. Ele ainda fundou outra igreja em um espaço cedido pelo socialista e filantropo Robert Owen. Nessa nova igreja, Irving tinha a liberdade de reunir seus fiéis partidários de suas práticas. Irving não estudou ou escreveu sobre a natureza e a finalidade desses fenômenos, mas tais acontecimentos serviram para entrecruzar o trabalho de Swedenborg com outro personagem importante: Andrew Jackson Davis.

Nascido em 1826, nos Estados Unidos, Andrew Jackson Davis, desde cedo, viu os seus “poderes psíquicos” se desenvolverem. Ouvia vozes nos campos próximos de casa e essas sempre lhe davam bons conselhos. Além da capacidade de ouvir tais vozes, Davis também percebeu a sua capacidade de clarividência¹¹ e de clariaudiência¹².

A princípio, Davis desenvolveu sua habilidade de clarividência em momentos de puro divertimento e descompromisso, em que, de olhos vendados, adivinhava cartas e horas

⁹ Entende-se por psicofonia a transmissão do pensamento dos espíritos pela voz de médium. “O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas idéias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência.” (KARDEC, 2003, p. 242)

¹⁰ Comunicação verbal e direta dos espíritos sem o uso do aparelho fonador do médium. Seria como se escutássemos diretamente nos ouvidos, como sopra, a voz dos espíritos.

¹¹ “Faculdade de ver sem auxílio dos órgãos da visão. É uma faculdade inerente à natureza mesma da alma ou do Espírito, e que reside em todo o seu ser. Por isso, em todos os casos em que há emancipação da alma, o homem tem percepções independentes dos sentidos. No estado corpóreo normal a faculdade de ver é limitada pelos órgãos materiais; desprendida desse obstáculo, ela não mais se acha circunscrita; estende-se por toda a parte onde a alma exerce a sua ação. Tal é a causa da visão à distância, de que desfrutam certos sonâmbulos. Vêm-se no próprio local que observam, ainda que a milhares de quilômetros, porque, se ali não se acha o corpo, a alma realmente está. Pode, pois, dizer-se que o sonâmbulo vê pela luz da alma” (KARDEC, 1995, p. 194).

¹² Faculdade de ouvir sem auxílio dos órgãos da audição.

em relógios. Mais adiante em companhia do Sr. Livingstone focou o seu “dom” no trabalho de diagnosticar doenças em diversas pessoas.

Livingstone, a princípio, usou Davis para diagnósticos médicos. Descrevia como o corpo humano se tornava transparente aos seus olhos espirituais, que pareciam funcionar do centro de sua testa. Cada órgão aparecia claramente e com uma radiação especial e peculiar, que se obscurecia em caso de doença (DOYLE, 1960, p.60).

A classe médica da época acusou Davis de charlatanismo, afirmando que seus métodos de diagnosticar enfermidades abriam precedentes à prática da medicina sem formação acadêmica específica. As visões de Davis, no entanto, não se limitavam a acontecimentos em sua presença. Tinha também a capacidade de visualizar fatos distantes de onde estava, como uma espécie de mensageiro que via fatos e voltava a si para retratar aos presentes o que tinha visto. Mas todos esses fenômenos vivenciados por Davis não se diferenciavam muito das experiências psíquicas anteriores. Foi quando, em março de 1844, ocorreu um novo episódio que traria novos rumos à compreensão desses fenômenos.

Na tarde de 6 de março de 1844, Davis foi subitamente tomado por uma força que o fez voar da pequena cidade de Poughkeepsie, onde vivia, e fazer uma pequena viagem no estado de semitransê. Quando voltou à consciência, encontrava-se entre montanhas agrestes e aí, diz êle, encontrou dois anciãos, com os quais entrou em íntima e elevada comunhão, uma sôbre medicina e outra sôbre moral. Estêve ausente tôda a noite; e quando indagou de outras pessoas na manhã seguinte, disseram-lhe que tinha estado nas Montanhas de Catskill, a cêrca de quarenta milhas de casa (DOYLE, 1960, p.61).

Poderíamos dizer que tal experiência foi fruto de um sonho, mas duas coisas chamavam a atenção: a riqueza de detalhes da viagem às montanhas e a real identidade dos anciãos. Após sair do transe Davis consegue identificar seus dois mentores como sendo o filósofo e médico grego, Cladius Galeno e o também filósofo e pensador sueco Emanuel Swedenborg.

O fato de ter relatado que, em sua experiência extracorpórea, entrou em contato com Galeno e Swedenborg, aponta pela primeira vez que as almas ou seres invisíveis que se comunicavam eram de homens que já haviam vivido na Terra, ou seja, os “mortos” podiam, sim, comunicar-se com os “vivos”.

Também por volta de 1844, no vilarejo de Hydesville, estado de Nova York, Estados Unidos, fenômenos não menos intrigantes aconteceram. Esses agora envolviam três irmãs da humilde família Fox. Tal fenômeno acontecia com batidas ordenadas por meio das quais o ser invisível respondia a perguntas simples feitas pelas irmãs Fox. Depois de um tempo, elas improvisaram um alfabeto com o qual o ser invisível respondeu a questões relacionadas a quem ele era e como tinha morrido. O espírito se identificou como Charles B. Rosma, mascote que foi assassinado pelos Bells, antigos moradores da cabana.

Uma comissão investigativa assumiu o caso colhendo posteriormente o depoimento dos membros da família Fox e confrontando-os para analisar se houve fraude. Esse caso foi divulgado na imprensa da época tendo sua veracidade reconhecida por muitos estudiosos.

Os fenômenos que envolviam as características de batidas, ruídos e elevação de objetos foram observados primeiramente na América. Mas, em pouco tempo, estes fenômenos também foram reconhecidos na Europa, onde receberam vulgarmente o nome de **mesas girantes** ou **dança das mesas**. Kardec (2003, p. 91) tece o seguinte comentário a respeito das mesas girantes.

O efeito mais simples, e um dos primeiros que foram observados, consiste no movimento circular impresso a uma mesa. Este efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa o móvel com que, pela sua comodidade, mais se tem procedido a tais experiências, a designação de mesas girantes prevaleceu, para indicar esta espécie de fenômenos.

Na França, esses fenômenos se destacam principalmente nos salões festivos. Mas o pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail vê nesses algo que iria além de uma mera manifestação psíquica.

3.2 Kardec e a codificação da Doutrina Espírita

Entre os séculos XVIII e XIX, aconteceram grandes transformações nos campos científico, filosófico, tecnológico, político, sociológico e teológico. O desenvolvimento de pesquisas a partir das ideias de Isaac Newton e de Charles Darwin, o desenvolvimento tecnológico e o surgimento e a estruturação de diversas novas áreas do conhecimento, o

Iluminismo, o Positivismo, o Racionalismo, o Evolucionismo, o Cientificismo e o Materialismo marcam esse período em que a razão se sobrepõe a religiosidade.

É nesse cenário que nasce, em 03 de outubro de 1804, na cidade Lyon, França, Hippolyte Léon Denizard Rivail. Filho de uma família de magistrados, Rivail inicia seus estudos em Lyon, mas, ainda moço, é encaminhado para estudar em Yverdun, Suíça, no instituto pedagógico do célebre educador Johann Heinrich Pestalozzi.

Ao lado de Pestalozzi, Rivail teve a oportunidade de vivenciar novos métodos de ensino e aprendizagem, que se baseavam em “educar a cabeça, o coração e as mãos”¹³. Por muitas vezes, Rivail substituiu Pestalozzi na direção da escola, quando o mestre de Yverdun saía em viagem para outros países. Rivail mostra-se, desde cedo, um discípulo dedicado em aprender com o mestre. Isso fica evidente na sua formação, pois ficou conhecido como pedagogo. Era bacharel em Letras e conhecia e falava diversas línguas, como o alemão, o inglês, o italiano, o holandês e o espanhol.

Rivail sempre trabalhou e lutou por uma educação de qualidade e para todos. Uma educação que atendesse as necessidades reais dos indivíduos. Com esse intuito, Rivail tinha o sonho de construir, na França, um instituto técnico nos mesmos moldes do instituto de Yverdun.

Apesar de não ter concretizado o sonho de estruturar um instituto, Rivail não deixou de atuar consideravelmente na esfera pedagógica. Entre os anos de 1828 e 1848, publicou¹⁴: *Plano Proposto para o aperfeiçoamento da Instrução Pública* (1828); *Curso Prático e Teórico de Aritmética* (1829); *Gramática Francesa Clássica* (1831); *Qual o Sistema de Estudo que mais se Harmoniza com as Necessidades da Época*¹⁵ (1831); *Catecismo Gramatical de Língua Francesa* (1848). Já entre os anos de 1835 e 1840, estruturou, em sua própria casa, cursos gratuitos de química, física, anatomia comparada e astronomia. E, em 1849, dirige, no Lycée Polimathique filosofia, astronomia, física, química.

¹³ “Com a prática do método intuitivo, o educador desenvolveria, nos meninos e meninas, uma educação integral, que lhes permitiria aprimorar as habilidades do coração, da cabeça e das mãos (PESTALOZZI, 2006a e b). Dessa maneira, seria possível obter um desenvolvimento harmonioso porque o coração representava o amor, a bondade e o carinho; a cabeça, o conhecimento e a aprendizagem; enquanto as mãos representavam que as atividades escolares seriam realizadas mediante a experiência e através de material concreto. Ainda que Pestalozzi tenha sofrido grande influência de Rousseau quanto à importância do aspecto sentimental, ele acrescentou a este a inteligência e a experiência. Consequentemente, considerou que somente por meio dos três aspectos seria possível obter um desenvolvimento harmonioso do ser humano” (DURÃES, 2011, p.472).

¹⁴ Não se sabe ao certo a quantidade de obras publicadas por Kardec. As obras acima citadas foram as que mais tiveram influência na esfera educacional francesa no século XIX.

¹⁵ No ano de 1831, Rivail foi doutorado na Academia Real de Assis, onde defendeu este estudo.

Paralelamente às suas atividades pedagógicas, Rivail dedica-se também à leitura e análises de casos relacionados ao magnetismo e sonambulismo. Fez um curso prático de magnetismo animal com o Barão Du Potet, que era chefe da escola magnética da França. O que mais chamou a atenção de Rivail foi a possibilidade do uso do magnetismo como recurso terapêutico.

Em seus estudos no campo do magnetismo o professor Rivail fez diversas amizades. No ano de 1854, um dos seus colegas de estudos, o Sr. Fortier, apresenta novos argumentos na teoria do magnetismo. Fortier diz a Rivail que “Parece que não são somente os indivíduos que se magnetizam, mas as mesas que se fazem girar e caminhar à vontade” (KARDEC, 2006). A primeira vista Rivail não deu muita atenção a Fortier alegando que não seria totalmente impossível tal acontecimento, pois os fluidos magnéticos poderiam sim mover corpos inertes. Tempos depois, Fortier volta a encontrar Rivail, mas agora com um novo argumento. Disse ele “Eis que é muito mais extraordinário; não só se faz a mesa girar magnetizando-a, mas a faz falar; interrogada ela responde” (KARDEC, 2006). Depois desse novo relato, Rivail se mostrou surpreso e não alegou a possibilidade de esses fenômenos terem outra causa, ou seja, uma causa inteligente.

No ano seguinte, Rivail pôde testemunhar esses fenômenos. A convite do Sr. Pârtier, visitou a casa da Sra. Plainemaison a fim de observar mais atentamente esse fenômeno.

Foi lá, pela primeira vez, que fui testemunha do fenômeno das mesas girantes, e isso em condições tais que não me era mais possível a dúvida. Vi também algumas tentativas, muito imperfeitas, de escrita medianímica, sobre uma ardósia, coma ajuda de uma cesta. As minhas ideias estavam longe de ser detidas, mas havia ali um fato que deveria ter uma causa. Entrevi, sobre essas futilidades aparentes e a espécie de jogo que se fazia desses fenômenos, alguma coisa de séria, e como a revelação de uma nova lei, que me prometia aprofundar (KARDEC, 2005, p. 258).

Rivail conclui que todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, portanto, aquele evento não poderia ser ignorado, e sim estudado. Em seguida, surgem dois questionamentos: Qual a natureza dessa inteligência? Qual a finalidade desses eventos? Buscando respostas, o professor Rivail foi, a convite do Sr. Baudin, a uma das reuniões que este mantinha semanalmente em sua própria casa. Rivail mostrou-se assíduo e interessado nas

reuniões, e, como um grande pesquisador, buscou prudência e engajamento científico para compreender tais fenômenos.

Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método da experimentação; jamais ocasionei teorias preconcebidas: observava atentamente, comparava, deduzia as consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, pela dedução e o encadeamento lógicos dos fatos, não admitindo uma explicação como válida senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão (KARDEC, 2005, p. 259).

Em suas observações iniciais, Rivail constatou: 1º - aqueles seres invisíveis nada mais eram do que espíritos de homens que já tinham vivido na Terra; 2º - como as comunicações advêm de espíritos dos homens, estes não tinham a sabedoria absoluta (esta constatação auxiliou Rivail a não formular teorias prematuras); 3º - as comunicações provavam a existência de um mundo espiritual, possibilitando, assim, campo vasto para exploração e estudo sobre sua natureza e costumes; 4º - A observação feita nas comunicações o fez perceber a pluralidade de espíritos, ou seja, as falas destes transpareceram diferenças morais e intelectuais.

A partir dessas observações iniciais, o professor Rivail resolveu dedicar-se seriamente ao seu estudo. Mudou-se o caráter das reuniões, atraindo, agora, pessoas sérias e comprometidas com a análise e estudo dos fatos. As perguntas fúteis dos salões deram lugar a questionamentos mais amplos, complexos e sérios sobre diversos aspectos da vida humana.

[...] comecei ali a procurar resolver os problemas que me interessavam do ponto de vista da filosofia, da psicologia e da natureza do mundo invisível; chegava a cada sessão com uma série de perguntas preparadas, e metodicamente arrumadas; elas eram sempre respondidas com precisão, profundidade, e de maneira lógica (KARDEC, 2005, p. 260).

As questões metodicamente organizadas e recolhidas nesse processo foram compiladas em um denso e instrutivo texto. Rivail percebeu que seu conteúdo tomou corpo de uma doutrina e resolveu publicar para que pudesse servir de instrução às pessoas do mundo todo. Mas, antes de publicar, Rivail procurou dar uma maior consistência à obra. No ano de 1856, entrou em contato com mais de dez médiuns de diferentes localidades, propondo a todos as mesmas questões estudadas na casa da família Baudin. Foi nesse processo de

observação, comparação, fusão e reflexão sobre as respostas adquiridas que o professor Rivail lançou, em 18 de abril de 1857, a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*.

Nela, a obra continha 501 perguntas e respostas. Posteriormente, foi editado com 1018 questões. As questões adicionadas por Rivail também passaram pelos mesmos critérios que originaram seus estudos. Ao publicar essa obra, Rivail decide adotar e assinar suas produções com o pseudônimo de Allan Kardec¹⁶.

A publicação de *O Livro dos Espíritos* representa o nascimento do Espiritismo. Inicialmente, o Espiritismo nasce com características essencialmente científicas. Focando-se, de início, nos fenômenos espirituais e na investigação de sua natureza, Kardec dedica-se às experimentações, direcionado sempre pelos métodos analíticos e dedutivos. Sua definição inicial é que “o Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos espíritos e de suas relações com o mundo corporal” (KARDEC, 2005, p. 55).

De forma concomitante com as suas constatações científicas, Kardec também observa que o Espiritismo possui aspectos filosóficos. Foram submetidas aos espíritos questões de teor filosófico como: Que é Deus? De onde viemos? Para onde vamos? Por que estamos na Terra? Quais as causas das aflições humanas? Existe vida após a morte? Se existe, como é a vida nesse plano espiritual? As respostas a essas perguntas vinham de modo direto e racional colaborando com o debate sobre a finalidade da vida e a destinação do espírito humano após a morte do corpo físico. A análise e a interpretação dos resultados obtidos nos experimentos de Kardec fizeram emergir uma filosofia espírita.

No tocante ao aspecto filosófico, o desenvolvimento atual das investigações mostram a posição acertada do Espiritismo como doutrina assistemática, "livre dos prejuízos de espírito de sistema", como declara "O Livro dos Espíritos", utilizando a conjugação dos métodos indutivo e dedutivo para o esclarecimento da realidade em seu duplo sentido: o objetivo e o subjetivo. A Filosofia Espírita se apresenta como antecipação das conquistas atuais do campo filosófico e abertura de perspectivas para o futuro. (PIRES, 1983, p. 11)

¹⁶ Os reais motivos que levaram Rivail a mudar seu nome para Allan Kardec ainda não são claros. Fontes indicam que o nome Allan Kardec foi sugerido pelo espírito Zéfiro (seu mentor e protetor), que informou ter sido uma de suas identidades em uma vida passada. Outras fontes indicam que Rivail assinou como Allan Kardec para que sua obra não fosse apenas reconhecida pelo fato de ter sido escrita pelo grande Hippolyte Léon Denizard Rivail. Segundo essas fontes, era um costume de alguns escritores franceses a adoção de um pseudônimo para assinar suas obras. Sendo assim Kardec resolve utilizar o nome sugerido por Zéfiro, seu espírito protetor.

Mais adiante, Kardec viu que as verdades trazidas pelos espíritos superiores¹⁷ estavam entrelaçadas a consequências morais e conceitos religiosos. As mensagens dos espíritos traziam apontamentos racionais que auxiliariam na ligação do Homem a Deus. Como um pesquisador prudente e sério, Kardec interpretou estas máximas trazidas pelos espíritos pautando-se na racionalidade filosófica e com crivo científico.

Do ponto de vista religioso o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras, sendo, porém, independente de qualquer culto em particular. Seu objetivo é provar àqueles que negam, ou que duvidam, que a alma existe, que ela sobrevive ao corpo e que sofrem após a morte, as consequências do bem ou do mal que praticar durante a vida corpórea: o objetivo de todas as religiões. (KARDEC, 1995, p. 27)

O que diferencia o Espiritismo de outros credos religiosos é o fato de não adotar cultos e dogmas em sua estrutura. Kardec (1995, p. 27) comenta que “O Espiritismo, independente de qualquer forma de culto, não aconselhando nenhum e não se preocupando com dogmas particulares, não constitui uma religião especial, pois não possui nem sacerdotes nem templos.”. O Espiritismo traz um novo paradigma religioso, no qual o conceito de religião não está atrelado ao uso de culto, sacerdotes, dogmas, rituais e hierarquias, mas à busca profunda e incessante de ligação com o divino. O Espiritismo traz uma fé raciocinada, sem mitos e misticismos. Uma fé que se respalda na máxima “fora da caridade não há salvação”, ou seja, que estimula a formação do Homem de bem através da prática da solidariedade, fraternidade e trabalho constante em prol do próximo.

Lourenço (1991, p.35), tratando da contribuição do Espiritismo à religiosidade humana, assinala:

O Espiritismo, longe de ser um adversário da religião, é uma poderosa alavanca para o erguimento desta em todas as consciências, pois não só a sua filosofia ricamente consoladora, como os fatos que vêm reforçar sua

¹⁷ “Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor do bem: são os anjos ou puros Espíritos. Os das outras classes se acham cada vez mais distanciados dessa perfeição, mostrando-se os das categorias inferiores, na sua maioria, eivados das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc. Comprazem-se no mal. Há também, entre os inferiores, os que não são nem muito bons nem muito maus, antes perturbadores e enredadores, do que perversos. A malícia e as inconseqüências parecem ser o que neles predomina. São os Espíritos estúrdios ou levianos” (KARDEC, 2004, p. 32).

veracidade, o atesta exuberantemente, sem que até agora pudessem ter sido contestados.

Ainda sobre os contributos do Espiritismo à fé humana e contra o materialismo reducionista, Ângelis (1987, p. 42) discorre que:

[...] o Espírito voltou a ser conceituado e tido na sua legítima acepção, demonstrando, pela insofismável linguagem dos fatos, a realidade, em rigoroso apelo ao pensamento e à razão, no sentido de fazer ressurgir a ética religiosa do Cristianismo. Através desse renascimento cristão, opõe-se uma barreira ao materialismo e aponta-se ao que sofre o infinito horizonte do amanhã ditoso que espera após vencidas as dificuldades do momento, superadas as limitações, espírito que é, em marcha na direção da verdade.

No que tange à essência cristã da Doutrina Espírita, Kardec (1995, p. 27) esclarece:

Como moral é essencialmente cristão porque a doutrina que ensina nada mais é que o desenvolvimento e a prática daquela do Cristo, a mais pura dentre todas, cuja superioridade ninguém contesta, prova evidente de que é a expressão da lei de Deus. Ora, a moral está ao alcance de todos.

Assim como o Cristo disse: ‘Não vim destruir a lei, porém cumpri-la’, também o Espiritismo diz: ‘Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução’. Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda a gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra.

Assim, o Espiritismo se organiza de modo trino como ciência, filosofia e religião. Kardec (1995, p. 12) faz a seguinte observação sobre o tríplice aspecto do Espiritismo:

O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas conseqüências morais que decorrem dessas relações.

Emmanuel (2013, p. 9-10), a respeito do tríplice aspecto do Espiritismo, aponta:

Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais. A ciência e a filosofia vinculam à terra essa figura simbólica, porém, a religião é o ângulo divino, que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam ao aperfeiçoamento da humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.

Kardec reuniu os seus estudos sobre a Doutrina Espírita em cinco livros conhecidos como Obras Básicas da Codificação. São eles: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno – ou a Justiça de Divina Segundo o Espiritismo* e *A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*.

O Livro dos Espíritos aborda os princípios da Doutrina Espírita reunindo em seu corpo literário fundamentos sobre Deus e seus atributos, imortalidade da alma, pluralidade das existências, vida dos espíritos e sua relação com os homens. Esses ensinamentos foram ditados pelos Espíritos superiores, através da mediunidade de diversos médiuns. A obra se divide em quatro partes: Das causas primárias, Do mundo espírita ou dos espíritos, Das leis morais, Das esperanças e consolações.

Continuando o Pentateuco Kardequiano, temos *O Livro dos Médiuns*. Publicado em 1861, trata das práticas espíritas, destacando as manifestações e fenômenos espíritas, a comunicabilidade com os espíritos, a mediunidade, as dificuldades e os cuidados da prática mediúnica. Em 1864, Kardec publica *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, contendo as máximas morais de Jesus e sua aplicabilidade na vida do homem. Os textos são extraídos dos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, e explicados a partir da ótica espírita.

O livro *O Céu e o Inferno – ou a Justiça de Divina Segundo o Espiritismo*, publicado em 1865, discute o temor da morte, a passagem da vida física à vida espiritual, a vida futura, as penas e gozos futuros. Apresenta a posição da Doutrina frente aos conceitos de céu, inferno, purgatório, anjos e demônios. Seguiram-se também nessa obra, diversos depoimentos de espíritos sobre sua condição além tumulo.

Por último, temos *A Gênese – Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*. Publicada em 1868, a última obra da codificação aborda os seguintes temas em seu corpo literário: o caráter da revelação espírita, Deus, o bem e o mal, o papel da Ciência na Gênese, antigos e modernos sistemas do mundo, uranografia geral (o espaço e o tempo), esboço geológico da Terra – períodos geológicos, teorias sobre a formação da terra, revoluções do

globo, Gênese orgânica, Gênese espiritual, Gênese Mosaica. Também discorre sobre os milagres de Jesus, a teoria da presciência, as predições do Evangelho e os sinais dos tempos.

Kardec também publicou outras obras que complementavam toda a teoria e prática espírita. Organizam-se em ordem cronológica de edição: *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas* (1858); *O que é o Espiritismo* (1859); *Carta sobre o Espiritismo* (1860); *O Espiritismo em sua Expressão mais Simples* (1862); *Viagem Espírita em 1862* (1862); *Resposta à Mensagem dos Espíritas Lioneses por ocasião do Ano Novo* (1862); *Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas, ou Primeira Iniciação* (1864); *Coleção de Composições Inéditas* (1865); *Coleção de Preces Espíritas* (1865); *Estudo acerca da Poesia Medianímica* (1867); *Caracteres da Revelação Espírita* (1868); *Obras Póstumas* (1890).

Organizou, ainda, um periódico mensal intitulado *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos*, que foi editado entre os anos de 1858 e 1869. Nesse periódico Kardec reuniu análises de diversas experimentações com fenômenos espíritas, respostas aos detratores do Espiritismo, estudos aprofundados sobre as mensagens dos espíritos, artigos de outros estudiosos sobre os fenômenos espíritas e comunicações espirituais que tratavam de temas específicos, como, por exemplo, o artigo sobre música celeste assinado pelo espírito de Mozart. Esse periódico foi um forte aliado na divulgação e na difusão da Doutrina Espírita, primeiramente na Europa, passando adiante para o restante dos continentes.

Fundou, em 1º de abril de 1858, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que tinha como objetivo reunir pessoas que estivessem dispostas a estudar a Doutrina Espírita e trabalhar na sua divulgação. Nesse ambiente aconteciam reuniões semanais, em cuja programação constavam, manifestações de espíritos, estudos dos princípios e fundamentos da Doutrina Espírita e análises dos resultados oriundos das experimentações feitas a partir dos fenômenos espíritas. Kardec cita, no livro *Obras Póstumas* (1995, p. 285), que “Essas reuniões ofereciam um grande interesse pelo seu caráter sério, e a alta importância das questões que ali eram tratadas; frequentemente, viam-se ali príncipes estrangeiros e outras personagens de distinção”. A fundação dessa sociedade de estudos é o primeiro passo dado por Kardec na construção e organização do Movimento Espírita, que tinha como seu primeiro objetivo a difusão do Espiritismo a todas as pessoas.

O Espiritismo, como muitos dizem, não é uma novidade criada por Kardec. O próprio Kardec (1995, p.25) afirma isso no livro *O Espiritismo em sua mais Simples Expressão*:

Todavia, o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Os fatos e os princípios sobre os quais ele repousa se perdem na noite dos tempos, pois que deles se encontram traços nas crenças de todos os povos, em todas as religiões, na maioria dos escritores sagrados e profanos; apenas os fatos, incompletamente observados, muitas vezes foram interpretados de acordo com as idéias supersticiosas da ignorância e ninguém havia deduzido todas as suas conseqüências.

O que é novo no Espiritismo são as explicações lógicas e racionais dos casos observados nos fenômenos espíritas. Seu corpo de doutrina com bases científicas, filosóficas e espirituais colabora para a consistência e seriedade das interpretações dos fatos espíritas. Precusores como Franz Anton Mesmer, Emmanuel Swedenborg, Edward Irving, Andrew Jackson Davis, entre outros, contribuíram diretamente com a Doutrina Espírita, dando visibilidade aos fenômenos espirituais, além de iniciar uma abertura na possibilidade de estudos de tais fenômenos.

O objetivo do Espiritismo é promover o progresso moral e intelectual do homem, esclarecer às multidões sobre a dinamicidade da vida. Busca esclarecer que esta não acaba no túmulo, mas se perpetua incessantemente por diversas existências através da reencarnação, e alargar o conhecimento humano visando o aprimoramento e intelectual que, por conseguinte, alcança a compreensão do seu estado atual, dando subsídios para saber o que fazer para se melhorar.

Além de conhecer, o homem deve sentir e praticar o bem. Para isso o Espiritismo se utiliza da moral de Jesus contida nos evangelhos. Auxilia o homem a buscar a fé raciocinada, sem dogmas e véus, para que esta possa encarar e caminhar lado a lado com a razão (KARDEC, 2013). Como religião, o Espiritismo deve possibilitar ao homem meios para poder vir a ser um homem de bem, consciente de si mesmo e de seu papel no universo. O Espiritismo instiga o homem a essa busca, que é natural, a busca do “ser mais”.

O fato de buscar a transformação integral do ser faz do Espiritismo uma doutrina essencialmente pedagógica, pois essa regeneração se dá através de processos educativos modernos que visam à educação integral do ser. O indivíduo, através do Espiritismo, conhece uma nova realidade de mundo e de homem passando a compreendê-los de modo transcendental e integral. Essa nova visão de ser integral que a Doutrina Espírita apresenta faz dela própria um instrumento de ação capaz de atuar em diversas esferas, sejam elas filosóficas, políticas, sociais, científicas, religiosas, ou educacionais.

3.3 O Movimento Espírita como movimento social

Na tentativa de compreender como o Movimento Espírita pode se configurar como movimento social, há de se fazer antes uma reflexão sobre o próprio conceito de movimento social. Quanto à definição conceitual dos movimentos sociais, vale salientar que não existe um consenso nessa questão. Segundo Gohn (2004), em seu livro *Teoria dos Movimentos Sociais*, existe uma heterogeneidade no que tange à conceituação de movimentos sociais, pois existem diversas matrizes teóricas, dentre as quais ressalto o paradigma norte americano (PARSON; BLUMER), o paradigma dos novos movimentos sociais (MELLUCI; TOURAINE) e o paradigma neomarxista (HOBSBAWN; LOJKINE).

Assim, sem a pretensão de esgotar aqui essa discussão, buscarei iniciar essa reflexão sobre o conceito de movimentos sociais a partir de duas matrizes: a clássica e a contemporânea. Essas são apresentadas por Damasceno (2005), no livro *Artesania do Saber: tecendo os fios da Educação Popular*.

A matriz clássica sustenta-se na lógica de que as lutas entre as classes (trabalhadora e proprietária) são responsáveis pela organização do movimento proletariado no combate contra a opressão dos burgueses. Assim os movimentos sociais estão ligados às primeiras manifestações sindicais da sociedade (DAMASCENO, 2005).

Percebe-se que, desde o surgimento das ideias liberais, o Homem tem a sua cidadania reprimida situando-a em uma lógica de mercado e posse. A partir dessa ideia, surgem os direitos civis, com a publicação, em 1789, da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que firmava a propriedade como direito supremo. Era com base nesses pressupostos, que Diderot afirmava que a propriedade faz o cidadão, ou seja, o indivíduo só possui direitos se tiver posses. Um dos principais ideólogos do liberalismo, o filósofo inglês John Locke, defendia a diferenciação dos direitos da classe trabalhadora e dos burgueses, pois acreditava que a classe trabalhadora, acostumada com a enxada e o trabalho pesado não teria condições de ter ideias sublimes, além de não terem capacidade de agir com racionalidade política.

Eles seriam, segundo Locke, incapazes de governar suas vidas por princípio de ordem moral, raramente elevariam seus pensamentos acima de sua substância. Suas ações são desordeiras e ameaçariam a ordem. Por isso eles não poderiam saber, apenas precisavam acreditar. A educação para a

cidadania não fazia parte do universo da classe trabalhadora porque ela não seria cidadã. A igualdade natural, inata entre os homens, seria desfeita no plano da sociedade real, pela desigualdade entre cidadão-proprietário e o não-proprietário. (GOHN, 2009, p. 12)

Com o surgimento do Iluminismo, as concepções supracitadas sofrem algumas mudanças. A ideia de uma reforma política e social através da consciência iluminada, da razão e da liberdade de todos os indivíduos da sociedade traz esperanças às classes “não-proprietárias”, no que tange à conquista da cidadania e de direitos universais. Mas, com o crescimento acelerado do capitalismo, estabelece-se a ideia de um cidadão passivo e instruído apenas para a produção de mercadorias. Diferente da vontade iluminista, que almejava uma educação para a formação de um sujeito livre e com consciência política, social e filosófica pautada na razão, a burguesia estava preocupada com a formação para o trabalho, a produção e o consumo.

A educação volta a ser pensada pelas classes dirigentes como mecanismo de controle social. Os teóricos da economia política a recomendavam para evitar desordens. Adam Smith justifica a necessidade da educação em função da divisão do trabalho. Seria competência do Estado facilitar, encorajar e até mesmo impor a toda população a importância do aprendizado mínimo às necessidades de capital, quais sejam: ler, contar, apreender rudimentos de geometria e de mecânica. O pressuposto básico era de que o povo instruído seria ordeiro, obediente a seus superiores e não presa de credices e superstições religiosas e místicas. (GOHN, 2009, p. 13)

No século XX, surgem novos conceitos de cidadania e de relação de poder, além de se dar o desenvolvimento do neoliberalismo. Historicamente, podemos perceber que as concepções referentes a questões sociais, políticas, educacionais, econômicas e culturais sempre foram elaboradas a partir do ponto de vista do opressor. O crescimento desenfreado do capitalismo, o consumismo exacerbado, as relações frias, superficiais e massificadas entre os indivíduos, o grande contraste na distribuição de renda e o desrespeito à dignidade humana desencadeiam, na sociedade civil oprimida, a vontade de uma mobilização mais organizada para combater de frente essa triste realidade. É desses grupos organizados e mobilizados por um ideal de coletividade que surgem os movimentos sociais.

[...] o sistema capitalista ao concentrar um grande número de trabalhadores num processo produtivo (industrial, por exemplo), sem querer, cria as

condições para a organização sindical, que juntamente com os partidos de esquerda formam os dois principais exemplos de movimento social 'clássico'. (DAMASCENO, 2005, p. 40)

Essa vertente clássica, que defende o surgimento dos movimentos sociais na luta de classe, intensificada a partir do fortalecimento da indústria no final do século XIX e início do século XX não anula e não desconsidera a existência de movimentos e de lutas sociais anteriores a esse período histórico. Teoricamente, essa vertente se aproxima das concepções marxistas de movimentos sociais que, equivocadamente, são vistos como sinônimo do estudo sobre o movimento operário.

Quanto às matrizes teóricas contemporâneas, destaca-se o modelo dos novos movimentos sociais. Trata-se de novas formas de resistências e organização da sociedade civil, caracterizadas pela variedade de experiências. (DAMASCENO, 2005)

Os novos movimentos sociais diferenciam das matrizes teóricas clássicas, que baseiam seus objetivos e suas práticas apenas nas relações de classes, reduzindo o indivíduo histórico. A partir das críticas à abordagem clássica por autores, como Alberto Melucci, Alain Touraine e outros, surge uma nova abordagem teórica que se sustenta em alguns pressupostos básicos, como a concepção ampla e dinâmica da cultura, a crítica ao marxismo ortodoxo, a redefinição das práticas políticas e a formação de identidades coletivas.

A novidade maior dos NMSs reside em que constituem tanto uma crítica da regulação social capitalista, como uma crítica da emancipação social socialista tal como ela foi definida pelo marxismo. Ao identificar novas formas de opressão que extravasam das relações de produção e nem sequer são específicas delas, como sejam a guerra, a poluição, o machismo, o racismo ou o produtivismo, e ao advogar um novo paradigma social menos assente na riqueza e no bem-estar material do que a cultura e na qualidade de vida, os NMSs denunciam, com uma radicalidade sem precedentes, os excessos de regulação da modernidade. Tais excessos atingem, não só o modo como se trabalha e produz, mas também o modo como se descansa e vive; a pobreza e as assimetrias das relações sociais são a outra face da alienação e do desequilíbrio interior dos indivíduos; e, finalmente, essas formas de opressão não atingem especificamente uma classe social e sim grupos sociais transclassistas ou mesmo a sociedade no seu todo. (BOAVENTURA, 1997)

Os novos movimentos sociais aproximam diversas tendências teóricas, possibilitando uma melhor e mais completa interpretação da realidade social. Dessa forma,

esse novo paradigma pode abordar questões que o modelo clássico se via limitado para interpretar, tais como: a relação dos sujeitos entre si e com a estrutura de reprodução social, a heterogeneidade nas interações internas dos movimentos e a organização e mobilização fora de ambientes institucionalizados como partidos políticos e sindicatos.

Vale notar que, a partir dos anos 60 e 70 os movimentos deslocam-se da esfera da política para uma “não-política”. A luta e a mobilização social não se limitam apenas à perspectiva política, mas transcendem a causas de diversas naturezas, sempre respeitando o interesse da coletividade. Daí surgem diversos movimentos que lutam por terra e moradia digna; pastorais eclesiais que lutam por garantia de direitos; grupos de mulheres que lutam por creches, equidade de direitos no trabalho e diminuição da violência doméstica; homossexuais que lutam contra a homofobia; ambientalistas que lutam contra o aquecimento do planeta e a favor da preservação da fauna e flora, do consumo consciente e da sustentabilidade. Esses e outros grupos representam os novos movimentos sociais.

Mellucci (1989, p. 53) assinala uma sobrecarga política nos movimentos sociais e aponta mudança nesse sentido nos novos movimentos.

Os conflitos sociais são reduzidos ao protesto político e vistos como parte de um sistema político. A confrontação com o sistema político e com o Estado é apenas um fator mais ou menos importante na ação coletiva. O conflito frequentemente pode afetar o próprio modo de produção ou a vida cotidiana das pessoas. Os participantes na ação coletiva não são motivados apenas pelo que eu chamaria de uma orientação econômica, calculando custos e benefícios da ação. Eles também estão buscando solidariedade e identidade (Pizzorno, 1983; Melucci, 1982), que, diferentemente de outros bens, não são mensuráveis e não podem ser calculados. (MELUCCI, 1989, p. 53)

Ainda sobre essa “sobrecarga”, Damasceno (2005, p. 43) contribui no esclarecimento da necessidade de haver um olhar multireferencial na análise dos movimentos sociais.

Em suma, no entendimento dos movimentos sociais é preciso ter como premissa que não existe um caminho único na análise desse processo multidimensional, entendemos que tanto a dimensão política, quanto a dimensão cultural mais ampla, fazem parte do processo. No entanto, deve-se atentar para níveis diferenciados do político, entendendo que esta dimensão, nos movimentos sociais, não se traduz apenas ao nível da esfera do poder institucionalizados, tampouco da prática partidária. Nessa direção há que se

ter em conta uma reconceituação do político, onde a dimensão das práticas cotidianas seja evidenciada. Significa dizer que pelos movimentos sociais resgata-se uma outra dimensão do político, onde os próprios sujeitos envolvidos no processo (re)politizam as práticas cotidianas na microestrutura da sociedade. (DAMASCENO, 2005, p. 43)

Dessa forma, podemos considerar o Movimento Espírita como movimento social que se ajusta aos princípios e diretrizes teóricas dos chamados novos movimentos sociais. No âmbito internacional, o Movimento Espírita possui algumas entidades que buscam a organização das ações espíritas e a difusão dos princípios espíritas. Dentre elas, a Confederação Espírita Pan-Americana – CEPA, fundada em 1946, na cidade de Buenos Aires, e o Conselho Espírita Internacional – CEI, fundado em 1992, na cidade de Madri. Essas duas entidades agregam diversos países de todos os continentes. No Brasil, a maioria dos centros e grupos espíritas está ligada institucionalmente à Federação Espírita Brasileira – FEB e esta à CEI¹⁸.

A FEB organiza o Movimento Espírita brasileiro com base na seguinte estrutura organizacional: Conselho Federativo Nacional (CFN), entidades federativas estaduais, entidades especializadas de âmbito nacional, órgãos regionais e locais, instituições especializadas e centros espíritas.

O Conselho Federativo Nacional foi criado em 1949, com o objetivo de promover o trabalho e a unificação do Movimento Espírita no Brasil, visando o fortalecimento e a aplicabilidade do estudo, da prática e da difusão da Doutrina Espírita. Compõem esse conselho as entidades federativas dos estados e do Distrito Federal, além das instituições especializadas de Âmbito Nacional. O CFN se reúne uma vez por ano, durante três dias, para discutir e elaborar as diretrizes de unificação e trabalho.

As entidades especializadas de âmbito nacional desenvolvem atividades espíritas específicas, como as de assistência e promoção social, artística, jurídica, médica e cultural. Fazem parte desse grupo as seguintes entidades: Associação Brasileira de Artistas Espíritas (ABRARTE), Associação Médico-Espírita do Brasil (AME), Cruzada dos Militares Espíritas, Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB), Associação Jurídico-Espírita do Brasil (AJE),

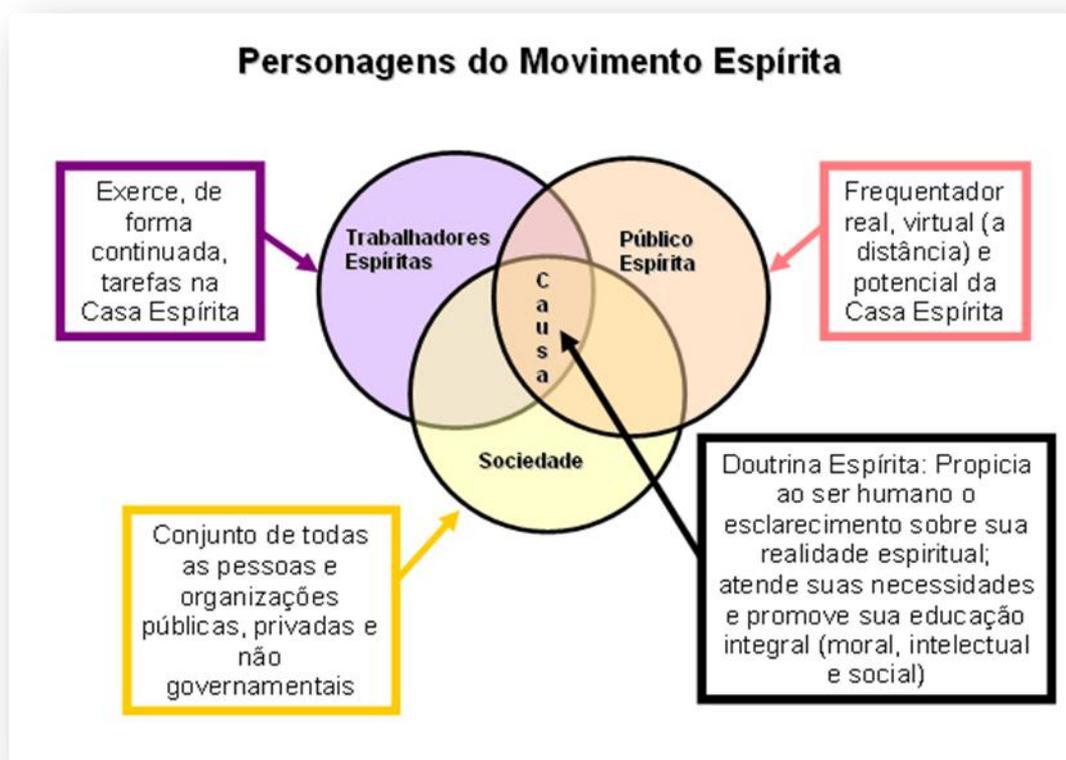
¹⁸ Uma minoria dos centros espíritas brasileiros está integrada na CEPA, pois muitos setores do Movimento Espíritas – inclusive a FEB – acreditam que alguns de seus posicionamentos estão em discordância com a Doutrina Espírita fazendo surgir uma grande polêmica sobre sua postura. Dentre os pontos polêmicos estão a proposta de desvinculação entre a doutrina e o cristianismo, a desconsideração da Doutrina Espírita como religião, a atualização permanentemente do Espiritismo e sua difusão nos aspectos kárdercista, livre-pensadora e progressista.

Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (ABRAPE), Organização Social Cristã Espírita André Luiz (OSCAL).

As entidades federativas estaduais e os órgãos regionais e locais têm como objetivo a promoção e manutenção do trabalho do CFN nos centros, grupos e sociedades espíritas de sua região geográfica específica. Buscam a unificação dos núcleos espíritas em sua área de ação, bem como o auxílio na formação e organização de novos núcleos. Além disso, visando o trabalho, a difusão e a unificação do Movimento Espírita, essas entidades realizam diversos congressos, seminários, encontros e cursos, sempre voltados para o fortalecimento dos núcleos espíritas de sua região.

Na base desse organograma estão as unidades fundamentais do Movimento Espírita: os centros, grupos e sociedades espíritas. Esses núcleos são responsáveis pela efetivação dos estudos referentes aos princípios e fundamentos da Doutrina Espírita, das atividades de oração e de cunho espiritual, além de atividades sociais e educativas. Podemos resumir as atividades básicas dessas instituições em: reuniões de estudo e explanação da Doutrina Espírita e do Evangelho; atendimento fraterno através do diálogo; aplicação de passe (magnetização e fluidoterapia); reuniões de estudo e prática da mediunidade; encontros de implantação do evangelho no lar; atividades de assistência e promoção social; encontros de evangelização espírita infanto-juvenil; e atividades de união e unificação entre os seus colaboradores, assistentes e demais núcleos federativos.

Gráfico 13



Fonte: Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro (2007-2012).

As lutas pelas questões sociais coletivas fazem parte dos princípios da Doutrina Espírita. Apesar de haver no Brasil, principalmente nos meados do século XX, uma vertente que defende um religiosismo conservador e uma espécie de assistencialismo, frutos da herança e influência católicas muito fortes no Brasil, principalmente no final do século XIX e início do século XX, autores como Herculano Pires, Leon Denis, Humberto Mariotti, Manoel Porteiro e o próprio codificador da Doutrina Espírita, o pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido como Allan Kardec, destacam, em suas obras, a proposta social espírita.

Inicialmente, para compreender como a Doutrina Espírita analisa e se mobiliza nas lutas sociais, faz-se necessário entender o paradigma do espírito. Esse novo modelo de pensar o Homem e a sociedade é fruto de concepções que estabelecem o fim do materialismo e o advento do espírito como parte transcendente e imanente à matéria. Segundo Linhares (2006), o modelo materialista de visão e análise do Homem fica ultrapassado quando, na

modernidade, renasce a necessidade de considerar dimensões “esquecidas”, como a moral, a estética, a afetiva, a ética e a espiritual.

A espiritualidade, segundo a concebemos, chama elementos de um novo paradigma, que podemos pensar como o Paradigma do Espírito – na verdade, um modo de pensar o ser humano como espírito imortal, ultrapassando a ideia de unicidade da existência e pensando em um ser que reencarna em seu caminho para a perfeição. Artífice de seu próprio destino, o ser humano, Espírito imortal, evolui por meios de inumeráveis experiências palingenésicas e em períodos intermissivos (entre uma reencarnação e outra). (LINHARES, 2006, p. 41)

A Doutrina Espírita esclarece que esse espírito imortal está sujeito ao progresso e que, nesse caminhar evolutivo, o meio social que esse espírito habita também deve progredir. Sobre esse aspecto, Kardec, no livro *Obras Póstumas*, considera que “Sua aspiração por uma melhor ordem de coisas é indício da possibilidade de alcançá-la. Aos que são progressistas cabe acelerar esse movimento por meio do estudo e da utilização dos meios mais eficientes.” (2005, p.292).

A Doutrina Espírita pode contribuir substancialmente com o avanço dos sistemas sociais, pois traz em seus postulados arcabouços teóricos que facilitam a compreensão da realidade moderna apresentando uma nova interpretação desta, apontando o atraso dos modelos clássicos de interpretação e ação social.

Lembremo-nos de que a filosofia espírita ultrapassa a visão social das demais doutrinas, porque, além de apresentar uma sociologia deste mundo, mostra ao homem uma sociologia palingenésica do espírito, vinculada com os mundos invisíveis: liga as vidas sucessivas do Ser, fazendo-as dependentes umas das outras. A ideologia espírita não procede como os demais sistemas que se circunscrevem a um único centro: o da Terra, esquecendo-se da vida espiritual. A sociologia espírita reconhece um constante enlace entre o visível e o invisível, interpretando o processo social como um fato histórico sujeito a influências metapsíquicas que se desenvolve na interação dos espíritos encarnados e desencarnados (MARIOTTI, 1983, p. 114).

Ainda sobre essa questão, Denis (2000, p. 88) estabelece o seguinte parecer.

Todas as doutrinas econômicas e sociais serão impotentes para reformar o mundo e minorar os males da humanidade, porque sua Base é demasiado estreita e elas colocam apenas na vida presente a razão de ser, a finalidade, o objetivo desta vida e de todos os nossos esforços. Para extinguir o mal social é necessário elevar a alma humana à consciência de seu papel, fazê-la compreender que sua sorte depende dela própria, e que sua felicidade sempre será proporcional à extensão dos seus triunfos sobre si mesma e à sua abnegação para com os demais.

Kardec (2007, p.366) também contribui com essa discussão apontando que a Doutrina Espírita encontrará terreno fértil para contribuir com o progresso da humanidade, pois os indivíduos mais amadurecidos utilizarão dos postulados espíritas sem as amarras da conversão, mas por compreenderem sua verdadeira proposta.

Não foi o Espiritismo que criou a renovação social, foi a maturidade da Humanidade que fez dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, por suas tendências progressistas, pela amplitude de suas vistas, pela generalidade das questões que abarca, o Espiritismo está, mais do que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador; é por isso que dele é contemporâneo. Chegou no momento que poderia ser de útil, porque também para ele os tempos são chegados.

Pires (1979, p. 76) completa essa lógica com as seguintes considerações:

O Espiritismo aprofunda o conhecimento da Realidade Universal e não pretende modificar o Mundo em que vivemos através de mudanças superficiais de estruturas. Essa é a posição dos homens diante dos desequilíbrios e injustiças sociais. Mas o homem-espírita vê mais longe e mais fundo, buscando as causas dos efeitos visíveis. Se queremos apagar uma lâmpada elétrica não adianta assoprá-la, é necessário apertar a chave que detém o fluxo de eletricidade. Se queremos mudar a Sociedade, não adianta modificar a sua estrutura feita pelos homens, mas modificar os homens que modificam as estruturas sociais.

Quanto às formas de resistência e meios de mobilização, o Movimento Espírita demonstra não se limitar a lutas por ideais individuais, mas sim por ideais coletivos. Para exemplificar algumas ações do Movimento Espírita, destaco as lutas pela educação pública e para todos, dos educadores Eurípedes Barsanulfo, Anália Franco e Herculano Pires. Em 1907, Eurípedes Barsanulfo fundou e manteve o Colégio Allan Kardec, uma escola popular que atendia cerca de 220 crianças, onde essas tinham disciplinas diferenciadas das instituições de

ensino da época como aulas de astronomia, francês, botânica, homeopatia e história das religiões. Foi a primeira instituição de ensino a implantar as salas mistas (onde meninos e meninas estudam juntos). A feminista e educadora espírita Anália Franco militou pela a garantia do direito de educar os negros recém-libertos dos engenhos pela Lei do Ventre Livre. Também lutou pela fundação de mais de 100 instituições escolares e abrigos para crianças abandonadas ou em condição de risco no Estado de São Paulo. Nestas instituições, amparava mães solteiras e oferecia educação e cursos de profissionalização gratuitos para que estas pudessem ter oportunidade de emprego. Herculano Pires envolveu-se diretamente com o movimento educacional inspirou o surgimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Membro do Clube dos Jornalistas Espíritas, Herculano Pires presidiu a elaboração do *Manifesto em Defesa da Democratização Escolar*, documento que combatia um substitutivo criado por Carlos Lacerda, que favorecia o ensino privado em prejuízo do ensino público, além de estabelecer um poder de intervenção escolar pela igreja católica. Assim, Herculano Pires e seus demais companheiros membros do Clube dos Jornalistas Espíritas lutaram em prol da escola pública e laica.

No campo das atividades de assistência social, tem-se o exemplo das ações da Mansão do Caminho, instituição que atende cerca de 3200 crianças e adolescentes, além de adultos e idosos em situação de vulnerabilidade social. A Mansão do Caminho foi fundada em 1952 na cidade de Salvador-BA pelos espíritas Divaldo Pereira Franco e Nilson de Souza Pereira. Essa obra social faz parte do Centro Espírita Caminho da Redenção e tem como principal objetivo reestruturar e reconstruir, através da educação, o ambiente familiar¹⁹.

O Movimento Espírita também apoia e faz parte de outros movimentos, como, por exemplo, o Movimento Nacional da Cidadania pela Vida – Brasil sem Aborto. Compõem o corpo desse movimento professores, juristas, estudantes, magistrados, religiosos, líderes comunitários e cientistas. Com o objetivo de lutar pela defesa e preservação da vida desde a concepção, esse movimento já realizou diversas ações públicas em todo o país como a Marcha em Defesa da Vida, que reúne em média 400 mil pessoas. Esse movimento se define como uma organização de natureza suprapartidária e suprarreligiosa²⁰. A FEB tem um representante no Conselho Diretor do movimento, ao lado de diversos representantes de instituições nacionais como a Pastoral da Família – CNBB, a Rede Brasileira do Terceiro Setor – REBRATES e a Associação Nacional Pró-Vida Família.

¹⁹ Ver detalhes das atividades da Mansão do Caminho em <http://www.mansaodocaminho.com.br>.

²⁰ Ver detalhes das ações Movimento Nacional da Cidadania pela Vida – Brasil sem Aborto em <http://www.brasilsemaborto.com.br>.

Essa interação com outros movimentos representa o que Melucci (1989) define como “rede de movimentos”, ou seja, grupos heterogêneos que trabalham em rede com o sistema de troca de informações, pessoas e experiências. Melucci (1989, p. 61) ainda esclarece que:

Estas redes (descritas primeiramente por Gerlach & Hine, 1970) têm as seguintes características: a) elas permitem associação múltipla; b) a militância é apenas parcial e de curta duração; c) o envolvimento pessoal e a solidariedade afetiva é requerida como uma condição para a participação em muitos dos grupos. Este não é um fenômeno temporário, mas uma alteração morfológica na estrutura da ação coletiva.

O educador e filósofo espírita Herculano Pires, em sua obra *O Reino*, sugere como o Movimento Espírita poderia atuar frente às questões sociais modernas para implantar no mundo verdadeiramente cristão, rico em afabilidade, caridade, cooperação e espiritualidade, ou seja, o Reino de Deus.

E a única maneira de podermos assim proceder, será alcançada através da organização de um movimento sem qualquer aspecto partidário, um movimento que desperte no mundo o ideal vivo e claro do Reino de Deus, com um programa social definido. Embora não se envolvendo nas lutas partidárias, o movimento afetaria essas lutas, pois todos os adeptos deveriam recusar-se terminantemente a tomar qualquer partido, e a dar o seu voto a qualquer candidato cujo programa, passado político ou feito moral, estivessem em contradição com os ideais do Reino. Essa espécie de resistência passiva aturdiria os profissionais da política, obrigando os partidos a moralizarem os seus quadros e os seus métodos de luta, ou a se afastarem do cenário, dando lugar ao aparecimento de novas formas administrativas. Ao mesmo tempo, o ideal do - operante e vivo no seio do movimento, - seria um ímã de força irresistível, atraindo os homens de boa-vontade para a sua esplêndida e crescente realidade. (1967, p. 23)

Diante do exposto, podemos considerar o Movimento Espírita como movimento social ativo, organizado e mobilizado em lutar não só por unificação, estudo, prática e difusão da Doutrina Espírita, mas também em promover consideráveis e reais mudanças no sistema social vigente. Através de suas matrizes teóricas, a Doutrina Espírita almeja colaborar com a construção da felicidade plena e verdadeira dos indivíduos, que um dia hão de viver em um sistema social que garanta a dignidade humana, que trabalhe com enfoque colaborativo e que seja pautado na justiça.

4. EXPERIÊNCIAS EM NARRATIVAS

Neste capítulo, apresento como desenvolvi, numa relação intersubjetiva com os jovens de Oiticicas, o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB). Além disso, apresento as biografias educativas produzidas após o processo de biografização propiciado pela mediação biográfica efetuada no CRB. Tratou-se de um processo reflexivo que envolveu: negociação de regras; acordo de convivência; oralidade; transcrição das narrativas; interação com o outro; e escrita final.

Divido este capítulo em quatro tópicos, e, no primeiro, explico como foi desenvolvido o CRB, bem como discuto os desafios enfrentados pelo grupo durante esse caminhar. Em uma síntese, descrevo, encontro por encontro, o modo como encaramos o trabalho de biografização, a nossa postura diante o CRB e as atividades realizadas e faço uma breve apresentação dos seus resultados, pois estes serão detalhados, analisados e refletidos somente no próximo capítulo.

Do segundo ao quarto tópico, apresento as biografias educativas dos jovens: Jorge (**Meu presente, meu passado, meu futuro**); Iranir (**Tempo: melhor reformador da vida**) e Valdilene (**Recordações de minha vida no Centro Espírita “O Pobre de Deus”**). A apresentação na íntegra das biografias educativas visa demonstrar a riqueza produzida pelo grupo através das narrativas autobiográficas, bem como levar o leitor deste trabalho a conhecer um pouco melhor, a ter mais proximidade e intimidade com os sujeitos envolvidos nesta pesquisa. As atividades e as narrativas autobiográficas expostas neste capítulo foram produzidas com base em princípios e procedimentos gestados e desenvolvidos pela pesquisa (auto)biográfica. É a exposição e interpretação de experiências vividas no passado que esclarece quem os narradores são hoje, oportunizando-lhes meios de projeções futuras. A partir de agora, a aventura biográfica começa apontando para um horizonte infinito de possibilidades.

4.1 Aventura biográfica: desenvolvimento e desafios do Círculo Reflexivo Biográfico

4.1.1 Primeiro encontro

Nosso primeiro encontro foi marcado para o dia 13 de janeiro de 2013 na sede do CEPD. Escolhi esse local, por entender que o próprio ambiente do Centro Espírita seria mais confortável e sugestivo para todos. Semanas antes, houve um trabalho exploratório visando selecionar os futuros participantes. Um trabalhador do CEPD responsabilizou-se em fazer uma triagem dos prováveis participantes, chegando a me indicar uma lista com sete nomes. Não é fácil formar um grupo dessa natureza, dadas as dificuldades de quem trabalha profissionalmente, além de ser envolvido com muitas atividades no movimento espírita. O nosso encontro estava marcado para as quatorze horas, mas alguns chegaram atrasados, o que me causou certa apreensão. Após trinta minutos de atraso iniciamos o tão esperado encontro.

Antes de continuar, gostaria de explicitar quão grande era minha empolgação e ansiedade em conduzir aquele encontro. Primeiro, porque estava conduzindo sozinho, pela primeira vez, um encontro do CRB. Antes, havia participado de um grupo reflexivo dessa natureza no programa de Pós Graduação em que estou inserido, sob a coordenação de minha orientadora. Fazer parte de um CRB e elaborar nossa biografia educativa é uma exigência para se trabalhar com este dispositivo de pesquisa.

Iniciei o encontro com uma dinâmica de apresentação chamada “conhecendo o outro”. Distribuí para os presentes uma ficha (apêndice A) em que cada um preencheria as lacunas das seguintes frases: gosto de fazer...; não gosto de fazer...; meu prato preferido é...; gostaria de viajar para...; tenho medo de...; meu maior sonho é...; uma frase ou uma mensagem para os colegas. Em seguida, colocamos essas fichas em cima de uma mesa e misturamos para desordená-las. Depois disso, os integrantes pegaram uma ficha, que não fosse a sua, e leram as respostas buscando descobrir quem era a pessoa. A cada leitura, adivinhando ou não, os participantes diziam seu nome, há quanto tempo participavam das atividades do CEPD e que atividade realizava atualmente.

Deixei para me apresentar por último para encadear com a apresentação do projeto. Como foi dito antes, a curiosidade e a ansiedade saltavam pelos olhos deles demonstrando uma grande vontade de descobrir o que seria e como se faria a pesquisa.

Apresentei o meu projeto de pesquisa para que todos pudessem conhecer as minhas intenções, a metodologia pensada para o trabalho e a relevância de tal pesquisa.

Após a apresentação, todos ficaram calados. Lia nos olhares que se entrecruzavam que eles ficaram com receio de participar. Não pela pesquisa em si, até porque as atividades do Centro Espírita já tinham sido foco de algumas pesquisas, já que, desde que tiveram uma notoriedade no trabalho social, sempre receberam visitas de diversas pessoas. O medo estava no método centrado na narrativa de si. A proposta de construção de suas biografias educativas para refletirmos sobre a contribuição das atividades educativas do CEPD na formação de cada um assustou a todos. “Vixe! A gente vai ter que falar da nossa vida?” perguntou um dos participantes, deixando transparecer o que percebi em primeiro plano. Realmente não é fácil falar de si, sobretudo em uma cultura centrada no ativismo e na negação/silenciamento dos sentimentos. O processo de construção (auto)biográfico requer uma predisposição e coragem daquele que aceita o desafio de olhar para si. Olinda (2009, p.78) comenta as dificuldades envolvidas nesse processo:

A escrita biográfica é sempre difícil e angustiante, pelo caráter do trabalho com a memória, que gera expectativas subjetivas, pelo convite para tomarmos distância de nós mesmos (objetivação) e para fazermos um trabalho reflexivo sobre vivências particulares; ou seja, sobre o que observamos, sentimos e reelaboramos, ao longo de nossas vidas.

Depois de alguns cochichos e risadas, perguntei o que achavam e se tinham alguma dúvida. Um dos presentes disse que não iria participar, alegando que não teria tempo para se dedicar como eu esperava e que também não queria falar de sua vida em grupo. Por ter sido a primeira observação e pela forma que foi feita, tremi e me apavorei temendo o que poderia vir ainda. Pensei: “Não vai dar certo! Ninguém vai querer se (auto)biografar”. Comecei a vibrar para que os outros pudessem concordar em participar.

Apesar da dificuldade de falar de si, declarada por todos, eles aceitaram participar e isso me acalmou um pouco. Logo me preocupei novamente, quando declararam que o único dia viável para a atividade do CRB era o domingo à tarde, mas que não garantiriam a participação no domingo combinado. Senti certo descompromisso do grupo e temi pelo sucesso da atividade. Apesar disso, não me abati e procurei passar segurança e confiança ao grupo para que pudessem se entregar à pesquisa.

Programei uma “sessão pipoca” para exibir o filme *Escritores da Liberdade*, mas, por conta do horário, não foi possível a realização. Então, resolvi entregar aos presentes, um DVD com o filme e solicitei que assistissem e refletissem sobre a importância e as contribuições existentes no ato de falar sobre si. Encerramos deixando marcado o dia e horário do próximo encontro. Preparamos um lanche ao final e aproveitei esse momento para me aproximar ainda mais dos presentes, na intenção de estabelecer laços de confiança e de amizade.

4.1.2 Segundo encontro

Diferentemente do primeiro encontro, não tivemos atrasos. Dos sete selecionados no início apenas quatro retornaram para o segundo encontro. Conforme dito anteriormente, uma pessoa já avisara no primeiro encontro que não participaria da pesquisa. As outras duas pessoas informaram na semana que antecedeu o segundo encontro, que iriam desistir, pois nos domingos, que eram suas folgas, tinham outros compromissos.

Iniciamos com um relaxamento corporal com o intuito de diminuir a tensão do corpo e de proporcionar um conforto para os presentes. Mais adiante, na intenção de proporcionar certo distanciamento da conturbação diária fizemos uma sensibilização a partir do texto de Saara Noussianen intitulado: *sentir o corpo*, do CD *Relaxando*. Essa dinâmica deixou o grupo mais predisposto às atividades do dia.

Em seguida, focamos na construção do nosso acordo de funcionamento do CRB (ver apêndice B). Esse acordo é uma espécie de termo de compromisso entre os participantes, e nele constam, dentre outras informações: os dias e horários dos encontros; o pacto de sigilo sobre o que for narrado; o compromisso com a assiduidade; calendário; as atividades que seriam desenvolvidas; e a pergunta disparadora para as narrativas. A construção desse documento foi feita a partir de um esboço, escrito por mim, que serviu de base para o texto final. Vale esclarecer que esse acordo deve ser definido pelo grupo e não deve ser fruto de interesses individuais.

Pensando em facilitar o ato de narrar suas vivências, demos início a um conjunto de atividades que estimularam e impulsionaram a busca do conhecimento de si. A primeira foi a leitura do texto *Autoconhecimento* de autoria de Juan Miguel Batalloso Navas. O objetivo era discutir sobre a importância do autoconhecimento, para despertar em nós a consciência de

sermos seres melhores. A capacidade de conhecermos nossas reais necessidades possibilita essa edificação real de nosso íntimo. Por exemplo, perceber que, mais do que ter carro, celular, roupas, ou qualquer bem material, nossas necessidades mais profundas residem no plano moral, como trabalhar nossa paciência, por exemplo. Portanto, o exercício que perpassa a identificação da impaciência, o reconhecimento dessa impaciência e o comprometimento em tornar-se um ser paciente só pode ser feito a partir da disposição e implicação no autoconhecer-se.

Em seguida, fizemos uma dinâmica artística em que cada participante desenhou um símbolo que o representasse: fizemos um relaxamento no qual foi pedido que cada um fizesse uma retrospectiva mental de sua vida, para, depois de uma reflexão, imaginar um símbolo, um objeto, uma figura, enfim, algo que o representasse.

Foto 39 - Valdilene



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 40 - Iranir



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 41- Nazinha



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 42 - Jorge



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Após o debate sobre as representações simbólicas de si, apresentei um *slide* com o poema de Mário Quintana intitulado *O Auto-Retrato* (ver anexo 1). Exibi também, uma série de autorretratos que iam desde pintores consagrados, como Frida Khalo, Van Gohn e Vick Muniz, até desenhos de crianças. Discutimos o sentido e as contribuições do autorretrato para o processo de autoconhecer-se.

Para Botti (2005) o autorretrato é uma imagem de si feita pelo próprio artista. Metaforicamente, o autorretrato pode ser encarado como um espelho do artista que busca em si mesmo a verdade, a sabedoria e o autoconhecimento. Olhar para si através de um autorretrato conduz o indivíduo a análises e reflexões mais profundas, deixando de lado estereótipos para avaliar aquilo que verdadeiramente somos.

Frade (1990, p. 37) esclarece que o resultado dessa produção é sempre uma incógnita para o observador. Aquele que realmente sabe o que vê e o que quer apresentar é o próprio artista que produz o seu autorretrato, portanto na condução de atividades em que o condutor sugere a confecção de autorretratos, não pode haver amarras e/ou direcionamentos externos ao artista.

Um auto-retrato não é uma encomenda. O mandante é o próprio artista. Cada auto-retrato é um momento de verdade. Não há necessidade de agradar a um patrão. Se o artista escolhe representar-se em traços agradavelmente

idealizados, isso acontece porque ele escolheu fazê-lo assim, e o confronto com a realidade, ou, por outras palavras, com a verdade, não está menos presente por isso. Cada auto-retrato é um diálogo com o Eu profundo do pintor. Quanto menos prisioneiro estiver dos laços da convenção ou da tradição, tanto mais se aproximara do seu «si» íntimo. Os auto-retratos têm sempre um carácter privado.

Após a leitura e a discussão sobre o autorretrato, propus ao grupo que fizessem seus autorretratos a partir da seguinte pergunta: Quem sou eu? Para ajudar nessa atividade, indiquei que eles poderiam partir das vivências adquiridas nas atividades educativas do Centro Espírita “O Pobre de Deus”.

O resultado foi surpreendente. Eles se entregaram totalmente ao trabalho artístico. Disponibilizei cartolina, tintas, giz de cera, lápis de cor, revistas, cola, brilho, enfim, diversos materiais que pudessem ser utilizados nos seus autorretratos. No decorrer da pintura, eles interagiram entre si, promovendo uma colaboração mútua na feitura de cada desenho. No final, fizemos uma exposição dos autorretratos em que cada participante pôde apresentar e explicar o sentido de suas obras.

Foto 43 – Autorretrato da Valdilene



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 44 Autorretrato da Iranir



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 45 Autorretrato da Nazinha



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 46 Autorretrato do Jorge



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Essa atividade serviu para quebrar as barreiras iniciais que os bloqueavam impedindo-os de falar de si. No ato de produzir seus autorretratos, o grupo conseguiu superar o medo inicial e natural de expor-se. Combinamos de produzir um texto sobre o que foi discutido no encontro e como esse debate pode ajudar no nosso CRB. Também lembrei que deveríamos escrever sobre as sensações percebidas no encontro.

4.1.3 Terceiro e quarto encontros

Iniciamos os encontros dedicados às narrativas orais, sempre com um alongamento corporal seguido de relaxamento ao som do CD *Relaxando*, da médium e escritora espírita Saara Nousiainen. As narrativas orais são o primeiro passo no processo de bigrafização, portanto, procurei, como condutor do CRB, promover um ambiente confortável e de confiança para que os jovens pudessem se sentir totalmente à vontade e seguros para iniciar suas narrativas.

Esclareci que, naquele momento, eles estariam assumindo o papel de narradores, contadores de suas próprias histórias e que teriam como pano de fundo as vivências no CEPD. As perguntas disparadoras para as narrativas orais de si foram: Quais os motivos que te

levaram a ingressar nas atividades educativas do Centro Espírita “O Pobre de Deus”? Qual o significado desta participação para você ser a pessoa que é hoje? Como as perguntas já tinham sido previamente escolhidas pelo grupo, alguns trouxeram um esquema pronto para não se perder, mas, mesmo assim, a emoção do instante narrativo trazia ainda para o grupo muitas surpresas.

Combinamos em comum acordo que teríamos até trinta minutos para fazer as narrativas e que, caso alguém fizesse em menos tempo, não haveria problema nenhum. É importante, nesse momento da pesquisa, como já foi dito anteriormente, que os narradores estejam seguros e à vontade, pois qualquer tipo de pressão, como o tempo, o medo e a ânsia de responder às perguntas disparadoras, pode comprometer todo o processo narrativo-reflexivo.

Iranir foi a primeira que se dispôs a narrar. Sua timidez dificultou muito o início de sua narrativa, mas, quando se deixou envolver pelas lembranças, sua segurança aumentou, chegando a narrar durante vinte e oito minutos. Muito impressionada, Iranir comentou “Eita! Eu falei isso tudo? Foi bom relembrar... me fez enxergar coisas que na época não dei muita atenção.”

Ao terminar sua narrativa, solicitei a Iranir que escolhesse o episódio narrado que mais a tocou para que o grupo pudesse representar como uma cena de teatro da qual a narradora, que havia sido a Iranir, tornar-se-ia, por alguns instantes, expectadora de sua própria vida.

Essa dinâmica foi bem interessante pela força que ela tem de causar maiores reflexões quanto ao episódio vivido e a por causar uma revivescência de sentimentos antigos e novos que agora são despertados pela observação atenta do narrador. Tal dinâmica foi feita com todos após as suas narrativas.

Em seguida, Nazinha fez sua narrativa. Conseguiu narrar apenas por oito minutos, e percebi a grande dificuldade que ela tinha para relembrar o passado. Essa dificuldade advinha, pelo que avalio, do fato de ela não querer se lembrar de alguns momentos que para ela foram difíceis. Esse receio dificultou seu envolvimento com os objetivos específicos da pesquisa, mas apontou-lhe uma necessidade de considerar essa dificuldade e de trabalhar para superá-las. Como condutor do CRB, não posso interferir nesses casos, devendo deixar o narrador à vontade para continuar ou não. Infelizmente Nazinha escolheu não continuar no trabalho, por esse motivo e por questões de disponibilidade para os próximos encontros, mas

as suas contribuições até este momento foram consideradas e servem de suporte para o que foi construído posteriormente pelo grupo.

O encontro seguinte foi destinado às narrativas da Valdilene e do Jorge. Valdilene foi a primeira a narrar nesse encontro, com o tempo de oito minutos. Antes de começar a gravação, ela informou que não gostava de falar muito, mas que se esforçaria para produzir sua narrativa. Apesar do pouco tempo narrado, foi muito esclarecedora e rica a sua narrativa. Informei-lhe que poderia, se achasse necessário, acrescentar mais fatos nos passos seguintes do CRB.

Jorge encerrou as narrativas orais apoiando-se em um pequeno projeto que trouxe de casa para não se perder ao narrar. Sua narrativa foi a mais longa com trinta e sete minutos, ultrapassando o tempo sugerido no início. Quanto ao tempo ultrapassado, vale resaltar que a escolha de uma margem de tempo é para que o narrador não se sinta forçado a falar demais. O tempo de narração não é o mais importante, mas sim a implicação ao narrar e as reflexões que podem ser feitas com os fatos lembrados. Jorge se sentiu muito à vontade ao narrar, e isso colaborou para que ele se soltasse mais e tivesse mais tempo narrado.

As narrativas são a busca de fatos biográficos, ou seja, de situações vividas e percebidas atreladas a um espaço-tempo interior. Essas representações mentais apresentam-se como linguagem através da narrativa que viabiliza o olhar inicial para si.

É a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as relações de causa, de meio, de finalidade; que polariza as linhas de nossos enredos entre um começo e um fim e os leva para sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos em encadeamentos finalizados; que compõe uma totalidade significativa, na qual cada evento encontra seu lugar, segundo sua contribuição na realização da história contada. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.37)

As narrativas esclarecem a nossa própria história. Organizam os fatos, apresentam relações e definem valores. Mas essa história não é a vida real, e sim uma linguagem interpretativa de si, feita pelo narrador na trama grupal. Ele se reconhece nela e a toma como a forma mais conveniente de se representar publicamente. Segundo Delory-Momberger (2006, p. 362), o que importa não é a reconstrução da história de vida, “[...] mas sim o sentimento de

congruência experimentado entre o eu-próprio e o passado recomposto, a impressão de conveniência que essa história toma para mim no aqui e agora de sua enunciação.”.

4.1.4 Quinto e sexto encontros

Dando prosseguimento ao processo de biografização, o quinto e o sexto encontros foram dedicados às transcrições da narrativa oral. Os narradores puderam, agora, assumir o papel de ouvintes de sua própria história em um processo de descobertas que só poderia aparecer com esse distanciamento. O encontro com a sua própria fala e a audição de sua história são fatores que auxiliam nesse mergulho necessário para a reflexão sobre o vivido. Na posição de ouvinte, os jovens puderam desenvolver uma consciência narrativa considerável para analisar e refletir sobre suas memórias, iniciando o processo de tornar o vivido em experiências. Depois da transcrição, os próprios coautores iniciaram os primeiros ajustes no texto, acrescentando fatos e reflexões que não surgiram no momento narrativo. Assumiram, a partir de então, o papel de escritores de suas histórias. Essa atividade foi feita de modo individual em ambiente escolhido por eles próprios. Esse momento solitário ajuda na introspecção das palavras e das primeiras reflexões sobre o vivido.

4.1.5 Sétimo encontro

A terceira parte do processo de biografização se configura pela leitura da narrativa em grupo, em que os participantes experimentam uma espécie de “colaboração narrativa”. Como o nosso grupo era formado apenas por quatro pessoas decidimos que poderíamos nos reunir em um grupo só para iniciar a esse processo.

Nessa fase de biografização, os jovens, agora no papel de leitores de sua própria história, leem seus textos autobiográficos no grupo, de forma que os demais podem intervir com alguma sugestão que esclareça e aprofunde as reflexões. Também podem ser apontados aspectos que ficaram ausentes. Delory-Momberger (2006, p. 367) chama esse momento de socialização autobiográfica de “pressão narrativa”. Para ela,

[...] esse trabalho conjunto de elucidação narrativa visa ajudar o autor a construir o sentido de uma história e os ouvintes a compreenderem essa história do exterior, como eles fariam em um romance ou em um filme. O narrador é assim conduzido a readaptar sem cessar sua história à lógica das pressões narrativas que lhe são impostas do exterior.

Após a atividade de colaboração narrativa²¹, fizemos uma pequena dinâmica de avaliação do processo de biografização. Discutimos sobre a importância do ato autobiográfico e dos desafios surgidos nesse processo. Avaliamos os recursos utilizados por todos para superar suas dificuldades e como lidaram com o estranhamento natural de si e do outro no trabalho de biografização. Debatemos também sobre o que sentiram ao executar os papéis de narradores, ouvintes, escritores e leitores.

Esse processo de sociabilização narrativa em grupo viabiliza uma análise e reflexão mais profunda do que é narrado, pois situamos na esfera coletiva as práticas individuais, e o indivíduo, em práticas coletivas. Esse passo colabora na construção autobiográfica e heterobiográfica. O termo heterobiografia é proposto por Delory-Momberger (2008, p.62) para designar o confronto da narrativa do outro no desenvolvimento da escrita de si.

A narrativa do outro é assim um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica; onde ela pode deslocar-se, reconfigurar-se, alargar seu horizonte; onde ela se põe à prova como escrita de si. A narrativa do outro é, de certo modo um laboratório das operações de *biografização* que realizamos sobre nossa própria vida, nas condições de nossas inscrições sócio-históricas e de nossos pertencimentos culturais.

Ao receber de forma ativa a narrativa do outro, os sujeitos podem utilizar-se de figurações dessa narrativa para enriquecer e compreender melhor a sua escrita de si. Compreendendo também a narrativa do outro, os jovens mergulharam em inter-relações colaborativas envolvendo o outro e ele, e ele consigo mesmo. Seria como se as construções biográficas de um reverberassem no outro, confabulando para uma compreensão de si através da história do outro.

Pouco se vê em nosso cotidiano uma implicação sobre a nossa vida como a experimentada pelo grupo no CRB. Raramente debruçamo-nos em um processo de

²¹ No Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação e Narrativas, coordenado por minha orientadora, achamos mais adequado intitular este momento de “colaboração narrativa” em face do seu caráter dialógico.

rememorização e reflexão do que vivemos para tirar dessas situações conhecimentos importantíssimos para compreendermos quem somos e o que podemos ser. Um dos pontos que atesta o uso do CRB para esse fim é oportunidade que temos de desenvolver análises e reflexões em parcerias com o próximo em um trabalho colaborativo no qual o individual e o coletivo se confundem. Ao final desses encontros, os participantes se comprometeram em revisar o texto, considerando os reforços apresentados no momento de “colaboração narrativa” e entregar no encontro posterior a versão final da sua autobiografia educativa.

4.1.6 Oitavo e nono encontros

O oitavo e nono encontros foram dedicados aos Ciclos Reflexivos Temáticos (CRT). Nesses encontros, dedicamo-nos a discutir sobre temas específicos que apareceram no decorrer das narrativas e que sentimos a necessidade de debater, bem como pontos que compunham os objetivos específicos deste trabalho e que não tiveram uma abordagem satisfatória em primeiro plano.

Os temas escolhidos para essa atividade foram: direitos humanos, esperança e projeto de vida. Nesses encontros, discutimos e aprofundamos conceitos referentes aos temas, utilizando recursos audiovisuais, artísticos e experienciais. Vale ressaltar que o CRT, como parte integrante e complementar do CRB, busca uma reflexão frente ao discurso para que se possa compreender, nesse caso específico, a relação que estes temas têm com as individualidades que participaram da atividade, bem como, as contribuições conceituais e significativas destes temas em nossa formação.

No primeiro encontro do CRT, dedicado ao debate e reflexão dos temas direitos humanos e esperança. Iniciamos com um relaxamento corporal seguido de uma meditação. Essa atividade inicial foi escolhida para proporcionar um ambiente calmo, tranquilo, no qual os participantes pudessem se entregar por inteiro às narrativas e às reflexões.

Em seguida, fizemos uma construção coletiva do conceito de direitos humanos, em que cada coautor apresentou sua definição própria de direitos humanos, esclarecendo como esta foi construída. Cada conceito foi registrado em um quadro, no qual, posteriormente, pudemos entrelaçar as diversas definições pessoais para construir uma coletiva.

Com um conceito coletivo construído, assistimos a um vídeo chamado *A História dos Direitos Humanos*²² que exibia qual a ideia comum de direitos humanos, como se deu a história dos direitos humanos e qual o verdadeiro significado desses direitos em nossas vidas. Pudemos, nesse momento, confrontar o conceito construído no grupo com as contribuições apresentadas no vídeo exibido, construindo, assim, um novo conceito, agora respaldado por um conjunto de ações discursivas e reflexivas. A ideia aqui não é encontrar uma definição correta e infalível de direitos humanos, mas de despertar para tal discussão, além de servir de estímulo inicial para debatermos sobre os direitos humanos no CEPD.

Em seguida, assistimos ao documentário *Ilha das Flores* e discutimos sobre a luta por garantia dos direitos humanos na sociedade. Baseados nesse vídeo, discutimos sobre a situação contemporânea dos direitos humanos e quais as consequências na vida da sociedade com a supressão desses direitos. Questionei os coautores sobre quais direitos estavam sendo violados e negados no documentário exibido e se existiam leis específicas que garantem esses e outros direitos. Foi quando apresentei slides sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, para exemplificar leis que garantem os direitos das crianças e adolescentes. Discutimos sobre pontos significativos do ECA como: o Direito à Vida e à Saúde; o Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade; Do Direito à Convivência Familiar e Comunitária; Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer; Do Direito à Profissionalização e à Proteção no Trabalho.

Após os debates, solicitei aos jovens que tecessem narrativas, partindo de suas vivências no CEPD e que buscassem responder às seguintes perguntas: Qual a situação dos direitos das crianças e dos adolescentes em Oiticicas? O que o CEPD faz nesta área dos direitos? O que significa ter esperança? Como ter esperança diante desse cenário de Oiticicas?

O primeiro encontro destinado ao CRT teve duração de três horas, e, logo após o seu término, fizemos um relaxamento para diminuir um pouco as tensões surgidas no decorrer do trabalho.

No dia seguinte, encontramos-nos novamente para encaminhar o segundo encontro reflexivo que tinha como proposta central discutir e refletir o tema “projeto de vida”. Iniciamos com uma dinâmica chamada *Doação*, na qual os presentes exercitavam o olhar para o outro, no intuito de perceber suas necessidades, para que, em seguida, pudesse doar através

²² <http://br.humanrights.com/what-are-human-rights/brief-history/cyrus-cylinder.html>

de um abraço, de uma conversa, enfim, do modo que considerasse mais conveniente. Ao final, nós nos confraternizamos ao som da música *Te Ofereço Paz* do grupo Arte Nascente – GAN.

Seguindo a nossa programação, fiz o imediato questionamento: Que palavra vem à sua mente quando ouve a expressão “projeto de vida”? Após as respostas, solicitei que respondessem através da elaboração de um desenho as seguintes questões: O que você entende por projeto de vida? O que significa ter um projeto de vida? Qual o seu projeto de vida? Depois de uma longa discussão sobre o conceito e os significados apresentados pelo grupo, fizemos uma reflexão sobre a necessidade de ter um projeto de vida.

Dando prosseguimento às atividades, os jovens teceram narrativas a partir das seguintes perguntas disparadoras: quais os acontecimentos, pessoas e locais que foram significativos para a construção de seu projeto de vida? Como a pertença espírita colaborou e colabora neste processo?

Esse último encontro foi muito produtivo e esclarecedor para todos nós, devido ao grau de amplitude das narrativas e à dedicação dos participantes em todo o processo. Pessoalmente percebi que os CRT foram fundamentais nesta pesquisa para esclarecer dúvidas quanto a tópicos que não tiveram um aprofundamento considerável de reflexão nas primeiras narrativas. Para os jovens, serviu para descortinar mais ainda o véu que cobria momentos significativos vivenciados pelos mesmos. Nesse encontro, sentimos que tivemos êxito no processo de reflexão e formação individual e coletiva do grupo.

4.1.7 Do décimo ao décimo segundo encontros

Os três últimos encontros foram destinados às atividades de “integração experiencial”. Esboçarei de forma resumida como essa atividade foi encaminhada pelo grupo, pois a analisarei mais atentamente no próximo capítulo. Para Olinda (2010), essa atividade específica de integração experiencial, visa à realização de uma avaliação de todo o processo vivido no CRB e a projeção de sonhos e experiências percebidas e adquiridas nesse processo formativo. Podem-se utilizar diversas formas para promover tais ações, mas escolhi empregar duas metáforas nessa fase: a metáfora do caminho e a metáfora da árvore, tal qual foi vivenciado na pesquisa desenvolvida por Olinda (2009).

No primeiro encontro, destinado às atividades de integração experiencial, dedicamo-nos a analisar e refletir sobre o caminho vivido por cada um no CEPD e no CRB. Utilizei-me de recursos artísticos para facilitar a entrega e o envolvimento de cada um nessa atividade. Entreguei a cada jovem uma cartolina e solicitei que eles desenhassem o seu caminho considerando todas as aprendizagens, sonhos e decepções. Todos se implicaram nessa fase de feitura dos seus caminhos através dos desenhos, pois estavam mais cientes desse caminho e de suas contribuições para formar o que eles são hoje. Depois da confecção dos desenhos, iniciamos uma reflexão coletiva a partir dos passos de cada um, identificando seus possíveis caminhos futuros.

Foto 47 - Construindo os caminhos



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 48 - Valdilene, Iranir, Jorge e seus caminhos



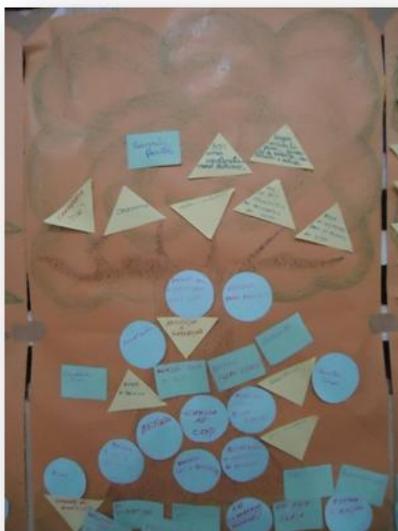
Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

No segundo encontro da integração experiencial, foi entregue a escrita final – versão suficientemente boa de si para o momento – do texto autobiográfico produzido, ou seja, da biografia educativa. Fizemos uma leitura coletiva dos textos e mais uma vez implicamo-nos em reflexões sobre as experiências formadoras narradas, mas com um diferencial: cada autor iria realizar a leitura de seu texto autobiográfico e os demais analisariam tópicos que fossem basilares para a sua constituição como indivíduos, fundamentais para a sua formação e para a elaboração de sonhos e projeções para um futuro melhor. Assim, iniciamos a metáfora da árvore. Esses tópicos foram divididos e escritos em fichas com o formato de retângulo (para o que era considerado basilar), circular (para o que era considerado fundamental) e triangular (para o que eram considerados sonhos e projeções).

Em seguida, cada jovem entregou para o outro as fichas correspondentes a suas análises para que agora quem leu sua biografia educativa pudesse analisar se aqueles tópicos categorizados pelos colegas condizem ou não com as suas análises pessoais. Esse momento foi muito rico, pois eles se depararam com observações que até então não foram capazes de perceber e que, com o olhar atento dos colegas puderam ponderar. Alguns tópicos apontados, por exemplo, como basilares pelos ouvintes eram, para o narrador, fundamental, e, nesse processo de avaliação, construímos uma árvore das nossas aprendizagens. Levei previamente desenhadas em folhas de papel madeira três árvores nas quais eles puderam colar os tópicos

que consideraram como basilares na sua constituição – na raiz –, os tópicos que consideravam como fundamentais para sua formação – no caule – e os tópicos que representassem seus sonhos e projeções futuras – na copa.

Foto 49 - A árvore da Iranir



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 50 -10 A árvore da Valdilene



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 51 - 11 A árvore do Jorge

Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

No último encontro, dedicamo-nos a encerrar o processo avaliativo, focando no método utilizado para a pesquisa. Discutimos abertamente sobre as contribuições do CRB na formação daqueles que participam de suas atividades. Esclarecemos as nossas dificuldades e os desafios e medos que conseguimos perceber em nós, ou até mesmo superar, depois de participar do CRB. Os jovens ficaram contentes com o seu modo de envolvimento na pesquisa, não apenas como objetos, mas como atores e autores da pesquisa. Esclareci para o grupo que aquelas reflexões servem para o hoje e que a partir daquele momento nos comprometeríamos a continuar com esse empenho em se autoconhecer e a estar sempre preocupados em analisar e refletir sobre aquilo que vivemos para sempre tirarmos aprendizagem de nossas experiências. Regozijamo-nos com uma dinâmica de abraços assumindo o compromisso de investirmos sempre em nossa formação integral. A seguir, apresento, na íntegra, a biografia educativa de cada participante.

4.2 Meu Presente, Meu Passado, Meu Futuro

Meu nome é Jorge Carneiro Figueira, eu nasci no dia 11 de junho de 1984 no Sítio Fechado, uma localidade do Distrito de Oiticicas, que é um povoado um pouco afastado. Na verdade eu nasci lá, na casa dos meus avós e por lá eu permaneci um bom

tempo. Os meus avós na época fizeram uma casa aqui em Oiticicas, e os meus pais se apossaram da casa e os meus avós fizeram a casa para quando tivesses os festejos religiosos. Então a mamãe e o papai, acabaram vindo morar aqui em Oiticicas na casa que os meus avós fizeram.

Bom, o que eu me lembro da minha infância é que na verdade eu nunca fui muito popular, eu era do tipo “caboco” meio magrinho, desnutrido. A gente morava no Sítio Fechado e as condições naquela época eram precárias e a gente, apesar de meu avô ter uma casa da farinha, não tinha uma estabilidade financeira. Era pobreza seria. A minha avó era costureira e costurava para botar comida e dinheiro em casa. Tinha muitos filhos e todo mundo sobrevivia com o trabalho dela. Quando eles planejaram fazer a casa aqui em Oiticicas era para vir durante o mês de dezembro para o festejo religioso ou algum outro movimento. Eles vinham e ficavam na casa mais para dormir, ou seja, um ponto onde ficar, já que onde moravam – Sítio Fechado – é afastado de Oiticicas.

Foi quando os meus pais se mudaram para Oiticicas. Lembro-me que eu não sabia da mudança, pois eu não tinha este entendimento na época, a gente era pequeno e não tinha essa compreensão. Lembro-me que durante os festejos a gente ficava muito chateado por que vinha o pessoal, os parentes da nossa família, e quando a gente ia dormir na rede que era nossa, já tinha gente dormindo lá. Nós reclamávamos dizendo: – Papai mais que negocio é esse, a rede é minha. A gente tinha que dar um jeito de dormir ali no... sei lá... “empindurado” nos panos lá. Era meio complicado.

Bom, eu não era assim muito popular. O Jorge, o tal, era magrinho mesmo, desnutrido sabe? Era feinho mesmo. Eu me lembro que desde a infância tudo era mágico, muito legal e tal. A gente brincava muito. Na turma eu era sempre aquele 007 a esquerda que ninguém queria ficar, brincar. Eu não sei por que, se era porque eu tinha naquela época os dentes cariados, não entendo direito, mas eu era meio excluído. Não era a bola da vez, não era tão popular.

Lembro das brincadeiras quando: jogava bila; ficava brincando no quintal; quebrando a lâmpada, enchendo de água para fazer uma lupa; sair esquentando as coisas com a lupa. Eu me lembro até de uma vez que eu tinha uma coleção de bilas, um saco que o papai comprou pra mim. Rapaz era uma alegria naquela época, aqui em Oiticicas só tinha estes tipos de brincadeiras, nada de telefone, nada de televisão, não tinha nada dessas coisas, era só o breu mesmo. Um dia dois vizinhos meus, que agora um mora em Fortaleza e outro mora em Brasília, disseram: – Vamos Jorge brincar ali de bila, no aposta. E eu disse: -

rambora. Rapaz meu saco de bila secou em dez minutos e eu pensando que eu era ruim em jogar bila. Mas depois eu fui descobrir que os homens tavam eram... como é que diz... No combina, estavam combinados. Um deixava o outro ganhar, perder, entre eles mesmos. Sei que eu perdi minhas bilas tudinho.

Minha infância foi ruim nessa questão financeira. Papai sempre foi viverdor, apesar dele não saber ler, nem escrever, nem contar. Ele veio morar na casa dos meus avós e passado um tempo a gente tomou de conta, ficou só da gente mesmo. Em seguida ele tentou botar um comércio, mas acabou não dando muito certo. Então deu na cabeça dele que o irmão dele tinha ido para o Tianguá, passou por muita dificuldade lá, mas apesar de tudo se deu bem.

Fomos morar no Tianguá, deixamos a casa em Oiticicas e desabamos para Tianguá. Fomos morar numa casa do padrinho no meu irmão Juarez. A casa era boa, me lembro que era forrada, bem estruturada. Esta casa ficava num bairro novo, tinha pouca casa, tinha muito era mato e um monte de construção. Eu me lembro desse período lá, apesar de eu ser pequenino, não tinha energia, não tinha água encanada, não tinha calçamento e a única casa que realmente “prestava” naquela época era a casa onde morávamos.

Nós tínhamos uma vizinha que é a Dona Antônia, que tinha dois meninos. Ela tinha uma vida meio difícil, o marido dela morava longe, ela tinha que deixar os meninos em casa, eles eram novinhos, e às vezes a mãe dava assistência nisso lá. Íamos para casa dos tios, dos padrinhos lá de Tianguá e quando dava a noite, a única casa que tinha calçada realmente bem feitinha e tinha um cacimbão bem na calçada era a nossa. Quando dava de manhã todo mundo gritava na porta: – Manuel, Raimunda. sempre pediam para pegar água e faziam a fila para tirar água dali. Interessante que quando dava a noite todo mundo ia para a calçada, apesar de ter a energia passando lá por longe, agente ficava ainda na luz de vela, de lamparina ainda. Botávamos uma velinha velha lá fora e ficava conversando. Eu me lembro disso porque toda vez era eu que fazia o café para a turma tomar. E a Dona Antônia dizia: – Eita que esse café é bom. Ela dizia isso para me incentivar. Eu gostava de fazer o café. Eu dizia: – Mamãe, eu vou fazer o café. Aí era a noite toda, a gente conversando ali, brincando.

Nós tínhamos outra vizinha que era crente e um dia ela me fez um convite: – Olha Jorge, você que ir vender pastel na feira? Eu disse: – Tá bom. Eu peguei os pasteis e saí com uma bacia na cabeça. Filho de Deus! Foi uma loucura! Cheguei lá na feira e de repente arroteou um monte de gente. Era uma gritaria: – me dar um pastel, me dar um pastel, me

dar um pastel. Só sei que levaram os pasteis tudinho e eu peguei foi um prejuízo tamanho do mundo, voltei para casa e a mulher meteu foi os gritos.

Em uma dessas noites, a gente estava tomando café e a mamãe estava grávida do meu irmão mais novo, o Rafael, e na frente tinha uma casa que um policial estava construindo. Teve um tiroteio lá tamanho do mundo! Todo mundo entrou lá dentro de casa e foi tiro para todo lado e todo mundo ficou desesperado chorando. Quando foi no outro dia se descobriu que lá perto tinha um ponto de droga e a polícia estava atrás dos traficantes. Depois disso, deu uma paranoia na mãe que ela só se aquietou quando a gente veio morar de volta em Oiticicas. Ela disse que lá na casa onde morávamos em Tianguá, no quarto dela, tinha uma entrada de vento, um buraco no alto da parede do quarto, que não dava para passar ninguém, mas ela dizia que toda noite entrava um bandido lá por esse buraco e tentava roubar a casa. Por causa disso viemos morar novamente em Oiticicas.

Me lembro que papai chegou e disse: – Olha, amanhã vamos voltar para Oiticicas. Eu fiquei triste, não era nem porque íamos voltar para Oiticicas, mas sim, porque era meu primeiro dia de aula em Tianguá. “Eita peste, agora eu vou conhecer um bocado de gente, estudar... e tal” o sonho foi por água abaixo e acabamos mesmo foi vindo para Oiticicas.

A gente se alojou e minha mãe foi atrás de estudo, lugar para eu estudar na escola pública, que na época era conhecida com CERU e eu fui estudar lá. Eu continuava magrinho, aquele caboquinho meio feio que doía, mais branco que vela. Na escola tinha uma turma que mais tarde foi até conhecida como turma do formigão. Quem fazia parte era o Gilmário, o Valfrido, o Ricardo, o Gerre, o Zico, coisa de criança mesmo, eram metidos a durão. Na sala de aula eles sempre mentiam a peia em mim. Rapaz! Eles não me deixavam quieto.

Eu estudava na alfabetização, na época tinha a turma A e a turma B, e eu estava na B junto com eles e todo dia tinha confusão. Foi quando a professora Ivonete, na época, disse: – Olha! Nós temos que arrumar uma solução pra isso aqui. Todo dia tinha cascudo. Era isso, era aquilo, vinha para casa chorando e quando inventaram de me botar na primeira série não gostei. Filho de Deus! Foi a coisa mais horrível que teve naquela época.

Lembro que eu cheguei à primeira série, não sabia ler, não sabia escrever, não sabia de nada. Eu ali com aquele pessoal, uns escrevendo e outros lendo me sentia estranho. A Leda era a professora na época e para falar a verdade, sofri pra caramba. Eu não sabia de

nada, nem ler, nem escrever quando a Leda disse: – Olha, não tem condição de o Jorge ficar na primeira série não. Voltei para a alfabetização e a situação continuou porque não podiam me colocar na “turma do formigão”.

Foi quando rolou a notícia em Oiticicas que estava tendo aqui na Rua da Luz, uma salazinha de aula. Quem ensinava na época era Maria Inês e os alunos estavam indo para um tipo de reforço. Não era como numa escola normal, mas todos estavam gostando muito além de estarem tendo um resultado excelente. A notícia da escolinha foi do dia pra noite. As pessoas diziam: – Olha tem um reforço lá no centro espírita. Quando a notícia se espalhou muito abriram as vagas.

Eu gosto de dizer que eu fui da geração 2.0 daqui da instituição, porque a primeira foi a Iranir, a Valdilene, o Bier, Flaviana, o Jonas e outros. Quase que eu fui da primeira geração. Quando realmente funcionou a escola eram apenas duas salas. Para vir estudar, agora que não era só reforço, tinha que fazer uma prova. A gente se matriculava e fazia a prova, se passasse fica na primeira série, que eu chamo de turma 1.0 e, se não passasse ficava na alfabetização B.

Eu fazendo a prova e morto de animado porque ia estudar com o pessoal grande, que era o Bier, essa turma toda. Me lembro que a última questão foi a que me deu um nó na cabeça, porque as outras eu sabia tudinho. A última tinha uma pergunta assim: Forme uma frase com as figuras. Me lembro como se fosse hoje! Tinha uma casa, uma bola, um avião e um carro. Eu fiquei pensando: meu Deus! Como é isso aqui? Eu escrevo é na frente: o carro é bonito, o carro é grande ou eu coloco o “o” deixo o desenho e depois é bonito. Eu só sei que eu acabei optando pela segunda opção. Eu coloquei o “o”, carro (deixei o desenho do carro) é bonito. Errei feio e por causa desta questão, dessa dúvida não fui para a primeira série. Nessa prova ninguém podia perguntar, pois os professores não estavam querendo facilitar.

Eu fiquei na alfabetização forte (B), e o motivo de eu ter entrando para participar do centro espírita foi realmente esse: buscar uma escola melhor, um estudo melhor. Naquela época em Oiticicas o centro espírita começou essa atividade educacional, porque viu que o Município não tinha estrutura, nem humana, nem física para dar um ensino de qualidade. Assim o centro começou e cresceu rápido. Foram construídas duas salas.

A gente estudava nas duas salas e o resto ao redor era um mato danado. Aqui onde hoje é a biblioteca, era o banheiro. Banheiro entre aspas porque era só um barreiro

onde fazíamos as necessidades, e ficava uma pessoa pastorando. Viemos pra cá, depois fizeram as outras salas, cantina, banheiros. Eu estudei da alfabetização até a quarta série e participei de vários cursos. Lembro que participei de um curso de fabricação de vassouras, de rodo, de marceneiro e curso de datilografia. Era coisa simples, mas que a gente gostava muito.

Tem mais uma coisa! Sempre, desde novinho, gostei de tecnologia. Eu me lembro que eu era bem novinho e ia para o comercio do Natinho e ele tinha uns jornais antigos que pedia para ver e alguns tinham as imagens de computador e eu, muito matuto, não entendia nada. “O que é isso?” Lia, mas não sabia o que era. Então pegava e rasgava o jornal, na parte que tinham as imagens de computador, saia correndo escondido e guardava no forro de madeira que o papai havia feito no comércio.

Bom, a estrutura do CEPD melhorou, e estavam com um projeto de fazer a quadra. Eu estava lá em casa e saiu a noticia: – Olha chegou um computador lá na Escola Allan Kardec. Eu não sabia nem o que era aquilo. Mas eu vim correndo pra cá, para ver o computador. Me lembro como se fosse hoje – eu falo isso porque é importante – eu vendo o computador aqui na secretária. Rapaz o bicho é assim! Fiquei impressionado.

Como tinha o sonho de fazer a quadra, o Everaldo vinha todo sábado fazer o projeto aqui no computador para mandar para a Fundação Banco do Brasil e eu acompanhava ele. Eu aprendi a mexer no computador, na época, só olhado mesmo, ele digitando e eu olhando ali, se ele passasse dez horas ali eu ficava do lado olhando.

Eu lembro que o Everaldo chegou para nós na evangelização e explicou que estava fazendo o projeto da quadra e precisava de nossa ajuda. Todos foram ajudar juntando as pedras, limpando o mato, a Iranir até se machucou. Quando foi feita a quadra ela se tornou um grande point, pois todo mundo vinha quando tinha jogos ou atividades, como apresentação teatral, palestras e etc.

A estrutura física era boa, tinha quadra, eu estava estudando, participando das evangelizações, mas eu não sabia que tinha reunião espírita lá. Foi quando em uma noite ia passando em frente ao centro espírita e vi uma televisão colorida que tinha um rapaz falando. Era o Divaldo Franco dando uma palestra, ainda no VHS, no videocassete. A curiosidade bateu. Dizia: – O que aquilo meu Deus? Entrei, sentei lá na frente para ver aquilo. Fiquei vendo, assistindo a palestra e continuei me perguntando: – o que é isso aqui? O que está acontecendo? Quando terminou o vídeo, o Everaldo comentou e foi feito a prece. Achei legal

e continuei indo. Teve uma serie de vídeos que ele passou que fiquei assistindo e participando das reuniões.

Nessa do Everaldo ficar vindo aos sábados, fazendo os projetos, mexendo no computador, fazer relatório que ele disse: – Jorge, você está participando das reuniões conosco lá no centro. Não que ir com a gente fazer visita nos lares? Vamos? Então todos os sábados nós íamos para as visitas de idosos, pessoas enfermas: eu, o Everaldo e a Luzia. O Everaldo levava o violão e a gente cantava, fazia leituras, e tinha uma conversa fraterna.

Acho que se não fosse a tecnologia eu não teria iniciado na Doutrina Espírita, porque aquela televisão colorida , que era a coisa mais difícil aqui, que aguçou minha curiosidade. Eu não tinha a compreensão que tenho hoje, mas acho que teria sim iniciado na Doutrina de outro modo, mas a tecnologia deu um empurrão. Fiquei frequentando o centro, mas lembro que aqui na instituição nunca houve qualquer cobrança para ser espírita, apesar das evangelizações e da escola ser espírita. O principal objetivo era a moral cristã, a transformação no cidadão de bem.

Eu lembro que aqui só tinha até a quarta série. Eu estava na terceira e a primeira geração que estava na quarta série, perguntaram ao Everaldo na evangelização: – Everaldo, e quando a gente sair daqui o que é que a gente vai fazer? Foi quando surgiu a ideia da mocidade de jovens. Foi escolhido um nome: Grupo de Jovem Mocidade Cristão em Busca do Bem, pois tínhamos pessoas católicas, protestantes e esse nome foi escolhido para respeitar a crença de todos.

Esse assunto foi trabalhado durante uns três encontros na evangelização antes de iniciar as reuniões do grupo de jovens. Eu me lembro como se fosse hoje. A gente foi para a estrutura lá de cima, da Rua da Luz. A gente fez a primeira reunião no chão mesmo, não tinha cadeira. Marcamos os dias das reuniões, que ficou sendo na segunda-feira e na sexta-feira. Fazíamos campanhas na Mocidade como campanha do quilo. Esta campanha era feita através de jogos fraternos, pedindo nas casas e nos comércios.

Passaram-se os anos e o Bier, que era o líder da mocidade, teve que sair da Mocidade para ir para o Pão da Vida, e eu tive que ficar na liderança da mocidade. Continuamos por vários anos. Lembro que nós fazíamos visita lá no Boqueirão do São Gonçalo. Nós saíamos daqui oito horas da manhã e chegava as duas da tarde, amarelo de fome, mas muito feliz. Saíamos com preguiça, mas depois que conversávamos, falávamos com

a pessoa, ficávamos muito contentes com nossa atitude, vínhamos alegres e no caminho de volta tomávamos banho no rio.

O tempo foi passando uns tiveram que estudar a noite e mudamos o dia da reunião para domingo e isso fez o numero de participantes diminuírem. Do meio para o fim só era eu, o Natinho, a Idalina e o Fagner. Aí o Everaldo pediu para eu fazer outras atividades e acabamos desativando a mocidade momentaneamente.

Eu lembro que a minha primeira função era de monitor do curso de datilografia. Disseram assim: – Jorge, nós estamos precisando de um monitor de datilografia, para o Projeto Brasil Criança Cidadã. Nesse projeto a criança estudava um turno e outro vinha para a instituição, era um reforço escolar. Eu fiquei na função de monitor de datilografia, mas eu não queria ser remunerado financeiramente. A Luzia dizia: – Jorge, tu tem que assinar o contracheque. Quando eu assinava, minha mãe já havia pegado o dinheiro fazia era tempo. Eu nunca fiquei com dinheiro quando eu estava na função de monitor de datilografia. Eu não queria, mas pensei que era uma ajuda para minha família e deixei assim.

De 1999 a 2000 a estrutura da instituição passou por uma grande reforma e ampliação com ajuda do BNDES, que veio aqui e disse que ia apoiar o projeto. Eu me lembro desse período, porque todo dia eu estava aqui vendo as reformas e ajudando. Um fato interessante aconteceu quando o Everaldo disse ao Célio que ele deveriam me pagar, e eu não quis. Depois da reforma, compras de equipamentos e material, o Everaldo disse que eu iria ser monitor de informática. Everaldo disse: – Nós vamos assinar sua carteira. Eu não queria que ele assinasse minha carteira e dizia: – Não Everaldo, eu quero trabalhar na escola assim mesmo, não precisa pagar nada não. Ele sempre dizia que tínhamos que ser previdentes. Só sei que chegou um papel depois para eu assinar, e eu perguntei: – O que é isso? O pessoal dizia: – Não é que o Everaldo assinou tua carteira. Eu me perguntava: – como ele fez isso? E me explicaram: – ele pegou os documentos com a tua mãe. Eu fiquei chateado, ele achou graça e disse: – Mas, Jorge tem que ser assim. Mesmo assim eu fiquei chateado. Eu nunca entendi porque eu gosto de estar aqui.

Quando o projeto Brasil Criança Cidadã acabou, o Everaldo chegou para mim e disse: – Jorge o projeto chegou ao fim, você não mais ganhar nada. E, eu disse: – Tá bom, não problema não, a gente continua as atividades. Eu me lembro que quando eu cheguei em casa, os meus pais disseram (eles nunca entenderam): – Olha Jorge, se tu não for ganhar nada lá na escola, não é para ir mais não. Eles diziam isso porque eu não ganhava nada, quem ganhava era eles. Eu nunca ganhei um centavo e fiquei triste e pensei: – meu Deus o

que é que vai acontecer? Fui empurrando com a barriga. Vindo escondido e eles davam bronca, dizendo que não era para vir mais. Papai dizia que estava sendo besta.

Continuei vindo, e após a reforma da escola disseram que ia ser o monitor de informática. Como monitor passei vários anos e em 2005 a instituição mudou de foco, não ia ser mais só educacional, porque o município tinha melhorado um pouco a educação, e a instituição ia trabalhar o social, seguindo o modelo do Lar Fabiano de Cristo. Tivemos várias reuniões, até estabelecermos do jeito que é hoje.

Permaneci sendo monitor de informática. Tínhamos sempre os projetos para garantir a sobrevivência da obra, porque a instituição estava muito bonita, a estrutura grande, mas não tinha como manter se não tivesse recursos, que na época só tinha da CAPEMISA SOCIAL. Dessa necessidade foi que surgiu o Projeto Pão da Vida, Projeto do Sítio Estrada de Damasco, Projeto da Fabrica de petas, biscoito e outros. Foi onde precisou deslocar o pessoal.

Na época a Luzia foi para a Fabrica de Petas e coordenação do programa social e educacional ficou sem ninguém. Eu fiquei no social e na época foi muito difícil para mim, a responsabilidade era muito grande, a cobrança tamanho do mundo e eu não me achava capaz. Eu me lembro que eu sofri um pouco naquela época. O tempo passou a Luzia voltou para o social e hoje quem está no social é a Iranir, Adriana e eu.

Me Lembro do Projeto do Pão da Vida, porque o Bier foi pra lá, para ser o responsável pelo projeto, e lembro que no início precisou da equipe todinha, fomos lá, ajeitamos, limpamos, organizamos para a inauguração e os projeto estão funcionando até hoje. Bom, essa é a minha trajetória aqui no centro espírita, quer dizer, mais ou menos, porque tem muita coisa que não tem tempo para falar aqui.

O que me levou a participar do Centro foi realmente a questão educacional, um melhor estudo. Buscando isso, vim e fiquei. Agora, o que posso falar sobre o significado de ter participado das atividades do Centro Espírita “O Pobre de Deus”? Eu, sinceramente eu não consigo me imaginar de outra forma, eu sei que sou um produto do centro, pois de todas as atividades que eu participei sempre tinha a preocupação da moral cristã, da honestidade, do respeito, da espiritualidade, do equilíbrio intimo, não beber, da sexualidade equilibrada/responsável, sempre teve isso. Não era só educação. A educação era cobrada na época, mas tínhamos as evangelizações, tínhamos os cursos, tinha as palestras e eu tive a felicidade de conhecer a Doutrina Espírita, que tirou um leque de dúvidas que eu tinha.

Não consigo me projetar tendo outra vida, porque tudo que eu tenho hoje, que eu sou hoje aprendi aqui no CEPD. Graças à Deus sou casado, tenho a minha moradia, tenho o meu meio de vida, as pessoas me veem como uma pessoa alegre, mas séria. Não ando falando da vida alheia, não me vejo capaz de praticar uma injustiça, de passar a perna em alguém, de maltratar, e, assim, intimamente eu me acho uma pessoa equilibrada. Claro que como tudo mundo eu tenho as minhas falhas.

Até já pensei, tentei me projetar, se eu não participasse do centro espírita, o que eu seria. Como eu poderia ser? Será se eu ia ser o que eu sou hoje? Eu vejo os meus colegas que passaram junto comigo as mesmas atividades e que não quiseram ter continuidade na obra. Alguns foram presos, outros usuários de drogas, outros casaram e se separaram, outros tem o problema do vício do álcool, da sexualidade desequilibrada. Eu tento tirar uma média deles e cruzar com a minha trajetória, com o meu jeito de ser, para ver se eu seria o que eu sou hoje. Fico pensando: – Meu Deus será se eu seria o que sou hoje sem a existência do Centro Espírita “O Pobre de Deus”? .

Eu me vejo como uma pessoa, não correta, mas que busca trilhar um caminho do bem. Porque o Espiritismo faz a gente ver o que está vivendo agora, mas o agora será resultado do passado e que minhas ações agora no presente vão ser o resultado do que eu possa ser no futuro. E estes tipos de questionamentos/raciocínio é que me traz um conforto, um equilíbrio. Eu vejo que os meus pais nunca foram alcoólatras, nunca foram irresponsáveis, sempre trouxeram do jeito deles, um padrão de equilíbrio, apesar de não terem estudo, e terem tido uma educação rígida dos pais deles, dos nossos avós. Eles não conseguiam passar um exemplo, não que eles fossem errados, mas eles não tinham a capacidade que centro espírita teve. Aqui sempre teve pessoas para nos guiar. As primeiras gerações se guiavam muito pelas ações do Everaldo e da Luzia, porque eles estavam à frente. Claro que temos outros modelos aqui, mas na época eles deixaram uma marca muito forte.

A minha vida do jeito que é hoje, graça a Deus, é por causa da obra do centro espírita. Acho que é cinquenta por cento de vivências anteriores e talvez vinte e cinco por cento da influência do centro espírita e os outros vinte e cinco por cento por influência da minha família. Antes de conhecer o centro espírita, e eu tenho essa lembrança comigo, essa consciência, eu nunca fui daquele de sair atrás de confusão, de fazer assim... Eu vou usar essa expressão: coisa errada. Eu sempre fui muito respeitador, um pouco tímido. Eu sempre achei que eu tenho um pouquinho de equilíbrio. Porém, acho que eu ia perder isso se não fosse pelo Centro Espírita “O Pobre de Deus”.

Lembro que era bem novinho e por causa das amizades quase tropeçava. Quando estava nos festejos religiosos de dezembro em Oiticicas e estava tendo uma bebedeira na praça, tivemos uma ideia de sair pedindo bebida nas mesas. Saímos igual a doido com um copo pedido cerveja e bebendo. Não sei se sem o trabalho da obra, eu seria hoje o que eu sou. Também uso outro exemplo de um tio que chegou de fora e disse: – Pega meu filho esse dinheiro para você comprar cerveja ou beber de cachaça. Eu estou confuso agora, mas não sei se já foi por causa dos conhecimentos que adquiri aqui ou porque eu já era assim. Eu só sei que eu disse: – Não tio, se for para beber cachaça ou compra cerveja eu não quero. Ele insistiu: – Não, pegue para você tomar uma cervejinha. E eu encerrei: – Não quero não tio. Ele não me deu porque eu disse que não queria para bebida alcoólica. Porque ele não me deu para eu tomar um refrigerante ou qualquer outra coisa? Eu segurei meu ponto de vista. Bom, é isso.

4.4 Tempo: melhor reformador da vida

Meu nome é Antônia Iranir. Nasci pelas mãos de parteiras e tenho 28 anos. Moro em Oiticicas distrito de Viçosa do Ceará. Quando minha mãe se casou com meu pai ela tinha 17 anos, desse amor eu nasci. Minha mãe se chama Maria de Jesus. Ela fala que eu nasci com o cordão umbilical laçado no meu pescoço, com fungado e falta de apetite. Vivia doente com secreção no nariz. Meu pai agricultor e minha mãe dona de casa viviam para cuidar de mim e dos meus dois irmãos, José Fábio e João Carlos.

Eu sempre fui mais próxima do papai que é conhecido como Bão, mas seu nome verdadeiro é João. Acho que é por que ele veio de uma família muito brincalhona e de bem com a vida. Minha avó Antônia, que já desencarnou, era muito bondosa e todos que a conheciam tinham o prazer de visitá-la. Simples e humilde ajudou muita gente. Ela era alegre, acolhedora, linda e amiga. Ninguém da família tem o coração tão bom como ela tinha, mas ela ensinou todos a viver sorrindo mesmo que a tristeza estivesse no coração.

Meu pai é muito brincalhão, alegre e responsável. Quando criança queria sempre estar ao lado dele. Minha mãe veio de uma família mais séria. Ela sempre foi aquela mãe protetora, mas muito possessiva, pois tinha medo de deixar eu e meu irmão fazer algo de novo.

Sempre a ouvi dizer: “não come isso que faz mal”; “não vai para tal lugar que é perigoso” e etc. Não lembro da minha mãe brincando comigo, só me protegendo. Sei que é o jeito dela. Não quero dizer que ela não goste de mim, apenas ela tem uma postura mais séria por sua timidez. Já o papai precisaria de vários papéis para descrever os momentos divertidos que ele me proporcionou. Cada um tem o seu jeito de amar.

Um dos momentos mais marcantes que sinto saudades era quando eu ia pescar à noite. Ele entrava na água com a tarrafa e eu ficava com o uru na beira do rio, esperando ele trazer as piabinhas para o jantar. Um dia eu fiquei no meio do rio numa pequena ilha sentada em uma pedra. Os sapos e os grilos cantavam e os vagalumes piscavam e eu lá com frio e com medo, mas eu amava.

Certo dia, na estrada do Rio dos Chaves eu e meu pai nos escondemos de trás de uma oiticiqueira e jogamos areia nos cavaleiros que se dirigiam ao Sítio Fechado, povoado perto do Sítio Caboré, onde os meus avós moravam. Eles comentaram entre si: - Ouviu aquilo? - É visagem! Eu e o meu pai quase morremos de rir.

Em outro momento, próximo das veredas perto da casa da minha avó meu pai me desafiava dizendo: - Duvido que tu me pegue! Eu saía correndo atrás dele morrendo de rir. Em uma dessas brincadeiras o cachorro lá de casa correu também e me derrubou. Eu desmaiei e desde este dia não corremos mais.

O tempo foi passando e eu ia para os roçados plantar legumes com o papai. Meu irmão do meio me irritava, pois eu ficava com as minhas costas doendo de tanto se abaixar para semear o arroz e ele com uma gaiola entre as árvores tentando pegar passarinhos. O Carlinhos ficava com a mamãe em casa já que era bebe. Lembro que eu era sapeca, mas responsável.

Um fato que jamais esqueci foi quando eu estudava em escola do município que se chamava Centro Educacional Rural – CERU. Eu tinha dificuldade nos estudos e não conseguia acompanhar os outros alunos na matéria de aula. Eu sofria muito. Pedia ao meu pai para me tirar de lá, pois sabia que o Centro Espírita “O Pobre de Deus” estava começando uma escolinha.

Certo dia veio um fotógrafo fotografar os alunos da escola para deixar uma foto de lembrança. Todos da sala foram fotografados e quando chegou a minha vez eu não quis. A diretora foi a sala me penteou e eu me assanhei. Ela me penteou de novo e me pegou pelo braço me sentando em uma cadeira e a força fui fotografada. Ai foi o fim da picada. Eu já

não gostava daquela escola e esse acontecimento foi a gota d'água. Sempre que chegava ao portão daquela escola eu empacava e pedia para o meu pai para voltar para casa.

Então meu pai resolveu me tirar de lá e foi pedir ao Everaldo para me matricular na sua escolinha. Deu tudo certo e eu fui muito bem recebida. A escola era muito humilde e tinha poucas cadeiras não sendo suficientes para todos os estudantes. Mesmo assim, eu me sentia muito feliz naquele lugar.

Minha primeira professora na Escola Allan Kardec foi a Maria Inês. Ela era legal e eu gostava muito dela. Como na escola só tinha uma sala ela era única professora. Quando os alunos faziam alguma danação ela chegava e conversava. Ela era compreensiva. Às vezes, colocava a gente de castigo, mas mesmo assim gostávamos dela. Uma vez um aluno teve uma dor de barriga e não se aguentou. Toda a sala ria dele, mas ela o pegou e com as meninas da cozinha deu banho e tratou dele. Ela nos disciplinava e tratava bem.

Ela ti há um cuidado maior com a gente, tipo um cuidado de mãe. As minhas professoras antigas não eram próximas da gente e ela tinha aquele cuidado de mãe de estar conversando com a gente sempre orientando. Mesmo depois de sua saída da escola passei mais de anos pedindo a sua benção. Quando eu encontrava com ela na rua eu dizia: - Tia Maria Inês! Benção tia! E ela respondia: - Deus te abençoe. Até hoje tenho o contato com ela e quando conversamos nos lembramos de coisas daquela época. Ela era compreensiva com todos os alunos. Ficava na dela e não era de ficar gritando como tem professores que dá é medo. Ela tinha uma boa postura.

Tinha muita diferença entre o CERU e a Escola Allan Kardec. A maior era o acolhimento. No CERU o importante era estudar matemática e português esquecendo o resto que era o principal. Na Escola Allan Kardec a gente estuda, mas tinha aquele momento com a música, textos para refletir e as brincadeiras. Era assim, tudo mais divertido.

A gente fazia as atividades brincando e com gosto. Era um ambiente mais harmônico e gostoso totalmente diferente do CERU. No CERU chegávamos e sentávamos e tinha que ficar sentados fazendo só tarefas. Não quero dizer que na Escola Allan Kardec fazíamos o que quiséssemos, pois também tinha a disciplina. Se os alunos fizessem alguma coisa errada também tinha as correções, mas era diferente. Na Escola Allan Kardec nos entendiam como pessoas e lá no CERU não era assim.

Nesse período eu aprendi muitas coisas boas, pois eu era muito difícil e não conseguia me comunicar com as outras crianças. Eu gostava mesmo era de insultar e bater.

Eu era muito difícil, mas com o decorrer do tempo eu fui sendo evangelizada pelo Everaldo e outras pessoas espíritas. Então fui me socializando mais com as outras crianças e com as pessoas.

Nessa escolinha a merenda não era como as merendas de hoje. O cardápio era arroz com berinjela, chá de capim santo e suco de frutas da região. Nessa época o Everaldo não tinha condição de comprar carne. Fizemos uma horta no quintal da escola e nela tinha pimentinha, berinjela, tomate, capim santo e fruteiras. Tudo ali era aproveitado para a refeição dos alunos. As pessoas que trabalhavam no preparo da merenda eram muito legais. Às vezes nos colocavam no colo para tomar chá. Era muito, muito legal. Com o decorrer do tempo a escola foi se ampliando com a ajuda de voluntários.

Certo dia duas moças do Rio de Janeiro que trabalhavam no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES – chegaram muito bonitas e simpáticas na nossa escola e nós ficamos assustados e admirados, pois aqui em Oiticicas as pessoas são humildes e principalmente naquele tempo que as coisas eram mais difíceis.

Aquele dia foi um momento de muita alegria. Elas se apresentaram e perguntaram quem já tinha ido ao mar. Elas vieram para nos ajudar. Dra. Isis e Marta, duas mulheres inesquecíveis pelo fato de ter acreditado em um projeto pequenino o qual teve a minha assinatura e a dos meus colegas de sala, pois a escola deu um grande salto graças à confiança que tiveram no tio Everaldo. Era assim que eu o chamava quando criança.

Uma lembrança que não sai da minha memória era os mutirões que nós alunos junto com algumas pessoas da comunidade fazíamos para melhorar o ambiente físico da escola. O beco (assim chamávamos a rua de frente a Escola Allan Kardec) era terrível, pois era cheio de buracos, pau e pedras. Era impossível de transitar qualquer transporte, mas demos uma melhorada antes de chegar o calçamento.

As pedras eram levadas para um lugar onde eram usadas na construção da quadra e das salas. Nós levávamos dentro de um saco aberto onde duas pessoas pegavam de um lado e do outro. Certo dia, quando ia colocar as pedras no monte, uma menina chamada Maria José jogou a pedra dela para cima. Essa pedra rolou e caiu em cima do meu pé. Chorei muito, pois saiu muito sangue. A Luzia que é uma peça chave no Centro Espírita “O Pobre de Deus”, lavou o meu pé ensanguentado com uma mangueira. Todos ficaram preocupados comigo.

Sinto-me parte da história da escola, pois a minha vida faz parte do alicerce desta. Estudei até a 4ª série na Escola Allan Kardec. Nesse período a escola melhorou ampliando-se tendo cadeiras suficientes para todos. No início a quadra era descoberta e eu era viciada em jogar bola. Minha ocupação era estudar, brincar e jogar bola. Terminava a aula eu almoçava, trocava de roupa e esperava o horário da abertura da quadra para ir ao encontro da turma para jogar futsal. Era muito legal e com a ajuda do BNDES foi construída uma nova quadra com cobertura.

Lembro-me da Heleneide que estudava comigo. Ela dava ataque e tinha uma dificuldade de se aproximar dos colegas. Um dia ela começou a ter um ataque dentro de uma das salas que estava em reforma. A boca e o rosto dela estavam cobertos com uma espuma branca. Todos nós ficávamos com medo dela morrer e, assustados, alguns saíam correndo. Eu ficava perto dela e só saía quando ela melhorava.

Lembro-me também de um garoto muito chato que tomava conta da quadra. Ele me impedia de jogar bola por que eu fazia traquinagens na sala de aula. Eu não respeitava a professora, conversava muito e esse garoto impôs uma regra que se alguém fizesse alguma coisa errada dentro de sala ele não deixaria jogar. Eu tinha muita raiva dele e uma vez fiquei tão chateada com ele que escrevi uma carta de três páginas para entregar ao Tio Everaldo contando o que ele tinha feito comigo, mas não entreguei, pois faltou coragem.

Lembro mais de momentos felizes, apesar de ter desencarnado um dos nossos colegas, o Enildo. Foi uma perda muito dolorosa, mas superamos. Apesar de tudo a minha vida na Escola Allan Kardec foi muito feliz. Eu participava com os meus colegas de peças teatrais, jogos e gincanas. Saíamos para competir em Viçosa com outras escolas e isso nos divertia muito.

O Jorge, a Raquel, o Batista, a Valdilene, o Jonas e eu apresentamos uma peça teatral de um texto espírita sobre os fenômenos das mesas girantes. A marta, minha professora, recebeu o texto do Everaldo e montou a peça. Eu fazia o papel da senhorita Baudin, esposa de Allan Kardec. Fiz uma prece muito bonita e a mesa começou a girar. Foi muito engraçado a Raquel debaixo da mesa com uma toalha grande e ninguém conseguia vê-la. Todo mundo ficou assustado e admirado. Quando terminou a peça nós fomos muito aplaudidos eles gostaram muito.

Momentos felizes existiam, mas também existiam períodos tristes na minha vida pessoal. Um dos momentos mais difíceis de minha vida aconteceu quando eu tinha 14 anos.

Conheci um garoto e ele mudou totalmente a minha vida. Ele me perseguia querendo ficar comigo e eu sempre corria com medo por que o papai dizia que se eu namorasse cedo, principalmente com a idade que eu tinha, ele ia me dar uma pêia. Eu não gostava muito do garoto e sempre fugia dele. Eu não sabia nem o que era namorar e nem me interessava por homem.

Eu queria era brincar de casinha, de bola e de boneca. Um dia ele marcou um encontro comigo e sem perceber ele me roubou um beijo. O meu primeiro beijo foi com ele. Eu saí correndo com medo do que tinha acontecido. Tinha também medo dos meus pais saberem. A Adriana era uma amiga e eu fui chorando contar para ela o que tinha acontecido. Ela riu quando eu disse que odiei e que jamais iria namorar alguém.

Depois desse beijo ele ficou me perseguindo, mandando recado. Por muito tempo ele dizia que eu ia ser dele até que um dia ele foi embora para Manaus e eu achei que estava livre. Que nada. Minha tia veio visitar a família e trouxe o recado que ele queria falar comigo. Ele falou as mesmas coisas que dizia antes: que eu era a mulher da vida dele. Por telefone falamos por quase um ano e essa situação me deixou muito confusa.

Não sabia o que fazer, pois até então já havia namorado outros garotos e eu tinha dúvida em relação aos meus sentimentos. Nessa época meus pais já tinham compreendido que eu não era mais uma criança e sim uma mulher. Mas não era de meu interesse casar e nem me envolver com alguém, pois eu sonhava com a minha independência, estudar e trabalhar para me manter futuramente e minha família por que é duro você ver as dificuldades na nossa família e não poder fazer nada. Mas ao ouvir aquilo que eu queria para a minha vida eu comecei a me interessar não pelo material, pois ele deixou bem claro que não tinha nada. Comecei a acreditar na parceria que poderíamos ter e com a s realizações que pretendíamos alcançar.

Fiz essa viagem ilusória até Manaus e sofri muito. Com o decorrer do tempo foi ficando impossível a nossa convivência, pois tudo que sonhei estava acontecendo ao contrario. Vícios e falta de compromisso nos levou a separação. Não aceitava aquela situação. Foi um sofrimento na minha vida. Eu me perguntava se eu merecia passar por tudo aquilo.

Longe de casa e separada tive a oportunidade de viver facilmente, de me prostituir, entrar em caminhos tortuosos. Mas eu não caí. Lembrava que a vida não tinha acabado e que eu tinha que colocar em prática os bons ensinamentos que adquiri dos

evangelizadores: seu Pedro, Everaldo, Luzia e Deus em primeiro lugar. Nesse período foi quando eu fiquei mais próxima dele.

Quando retornei a Oiticicas fiquei quase dois meses sem trabalhar. Eu só comia, dormia e não saía de casa. Foi quando a Luzia perguntou se eu queria trabalhar na escola, pois eu tinha sido aluna e eu era uma pessoa boa e humilde que ia contribuir muito com os programas do Centro Espírita “O Pobre de Deus”.

Trabalhei no sócio educativo e agora estou no sócio familiar fazendo visitas. Fiquei com medo de trabalhar, por não ter feito uma faculdade, mas acreditando na minha força de vontade eu aceitei. Posso dizer que sou feliz e grata a Deus pelos bons ensinamentos que me fez desviar dos caminhos tortuosos da vida e a Escola Allan Kardec, ou seja, ao Everaldo uma pessoa respeitável que eu admiro muito.

Apesar de uma vida difícil no passado eu nunca odiei esse garoto eu até o perdoei, pois sei que todo mundo tem falhas e eu não sou diferente, se não deu certo é por que a tampa da minha panela é outra. Hoje, estou noiva novamente e o novo sortudo é o Diel. Pretendemos casar. Espero que sejamos felizes apesar de ter consciência de que a vida a dois é um grande desafio e que devemos ter muita compreensão, tolerância e muito amor para vencermos as barreiras dos caminhos da vida.

Voltando a falar de minhas experiências de infância na escola, relembro o quanto fiquei triste quando tive que sair da Escola Allan Kardec. Isso aconteceu quando eu estava na 4ª série. O município, no meu ponto de vista por inveja, conseguiu fazer que a escola não funcionasse mais com o ensino formal tendo a gente que mudar para a escola do município.

Todos nós, alunos que entraram desde a fundação da escola, recebemos o Certificado da Amizade entregue pelo Tio Everaldo na quadra da escola. Este simboliza o direito de ser amigo para sempre da Escola Allan Kardec e dizia que nunca devíamos nos distanciar do caminho do bem.

O último dia como aluna da Escola Allan Kardec foi um dos momentos mais triste da minha vida. Lembro que fiquei sozinha chorando no cantinho da arquibancada da quadra quando o tio Everaldo me chamou para receber o certificado. Lembro-me de suas palavras que diziam: - Iranir, você vai, mas você nunca deve se distanciar daqui por que aqui é seu lugar. Suas palavras foram de conforto e eu as compreendi.

Depois disso participava quando podia das evangelizações do grupo Mocidade Cristã em Busca do Bem que era muito legal também. Os encontros eram no Centro Espírita

“O Pobre de Deus” e estudávamos O Evangelho Segundo o Espiritismo e visitávamos idosos. Como o Everaldo me pediu sempre me envolvi nas atividades da instituição, principalmente de jogar bola na quadra já que era o único lazer na comunidade. Não tinha outra opção, ou agente ia para quadra jogar bola e tomar banho de rio ou ficava em casa e na rua sujeito ao ócio. Frequentava as festinhas realizadas pela Escola Allan Kardec no natal, réveillon, dia das crianças e outras. Quando não tinha outros compromissos sempre participava. Eu posso dizer que tudo que sou hoje, minha moral, minha conduta, o respeito, não ter vícios, de não gostar de coisas fúteis eu agradeço a minha família que são pessoas honestas e de caráter e à Escola Allan Kardec.

Apesar de conhecer um pouco e acreditar na luz resplandecente da Doutrina Espírita não fui tocada totalmente ao ponto de assumir que sou espírita. É como se eu tivesse conhecido um rapaz, ter gostado, mas apenas como amigo e não como namorado. Fui convidada diversas vezes a participar de estudos no Centro Espírita “O Pobre de Deus”, mas por duas vezes voltei do meio do caminho.

Certa vez fui convidada a participar de um estudo que se iniciava depois da reunião mediúnica que acontece de 18hs as 19hs e quando eu cheguei vi que a porta estava fechada. Esperei um pouco e a porta não se abriu. Com vergonha de atrapalhar decidi ir à igreja. Ao chegar à igreja também não fiquei e eis o meu grande dilema: ser católica ou ser espírita. Hoje me considero católica, mas tudo que eu penso em fazer meu guia é Deus e as obras espíritas me ajudam muito apesar de não me declarar espírita.

Eu como qualquer um tenho muito a aprender, pois não há ser humano que seja perfeito, mas a cada vacilo meu eu tento me corrigir e fazer diferente. Eu sou como uma balança às vezes pesa de um lado e de outro.

Não entendo por que não consigo ir fundo nas coisas que desejo. Queria ser diferente. A cada dia somos desafiados a experimentar algo novo e muitas vezes me sinto incapaz. Tento e quero contribuir, mas diversas vezes, sinto a falta de quem reme esse barco comigo, ou seja, mesmo tão acompanhada me sinto tão só, mas sempre estou em busca de respostas para essas minhas dúvidas.

O Centro Espírita “O Pobre de Deus” me ajudou e continua me ajudando a entenderas coisas da vida e a enxergar o que é certo e o que é errado. Desde criança tenho aprendido no centro espírita. Meus pais sempre falaram para eu ter cuidado com as coisas, mas nunca me explicavam os porquês. Por exemplo, na questão da sexualidade eu não sabia

de nada. Quando a mãe conversava com alguém sobre menstruação e eu estava por perto ela dizia: - sai daqui Iranir! Sai que não é pra tu escutar isso não! Isso não é coisa pra criança tá ouvindo não. Eu sempre saia.

Outra vez, o Everaldo trouxe uma camisinha para dar aula e todo mundo ficou morrendo de vergonha. Nesse dia eu nem disse a minha mãe o que ele tinha feito, pois era ariscado até ela ter me tirado da escola. Se fosse pelos meus pais eu nunca teria aprendido essas coisas, pois eles nunca tiveram uma formação nesse sentido. Sobre essas e outras coisas da vida aprendi na Escola Allan Kardec.

Acho que esse meu sentimento de solidão é por que eu sempre me interessei pelas atividades da escola e sempre participo de tudo, mas quando eu convido os meus pais eles nunca querem ir ao centro espírita. Do jeito que eu tive conhecimento das coisas no centro espírita eu queria que eles tivessem também. É complicado. Eu sempre convido, mas ele não vem. Meus pais sempre foram boas pessoas, mas precisam saber mais sobre os porquês das coisas.

Posso dizer com certeza que a maior contribuição do centro espírita foi formar o meu modo de ser. Apesar de ser uma pessoa complicada eu me sinto orgulhosa de mim mesmo de ser a pessoa que sou hoje: calma, quieta e que não bebe. Não sou perfeita. Sei que tenho as minhas falhas, mas a grande contribuição que eu vejo foi a construção de minha responsabilidade.

4.5 Recordações de Minha Vida no Centro Espírita “O Pobre de Deus”

Eu sou Valdilene dos Santos, meu pai se chama Pedro Ferreira dos Santos e minha Mãe Benedita Maria de Jesus. Nasci no Sítio João Ferreira que é também conhecido como lagoa seca. Uma das minhas irmãs mais velhas, a Helena, trabalhava em uma casa de família no Tianguá que fica também na serra da Ibiapaba. Quando soube que eu tinha nascido veio me visitar e ficou admirada, pois eu era bem pequeninha e pretinha quase perdida dentro da rede. Até hoje ela lembra isso para mim.

Quando eu tinha uns cinco anos um homem lá de Fortaleza com o nome de Chico Alípio perguntou ao meu pai se ele queria morar em uma casa que ele tinha no Sítio

Boqueirão do São Gonçalo. Meu pai disse que ia. Lá ele teria que cuidar dos gados e das plantações, e como meus irmãos já podiam ajudar, nós fomos para lá.

Lá nesse sítio era bom porque era grande, o rio era bom e a localização muito popular. As pessoas gostavam de ir para lá tomar banho e apreciar a paisagem. Esse rio era conhecido como o Rio dos Bambus por que tinha muitos bambus. Muitas pessoas chamavam o rio do seu Pedro André que era o apelido do meu pai.

O meu pai e os meus irmãos cuidavam do gado e das plantações. Meu irmão Valdo tirava o leite e os meus irmãos Raimundo Nonato e João Batista ajudavam o meu pai a tirar o capim para o gado. Eu ia vender todo dia leite na Oiticicas, um distrito que fica bem próximo do sítio que nós morávamos. A venda do leite ajudava na renda da minha família.

Nos finais de semana era bom demais. Meus irmãos, alguns amigos e eu íamos tomar banho no rio. Lá perto tinha muitas bananeiras cortadas e aproveitávamos para fazer canoas para descermos o rio abaixo em cima delas. Na época de enchente dos rios era muito divertido fazer isso.

A minha infância foi boa demais, mas meus pais não costumavam a conversar sobre alguns assuntos, por exemplo, como nós nascíamos. Eu lembro que um dia eu perguntei à minha mãe como era o nosso nascimento e como eu tinha nascido. Ela me disse que eu tinha nascido de dentro de uma melancia e eu passei muito tempo imaginando como era nascer de uma melancia. Ficava sem entender realmente. Era tudo ilusão. Para cada um ela tinha uma resposta fora da realidade. Para minha irmã Luzia ela disse que tinha encontrado ela perto de um rio.

E assim ia levando e só fui entender melhor quando comecei a estudar. Eu estudava na escola do município de Viçosa do Ceará, mas não passei muito tempo lá. Minha mãe, meu irmão Valdo, meu pai e eu frequentávamos as reuniões do Centro Espírita O Pobre de Deus. Quando ouvimos falar que iria funcionar no centro uma escolinha com o nome de Escola Allan Kardec minha mãe disse que ia conseguir uma vaga para mim e para os meus irmãos João Batista e Raimundo Nonato. Foi uma alegria muita grande, pois não estávamos tendo proveito nenhum na escola do CERU que era a escola municipal. A sala que eu e meus irmãos estudávamos era uma zona só: cheia de bagunças e briga entre os alunos.

Nós começamos a estudar na escolinha Allan Kardec que fica na Rua da Luz. Era totalmente diferente. Nós tínhamos todo o gosto de estudarmos lá. Nossa adaptação foi muito

boa. Conhecemos novos colegas e os estudos eram todos proveitosos e era bom o relacionamento com os novos amigos e também com os professores.

A Maria Inês era minha professora e do meu irmão João Batista. Ela foi uma das melhores professoras com quem estudei. O meu irmão Raimundo Nonato estudou com a Lêda em outro turno, pois ele fazia a alfabetização fraca.

Lá na escola tinha as evangelizações espíritas que o Everaldo, A Luzia Carneiro e o seu Manoel dos Santos eram os evangelizadores que nos ensinavam com todo amor e carinho. Desde cedo começamos a aprender as lições de uma vida boa e digna. Conhecemos nesta atividade a história de Jesus e seus ensinamentos.

Toda a minha família estava envolvida com as atividades do centro espírita. Minha irmã Aninha também era envolvida com as atividades da escola. Ela foi chamada para trabalhar lá como monitora do curso de datilografia e depois como monitora da biblioteca auxiliando os alunos nas pesquisas lá realizadas. Ela namorava com o Dened que também era funcionário da escola. Ela sempre gostou de crianças. Entre essas tinham duas Adrianas: uma ela chamava de Adriana maçã por que ela tinha uma sandália com desenhos de maçã e a outra era a Adriana da cianinha por que ela tinha uma saia com cianinhas.

Nos finais de semana o Dened ia lá para casa e junto ia o Jorge, o Mardônio, a Madalena e a Elinalda, todos, alunos da Escola Allan Kardec. Era uma bagunça, mas cada um fazia alguma coisa. A Aninha dava uma tarefa para cada um, por exemplo, um lavava a louça, outro guardava, outro ia pegar água no poço e assim por diante. O meu pai era cheio de brincadeira, mas quando queria ser sincero dizia tudo que lhe vinha à boca. Ele reclamava que a Aninha sempre levava muitas crianças lá para casa só fazia bagunça. Mas ela nem ligava todo final de semana era aquela mesma bagunça.

Uma pessoa que para mim é inesquecível é o seu Manoel dos Santos. Ele deixou um bom exemplo de evangelizador. Era um homem muito bom e gostava das crianças além de cantar e ensinar a pintar. Quando eu escuto alguém cantar a música “O Pobre de Deus” eu me lembro do seu Manoel dos Santos, pois era uma das músicas que ele mais gostava.

As professoras e funcionários da Escola Allan Kardec faziam piqueniques lá no Rio dos Bambus. Era muito legal. As merendeiras levam as merendas e o almoço para todos comerem debaixo dos bambus. Brincávamos de vôlei, futebol e corrida de saco. A brincadeira também era para os adultos. A Rosa que é tia da Iranir sempre participava e

sempre ganhava. Na corrida de saco saia correndo até pular no rio. Até hoje ela gosta dessas aventuras.

Eu me lembro das festinhas de natal e das crianças. Como eram divertidas e agradáveis! Uma dessas festas aconteceu embaixo de uma mangueira e após um vento muito forte uma manga caiu na cabeça de uma das minhas colegas que estava no colo de sua avó. Todos ficaram com pena da menina que chorava muito.

Na escola também tinha uma marcenaria para cursos profissionalizantes para os pais e jovens da comunidade. A marcenaria fazia parte das oficinas Frederico Figner. As oficinas Frederico Figner ofereciam cursos de crochê, bordado e costura para as mães e as jovens. Nestas oficinas eu até aprendi a fazer um avental, uma blusa e um short.

Eu estudei por muito tempo na Escola Allan Kardec e só sai de lá por que só tinha até a 4ª série. Quando saímos de lá recebemos um certificado que tinha a assinatura dos professores, voluntários e funcionários. Mesmo saindo nós tínhamos o direito de ir lá quando fosse preciso fazer pesquisas ou pedir ajuda.

Fui estudar novamente na escola do município e lá terminei os estudos. Quando terminei o ensino médio fui para Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Fui em 2005 por que minha irmã Helena estava lá casada com um rapaz do Maranhão e ia ser mãe de um bebezinho José Pedro – Pedrinho. O nome era a mistura do nome dos dois avôs: José era do sogro da minha irmã e o Pedro era o nome do nosso pai.

Ela tinha ido só fazer um passeio com os patrões dela de Fortaleza, mas ela conheceu uma maranhense a qual lhe arrumou um emprego na casa e um de seus amigos. Ai minha irmã resolveu ficar e com o tempo ela conheceu o Júlio o qual ela é casada e tem um filho que é o Pedrinho.

Mudei-me para lá para cuidar do Pedrinho, pois quando terminasse a licença maternidade ela ia voltar a trabalhar. Quando cheguei, ele tinha três meses e cuidei dele durante dois anos. Quando ele tinha dois anos foi para a creche e nas primeiras semanas ele chorava muito para não ficar lá. Minha irmã também chorava muito porque sabia que ele ia ficar com saudades dela, de mim e do pai.

Depois eu fui atrás de emprego. Foi muito difícil, pois era o meu primeiro emprego e não tinha experiência, meu currículo tinha poucos cursos. Após um tempo fui chamada para trabalhar no McDonald's como atendente. Mas atendente era só na carteira de trabalho, pois eu tinha que aprender tudo: fazer o lanche, condimentar os sanduíches,

assar as carnes na chapa, fritar as tortas e as batatas, escrever o tempo de duração e vencimento dos lanches na estufa e muitos outros serviços. Para mim era um trabalho muito puxado. Mas o pior eram os horários, pois durante a semana entrava às 22h30min e saía de 6h e nos finais de semana entrava às 21h e saía às 7h.

O meu irmão Raimundo Nonato foi morar também em Porto Alegre para estudar e trabalhar. Lá ele terminou o ensino médio e em seguida fez um curso de engenharia civil que durou quase quatro anos. Ele dizia que ia fazer faculdade nessa área. Atualmente ele trabalha como fiscal de obras no aeroporto Salgado Filho de Porto Alegre. Meu pai sempre o elogiava e dizia: - Meu filho é inteligente e vai ser doutor. Ele dizia isso por que achava bonito quando o meu irmão escrevia ligeiro.

Durante esse período eu sempre me comunicava com o Everaldo. Sentia muita saudade dos meus pais, e amigas. Eu sempre me interessava em saber dos trabalhos e atividades do Centro Espírita O Pobre de Deus. Via através do e-mail que o Everaldo me enviava e tinha vontade de voltar e fazer parte daqueles trabalhos. Foi aí que o Everaldo me propôs um emprego como monitora e eu aceitei.

Voltei para Oiticicas no final de 2008 e comecei o meu novo trabalho no centro espírita com as crianças. No começo foi muito difícil por que sentia agora saudades do meu sobrinho que tinha ficado em Porto Alegre. Mas eu sempre falava com ele pelo telefone para amenizar as saudades e às vezes essa saudade fazia era aumentar, pois ele é uma criança muito querida e eu me apeguei muito. Ele me chamava de “mamãe-titia” e eu adorava.

Hoje eu ainda trabalho como monitora na instituição espírita Centro Espírita O Pobre de Deus. Sinto-me feliz por ter voltado a participar dos trabalhos da instituição e agradeço à Deus por essa grande oportunidade e por ter conservados os bons exemplos que aprendi desde cedo com a ajuda das evangelizações e ensinamentos da Doutrina Espírita. Até hoje continuo participando das reuniões e admiro muito as lições de Jesus contidas no Evangelho Segundo o Espiritismo. Para mim a Doutrina Espírita é tudo. Sem ela não entenderia desigualdades que muitos não entendem por não conhecerem a Doutrina.

Ainda sou muito imperfeita, mas progredi um pouco com a ajuda da Doutrina Espírita. Não entendo tudo sobre os sofrimentos e desigualdades, mas sei que é a lei de ação e reação que no Espiritismo também se entende como causa e efeito. É muito encantador o Espiritismo, pois nos faz entender que colhemos o que um dia plantamos.

Tudo que vivi aqui no centro pra mim teve um significado grande, pois eu sou hoje uma pessoa que quer, e com a ajuda dos companheiros, com certeza fazer a diferença. Quando passei a trabalhar na escola enfrentei muitas dificuldades, e ainda enfrento, mas no começo foi mais porque era um trabalho que eu ainda não tinha experiência e com a ajuda de todos, eu fui me adaptando ao trabalho e hoje eu me sinto feliz, pois sei que todo esforço seja ele qual for não é perdido.

5. SIGNIFICADOS DAS EXPERIÊNCIAS NO CENTRO ESPÍRITA: REFLEXÕES SOBRE CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE VIDA, ESPERANÇA E LUTA POR GARANTIA DE DIREITOS

“Não há mudança sem sonho, assim como não há sonho sem esperança”

(FREIRE, 2009, p. 91)

O presente capítulo divide-se em quatro tópicos e apresenta em seu corpo considerações acerca das contribuições do Centro Espírita na formação juvenil. O primeiro tópico, intitulado **A atuação no Centro Espírita como experiência formadora** discute os conceitos de experiência, experiência formadora, aprendizagem experiencial, formação e narrativa. Para respaldar essa discussão, apoiei-me nas elaborações dos seguintes autores: Dewey (1952), Larossa (2002) e Josso (2010) e Delory-Momberger (2008).

No tópico **Dialogando sobre Direitos Humanos**, é estabelecido um debate sobre o que são direitos humanos; para quê Educação em Direitos Humanos (EDH), e como essa se estabelece no ambiente do CEPD, a partir das falas dos sujeitos e da literatura especializada. Os autores Rabenhorst (2008), Benevides (2003; 2008) e Pequeno (2008) são referenciados. Também foram consultados a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão e o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Mais adiante, no tópico denominado **Construindo horizonte de esperança**, discuto como o estabelecimento de horizontes de esperança auxilia na formação dos jovens, ilustrando com suas falas. Também é estabelecida uma discussão sobre o pessimismo juvenil e como ele se configura como um obstáculo à esperança. Para este tópico, foram utilizados como referência os seguintes autores: Bloch (2005), Freire (2009), Fromm (1984), Assmann & Mo Sung (2000) e Kardec (2011).

Por último, apresento o tópico **Os Jovens de Oitícas e seus projetos de vida**, em que faço uma relação entre garantia de direitos, horizontes de esperança e construção de projetos de vida. Além disso, há uma análise dos projetos de vida de 86 jovens que participaram do questionário socioeconômico e cultural. Esse tópico se encerra com ponderações sobre os projetos de vida narrados pelos jovens participantes desta pesquisa, considerando como o Centro Espírita colabora com essas projeções. Para articular essa

discussão, foram empregadas as contribuições conceituais dos autores Damon (2009) e Catão (2001).

5.1 A atuação no Centro Espírita como experiência formadora

Em sua crítica à educação tradicional, Dewey (1952) defende uma proposta de educação progressista ou “nova”, que não rechaça por completo a “velha” educação tradicional, mas aponta problemas pedagógicos no ímpeto de buscar melhorias. Dewey enfatiza, sobretudo, a necessidade de conexão entre educação e experiência pessoal, ausente, ou negligenciada na prática tradicional. Dessa forma, propõe uma nova filosofia da experiência, cujo desenvolvimento seria um compromisso assumido pelo novo modelo educacional.

Na sua obra *Experiência e Educação*, Dewey (1952, p.14) sugere que nem todas as experiências são verdadeiramente educativas, ou seja, “experiência e educação não são termos que se equivalem. Algumas experiências são deseducativas.” É de fundamental importância considerar o caráter das experiências, pois elas podem desencadear uma série de problemas posteriores, como o desinteresse que a maioria dos adolescentes tem pela leitura, pelo fato de ficarem presos à leitura de sumários e resumos superficiais. Acontece, também, de o jovem se acomodar com a superproteção dos pais, não desenvolvendo suficientemente, assim, o senso de responsabilidade para trilhar seu próprio caminho. Essas experiências que “deseducam” prejudicam a formação plena dos indivíduos, e aí está o grande desafio dos educadores: promover experiências que eduquem, que auxiliem os indivíduos na sua formação integral, ou seja, nas dimensões cognitiva, afetiva, moral, espiritual, estética, biológica e social.

Para contribuir com a formação do sujeito, a experiência deve promover interação com os saberes construídos e experiências posteriores, além de gerar sentidos significativos em sua trajetória. Esse sentido é apontado por Larrosa (2002, p. 21), ao caracterizar as experiências como o “[...] que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.”

Segundo Larrosa, esses “acontecimentos” são cada vez mais raros na sociedade contemporânea por conta do excesso de informações, de opiniões e de trabalho, além da falta

de tempo. O excesso de informação aumenta a probabilidade de não sermos tocados pela experiência. O sujeito pode passar o dia assistindo a uma palestra e, ao final, dizer que saiu sabendo (saber, não no sentido de sabedoria) mais coisas do que quando chegou. Porém, essa informação pode não tocá-lo, ou seja, pode não gerar nenhuma reflexão que modifique seus esquemas cognitivos, afetivos, e atitudinais.

Sobre o excesso de opinião, acontece que os indivíduos se acostumaram a ter, como na informação, apenas quantidade. A ânsia de estar mais informado e poder opinar sobre muitas coisas, levam os indivíduos a certa superficialidade do conhecer. Quanto ao excesso de trabalho, Larossa (2002) mostra-se preocupado com a confusão conceitual que a maioria das pessoas fazem entre trabalho e experiência. Mais trabalho não significa mais experiência. Quem ganha com o discurso “mais trabalho equivale a mais experiência” é o sistema capitalista, sobretudo na sua fase atual, que prende ainda mais os trabalhadores no ciclo trabalho-consumo-trabalho. Tal lógica explica a falta de tempo na contemporaneidade, aprofundando os processos de alienação do trabalhador. Existe pouco tempo para contemplar, para amar, para experimentar, para conhecer. As relações se tornam efêmeras e prófugas, pois o novo e o inédito agradam mais. A sociedade moderna está mergulhada em um imediatismo que impede os indivíduos de “saborear a vida em seus detalhes”.

Assim, surgem as seguintes questões: Como os sujeitos podem ter experiências educativas e significativas dentro dessa realidade? Será que aquele que está inserido nessa realidade pode em algum momento ter um *insight* e mudar por si, ou seja, tornar uma experiência deseducativa em uma experiência educativa e significativa? Vale deixar claro que o sujeito aprendente está sempre em formação, transformando suas vivências em verdadeiras experiências, pela reflexão, estando sempre inacabado. Não é um sujeito livre de tropeços e erros, pelo contrário, aprender pela experiência é enfrentar as dificuldades e as opressões, é refletir diante do vivido. Significa dar chance às possibilidades de mudanças.

Larrosa (2002, p. 25), citando Heidegger, reflete sobre a relação entre experiência e transformação de si:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em ‘fazer’ uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, ‘fazer’ significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim

transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

Outra questão pertinente sobre as experiências é distingui-las das vivências. Vivemos muitas coisas cotidianamente. Tanto no aspecto particular como no coletivo, estamos a vivenciar algo todo tempo. Fortalecendo a tese de Larrossa (2002), Josso (2010, p. 48) esclarece que o conceito de experiência vai muito além daquilo que é vivido e requer processos complexos para alcançá-la.

Proponho, pois, considerar o que designamos comumente por ‘experiências’ como vivências particulares. Nos meus cursos, tentei estabelecer essa distinção que acabou por fazer mais ou menos o seguinte percurso: vivemos uma infinidade de transações, de vivências; essas vivências atingem o status de experiências a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido.

A experiência é fruto da reflexão e da interpretação do vivido. A partir dessa experiência construída, o sujeito sofre transformações e eleva suas dimensões a um novo patamar de conhecimento, surgindo novos saberes. Esse processo pode ser entendido como formação experiencial, pois é a partir da experiência que o sujeito se forma e se modifica. Sobre esse ponto, Josso (2010, p. 38-39) reforça, expondo que “se a aprendizagem experiencial é um meio poderoso de elaboração e integração do saber-fazer e dos conhecimentos, o seu domínio pode torna-se um suporte eficaz de transformações”.

Tanto Dewey, quanto Larrosa e Josso colaboram para a teorização de uma dimensão experiencial da aprendizagem. Em suma, Dewey colabora com uma discussão de que a experiência seria como uma mola propulsora que desencadeia uma educação significativa, ativa e viva. Essas experiências são regidas por dois princípios: a continuidade, que seria uma espécie de crescimento, desenvolvimento das potencialidades do sujeito; e a interação, ou seja, esse desenvolvimento acontece através da interação de agentes externos e internos ao sujeito, conforme expresso a seguir:

A experiência ocorre continuamente, por que a interação da criatura viva com as condições que a rodeiam está implicada no próprio processo da vida. Sob condições de resistência e conflito, aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação qualificam a experiência com emoções e

idéias, de maneira tal que emerge a interação consciente. (DEWEY, 1980, p. 89)

Larrosa (2002, p. 27) discute sobre o que ele chama de “saber da experiência”. Esse saber nasce da relação constante entre o conhecimento e a vida em que a experiência seria o mediador de ambos

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. E esse saber da experiência tem algumas características essenciais que o opõem, ponto por ponto, ao que entendemos como conhecimento.

É desse processo de elaboração do sentido das experiências e das relações a partir de fatores endógenos e exógenos dos sujeitos que, segundo Josso (2010, p. 56) as aprendizagens ou formações experienciais se consolidam. Para a autora de *Experiência de Vida e Formação* a formação experiencial designa

[...] a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou voluntária em termos de competências existenciais (somáticas, afetivas, conscienciais), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendente em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registros.

Existem diversas formas de estudar os processos de formação, de aprendizagem, de conhecimento e de saber. Um meio de estudo interessante para compreender tais processos é o uso das narrativas dos sujeitos. Em uma narrativa, o sujeito pode agregar diversas vivências que até então não se transformaram em experiência pela falta da reflexão. Através dessas narrativas o sujeito pode interagir com o tempo, ou seja, a partir de um questionamento presente estabelecer um intercâmbio entre passado e futuro (JOSSO, 2010). Segundo Delory-Momberger (2008, p.37), só é possível fazer uma “figura pública de si” pela mediação da narrativa, ou seja, o sujeito só se apropria de sua vida ao narrá-la.

É a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as relações de causa, de meio, de finalidade; que polariza as linhas de nossos enredos entre um começo e um fim e os leva para sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos em encadeamentos finalizados; que compõe uma totalidade significativa, na qual cada evento encontra seu lugar, segundo sua contribuição na realização da história contada.

Essa dinâmica de elaborar uma narrativa sobre como se deu a formação proporciona ao narrador, meios para iniciar um mergulho profundo ou superficial nas questões que participaram direta e indiretamente do seu processo de formação, tendo, a partir desse momento, uma nova visão de suas experiências, um (re)olhar que poderá gerar novos conceitos e atitudes, reorganizando as estruturas de suas múltiplas dimensões. De acordo com Chené (1988, p.90),

[...] a narrativa de formação tem como objectivo principal, segundo o que e pedido, falar da experiência de formação. Relativamente à narrativa de vida, presume-se que a narrativa de formação apresente um segmento da vida: aquele durante o qual o indivíduo esteve implicado num projecto de formação. Assim, com a produção de uma escrita, constrói-se a experiência de formação. Parece-nos que, através da escrita, o indivíduo da, de certa forma, uma substância ao seu ser, no termo da sua formação.

Ainda sobre as narrativas de formação, Josso (2010, p. 42) pontua:

Com efeito, as narrativas de formação põem em evidência a dificuldade de estabelecer correlações entre circunstância e gêneros de aprendizagem. Esses momentos formadores, que podem durar alguns instantes ou alguns anos, são quadros que colocam em cena um ou vários protagonistas em transações numa dramaturgia singular; numa brusca interrupção de duração ou de intensidade, numa observação, num exercício sistemático, numa simpatia, num afeto ou numa aversão por um *alter ego*.

Considerando inicialmente essas matrizes teóricas que englobam experiência, experiência formadora, aprendizagem experiencial, formação e narrativa compreenderemos melhor como as experiências são construídas no Centro Espírita, com o apoio de outros pesquisadores. Para Olinda (2009, p. 191),

No trabalho cotidiano, os espíritas vivem uma experiência religiosa, procurando se melhorar a cada dia. Nessa experiência, estão incluídas práticas individuais e coletivas; leituras, estudos, debates, orações, meditações, participação no cotidiano da Casa Espírita, prática da caridade moral e material, ações culturais e de promoção social e educativa.

Na mesma linha de raciocínio, Xavier (1951, p. 9) discorre:

Um Centro Espírita é uma escola onde podemos aprender e ensinar, plantar o bem e recolher-lhe as graças, aprimorar-nos e aperfeiçoar os outros, na senda eterna.

Quando se abrem as portas de um templo espírita cristão ou de um santuário doméstico, dedicado ao culto do Evangelho, uma luz divina acende-se nas trevas da ignorância humana e através dos raios benfazejos desse astro de fraternidade e conhecimento, que brilha para o bem da comunidade, os homens que dele se avizinham, ainda que não desejem, caminham, sem perceber, para a vida melhor.

O Centro Espírita se configura como mais um espaço de transcendência, espiritualização e formação. Em suas matrizes teóricas, a Doutrina Espírita deixa claro que não há sentido distinguir e separar as experiências religiosas espíritas das aprendizagens filosóficas e científicas e da sua atuação social. Identificar e entender como essas experiências formadoras são construídas e como reverberam na vida dos sujeitos implicados no Centro Espírita é de suma importância para compreender como a Doutrina Espírita contribui para o processo de formação dos indivíduos.

5.2 Dialogando sobre direitos humanos

A discussão sobre os direitos humanos tem tomado proporções significativas na contemporaneidade. Encontramos diversos espaços para essas discussões, desde encontros, seminários e fóruns específicos sobre a temática, até algumas práticas de implantação de atividades que trazem o debate para ambientes como escolas, televisão e comunidade. Mas até que ponto tais iniciativas colaboram de modo efetivo com a construção de uma consciência coletiva sobre a importância dos direitos humanos?

Ora, seria uma grande ingenuidade pensar que somente com essas ações, que, em muitas vezes, permeiam debates superficiais, poderiam os indivíduos obterem tal consciência.

Esse processo só pode ocorrer através de uma implicação individual em compreender não só o conceito, mas apreender seus fundamentos e defendê-los nas lutas cotidianas.

A propósito da conceituação dos direitos humanos, Marconi Pequeno (2008, p. 24) destaca a condição humana e a vida plena como fatores que devem ser assegurados por esses direitos:

Os direitos humanos são aqueles princípios ou valores que permitem a uma pessoa afirmar sua condição humana e participar plenamente da vida. Tais direitos fazem com que o indivíduo possa vivenciar plenamente sua condição biológica, psicológica, econômica, social cultural e política. Os direitos humanos se aplicam a todos os homens e servem para proteger a pessoa de tudo que possa negar sua condição humana.

Ainda sobre o conceito de direitos humanos, Benevides (2008, p.145) ressalta:

Direitos humanos são aqueles comuns a todos sem distinção alguma de etnia, nacionalidade, sexo, classe social, nível de instrução, religião, opinião política, orientação sexual, ou de qualquer tipo de julgamento moral. São aqueles que decorrem do reconhecimento da dignidade intrínseca de todo ser humano. Os direitos humanos são naturais e universais; não se referem a um membro de uma nação ou de um Estado – mas à pessoa humana na sua universalidade. São naturais, porque vinculados à natureza humana e também porque existem antes e acima de qualquer lei, e não precisam estar legalmente explicitados para serem evocados. O reconhecimento dos direitos humanos na Constituição de um país, assim como a adesão de um Estado aos acordos e declarações internacionais é um avanço civilizatório – no sentido humanista e progressista do termo – embora o estatuto não garanta, por si só, os direitos. No entanto, a existência legal, sem sombra de dúvida, facilita muito o trabalho de proteção e promoção dos DH.

A autora citada acima assinala pontos importantes na conceituação dos direitos humanos. Primeiro, coloca que esses direitos atendem os indivíduos sem distinção, respeitando suas diferenças e individualidades. Em segundo plano, aponta que os direitos são inerentes à pessoa humana (aspecto de naturalidade) e que independem de ambiente, ou seja, são aplicáveis em todos os lugares, independente de Estado ou nação (aspecto de universalidade). Um terceiro ponto abordado por Benevides é o reconhecimento da dignidade para que os direitos humanos possam se estabelecer como tais. Rabenhorst (2008, p.16) também compartilha desse preceito, quando afirma que os direitos humanos estão respectivamente vinculados à dignidade humana.

O que se convencionou chamar ‘direitos humanos’ são exatamente os direitos correspondentes à dignidade dos seres humanos. São direitos que possuímos não porque o Estado assim decidiu, através de suas leis, ou porque nós mesmos assim o fizemos, por intermédio dos nossos acordos. Direitos humanos, por mais pleonástico que isso possa parecer, são direitos que possuímos pelo simples fato de que somos humanos.

A dignidade embasa os fundamentos dos direitos humanos, pois influi na essência humana, ou seja, na capacidade que os indivíduos têm de racionalizar, sentir, relacionar-se com o outro, e nas potencialidades que têm de tornarem-se seres melhores. A dignidade é o que possibilita a humanização concreta dos seres humanos. Para muitos, a tarefa de conceituar dignidade pode ser um trabalho complexo, impreciso e amplo, mas o que importa é sabermos que ela é inseparável do processo de humanização.

A lógica capitalista provoca uma mudança no real sentido de dignidade. Os seres humanos possuem valores para aquilo que produzem, gerando mais riqueza na mão de poucos. A busca pelo lucro acima de qualquer coisa e o consumismo geram um indivíduo egoísta, intolerante e cada vez mais distante do sentimento de cooperatividade e solidariedade. Os indivíduos que não se enquadram nessa lógica são tachados de inúteis e ficam à margem do bem-estar individual e social. Mercantilizam-se as relações, e os indivíduos são caracterizados pela produção e capacidade de consumir.

Fica claro que esse pensamento é uma violação da dignidade humana e que “coisifica” os indivíduos. Kant (1991) discute, na obra *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*, que as coisas têm preços e as pessoas têm dignidade. Para Kant, os indivíduos possuem vontade própria, livre e autônoma, guiada pela sua capacidade de raciocinar. Tratar os indivíduos como coisas significa negar o seu livre arbítrio e suas múltiplas competências.

Desde modo, não negar a dignidade dos indivíduos significa a garantia da existência dos direitos humanos. Compactuando com essa ideia, Pequeno (2008, p. 26) destaca que a defesa dos direitos humanos reverbera a conservação da dignidade humana.

De fato, não precisamos saber definir dignidade humana para reconhecer que ela existe como uma marca fundamental do sujeito. Por isso, não é necessário compreender o que este termo significa para proteger os que têm sua dignidade ameaçada. Defender, zelar, promover a dignidade do homem

já parece ser o bastante para tornar nossa vida social menos injusta e violenta. Portanto, mesmo que esse termo se revele pouco claro ou mesmo indefinível, parece evidente que somos capazes de reconhecer um comportamento ou uma situação em que a dignidade é atingida. Assim, é o que acontece, por exemplo, quando constatamos o sofrimento de pacientes em filas de hospitais públicos, a condição de exclusão a que são submetidos os mendigos e crianças em situação de risco, o drama dos desempregados e outros marginalizados sociais. Quando defendemos os direitos desses indivíduos, nós o fazemos sempre em nome de uma dignidade que foi negada, esquecida, violada. Desse modo, os direitos humanos são considerados fundamentais porque são indispensáveis para que a pessoa possa viver com dignidade.

Na busca por garantir os direitos humanos, a sociedade possui diversos documentos oficiais que legitimam esses direitos. Dentre eles podemos destacar os seguintes documentos internacionais: a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial – CERD, e a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres; e nacionais: a Constituição Federal de 1988, o Estatuto do Idoso, o Estatuto da Criança e do Adolescente, dentre outros.

Acreditar que os documentos oficiais isolados podem garantir os direitos do Homem é de uma inocência tremenda. São necessários luta e empenho de cada indivíduo e das coletividades para conhecer e exigir direitos. Em contrapartida, o Estado deve se comprometer em efetivar essas leis através de políticas públicas nos diferentes setores. Eis o grande desafio dos direitos humanos: a sua efetivação através do trabalho compartilhado entre Estado e sociedade civil organizada.

Quando uma dessas esferas esmorece diante de tal desafio, os direitos humanos sofrem sérios riscos de serem violados. No Circulo Reflexivo Temático realizado, os jovens, ao narrarem suas vivências no CEPD, teceram considerações sobre a situação dos direitos, em específico, das crianças e dos adolescentes em Oiticicas. Vejamos algumas opiniões:

Os direitos das crianças e dos adolescentes, aqui em Oiticicas, ainda não são bem reconhecidos, por falta de informações ou por ignorância, também. Alguns não conhecem e outros conhecem, mas ignoram e acham besteira. Principalmente pelos pais e familiares. Na minha infância, também não eram tão reconhecidos pelos meus pais, por falta de informações. Eles achavam que a gente deveria trabalhar, deixar os estudos de lado. Isso aconteceu muito com a minha família. Em relação aos meus irmãos também. (Valdilene)

Com o entendimento de hoje, posso dizer que a gente aqui tem um jogo político, em que o que está lá em cima quer ganhar em cima dos fracos. Lembro quando estudávamos na escola pública e a merenda era servida em um prato de plástico e com colheres de plástico. A gente ia merendar e ficavam saindo lascas de plástico. Era uma situação horrível. Ficava tudo cheio de gordura e muitos não gostavam nem de merendar chegando a jogar a merenda “no mato”, dizendo: “como é que vou comer uma coisa dessas?” Certo dia, a secretária de educação foi lá na sala falar com a gente, e os professores ficavam piscando o olho para não deixar a gente falar e concordar com o que ela dizia. Eu levantei a mão e disse: “Por que a senhora vem falar isso com a gente?”, ela me disse: “Você me respeite!”, e eu falei: “Eu não estou lhe desrespeitando, muito pelo contrário, são vocês que estão desrespeitando a classe e a todos nós como alunos. Ela deu um grito, dizendo que estava sendo desmoralizada e eu fui e disse: “Quando você vem para a escola, a direção consegue uma garrafa de vidro com suco e cream cracker. No dia que você vier para cá, venha merendar com a gente na cantina, a mesma merenda que a gente come e no mesmo prato para você ver se nós é que estamos lhe desrespeitando”. Foi uma confusão maior que o mundo. Os professores mandaram me calar e me puxaram para fora da sala. A secretária saiu zangada, dizendo que aqui só tinha “burro”. Isso para a gente entender que na realidade não existe essa preocupação de formação de cidadãos por parte do município. (Jorge)

A respeito das considerações de Valdilene e do Jorge, podemos notar um destaque em suas falas no aspecto da ignorância, na falta de informação e no desrespeito à dignidade humana como obstáculos à efetivação dos direitos em Oiticicas. Esse estado de alienação, que é provocado pela exclusão dos indivíduos à informação, gerando, assim, uma ignorância, é mantido pelo poder público, com a clara intenção de deixar a população afastada da luta por garantia de direitos.

Para o Estado, a condição de alienação, de anomia e de latência dos indivíduos é favorável para o estabelecimento da opressão, ou seja, quanto mais indivíduos alheios aos seus direitos, menos cobrança e pressão o Estado sofre. Essa situação tem maior evidência no campo, onde a população, em sua grande parte tem a sua dignidade violada. A miséria e a pobreza são fortes empecilhos para a implantação efetiva dos direitos humanos.

Diante desse cenário de opressão, os jovens expuseram quais os direitos que são menos garantidos pelo poder público em Oiticicas. Quando discutíamos sobre os direitos pautados nos artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente, abrimos espaço para que cada um colocasse a sua visão quanto aos direitos violados pelo poder público na vila de Oiticicas. Baseados no ECA, os jovens apontaram a convivência familiar e comunitária, a saúde e o lazer como os direitos mais desrespeitados.

Na minha opinião, é a convivência familiar e comunitária. Faltam muitas ações para a saúde. As crianças podem até ter o direito, mas não chega aqui e, quando chega, não é bem realizado. As pessoas devem ir atrás e se esforçar para conseguir esses direitos. (Valdilene)

Acho que é a saúde. Aqui a gente sofre muito com isso, não só as crianças, mas também os adultos, pois quando adoecem precisam de um apoio de um médico e não tem profissional da área aqui para ajudar, então temos que nos deslocar. É muito complicado. (Iranir)

O da saúde é o menos garantido, mas o lazer é muito desprezado aqui pelo poder público, e até pela comunidade em si, porque, como a Valdilene já falou, a comunidade peca muito por ignorância. Apesar de a comunidade saber que temos um conselho tutelar, ele só é acionado para resolver brigas na escola. Não tem aquele entendimento da comunidade em cobrar desses órgãos. Muitos não sabem se existe conselho de saúde, de educação. Esses órgãos funcionam para constar na lei, mas, na hora do “pega pra capar”, não sai é nada. (Jorge)

Todos os direitos apontados pelos jovens estão previstos no ordenamento jurídico nacional, em artigos que asseguram a sua efetivação por parte do Estado, da sociedade e dos indivíduos. Sobre a necessidade de viver em família e em comunidade, o Art. 19. do ECA proclama que a criação e a educação de toda criança ou adolescente deve ser no seio da família, consanguínea, ou, excepcionalmente, substituta, para que a convivência familiar e comunitária possa ser assegurada.

No que tange ao direito à saúde, o Art. 7º do ECA assegura que “A criança e o adolescente têm direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições

dignas de existência.” (BRASIL, 1990). Reforçando esta ideia, o Art. 11. determina que a criança e o adolescente têm garantido o atendimento integral à saúde “por intermédio do Sistema Único de Saúde, garantido o acesso universal e igualitário às ações e serviços para promoção, proteção e recuperação da saúde.” (Id., Ibid.).

No que se refere ao lazer, poucos sabem que esse é um direito essencial para os indivíduos, em especial para crianças e adolescentes. O poder público trata esse direito como irrelevante, deixando-o em último plano nas políticas públicas ou efetivando-o de modo superficial e paliativo. Sobre o direito ao lazer, o ECA tem em destaque três artigos:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Art. 59. Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.

Art. 71. A criança e o adolescente têm direito a informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Os jovens também narraram sobre o que falta à comunidade para lutar pelos seus direitos. Novamente constatamos a falta de informação e de coragem em batalhar pela garantida dos direitos.

É muito importante sabermos os direitos para a gente também respeitar o direito dos outros, por exemplo, a gente chega no hospital, precisa pegar uma fila e não tomamos a frente dos outros, principalmente de idosos respeitando as prioridades. (Valdilene)

Para a comunidade falta informação e coragem. As pessoas daqui tem muito medo dos mais poderosos. Medo que possa acontecer alguma coisa como perder um auxílio. Devido a falta de emprego aqui em Oiticicas as pessoas tem medo de reivindicar os seus direitos e perder o pouco que tem. (Iranir)

Esse medo é oriundo da opressão de grupos e/ou pessoas que têm concentrado o poder político e econômico em suas mãos e, para manter os seus privilégios, violentam a dignidade de indivíduos pobres ou de grupos e classes que põem em risco o *status quo*. A população de Oiticicas tem como principal atividade a agricultura, e mais de 80% da população depende de benefícios do Governo Federal como o Bolsa Família. Essa situação econômica extramente frágil ajuda o nascimento desse medo, pois muitos relatam que preferem “deixar do jeito que está” do que perder o pouco que têm. O sentimento de medo é fortalecido pelas diversas ameaças que sofrem por parte do poder público. Segundo relatos de populares da Vila, essas ameaças vêm, principalmente, através de avisos de possíveis perdas de benefícios e demissões.

É necessária a mudança desse cenário, pois os valores que baseiam a sociedade contemporânea estão falidos. É urgente a implantação de uma educação que mude essa cultura opressora para uma cultura de respeito à dignidade humana, em que valores como respeito, cooperação, solidariedade, tolerância e paz façam parte, de modo efetivo e permanente, do cotidiano dos indivíduos. Em documentos importantes no campo dos direitos, identificamos a defesa de uma Educação pautada nestes princípios, conforme apresentado a seguir:

A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz. (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948)

Os Estados Partes, comprometem-se a tomar as medidas imediatas e eficazes, principalmente no campo do ensino, educação, da cultura, e da informação, para lutar contra os preconceitos que levem à discriminação racial e para promover, o entendimento, a tolerância e a amizade entre nações e grupos raciais e étnicos assim como para propagar ao objetivo e princípios da Carta das Nações Unidas, da Declaração Universal dos Direitos do Homem, da Declaração das nações Unidas sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial e da presente Convenção. (Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, 1965).

Também no artigo 29, inciso 1, alínea b, da Convenção sobre os Direitos da Criança (1989) aparece decretada a obrigatoriedade dos Estados Partes em promover a educação da criança orientada no sentido de “imbuir na criança o respeito aos direitos

humanos e às liberdades fundamentais, bem como aos princípios consagrados na Carta das Nações Unidas”.

Um passo importante para essa mudança de cultura é a promoção da Educação em Direitos Humanos (EDH). Em 2008 a Lei nº 11.525, de 25 de setembro de 2007, proposta pela então senadora Cearense Patrícia Saboya acrescentou o § 5º ao art. 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), para propor a inclusão de conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes no currículo do ensino fundamental, nos seguintes termos:

O currículo do ensino fundamental incluirá, obrigatoriamente, conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes, tendo como diretriz a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente, observada a produção e distribuição de material didático adequado.

Mais recentemente, em 2012, o Conselho Nacional de Educação, conforme resolução nº 1, de 30 de maio de 2012, estabelece em seu art. 1º diretrizes nacionais para a Educação em Direitos Humanos (EDH) que devem ser observadas por todos os sistemas e instituições de ensino. No seu art. 2º a resolução esclarece que:

A Educação em Direitos Humanos, um dos eixos fundamentais do direito à educação, refere-se ao uso de concepções e práticas educativas fundadas nos Direitos Humanos e em seus processos de promoção, proteção, defesa e aplicação na vida cotidiana e cidadã de sujeitos de direitos e de responsabilidades individuais e coletivas.

A Educação em Direitos Humanos é vista pela literatura especializada como uma benéfica iniciativa para promover uma cultura de direitos e para enfrentar a ação alienadora do Estado e dos demais opressores. Segundo Zenaide (2008, p. 130), a Declaração Universal dos Direitos Humanos tem em sua essência a educação dos indivíduos em e para os direitos humanos, pois “chama a atenção para os deveres universais de todo ser humano para com a coletividade, a responsabilização com a comunidade, a qual vive, trabalha, constitui identidades e modos de ser e de vida.”.

A EDH tem em sua essência o compromisso com a mudança do *status quo* e a implantação de uma cultura de valores que estimule razão e emoção. Sobre o significado da

prática da EDH, Benevides (2003, p. 309-310) enaltece o exercício para a construção de uma nova cultura de respeito à dignidade humana nos seguintes termos:

A Educação em Direitos Humanos é essencialmente a formação de uma cultura de respeito à dignidade humana através da promoção e da vivência dos valores da liberdade, da justiça, da igualdade, da solidariedade, da cooperação, da tolerância e da paz. Portanto, a formação desta cultura significa criar, influenciar, compartilhar e consolidar mentalidades, costumes, atitudes, hábitos e comportamentos que decorrem, todos, daqueles valores essenciais citados – os quais devem se transformar em práticas.

Ainda sobre EDH, Benevides (2003, p. 316) aponta as aspirações que envolvem esse processo educativo

Em primeiro lugar, o aprendizado deve estar ligado à vivência do valor da igualdade em dignidade e direitos para todos e deve propiciar o desenvolvimento de sentimentos e atitudes de cooperação e solidariedade. Ao mesmo tempo, a educação para a tolerância se impõe como um valor ativo vinculado à solidariedade e não apenas como tolerância passiva da mera aceitação do outro, com o qual pode-se não estar solidário. Em seguida, o aprendizado deve levar ao desenvolvimento da capacidade de se perceber as conseqüências pessoais e sociais de cada escolha. Ou seja, deve levar ao senso de responsabilidade. Esse processo educativo deve, ainda, visar à formação do cidadão participante, crítico, responsável e comprometido com a mudança daquelas práticas e condições da sociedade que violam ou negam os direitos humanos. Mais ainda, deve visar à formação de personalidades autônomas, intelectual e afetivamente, sujeitos de deveres e de direitos, capazes de julgar, escolher, tomar decisões, serem responsáveis e prontos para exigir que não apenas seus direitos, mas também os direitos dos outros sejam respeitados e cumpridos.

Considerando as premissas citadas anteriormente, a EDH se apresenta como uma proposta educativa que auxilia na superação da alienação através de atos formadores e socializantes.

A defesa de uma educação libertadora não está ausente no lócus da pesquisa que deu origem a esta dissertação. Em suas narrativas os jovens expõem o que o CEPD vem fazendo para estimular a luta por garantia de direitos em Oiticicas.

O CEPD realiza diversas palestras para informar as pessoas. Palestras sobre os direitos e sobre sua conservação. Nessas palestras vêm advogados, políticos, médicos, dentistas e policiais justamente para informar e conscientizar as pessoas sobre os nossos direitos além de nos ajudar a perder o medo de enfrentar. (Valdilene)

O Centro Espírita já tem essa preocupação desde muito tempo. Aqui nós já realizamos palestras públicas, nas quintas-feiras, mostrando para as pessoas os direitos e os deveres, mas esse medo ainda é forte, pois é muito difícil brigar com o seu patrão. Todo vez que trazemos esses temas sociais percebemos que sempre acaba com quatro ou três no final do estudo. A gente dá uma maneirada e somos genéricos a gente não acusa diretamente. A gente diz que as pessoas tem aquele direito e eles ficam até assustados quando sabem disso. Quando é época de eleição a escola faz uma campanha, não para A e nem para B, mas que as pessoas votem conscientes. A grande maioria aqui de Oiticicas só tem carteira assinada ou na prefeitura ou aqui no centro. A prefeitura é um gigante, um titã, é um poder imenso. O que o centro fez e faz é instruir a comunidade esperando que elas se conscientizem disso, mas é um negócio meio difícil. (Jorge)

Fica nítido nas narrativas o empenho que o CEPD tem em realizar rotineiramente discussões sobre a necessidade de reconhecer seus direitos e lutar por eles. Também é esclarecido que o grande empecilho para este trabalho é o medo de represálias por parte do poder público. Quando Jorge narra que a conscientização das famílias é “um negócio meio difícil” é porque as atitudes do CEPD, diferentemente do poder público, não são coercitivas. A coerção e a cultura do silêncio privam a liberdade de pensamento e de decisão. As famílias não deixam de ser atendidas nos Programas Sociais do CEPD caso não façam o que a instituição orienta em suas reuniões e palestras. Apesar da imensa dificuldade existente em conscientizar as famílias o CEPD não desiste de oferecer seus cursos e palestras que buscam a formação do Homem de bem conscientes de seus direitos e atentos aos seus deveres.

Quanto às ações efetivas realizadas pelo CEPD para promover a Educação em Direitos Humanos e concretização de aspectos que constituem os direitos humanos, Jorge narrou os seguintes pontos:

Na época, quando começaram suas atividades, o Centro Espírita tinha uma preocupação muito grande com isso. A principal preocupação era que a criança tinha que saber ler, saber escrever, escovar os dentes, ter momentos livres, ser evangelizada, ter um acompanhamento espiritual. Me lembro que o Centro Espírita era o único lugar que tinha essa preocupação com a gente.

A escola tem o DCCE que ajuda nesse trabalho de garantir os direitos do aluno da escola pública, coparticipante dos programas do Centro Espírita e filho de família que possui sua estrutura básica precária. Os pais desses meninos ficam no roçado ou no bar e não tem uma estrutura de acompanhar e conversar com os seus filhos. Se estiver no roçado leva os filhos para lá, se estiver no bar leva os filhos para o mau caminho. E aqui na escola a criança vem e toma banho, escova os dentes, estuda, faz seus deveres, participam de uma oficina criativa e tem também a educação espiritual. (Jorge)

Em sintonia com a narração anterior, Zenaide (2008, p. 130) assinala que não basta só escolarizar para a promoção da EDH, é preciso ir mais além para promovê-la de modo efetivo e pleno:

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Educação em e para os Direitos Humanos encontra-se presente, na medida em que se identifica a necessidade de se educar a pessoa humana para o respeito dos direitos humanos e das liberdades fundamentais. Não basta escolarizar, é preciso promover a paz, a tolerância e a amizade entre nações e grupos.

Relembro o que já foi apresentado no capítulo 1 deste trabalho: o CEPD promove ações que trazem em seu bojo princípios educativos e de garantia de direitos - Programa Socioeducativo, Programa Sócio Familiar, Projetos Comunitários e Atividades Doutrinárias.

O Programa Socioeducativo é composto das seguintes atividades: apoio escolar; oficinas criativas; Projeto Sorriso de Esperança; Jornalzinho Aprendendo e Ensinando; aulas de ética e moralidade; formação profissional (adolescentes); alimentação; rodas de leitura; saúde preventiva; material de higiene; material escolar; uniformes; biblioteca; educação pelo lúdico; Mocidade Cristã em Busca do Bem; semana da criança; festa natalina; colônia de férias; esportes em geral e escolinha de futebol de salão.

As atividades que compõem o Programa Sócio-Familiar são: palestras educativas; sessões de filmes educativos; educação social; formação espiritual; cestas básicas; cestas de produtos de limpeza e higiene; auxílios e serviços diversos do programa sociofamiliar; reestruturação de habitações: ajuda financeira e doação material de construção; datas comemorativas (dia da mulher, dia internacional do trabalho, dia das mães e dia dos pais); formação em habilidades domésticas; formação profissional; boas práticas de fabricação de alimentos e 5S; doação de enxovaizinhos; itarumã; produtos encantados; curso agricultura natural: agroecologia; informática comunitária; geração de trabalho e renda; marcenaria “o carpinteiro”; projeto pão da vida; projeto sertão, sabor e vida e patrimônio histórico; caminhão Mesa Brasil SESI; jogos fraternos; voluntariado; Sítio Estrada de Damasco; consultoria em panificação e confeitaria; Alcoólicos Anônimos; estudo doutrinário e distribuição de panfletos com temas espíritas. No que tange os Projetos Comunitários destacam-se: o Chafariz “Poço de Jacó” e a Farmácia-Viva. Nas Atividades Doutrinárias o CEPD oferece a evangelização espírita infanto-juvenil, estudos da Doutrina Espírita, Mocidade Cristã em Busca do Bem e palestras sobre temas espírita-cristãos.

As atividades citadas buscam a formação do ser na sua multidimensionalidade e a promoção efetiva dos direitos humanos. Vale ressaltar que essa atitude do CEPD, de requerer essas ações, permeia não só em substituir o poder público (ausente ou de ações imparciais), mas em assumir o seu papel social de garantir e viabilizar esses direitos. Essa postura não é particular ao Estado, mas a todos que formam a sociedade. Esperar que as leis “saíam do papel” pela única e livre iniciativa do Estado é um pensamento muito ingênuo.

5.3 Construindo horizonte de esperança

Quando se propõe no seio da sociedade a uma mudança em suas respectivas instâncias, surge a discussão de um elemento fundamental nesse processo: a esperança. Mas afinal, o que significa esperança? Quando ela surge? Quando é necessária? Na busca dessas respostas dois pontos se destacam. Primeiro, o trabalho de conceituar e caracterizar a esperança que, não é tarefa simples, rápida e de fácil compreensão. Segundo, é necessário que quebre alguns paradigmas sobre o ser humano e suas relações consigo, com o próximo e com o meio em que vive para deslumbrar um horizonte de esperança real.

A esperança é uma característica do homem a qual permite que esse transcenda a realidade na intenção de ir mais além, ou seja, a manifestação da esperança se dá no movimento dos indivíduos na busca do que “ainda-não-veio-a-ser” (BLOCH, 2005). Vejamos algumas representações dos jovens quando, em suas narrativas, teceram formulações sobre o conceito de esperança:

É algo que a gente espera. Por exemplo, quem acha que não tem esperança é por que não pensa no futuro e pensa só no hoje. A gente tem que pensar no amanhã. Na esperança a gente tem que pensar em coisas boas e objetivas. Em uma palavra esperança significa futuro. (Valdilene)

É esperar dias melhores e coisas boas. Esperar ter uma vida melhor, de se relacionar com pessoas diferentes, ter filhos e dar o melhor para eles, almejar alguma coisa boa em nossas vidas. (Iranir)

Albert Einstein disse uma coisa muito interessante que a gente deveria pegar para a gente. Ele disse “Se quer viver uma vida feliz, amarre-se a uma meta, não às pessoas nem às coisas”. O povo de Oiticicas é muito sofrido, muito humilde, quando a gente pergunta a população o que eles pensam sobre o futuro eles dizem “eu não sei”. Quando a pessoa diz “eu não sei do meu futuro” significa que o agora ela não está sabendo viver. Esperança para mim é sempre ter um meta de realizar alguma coisa, mesmo que a gente tropece, vacile ou erre. Esperança é ter um sonho, uma meta, não de coisas matérias, mas a meta de realizar-se. Em uma palavra esperança para mim é expectativa. (Jorge)

Em todas as narrativas, fica evidente a noção do “esperar”, não como um cruzar de braços, mas como ação, intenção, propósito. O esperar ativo caracteriza o indivíduo que não se conforma com o *status quo* e que busca o sucesso sobre o fracasso, ou seja, o indivíduo que espera sempre acredita na viabilidade daquilo que pode vir a ser. Segundo Bloch (2005, p. 13), o sentimento de espera surge para tomar lugar do temor que mantém os indivíduos estagnados e resignados com o estado atual da sociedade.

A espera, colocada acima do ato de temer, não é passivo como este, tampouco está trancafiada em um nada. O afeto da espera sai de si mesmo, ampliando as pessoas, em vez de estreitá-las: ele nem consegue saber o bastante sobre o que interiormente as faz dirigirem-se para um alvo, ou sobre o que exteriormente pode ser aliado a elas.

É importante que essa espera não seja passiva e preguiçosa. A esperança concreta não assiste ao tempo e aos fatos passando pelos olhos dos indivíduos. Ela é viva e ativa, pois, para se tornar real, deve se basear na luta e na desestagnação. Freire (1981, p. 48) faz uma crítica à “pura espera” que, em sua prática, mais se aproxima teoricamente do conformismo do que com a esperança.

[...] não há como falar em esperança se os braços se cruzam e passivamente se espera. Na verdade, quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. A espera só tem sentido quando, cheios de esperança, lutamos para concretizar o futuro anunciado, que vai nascendo na denúncia militante.

Outro ponto importante para discutir a esperança é entender que o medo e a angústia são os principais opositores da esperança. A transposição de um estado de ser atual para outro melhor significa acreditar no futuro, e este, dependendo da intenção humana, pode conter o temido ou o esperado. Se o intento dos indivíduos é permanecer temendo, o que pode vir a ser e todo o seu processo de conclusão, significa que esse temor sufoca a sua esperança, podendo o indivíduo tomar duas posturas: criar máscaras para suportar a realidade e alimentar um niilismo.

A esperança sofre oposição do medo e da angústia, que, por outro lado, são frutos da opressão, do egoísmo, da falta de cooperação e tolerância. Como já foi dito em tópicos anteriores, o Estado e/ou os grupos que detêm o poder político-financeiro disseminam esse medo nos oprimidos, que, por sua vez, temem e cultivam a aflição de não saber se são capazes de “ser mais”.

Em suas narrativas, os jovens conseguiram identificar que o poder público de Viçosa é um dos seus maiores opressores, por não garantir direitos essenciais. Assim, diante de um cenário opressor, já citado e caracterizado anteriormente, os jovens esclarecem como podem ter esperança em Oiticicas:

Acho que é muito difícil ter esperança. Por isso que tem muitos jovens que não estão nem aí para os estudos, por que acham que quando terminar o ensino médio não terão nada para fazer. É complicado. (Iranir)

Quando estávamos terminando o ensino médio, veio um político e disse que ia fazer uma reunião para ver o que a comunidade queria. Eu me lembro que eu preparei a seguinte pergunta: estamos terminando o ensino médio e o que vocês têm para a gente? Mas quando teve a reunião foi um negócio totalmente distorcido, pois vieram fazer propaganda e se promoverem. Eles não estavam preocupados com a gente. Eu fiquei triste com aquilo. Quando discutimos como ter esperança em Oiticicas, a gente tem e sabe que isso depende de nós, do esforço da comunidade e da capacidade de se organizar, mas é um negócio muito difícil. A gente fica meio sem saber o que fazer. (Jorge)

A dificuldade de ter esperança é por que não temos saída. A esperança que a gente tem quando é criança é de terminar os estudos, ter um bom emprego, construir uma família. Quando a gente se depara com uma educação que é falha, o que a gente pensa? Vou estudar para quê? Chega um momento que muitos param no meio do caminho, pois sabem que não tem muitas opções quando terminar o ensino médio. O que acontece é que o jovem vai optar por coisas que eles acham mais interessantes. Começam a andar nas ruas e podem partir para as drogas e se envolver com prostituição. Aqui em Oiticicas tem jovens que já estão se perdendo. Veem que não tem dinheiro para comprar uma roupa, os pais não podem dar, não tem um emprego aí quando vem pessoas de fora partem para a prostituição. Tem muita gente fazendo essas coisas. (Iranir)

Fica claro na fala dos jovens que o estabelecimento da esperança concreta está sujeito à garantia de direitos, ou seja, quando os indivíduos têm a sua dignidade desrespeitada e abalada, correm o risco de se acomodar na “pura espera”. Para Freire (2009, p.11) “enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica, É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.”. Quando Jorge aponta que, diante da opressão sofrida, ficam “meio sem saber o que fazer”, deixa claro que muitos, em Oiticicas, esperam de braços cruzados.

Em outro trecho de sua narrativa, Iranir aborda mais um ponto que se apresenta como opositor à esperança: o pessimismo.

Eu lembro que meu pai e minha mãe, sempre que eu tinha esperança de fazer alguma coisa, eles sempre diziam que não ia dá certo. Então eu sempre me sentia presa, pois quando queria fazer alguma coisa eles não me encorajavam. Acho que por eles terem sofrido, de quererem ter alguma coisa e não terem conseguido tem esse medo. Então essa esperança que não existe neles, eles querem passar pra mim.

Lembro que quando chegava para minha mãe entusiasmada para fazer alguma coisa, melhorar financeiramente, minha mãe dizia: - tu não faz isso que não vai dá certo, pois aqui nada vai pra frente. Então essa falta de esperança pode vir do que a gente vive e pelas dificuldades que passamos. Outro exemplo, meu pai há oito anos levou uma queda no roçado e a mão dele teve um problema no “nervo” e ele ficou aleijado. Desde esse tempo que o coitado luta pra ter um auxílio, pra ter um salário e não consegue. Existem muitas outras coisas também. Isso tudo passa pra gente, esse pessimismo e tudo que nós vamos fazer ficamos só pensando nisso e não conseguimos dar o primeiro passo. (Iranir)

Os jovens, em suas narrativas, também teceram formulações acerca de qual seria o fruto desse pessimismo. Destacaram a desconfiança em si, a comodidade temporal e cultura adquirida de seus antepassados.

As pessoas muitas vezes deixam de fazer alguma coisa por que não tem autoconfiança, não confiam em si mesmo. Eu mesmo deixei de fazer muitas coisas por falta de autoconfiança. É difícil responder de onde vem essa desconfiança. (Valdilene)

O pessimismo por parte de nossos pais é uma realidade, pois acho que eles já trouxeram isso de uma cultura dos nossos avós. Nossos pais não sabem ler nem escrever e sempre que pensavam em fazer alguma coisa não dava certo. Colocavam um comercio, fechava nada dava certo. (Jorge)

Gramsci (2001, p. 267), apoiado na palavra de ordem “pessimismo da inteligência, otimismo da vontade”, atribuída ao autor francês Romain Rolland, busca o reavivamento daqueles que têm a esperança sufocada. Destaca a paciência, a sobriedade e a brandura como ferramentas para superar o pessimismo.

De resto, todo colapso traz consigo desordem intelectual e moral. É necessário criar homens sóbrios, pacientes, que não se desesperem diante dos piores horrores e não se exaltem em face de qualquer tolice. Pessimismo da inteligência, otimismo da vontade.

Segundo a palavra de ordem adotada por Gramsci, o derrotismo pode até ocupar a inteligência momentaneamente – seria muita frieza dizer que os indivíduos não sintam doer na carne a força da opressão – mas a vontade de mudança, de “ser mais”, de alcançar o melhor, pode ser alimentada pelo otimismo e pela crença na viabilidade da mudança.

Os indivíduos não se podem deixar vencer pelo pessimismo e pelo desânimo, pois ambos encaminham os seres humanos à desesperança. Quanto à ausência de esperança, Bloch (2005, p.15) aponta que essa é “[...] tanto em termos temporais quanto em conteúdo, o mais intolerável, o absolutamente insuportável para as necessidades humanas.”, ou seja, o indivíduo entregue à desesperança renega sua própria dignidade, além de adentrar em um processo de autoanulação e de desumanização.

Não é da natureza humana a desesperança. Todos os sujeitos estão sujeitos a “serem mais”, a serem humanos em toda a sua essência. Nenhum ser humano está predestinado ao pessimismo e ao desânimo, pois o seu gênio é de superação, de buscar, como foi dito, o “ser mais”. Bloch (2005, p.15) assinala que a intenção de todo o ser humano, em todas as suas ações e em todos os momentos de sua vida, é assentada sobre a lógica do sonho de ser algo melhor, de atingir um estado de perfeição.

Enquanto o ser humano se encontrar em maus lençóis, a sua existência tanto privada como pública será perpassada por sonhos diurnos, por sonhos de uma vida melhor que a que lhe coube até aquele momento. No inautêntico, e ainda mais no autêntico, toda intenção humana é erigida sobre esse fundamento.

Por mais difícil que seja a sua situação sociofinanceira e por maior que seja a opressão sofrida sobre a sua dignidade, os indivíduos devem se inflamar da esperança útil ou, como denomina Bloch (2005, p. 15), da “esperança concretamente autêntica” sabedora de sua situação e atenta para atuar no momento e nas circunstâncias certas.

Vale ressaltar que esse estado autêntico de esperança deve ser construído pelos próprios seres humanos, mas os seus alicerces podem e devem ser assentados com o auxílio de instâncias exteriores aos indivíduos. Dessa forma, o trabalho do CEPD pode ser encarado como um instrumento auxiliar na construção e sustentação da esperança em Oiticicas. Ainda em suas narrativas, os jovens relatam o quanto o CEPD contribuiu para a alimentação de suas esperanças.

Na minha opinião o que alimentou a minha esperança foi o conhecimento da Doutrina Espírita. Por que antes eu pensava muito que não ia conseguir nada, que as coisas eram muito difíceis e hoje já vejo com outros olhos. A gente tem que ter força de vontade, se esforçar e conhecendo os nossos direitos fica mais fácil de enfrentar.

Infelizmente muitos jovens não enxergam, não pensam no futuro e nem esperam. Só pensam no hoje, em diversão, nas festas. Por exemplo, as pessoas que se prostituem e usam drogas, está na cara que não pensam no amanhã. Eles não esperam coisas boas. (Valdilene)

Até um tempo atrás eu não tinha esperança de nada. Não tinha esperança em nada aqui em Oiticicas. Eu não me via aqui. Eu achava que existiam lugares melhores, por exemplo, na questão de trabalho, de fazer uma faculdade. Foi quando eu vim para o CEPD que eu comecei a ter mais esperança, de gostar daqui, por que, realmente, não dá pra dizer que ama o lugar que você tem vontade de ter uma coisa e não pode por que não tem pra onde correr. Minha esperança começou depois que eu comecei a trabalhar aqui. (Iranir)

Desde “novim” eu sou muito preocupado com meu futuro e como eu ia lidar com ele. Eu me lembro que o Everaldo ficava sempre falando sobre as questões de aprender pra conseguir um trabalho que isso era uma coisa natural que era uma lei de Deus e eu ficava pensando se aquilo podia acontecer comigo, que eu poderia ter uma casa. Eu tinha essas preocupações,

esses sonhos, pois eu não me via capaz, principalmente quando se lembrava da luta dos meus pais. Não sei se essa preocupação era demasiada ou necessária.

Agradeço muito ao Espiritismo por abrir um leque para que eu tivesse oportunidade. Lembro quando meu pai me disse que eu tinha que trabalhar. Rapaz, é um peso muito grande nas costas da gente por que a gente não sabe por onde começar, não sabe o que fazer. Meu pai também tinha um pessimismo. Quando eu pensei em colocar uma lan house ele disse: Rapaz deixa de besteira que isso não vai dá em nada. E eu falei pra ele: Pai é um negocio que eu vou tentar, eu também não sei fazer não, vou aprender devagar. O pessimismo era muito grande. Hoje eu tenho a vida muito boa, tenho casa, tenho trabalho, tenho isso, tenho aquilo e hoje graças a Deus não tenho do que reclamar. Às vezes fico lembrando quando eu era mais novo, ficava pensando nessas dificuldades, mas graças ao Espiritismo compreendi que é um processo natural conquistar esperança. (Jorge)

Ficam perceptíveis na narração dos jovens as contribuições das atividades do CEPD e dos princípios da Doutrina Espírita na construção e no fortalecimento da esperança em suas vidas. O CEPD, por meio de suas ações oferece uma espécie de educação da esperança pautada no cultivo e encorajamento do otimismo, da solidariedade, da caridade e da vida.

Segundo Freire (2009, p.11), para que a esperança possa ser concreta, ou seja, possa estabelecer possibilidades de superação do medo com sabedoria e ação, é necessária uma formação que seja capaz de auxiliar os indivíduos a superar suas “situações limites”. Esse cuidado com formação evita que a esperança se transforme em desesperança, angústia e frustração.

Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate mas, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Daí a precisão de uma certa educação da esperança. É que ela tem uma tal importância em nossa existência, individual e social, que não devemos experimentá-la de forma errada, deixando que ela resvale para a desesperança e o desespero. Desesperança e desespero, consequência e razão de ser da inação ou do imobilismo.

As atividades educativas do CEPD, como as palestras educativas, as sessões de filmes educativos a educação social e as aulas de ética e moralidade, são exemplo de ações provocam a esperança autêntica. Nessas atividades, os participantes têm a oportunidade de compreender sua situação de oprimidos, mas que esse estado não é de sua natureza e que eles devem, a partir de suas forças e das possibilidades ofertadas pelo CEPD, superar essa situação. Nas observações em lócus dessas atividades, ficaram perceptíveis dois aspectos interessantes: primeiro, o CEPD não espera única e exclusivamente a iniciativa dos participantes; segundo, o CEPD não “toma” a vida dos participantes, assumindo, a instituição, atitudes que devem deles próprios.

Desse modo, as ações do CEPD são articuladas em parceria com os participantes. O caráter cooperativo e colaborativo perpassa por todo o processo formativo no Centro Espírita. No entendimento de que a educação da esperança deve encaminhar a luta das classes oprimidas a uma luta viável e consciente, Freire (2009, p. 11) assinala que o educador que estabelece uma educação progressista deve:

[...] desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo.

Todas as atividades do CEPD são pautadas nos fundamentos cristãos e nos princípios da Doutrina Espírita (que também se assenta no cristianismo). Dessa forma, vale ressaltar alguns aspectos doutrinários pertencentes ao Espiritismo que também contribuem para essa educação da esperança no CEPD. Esses aspectos podem ser resumidos na fé e na caridade.

No que tange ao aspecto da fé, a Doutrina Espírita apresenta, sobre esse conceito, um novo entendimento que transcende para além do dogmatismo. Kardec (1996, p. 1), no frontispício da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* coloca a seguinte epígrafe: “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade”. Assim, Kardec (1996) inaugura uma nova lógica para a fé pela qual esta deveria ser racionada, para que tudo em que se crê pudesse passar por uma argumentação lógica. Antes, a fé cega; agora, com a Doutrina Espírita, tem-se a fé raciocinada.

Resumidamente posto o entendimento espírita da fé, vejamos a relação dessa com a esperança. O psicanalista, filósofo e sociólogo alemão Erich Fromm (1984, p. 31), tece algumas considerações sobre a fé e a esperança, colocando-as como importantes estruturas da vida humana que se inter-relacionam.

Quando a esperança desaparece, a vida termina, na realidade ou potencialmente. A esperança é um elemento intrínseco da estrutura da vida, da dinâmica do espírito do homem. Ela está intimamente ligada a outro elemento da estrutura da vida: a fé. A fé não é uma forma fraca de crença ou conhecimento; não é a fé nisto ou naquilo; a fé é a convicção sobre o que ainda não foi provado, o conhecimento da possibilidade real, a consciência da gravidez. A fé é racional quando se refere ao conhecimento real que ainda não nasceu; ela é baseada na capacidade de conhecimento e compreensão, que penetra superfície e vê o âmago. A fé, como esperança, não é a previsão do futuro; é a visão do presente num estado de gravidez.

Fromm esclarece que, como a esperança faz parte da estrutura da vida humana, em hipótese alguma ela deve desaparecer. Para Fromm, essa inter-relação entre fé e esperança é essencial para que o entendimento e a busca pelo possível possa ter viabilidade real, dessa forma, a fé deve ser amparada pela esperança, e esta deve fundar-se naquela.

O conceito de fé defendido por Fromm aproxima-se da ideia espírita quando afirma que existe uma enorme diferença entre a fé racional e a irracional. Para Fromm (1984, p. 31), “Enquanto a fé racional é o resultado da atividade interior da pessoa, em pensamento ou sentimento, a fé irracional é a submissão a determinada coisa que se aceita como verdadeira, independentemente de sê-lo ou não.”

Outro aspecto importante a destacar é a caridade como ação concreta no processo de busca do que pode vir-a-ser. Colocações sobre a caridade podem ser consideradas como demagogias se o seu sentido não for bem compreendido ou se sua compreensão for superficial. Sobre o conceito de caridade, Kardec (2011, p. 79) faz a seguinte meditação:

Há caridade em pensamentos, em palavras, em ações; não consiste apenas na esmola. Alguém é caridoso em pensamentos sendo indulgente para com as faltas do próximo; caridoso em palavras, nada dizendo que possa prejudicar a outrem; caridoso em ações quando assiste o próximo na medida de suas forças.

Ainda sobre o conceito e as características da verdadeira caridade, Kardec (2011, p. 79) considera:

Quem quer que alimente contra o próximo sentimentos de ódio, de animosidade, de inveja, de rancor, falta com a caridade. A caridade é a antítese do egoísmo; a primeira é a abnegação da personalidade, o segundo é a exaltação da personalidade. Uma diz: Para vós em primeiro lugar, para mim depois; e o outro: Para mim antes, para vós se sobrar. A primeira está toda nestas palavras do Cristo: “Fazei aos outros o que quereríeis que vos fizessem.” (...) Haveremos de convir que, se todos os membros de uma sociedade agissem de conformidade com esse princípio, haveria menos decepções na vida.

Essa acepção de caridade é ampla e vai além das ações exteriores e materiais. Para o autor, a caridade tem como meta a transformação moral e espiritual dos indivíduos reeducado seus sentimentos, relacionamentos e esperança. O olhar atento, a acolhida amável e a beneficência ao próximo caracterizam a caridade, que nada mais é, do que o amor em ação.

Com base desse olhar, nota-se que a prática da caridade encaminha a humanidade para um progresso inevitável, em que prevalecerá a afabilidade, a solidariedade, a cooperação e a tolerância. Com essas considerações, Kardec (2011) estabelece um horizonte de esperança para os “fracos” e oprimidos, pois a sociedade passará de uma conjuntura egoísta para um estado permanente de caridade.

Com o egoísmo, prevalece o interesse pessoal, cada um vive para si, vindo no semelhante apenas um antagonista, um rival que pode concorrer conosco, que podemos explorar ou que pode nos explorar; aquele que fará o possível para chegar antes de nós: a vitória é do mais esperto e a sociedade - coisa triste de dizer, muitas vezes consagra essa vitória, o que faz com que ela se divida em duas classes principais: os exploradores e os explorados. Disso resulta um antagonismo perpétuo, que faz da vida um tormento, um verdadeiro inferno. Substituí o egoísmo pela caridade e tudo se modificará; ninguém procurará fazer o mal ao seu vizinho; os ódios e os ciúmes se extinguirão por falta de combustível, e os homens viverão em paz, ajudando-se mutuamente em vez de se dilacerarem. Se a caridade substituir o egoísmo, todas as instituições sociais serão fundadas sobre o princípio da solidariedade e da reciprocidade; o forte protegerá o fraco, em vez de o explorar.

A tríade fé, esperança e caridade encerra as orientações que embasam as atividades espíritas. Em consonância com elas, o CEPD efetiva uma educação para a

esperança que auxilia os participantes a vislumbrar um horizonte de esperança, de utopia. Essa utopia não é limitada à aceção de algo abstrato e inalcançável, mas de uma perspectiva futura do que ainda não existe, mas que pode existir ou não. É essa utopia que nos move concretamente na conquista de algo melhor.

Corroborando a ideia de Kardec de que a fé e a caridade colaboram na esperança humana em detrimento da lógica egoísta, Assmann & Mo Sung (2000, p. 134) acrescentam que, nesse processo de construção do horizonte de esperança, um fator é imprescindível: o estabelecimento de uma sensibilidade solidária entre os indivíduos.

A sensibilidade solidária é uma forma de conhecer o mundo que nasce do encontro e do reconhecimento da dignidade humana dos que estão “dentro-e-fora” do sistema social: um conhecimento marcado pela afetividade, empatia e compaixão (sentir na sua pele a dor do/a outro/a). Por isso mesmo, é um conhecimento e uma sensibilidade que estão comprometidos, que vivem a relação de interdependência e mútuo reconhecimento de um modo existencial, visceral, e não somente intelectual.

Para Assmann & Mo Sung (2000, p. 101), a partir desse reconhecimento de si e do outro, através de um processo dialógico, compreensível e em comunidade, os seres humanos podem produzir um horizonte de esperanças viáveis com os desejos individuais e coletivos. Os respectivos autores apresentam a solidariedade como uma necessidade vital ao ser humano, justamente para que esse perceba que ter um desejo pessoal não implica o detrimento do desejo do outro. A felicidade alheia e coletiva pode e deve fazer parte do desejo individual dos indivíduos, resgatando, assim, as relações de solidariedade, de caridade e de cooperação (ASSMANN & MO SUNG, 2000, p. 205).

O CEPD, em um processo de tessitura das ações no campo da Educação em Direitos Humanos com uma educação para esperança, oportuniza aos moradores de Oiticicas, sobretudo aos jovens, a reestruturação de suas vidas, diminuindo a força dos opressores sobre os ombros largos e calejados do homem do campo.

Dentro dos seus 22 anos de atuação, o CEPD superou limites e dificuldades para pôr em prática o sonho de ajudar a promover qualidade de vida das famílias pobres de Oiticicas. Houve muitos erros e decepções nesse processo. Nem sempre suas atividades foram acertadas, mas o desejo da mudança auxiliou a instituição a buscar mais para oferecer mais e, assim, atingir suas pretensões.

Evidenciados aqui, os trechos das narrativas dos jovens participantes deste trabalho elucidam quão importante foi – e é – a atuação do Centro Espírita no construto da esperança individual e coletiva em Oiticicas. Viabilizando horizontes de esperanças, o CEPD cria, a partir de suas ações, um ambiente de ensejo às projeções futuras.

5.4 Os jovens de Oiticicas e seus projetos de vida

Tempos atrás, a juventude tinha em mente exatamente o que iria fazer (e o que queria ser) quando atingisse a idade adulta. Suas projeções (que nem sempre estavam à mercê de sua própria escolha) eram bem encaminhadas e seguiam seu curso com extrema exatidão. A situação atual da juventude apresenta um quadro preocupante, porque os jovens chegam ao ponto de não saberem o que fazer de sua vida. Por que essa diferença de atitude entre essas juventudes?

Analisando alguns pontos, podemos observar alguns aspectos importantes que colaboram para essa situação. A primeira se configura com o grau de influência dos pais na vida dos filhos. Antes da década de 1960, os pais ainda definiam com quem os(as) filhos(as) iriam se casar e como iriam viver. Na maioria das famílias, os filhos seguiam a profissão do pai e as filhas assumiam o papel de esposas e donas de casa. Com o passar dos anos, e com as diversas modificações sociais, essa relação foi sofrendo fortes modificações.

O segundo aspecto que contribuiu para a dificuldade da juventude em estabelecer com facilidade o seu futuro, está ligado diretamente com as modificações sociais das últimas quatro décadas do século XX, dentre elas, a evolução econômica. A economia nesse período se desenvolveu bastante, a partir de um processo de industrialização forte e crescente. O desenvolvimento econômico, industrial e científico atrelado à liberdade juvenil, abriu um leque imenso de oportunidades para as novas juventudes que se viram “perdidas” em meio a tantas possibilidades.

Nesse cenário de possibilidades, surgem, nas juventudes, duas posturas distintas. A primeira se caracteriza pelos jovens que encaram essas mudanças sociais e estabelecem uma relação de aprendizado com o meio, propondo-se a fazer parte dessa realidade. Esse enquadramento não significa aceitar dogmaticamente sua lógica, mas ter uma postura ativa frente às novas possibilidades. Desses jovens, diz-se que possuem projetos de vida. Em segundo, estão os jovens que não se encontram nessa nova realidade. Sentem dificuldades

externas e internas para fazer escolhas e determinar metas. São os que podemos considerar como “sem rumo” ou “sem direção”. Muitos têm essa postura, não porque querem, mas por se acomodarem frente às dificuldades de tomar iniciativas próprias e assumir responsabilidades.

As dificuldades de “se encontrarem” nesse cenário podem ter diversas causas. Apesar dos diversos progressos, ainda se vê falta de garantia de direitos humanos, opressões em todos os campos da vida social, centralidade financeira nas mãos de poucos, marginalidade de classes consideradas minorias e/ou “perigosas” ao *status quo*. O descontentamento com a essa situação e a ansiedade por ter uma vida melhor são elementos consideráveis para a falta de projetos de vida na juventude contemporânea.

Para Damon (2009, p. 53), projeto de vida é “uma intenção estável e generalizada de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu”. Nessa definição, Damon (2009) destaca dois pontos interessantes: objetividade de longo alcance e pretensões que não se limitam ao campo pessoal.

Para atingir esse algo significativo para o eu no tempo futuro, os indivíduos devem promover uma transformação da realidade através de um processo consciente de relacionar o passado e o presente. Essa relação dialética entre passado/presente, consciente/subconsciente e possível/impossível deve permear todo o processo de superação da realidade, em vista de um futuro melhor (CATÃO, 2001).

O estabelecimento de um projeto de vida leva a uma satisfação na vida, principalmente quando se trata de jovens que estão estruturando e organizando suas vidas na sociedade. Damon (2009, p. 52) ressalta essa satisfação pessoal, oriunda do estabelecimento do projeto vida:

O projeto vital dota a pessoa da alegria nos bons momentos e de resiliência nos momentos ruins, isso permanece por toda a vida. Entretanto, adolescentes e jovens adultos são particularmente mais suscetíveis, e uma juventude motivada por projetos vitais (como veremos) não apenas evita os riscos do comportamento autodestrutivo como também demonstra uma atitude notavelmente positiva que desperta a avidez por conhecer o mundo.

O autor ainda esclarece (2009, p. 52-53) que aqueles que possuem projetos sentem certa excitação na busca de suas metas. Essa excitação auxilia na superação das dificuldades que aparecem no decorrer do caminho e no ânimo de alcançar metas mais ousadas, que, na sua essência, demandam mais tempo e maior entrega dos indivíduos.

Os 86 jovens, que responderam ao Questionário Socioeconômico e Cultural que apresentou um esboço da juventude de Oiticicas, responderam também às seguintes perguntas referentes ao projeto de vida: o que você entende por projeto de vida? Qual o seu projeto de vida?

Quanto ao conceito de projeto de vida, os participantes desse questionário responderam, em sua maioria, que o significado de projeto de vida condiz com futuro e objetivos/metapas. Outros aspectos, como planejamento, realização e construções, também foram declarados como significado de projeto de vida. Muitos também não souberam responder deixando transparecer que nunca ouviram falar sobre o assunto.

No que tange à pergunta sobre o seu projeto de vida, durante a análise das respostas, apareceram as seguintes categorias de projetos de vida que, por exemplo, envolvem somente: estudo; trabalho; estudo e trabalho; cultivo de valores. Alguns, por outro lado, disseram não saber/não ter projetos, e outros tantos não responderam.

Em números percentuais, 18,6% disseram que seu projeto de vida consiste em terminar o ensino médio e entrar em uma faculdade, enquanto 12,7% desejam ter um emprego. 29% expuseram que o seu projeto de vida é conseguir terminar o ensino médio, fazer faculdade e arranjar um emprego. Somando todos os que têm como meta o estudo e o trabalho, temos 60,3% dos jovens incluídos nessa grande categoria, e desses, 23% declararam que querem ajudar suas famílias ao conseguir um trabalho. Quando falavam do trabalho, muitos frisaram que gostariam de um trabalho, mas que fosse com carteira assinada. Esses resultados podem indicar que os projetos de vida desses jovens estão ligados com a falta de garantia de alguns direitos, como a educação e o trabalho. Conseguir estudar e trabalhar em um espaço que não garante tais direitos, já é uma grande conquista para esses jovens.

Outra categoria foi a que revela que os jovens querem ser bem sucedidos. 7% responderam que desejam vencer na vida e fazer o melhor para atingirem todas as suas metas. Esses jovens disseram que só assim poderiam garantir um futuro com mais segurança financeira para si e para suas famílias.

Cerca de 12% dos jovens que responderam ao questionário, relataram que têm como projeto de vida conquistar valores. Ser tranquilo, ser um bom cidadão para a sociedade, conquistar a paz, ter boas qualidades, ajudar pessoas e ser feliz foram alguns dos projetos relatados por esses jovens. No cenário atual, em que o capital e o consumo fazem parte dos sonhos de boa parte dos indivíduos, os valores morais e os sentimentos acabam ficando em

último plano. O sonho de cultivar valores morais e espirituais não exime outros desejos, apenas apontam que estes jovens percebem que existem, para alcançar, muito mais do que metas materiais.

Não sabe/não tem somam 7% dos jovens. Todos esses também não souberam responder o que é um projeto de vida. Em conversas informais, relataram que não se preocupavam com o futuro, pois o presente já os confortava. Durante essas conversas, ficou nítido o conformismo desses jovens diante de sua situação, postura que gera uma acomodação e aceitação do estado de opressão.

Por outro lado, os jovens participantes desta pesquisa, em suas narrativas, também teceram considerações sobre projeto de vida. Antes de iniciar suas narrativas, fizemos uma atividade artística em que cada um expressou através de um desenho o que entendia como projeto de vida. A partir da análise individual e coletiva dos desenhos, desenvolveram-se conceitos sobre projetos de vida:

Eu desenhei uma casa, umas plantinhas e um rio. Bem... A gente tem que se apegar em alguma coisa. Para mim, projeto de vida é algo que a gente projeta para a nossa vida. Eu desenhei a casa, não porque é quero uma casa, mas porque ela é um abrigo e todos nós procuramos um abrigo certo. A borboleta é como se você uma pessoa que tivesse sempre em busca de melhorias, não ficando apenas em uma coisa. É a liberdade. E as plantas e o rio significa vida. (Iranir)

Eu desenhei o sol e raras estrelas. Quando a gente fala em projeto é aquilo que a gente pensa, aquilo que a gente planeja, o que temos como meta. O sol representa o equilíbrio, o guia. Pensei também em desenhar a lua, pois em nossos projetos de vida não encontraremos apenas flores e claridade. Encontraremos também espinhos nas flores e escuridão que são as dificuldades e angustias. Eu coloquei as estrelas e procurei deforma-las o máximo possível para representar as topadas que a gente leva, os espinhos, os problemas. (Jorge)

Dois pontos chaves foram expressos em seus conceitos: projeções e planejamento. As projeções futuras requerem um planejamento sério e factual. Não basta ter uma meta se não se estabelecem caminhos para alcançá-la. O planejamento é imprescindível para que as

metas, os sonhos e os desejos possam se tornar reais. Saber quando agir, como se comportar diante dos sucessos e insucessos da caminhada, quais recursos utilizar, esses e outros pontos são construídos por um plano racional para que a jornada rumo ao que se deseja não seja uma caminhada às cegas.

Depois dessa reflexão inicial, os jovens esclareceram quais eram os seus projetos de vida e ficou nítida a diferença entre os propósitos apresentados por eles e os demais participantes que responderam apenas ao questionário.

Não fico por aí falando e divulgado, mas tenho como projeto de vida, como meta de vida, não de vida só física, mas de vida íntima, moral e espiritual, transferir, passar para as outras pessoas felicidade e de equilíbrio. Penso que elas possam sentir e repassar o que receberam. Essa meta é uma preocupação que eu tenho intimamente. Não penso só em me formar, ganhar dinheiro, claro que isso é importante, mas não é só isso. Graças a Deus tenho o que eu acho que preciso. (Jorge)

Tivemos uma discussão em uma reunião sobre o que as pessoas queriam. Um disseram que queriam se formar e ter um emprego e eu disse que as pessoas estão muito preocupadas com suas vidas matérias querem uma casa, um carro, se formar, quero ser um doutor, ter um emprego e dinheiro. Lembro que disse que eu poderia querer isso também, e quero, mas vejo que Francisco de Assis e tantos outros não tinham nada disso, mas em compensação eles iluminaram gerações futuras. Então o sol – o equilíbrio – que eu desenhei deve ser o projeto de vida da humanidade. (Jorge)

Vixe Maria! É tanta coisa. Um deles é ter minha própria um lugar que eu possa viver e desfrutar das coisas que Deus deixou, por exemplo, a natureza que eu amo e que prezo muito. Quando eu vejo alguém desmatando uma árvore, derrubando, queimando sinto um choque. Meu projeto de vida era de viver distante da cidade numa casinha simples, mas que eu pudesse estar ali junta da natureza, recebendo ar puro das árvores, sentir o vento fresco. Meu projeto é esse viver da terra, viver desse espaço. Meu sonho é esse. Não sonho com coisas muito altas como ir para uma cidade, morar em um prédio grande... O que eu tenho vontade é morar em um lugar calmo onde tenha árvore, rios e que eu possa plantar. Espero que um dia eu realize. (Iranir)

Outro sonho era de conhecer o nome de todas as plantas, para que elas sevem, por que elas são daquele jeito. Se eu não conseguir um dia esse conhecimento mais aprofundado, eu quero viver em um lugarzinho meu pra eu poder cuidar do espaço que é meu e tentar passar para as pessoas que estão perto de mim que a natureza é importante e que precisamos cuidar. (Iranir)

No trecho da narrativa do Jorge, identificamos alguns pontos interessantes. Inicialmente ele narra que sua meta não se limita a sua vida física, mas a vida “intima, moral e espiritual”. Essa característica em seu projeto de vida se estabelece por conta de sua formação espírita, pois, para a Doutrina Espírita, o corpo e o espírito do Homem possuem finalidades distintas. Resumidamente podemos entender que a vida física seria a vida corpo, das necessidades materiais como: alimentação, vestimenta, habitação etc. Para manter essas necessidades básicas do corpo, os indivíduos precisam trabalhar para arrecadar dinheiro que viabilize a aquisição do necessário, e não do superfluo. Na questão 718 da obra *O Livro dos Espíritos*, Kardec (2004, p. 421) pergunta aos espíritos se a lei de conservação obriga os ser humano a cuidar, prover as necessidades do corpo, e os espíritos respondem que “Sim, porque, sem força e saúde, impossível é o trabalho.”. Ainda sobre o bem estar material, ou seja, da vida física, Kardec (2004, p 422) faz a seguinte pergunta aos espíritos, obtendo a seguinte resposta:

719. Merece censura o homem, por procurar o bem-estar?

É natural o desejo do bem-estar. Deus só proíbe o abuso, por ser contrário à conservação. Ele não condena a procura do bem-estar, desde que não seja conseguido à custa de outrem e não venha a diminuir-vos nem as forças físicas, nem as forças morais.

Sabe-se que a vida espiritual, abarca as necessidades do espírito, como a conquista e a prática de valores, de sentimentos e da ligação íntima do Homem com Deus. Segundo a Doutrina Espírita, como espíritos, os indivíduos devem exercitar a solidariedade, a beneficência, a paciência, o amor ao próximo, o perdão, o desapego material, dentre outros valores, para se tornarem verdadeiros homens de bem.

Jorge também destaca, em sua narrativa, que deseja também que as pessoas que receberam essa felicidade e esse equilíbrio possam, também, passar para outros. Isso entra em

consonância com o que Damon (2009, p. 53) sugere como projeto de vida “algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu”.

Iranir em seu projeto de vida esboça a simplicidade e o desapego material. Tal postura está na contramão da lógica moderna, na qual o individualismo, o consumo e o egoísmo ainda caracterizam os sonhos. Seu sonho não se limita em apenas querer morar no campo e ter sossego. Isso é uma consequência de sua meta, que na verdade é cuidar e proteger a natureza. Talvez Iranir não tenha isso tão claro, mas o seu discurso deixa claro que sua meta é grandiosa e altruísta. Lutar por questões ambientais dá ao seu sonho ressonância coletiva, pois englobará todos os seres orgânicos e inorgânicos, o que inclui o próprio ser humano.

Jorge e Iranir em suas narrativas esclareceram quais os acontecimentos, pessoas e locais que foram significativos para a construção do seu projeto de vida. Nesses trechos, podemos ver fortemente a figura da família e do Centro Espírita como instâncias fundamentais para a organização dos seus projetos.

Como o sonho que eu tenho é de cuidar e proteger a natureza tem haver com o que vivi na casa da minha avó, pois ela mora em um sitio que tem um rio. Antes esse rio era muito bonito, fundo e tinha muitas arvores. Agora ele esta todo aterrado por que desmataram. Desde criança vi isso acontecendo e sempre pensei que não era certo, por que em estudos que fiz aprendi que as matas são os cílios do rio, como o nome diz: mata ciliar. Sempre disse ao meu pai que não gostava daquilo, mas eu sei que era para a sobrevivência, pois todo mundo vive da agricultura. Sei que faziam aquilo por que não tinham conhecimento.

As pessoas que eu me espelho são os meus avos. Pensei neles pelo modo de vida que eles tinham. Minha nunca teve luxo. Nunca se importou de estar comprando móvel, comprando coisas de dentro de casa. Ela sempre viveu da agricultura e dela ela fazia milagre ajudando muita gente que precisava. Ela sempre tinha arroz para dar, feijão, farinha, pois tudo era farto. Apesar dela não ter conhecimento ela cuidava muito das plantas que ela tinha ao redor da casa. Ela juntava as folhas e colocava no “pé” da laranjeira, pois sem estudar ela já tinha o conhecimento que aquilo ali iria virar adubo. Admirava muito a vida deles, apesar deles não terem estudado e não ter luxo, eles tinham uma vida muito boa e muito farta.

O local significativo eram os roçados que meu pai me levava. Ele me acordava às quatro da manhã. Minha que brigava com ele, mas ele tinha que me levar por que não tinha como pagar uma pessoa para ajudar ele. Semeávamos feijão, milho, arroz e quando era na hora do

almoço ficava observando as plantinhas pequenas, os animaizinhos e para todo local que eu vou eu observo a natureza. É uma coisa que amo. (Iranir)

A minha vida do jeito que é hoje, graça a Deus, é por causa da obra do Centro Espírita. Acho que é cinquenta por cento de vivências anteriores e talvez vinte e cinco por cento da influência do Centro Espírita e os outros vinte e cinco por cento por influência da minha família. Antes de conhecer o Centro Espírita, e eu tenho essa lembrança comigo, essa consciência, eu nunca fui daquele de sair atrás de confusão, de fazer assim... Eu vou usar essa expressão: coisa errada. Eu sempre fui muito respeitador, um pouco tímido. Eu sempre achei que eu tenho um pouquinho de equilíbrio. Porém, acho que eu ia perder isso se não fosse pelo Centro Espírita “O Pobre de Deus”.

O Espiritismo e a obra do CEPD me deu uma linha, uma estaca onde eu posso me firmar. Com o que aprendi aqui, em vidas anteriores e com o convívio da minha família – não sei se isso vai ser para sempre – eu consigo ter uma postura correta. Os acontecimentos importantes foi o que vivi no Centro Espírita. As pessoas que me deram essa base sólida são as pessoas do centro, da instituição. O Everaldo, a Luzia, os meus pais, meus familiares são minha base. Meu pai não teve estudo, mas ele me deu uma postura e sempre procurou me ensinar que não devíamos passar por cima de ninguém por que depois a gente apanha mais que era melhor sofrer agora um pouquinho. Tudo isso mesclou com o que eu aprendi na Escola Allan Kardec. Então as pessoas são essas e graças a essas pessoas e esses acontecimentos tenho a minha paz espiritual e moral. Acho que vou ser uma pessoa feliz apesar da dificuldade. Tenho isso para mim. Não sei se quando chegar o “pega pra capá” eu vou ser forte e ter essa compreensão. Já passei por situações difíceis, como a doença do meu pai, e sempre agi com prudência. Acho que é meio inconsciente, mas pelo o que eu vivi, graças a deus até hoje não estou lembrado de nenhuma decisão minha errada, de uma atitude que magoe e que chateai alguém. (Jorge)

Nos trechos a seguir, veremos, sob o ponto de vista de Jorge e Iranir, como a prática espírita colaborou e/ou colabora com o seus projetos de vida.

Acho que colaborou, pois quando eu estudava aqui eu ouvia muito falar de Francisco de Assis, Chico Xavier de pessoas simples. Eu via aqui que para a gente ser feliz, não precisa ter

muito. Aprendi aqui também a simplicidade, que a riqueza nem sempre traz felicidade. Aprendi também que a gente deve amar a vida. Eu acho que meu projeto de vida se liga muito aqui, ao centro, por que tudo que a gente faz, é pensando no bem, no bem comum de todos. Então cuidar das plantas, cuidar dos animais, também faz parte da vida. Aprendi que a gente deve amar a vida, independente de como for, e a gente tem que ser simples amar as coisas, amar tudo. Às vezes eu penso assim, que parece que é muito mais fácil se comunicar, não sei se é eu que só complicada na minha comunicação com as pessoas, pois apesar de eu ser brincalhona, gostar de fazer brincadeira eu tenho uma timidez, certa dificuldade de me aproximar. Quando eu me aproximo de uma pessoa, eu começo a ter aquela amizade de conversar, mas eu ainda tenho essa dificuldade de me comunicar. Muitas vezes eu penso que eu posso me melhorar, eu posso conhecer as pessoas, eu posso ajudar ela e posso ter a minha vida. Eu posso amar meu trabalho independente de como for e amar a vida. O que eu aprendi foi isso: simplicidade. Que não é preciso ter muito pra gente ser feliz. A gente pode viver muito bem com pouco e aqui eu aprendi muito essas coisas, essas virtudes. (Iranir)

No meu projeto de vida colaborou mil por cento por que eu tive a parte teórica do ensino da doutrina, mas acima de tudo eu tive a parte pratica que foi através das visitas que nos fazíamos aos idosos e aos enfermos. Nos sentávamos, conversávamos e isso era vivenciar, era a caridade. Então aquilo me trouxe uma base muito solida. Depois na mocidade andando com os próprios pés, fazendo as visitas, os estudos que realmente a gente sentava e trazia um estudo genérico, mas sempre tinha cunho espírita naquilo, a gente era genérico para não ferir os outros que estavam ali. Então esse conhecimento, essa pratica, essa vivencia espírita, me transformou muito hoje. É como já tinha falado, eu não sei se seria igual ao que eu sou hoje se não fosse o centro, pois tirou minhas duvidas, me dá uma base solida e me permite que eu viva essa estadia aqui na Terra de forma equilibrada. Não sei se vou conseguir porque ninguém sabe como vai ser o dia de amanhã, se o tapa vai ser grande, se vou ter coragem de mostrar a outra face, mas eu peço que se acontecer essa situação, que eu possa ser humilde suficiente e ter coragem pra enfrentar com honestidade não tentando errar mais. Considerando a questão da humildade, se a gente não procurar ser humilde a gente cava um buraco maior pra cair. Então é melhor enfrentar a dificuldade com humildade, com vontade de resolver, não problematizar. Acho que assim a gente é mais feliz do que possuísse mansões ou muito por dinheiro e não construir nada intimamente. Tem uma historinha do homem que tentou mudar o mundo, voltou decepcionado, tentou mudar o país e ficou decepcionado,

depois ele disse que ele procurando se mudar, ele mudava a família dele através do exemplo o seu vizinho, através do exemplo a sua cidade, através do exemplo o país, quem sabe o mundo. (Jorge)

A atuação desses jovens no Centro Espírita foi fundamental para a organização de suas perspectivas de futuro. As relações de amizade, o olhar atento e amigo dos evangelizadores, as orientações e ensinamento acerca da vida sob a ótica espírita instigaram jovens mais ativos a sonhar e alcançar seus propósitos.

Toda essa ambiência estimulou o otimismo e a autoconfiança da qual os jovens do CEPD puderam se apoderar para terem persistência e entusiasmo no seu caminhar. Sonhar ficou mais fácil quando o aporte do CEPD pôde colaborar na formação de cada jovem.

O Centro Espírita, como espaço de transcendência, espiritualização e formação cumpre bem o seu papel ao oportunizar a esses jovens os sonhos e instrumentos para que eles os alcancem. Seria ingênuo pensar que esse processo só ocorre por conta do CEPD. O engajamento dos jovens é imprescindível para que isso ocorra com êxito. O Centro Espírita abre horizontes e os alimenta, mas a decisão e a força para caminhar são dos jovens.

Vale fazer o registro da importância da família nesse processo. Pais que se engajam em apoiar seus filhos e filhas em seus sonhos auxiliam diretamente na formação de indivíduos mais conscientes e plenos de seu papel. Ajudá-los a descobrir e a desenvolver suas potencialidades capacita-os a identificarem suas forças no engajamento de seus projetos, por mais amplos e complexos que eles possam ser. Os pais devem sempre direcionar seus filhos para opções felizes e prósperas. (DAMON, 2009)

É notório, nas narrativas acima, a importância e o significado das experiências no Centro Espírita para a construção dos projetos de vida desses jovens. As ações do CEPD permeiam por diversas esferas, como as que já foram apresentadas e discutidas neste capítulo, como a garantia de direitos e o auxílio na construção de horizontes de esperança. Essas, se bem trabalhadas e estimuladas cotidianamente, permitem que aqueles que participam de suas atividades possam estabelecer projetos de vida.

Sem a consciência e a luta por seus direitos, os jovens ficam sujeitos a não terem esperanças de superar as opressões das quais estão submetidos. Esse cenário pode estabelecer o desânimo que conseqüentemente gerará um estado de acomodação que fará que os jovens não sintam necessidade e prazer de terem projeções futuras.

Sem perspectiva de futuro, os indivíduos estacionam e nada progridem. A Doutrina Espírita esclarece que o progresso é uma necessidade ontológica dos seres humanos e que todos estão sujeitos a esse progresso. Esse processo pode se apresentar lento ou rápido dependendo do engajamento do Homem em melhorar-se. Segundo esse paradigma espírita, os seres necessitam de diversas vidas (reencarnações) para que a cada uma possa expiar e aprender, dando, de modo compassivo e consciente, passos na senda do progresso.

É sob essa lógica que os jovens embasam suas ações e seus projetos. Como já foram analisados, estes se caracterizam por causas que edificam o Homem, encaminhando esses jovens para serem o que Kardec (2013, p. 232) chama de Homem de bem. Vale ressaltar que isso não os torna melhores do que outros jovens, ou mesmo especiais. Eles mesmos apontam, em suas narrativas, seus medos, seus tropeços e suas dúvidas. O que os diferenciou de outros jovens de Oiticicas foi a formação espírita que tiveram no CEPD, fruto de vivências relacionadas à prática da caridade, da tolerância, da cooperação e da religiosidade.

6. O QUE APRENDEMOS E O QUE PODEMOS APRENDER COM A EXPERIÊNCIA DO CENTRO ESPÍRITA “O POBRE DE DEUS” - À GUIA DE CONCLUSÃO

A pesquisa que resultou na presente dissertação teve como principal objetivo compreender os significados da pertença espírita para a formação dos jovens que participaram das atividades educativas do Centro Espírita “O Pobre de Deus”, destacando a relação entre esperança e luta por direitos humanos na elaboração de projetos de vida. Nessa busca, utilizei-me de um trabalho de biografização elaborado em parceria com os quatro jovens que se dispuseram a embarcar numa verdadeira aventura.

Os objetivos específicos foram: mapear as condições socioeconômicas e culturais dos jovens de Oiticicas; reconstruir o processo de fundação do Centro Espírita “O Pobre de Deus”, avaliando sua importância e a abrangência das ações do Programa Socioeducativo; elucidar o caráter socioeducativo do Movimento Espírita, demonstrando sua contribuição para a formação juvenil; caracterizar a juventude de Oiticicas, apresentando dilemas conceituais e especificidades; discutir a relação entre atuação no Movimento Espírita e construção de projetos de vida, esperança e luta por garantia de direitos.

Acredito que todo pesquisador deve ser um militante na área que se propõe a ensinar, a aprender e a pesquisar, pois sua implicação deve transcender os requisitos engessados da Academia. Por ter minha formação acadêmica em Pedagogia e ser espírita, propus aqui estabelecer diálogos e apontar possibilidades para uma educação que tenha como objetivo a formação do ser integral, em suas múltiplas dimensões. Equilibrei minha implicação buscando o distanciamento possível (objetividade), imprescindível em uma pesquisa de caráter científico, para que minhas análises não tomassem um tom ufanista, uma vez que a área de estudo desta pesquisa é algo tão próximo de mim. Porém, sempre me percebi implicado, reforçando minha compreensão de que não há neutralidade, uma vez que o pesquisador é sujeito na relação estabelecida.

A partir das experiências narradas pelos jovens participantes da instituição pesquisada, ficou evidente o esforço que eles fazem para superar suas “situações-limites”, que são impostas por uma sociedade em que os valores, os sentimentos e os sonhos são abafados pelo consumismo, pela ganância e pela disputa. Desse modo, a sociedade contemporânea apresenta um cenário extremamente opressor que dificulta a formação integral dos indivíduos. Essa opressão perpetua a negação ou negligência dos direitos fundamentais dos seres

humanos, como o de ter uma educação de qualidade em todas as fases da vida, possibilidades de lazer, acesso ao atendimento médico-hospitalar, dentre outros.

A negação dos direitos pode acarretar uma superação do sentimento de esperança pelo sentimento de impotência. Nesse panorama, em que as injustiças dificultam ou inviabilizam as possibilidades de desenvolvimento humano, a vontade dos indivíduos de estabelecer para si e para os outros uma perspectiva de futuro sofre sérias distorções. Porém, aos riscos inerentes ao sistema social excludente, contrapõem-se os fatores de proteção. Assim, na contramão da lógica desumanizante e com o intuito de promover bem-estar espiritual e material dos indivíduos, surge, no município de Viçosa do Ceará, na pequena Vila Oiticicas, o Centro Espírita “O Pobre de Deus” (CEPD).

O CEPD, através de seus Programas sociais e da Escola Allan Kardec, oferece para os oiticiquenses uma ambiência fraterna e socializadora, baseada nos fundamentos cristãos e nos princípios da Doutrina Espírita. Nesse espaço, estabelece processos educativos baseados nas relações de amizade e de compromisso social, envolvendo todos os seus coparticipantes em um processo de constante formação. Apesar de ser uma instituição espírita, o CEPD não busca apenas formar espíritas, mas pessoas conscientes de seu papel no mundo, que possuem potencialidades para construir um futuro melhor.

Suas atividades de assistência social buscam suprir, de modo imediato, as principais carências materiais de famílias que dependem exclusivamente da agricultura e dos benefícios do Governo Federal. Contudo, essas ações são fundamentadas, pela lógica de promoverem uma ascensão social das famílias, fugindo, assim, do assistencialismo que se limita a ações momentâneas e sem impactos no futuro dos indivíduos.

Quanto às ações doutrinárias, o CEPD promove: estudos de temas evangélicos e dos princípios da Doutrina Espírita; visita aos lares de idosos e enfermos da região; e atividades de evangelização infanto-juvenil. O envolvimento das famílias, sobretudo dos jovens, nessas atividades que estimulam a caridade, a compreensão da existência do espírito e o entendimento das aflições atuais, estimula a formação de um ser humano mais consciente de suas imperfeições e de suas potencialidades.

Em suas narrativas, os jovens reconheceram os contributos do CEPD na sua formação e na luta para garantir direitos reprimidos pelo poder público local. Também puderam avaliar o seu envolvimento nessas ações e o compromisso estabelecido com a sua

própria mudança, pois a formação, para ter êxito, necessita do comprometimento do indivíduo em aprender, bem como sua vontade de mudar.

Da mesma forma, os jovens refletiram sobre os seus medos, as suas dúvidas e os seus erros. Perceberam-se enquanto seres em evolução e, como tais, possuidores de imperfeições no campo moral, intelectual e espiritual. Esse reconhecimento de si com o aporte do método (auto)biográfico corroborou com o processo de construção de experiências significativas. Rememorando com um olhar mais crítico e reflexivo o que outrora foi vivido, tomaram suas experiências passadas como pontos de apoio para projetarem o futuro.

Na fase final do processo de biografização realizado no Círculo Reflexivo Biográfico (CRB), utilizei-me da metáfora do caminho para proporcionar aos jovens uma percepção, uma reflexão e análise de suas principais aprendizagens no Centro Espírita o “O Pobre de Deus”. Adquirir o entendimento de suas aprendizagens experienciais foi um passo importante para a reestruturação de um novo ser. Essa consciência só foi possível após as reflexões dos fatos vivenciados ao longo da vida, bem como a coragem de assumir o compromisso de ter uma nova postura frente à realidade.

No intento de visualizar as suas experiências, conquistas e sonhos, propus ao grupo a dinâmica da árvore. Essa dinâmica se configura do seguinte modo: cada jovem lia a sua biografia educativa, que destacava suas experiências no CEPD. Enquanto isso, os outros membros, que estavam na condição de ouvintes, escreviam em fichas o que para eles seriam as principais aprendizagens da trajetória daquele que lia. Ao final, aquele que leu a sua biografia educativa tomava as considerações dos outros membros e as dispunha em uma árvore, na qual a raiz representava as experiências fundantes; o tronco, as experiências significativas e a copa, as conquistas e os sonhos.

A seguir faço uma síntese das produções propiciadas por essa atividade, iniciando com os destaques colados nas raízes das árvores de suas vidas, ou seja, o que para o grupo foi considerado como experiências fundantes:

- a) Família** - é um dos principais centros educativos pelos quais os seres passam. Nesse núcleo, o espírito, na condição de criatura encarnada, tem a oportunidade de se relacionar com seres afins (ou não) na busca de se aperfeiçoarem, principalmente, nos campos afetivos e morais. As experiências vividas no seio familiar ajudam a moldar o novo ser humano, mas, para isso os pais devem estar atentos às potencialidades e as imperfeições dos filhos. O amor, o cuidado

e o compromisso dos pais com a educação de seus filhos passam pelo processo de estimular suas potencialidades com ações positivas e orientá-los frente às suas imperfeições, estimulando-os à prática do bem em respeito a si e ao próximo;

- b) CEPD** - para os jovens, o CEPD é o seu segundo lar. Foi nesse espaço que eles puderam complementar as lacunas que, em sua família, não conseguiram preencher. O CEPD proporcionou diversas vivências nas quais esses jovens puderam praticar a caridade em uma relação prático-teórica. No Centro Espírita, tiveram acesso pela primeira vez a uma educação de qualidade, que os valorizava como seres espirituais que caminham rumo ao progresso, oferecendo-lhes atividades que objetivavam a completude espiritual e corporal. Foi nessa instituição que os jovens se sentiram acolhidos e protegidos das opressões do mundo. Puderam garantir o que lhes era negado pelo poder público. Como uma instituição espírita, o CEPD procura desempenhar o seu papel de espaço formador, como bem disse Emmanuel (1984, p. 90) no livro *Educandário de Luz*: “um Centro Espírita é uma escola onde podemos aprender e ensinar, plantar o bem e recolher-lhe as graças, aprimorar-nos e aperfeiçoar os outros, na senda eterna.”;
- c) Doutrina Espírita** - a racionalidade expressa na máxima “fora da caridade não há salvação” deu outro sentido à religiosidade e à espiritualidade dos jovens. A certeza da imortalidade da alma e da possibilidade infinita de progresso do espírito, consolaram suas aflições e alimentaram as esperanças de um futuro mais próspero. Os fundamentos e os princípios doutrinários do Espiritismo resignificaram suas vidas, servindo de “bússola” para suas ações em todos os setores de suas vidas.

No tronco da árvore, ficaram as experiências significativas de cada um. Em um resumo, essas experiências foram representadas da seguinte maneira:

- a) Aulas na Escola Allan Kardec** - baseada em uma proposta pedagógica que não se limitava à educação das dimensões cognitivas, a Escola Allan Kardec deu um novo sentido à aprendizagem desses jovens, pois, além de lerem,

escreverem e contarem, eles aprenderam a ser mais humanos, reflexivos e ativos no mundo em que vivem;

- b) **Monitoria no CEPD** - os jovens puderam ser voluntários no CEPD. Atuando como monitores de cursos e mesmo como evangelizadores, os jovens contribuíram para a formação de outros jovens que, como eles encontram no CEPD um porto fraterno que possibilita um horizonte de esperança;
- c) **Viagens** - nas viagens pessoais, eles puderam conhecer outras cidades e suas realidades podendo compará-las com a situação da Vila Oiticicas;
- d) **Mutirões** - essa atividade era o ápice da ação solidária e colaborativa que os jovens vivenciaram. Via-se o brilho em seus olhos quando narravam os dias em que a comunidade se unia para reformar a casa de uma família, que estava para desabar, construir banheiros nos lares em que não havia, construir a Escola Allan Kardec e pavimentar sua rua, dentre outras ações;
- e) **Amizades** - esse sentimento é o bem mais precioso daqueles que frequentam o CEPD. A amizade pairava no ar, principalmente nos encontros da Mocidade Cristã em Busca do Bem. O bom ânimo e a convivência fraterna e salutar são objetivos dos que trabalham no CEPD.

Na copa da árvore ficaram as conquistas e os sonhos. Os sonhos apresentados foram: continuar e aprofundar o Trabalho no CEPD; jamais esquecer da necessidade da evolução moral; fazer faculdade; ter casa própria; casar e ter filhos; ser útil a Deus; trilhar caminhos no bem; ser feliz e ter equilíbrio; viajar para conhecer outros lugares; fazer uma agrofloresta.

Como se pode observar, os jovens possuem sonhos bem diversificados e o que fica evidente é que seus sonhos não se circunscrevem apenas a desejos materiais. Evolução moral, ser útil a Deus, trilhar caminhos no bem, ser feliz e ter equilíbrio são projeções que vivificam o espírito. Essas metas só se estabeleceram pelo que esses jovens aprenderam e praticaram no campo da espiritualidade, que se deu, nesse caso específico, pelas aprendizagens experienciais vividas no Centro Espírita.

Os sonhos de consumo apontados por eles nada mais são do que desejos sadios pautados em suas necessidades como seres humanos e não no supérfluo. Também é apontado por eles o desejo de continuar no CEPD, ajudando em suas atividades cotidianas, retribuindo aquilo que receberam um dia e intensificando sua formação. Hoje, Iranir é a coordenadora do

Programa Sociofamiliar e monitora da Mocidade Cristã em Busca do Bem; Jorge é um dos responsáveis do setor administrativo do CEPD, além de cuidar da área de informática da instituição; e Valdilene é professora na Escola Allan Kardec.

A escolha do método (auto)biográfico para a construção deste trabalho foi de fundamental importância, pois se encaixou bem com minhas intenções pessoais, no que tange a fazer uma pesquisa viva por meio da qual pudesse promover uma formação pessoal e coletiva. Parto da utilização da narrativa de si, para que os jovens que participaram das atividades educativas do CEPD recontassem sua história, refletissem sobre ela, para ressignificá-la em seguida.

Sendo assim, nesse processo de reflexão e autoformação, esses jovens construíram o que Dominicé (1984) chamou de “biografia educativa”. Na construção dessas biografias educativas utilizei-me do Circulo Reflexivo Biográfico (CRB) como procedimento metodológico. Por conseguinte, nesta pesquisa a abordagem (auto)biográfica teve o caráter de método de pesquisa e de processo de formação.

Essa empreitada biográfica não foi fácil. Os que passam por tal método encaram constantemente diversos sentimentos desde a alegria de ter uma doce lembrança até o medo de acordar traumas internos. É preciso coragem e “sangue quente” daqueles que se propõem a utilizá-lo como método de pesquisa e processo formativo.

Ao término do CRB, solicitei aos jovens que refizessem seus autorretratos. Todos apresentaram uma mudança referente ao primeiro autorretrato feito no segundo encontro do CRB. Em seguida, relataram o que os encontros do CRB tinham representado para eles.

Foto 52 – Novo autorretrato de Jorge



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 53 - Novo autorretrato da Valdilene



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Foto 54 - Novo autorretrato da Iranir



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Jahannes.

Representou para mim conhecimento de si. Nesse encontro a gente se conhece. Nesse encontro eu me encontrei, pois já sei falar de mim. Outra coisa é a segurança. Me senti muito segura nesse trabalho. (Valdilene)

Para mim representou autoconhecimento e reforma íntima. Autoconhecimento por que a gente acha que se conhece, mas olhando as árvores que fizemos e o caminho a gente não se conhece não. A gente se julga muito superior aos outros, muito melhor, enquanto na verdade, a gente não deveria, como a Valdilene disse, ser nem melhor nem pior, mas diferente. E a reforma íntima por que para mim fez bastante bem. Estou sempre voltando atrás em uma situação de conflito e parando para ver se eu estou correto. Toda a vida que terminávamos os encontros a gente se sentia bem por compartilhar a nossa história com os outros e os outros compartilharem com a gente. (Jorge)

Representou consciência da minha própria vida e entendimento. Muitas coisas eu não entendia e eu passei a entender. (Iranir)

Este trabalho evidenciou uma série de questões sobre como é possível garantir direitos e a possibilidade de sonhar em um cenário inteiramente opressor, e como o Centro Espírita pode estabelecer experiências formadoras em seu ambiente. Mas será que todo Centro Espírita propõe-se em desenvolver essas experiências formadoras? Que relações existem entre espiritualidade e construção de esperança?

A relevância deste trabalho centra-se nas contribuições na formação dos jovens sujeitos dessa pesquisa. Além disso, as biografias educativas desses jovens podem também auxiliar nas formações de outros jovens através do estímulo de vivências educativas. Espero que as reflexões feitas neste trabalho possam contribuir com a discussão sobre a espiritualidade na formação humana, uma vez que a Academia se coloca tão distante dessa área do conhecimento. Tive uma grande satisfação em realizar este trabalho e considero que foi uma contribuição significativa para a formação dos jovens sujeitos desta pesquisa. Desejo que as contribuições deste trabalho se estendam ao Movimento Espírita brasileiro visando ao estímulo e ao aperfeiçoamento de suas atividades formativas com jovens, seja da área urbana, seja da área rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. **Competência e sensibilidade solidária: educar para esperança**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- ÂNGELIS, J., **Estudos Espíritas**. Psicog. Divaldo Pereira Franco, Ed. Feb, 4a. edição, 1987
- BATISTA, Maria Isabel Formoso Cardoso e Silva. **A formação do indivíduo no capitalismo tardio: um estudo sobre a juventude contemporânea**. São Paulo: PUC, 2008. 270 p. Tese (Doutorado) psicologia social, Pontífica Universidade Católica de São Paulo, 2008.
- BENEVIDES, M. V. **Educação em direitos humanos: de que se trata?** In: BARBOSA, R. L. L. B. (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 309-318.
- BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: UERJ/Contraponto, 2005. v. 1.
- BOTTI, Mariana Meloni V. **Espelho, espelho meu? Auto-retratos fotográficos de artistas brasileiras na contemporaneidade**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes. UNICAMP, Campinas, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A “juventude” é apenas uma palavra**. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP 1/2012**. Diário Oficial da União, Brasília, 31 de maio de 2012 – Seção 1 – p. 48.
- BRUMER, Anita. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade**. In: CARNEIRO, Maria José & CASTRO, Elisa Guaraná de. (Orgs.). **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

CHENÉ, Adele. **A narrativa de formação e a formação de formadores**. In: NÓVOA; CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

CORSETTI, Berenice. Análise documental no contexto da metodologia qualitativa. In: UNIrevista, vol. 1, n° 1: 32- 46 (janeiro 2006). Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/127934290/Analise-documental-pdf>. Acesso em maio de 2013.

DAMASCENO, Maria Nobre Fortaleza. **Artesania do saber: tecendo os fios da educação popular**. 1 ed. Editora UFC, 2006.

_____ **Trajatórias da Juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas**. In: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (Org). **Trajatórias da juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.

DAMON, William. **O que o jovem quer da vida: como os pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes**. Trad. Jacqueline Valpassos. São Paulo: Summus, 2009.

DELORY-MOMBERGUER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal/RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____ **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: _____. (org.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 15 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

DOMINICÉ, Pierre. **Biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos**. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

- _____. **O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais.** In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.
- DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo.** São Paulo, Ed. Pensamento, 1960.
- DURAES, Sarah Jane Alves. **Aprendendo a ser professor(a) no século XIX:** algumas influências de Pestalozzi, Froebel e Herbart. Educ. Pesqui. [online]. 2011, vol.37, n.3, pp. 465-480.
- FINGER (org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.
- FEB. **Plano de Trabalho para o Movimento Espírita Brasileiro (2007-2012).** Suplemento de REFORMADOR: Revista de Espiritismo Cristão. Ano: 131. Nº 2207. Brasília: Federação Espírita Brasileira, fevereiro de 2013.
- FRADE, P. M. in **Je est un autre,** coord. Luís Serpa Porto, Fundação de Serralves. 1990.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. **Pedagogia do Oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FROMM, Erich. **A Revolução da Esperança.** 5ª. Ed. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos sociais e educação.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009. (coleção questões da Nossa Época; v. 5)
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** Volume 2 / Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. - 2a ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Trad. José Cláudio, Júlia Ferreira. Rev. Científica: Maria da Conceição Passegi. 2 ed. Natal/RN: EDUFRN. São Paulo: Paulus, 2010. Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Série Clássicos das História de Vida.

JUNCKEN, Elaine Teixeira. **Juventude pobre, participação e redes sociabilidade na construção do projeto de vida**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 138p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2006.

KANT, Immanuel. **Fundamentos da metafísica dos costumes**. - Rio de Janeiro: Tecnoprint, Ediouro. 1991.

KARDEC, Allan. **A Gênese**. Tradução de Guillon Ribeiro. 36. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1995.

_____. **Iniciação Espírita**: livro de introdução à teoria e prática da doutrina. Trad. Joaquim daSilva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. 13. Ed. Sobradinho, Distrito Federal, Edicel, 1995.

_____. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Salvador Gentile. 178. ed. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 2008.

_____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro. 112. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996.

_____. **Obras Póstumas**. Tradução de Salvador Gentile. 24. ed. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 2005.

_____. **Viagem espírita em 1862 e outras viagens de Kardec**. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: FEB Editora, 2011.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** In: Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr. Nº 19, 2002.

_____ **Para uma nova concepção de sujeito nas práticas educativas:** situando elementos do paradigma do espírito. In: COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha; PEREIRA, Sônia (org.). **Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola: a Favor da Diversidade.** Fortaleza. Editora UFC, 2006.

LOURENÇO, S., **Conceitos de Cairbar Schutel.** Ed. O Clarim, 1a. edição, 1991.

MARCELINO, Maria Quitéria dos Santos; CATAO, Maria de Fátima Fernandes Martins and LIMA, Claudia Maria Pereira de. **Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no ensino médio.** *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2009, vol.29, n.3, pp. 544-557.

MARIOTTI, Humberto. **Parapsicologia e materialismo histórico.** São Paulo, Edicel, 1983.

MELUCCI, Alberto. **Um objetivo para os movimentos sociais?** In: *Lua Nova.* São Paulo. Nº 17, Junho de 1989.

MINAYO, Cecília de Sousa (org.). DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 28 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Grupo Fantasia: esperança, responsabilidade e alegria.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2009a.

_____ **Círculo Reflexivo Biográfico: dispositivos de pesquisa e de formação.** São Paulo: Anais do IV CIPA, 2010.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos.** *Análise Sociológica*, v. 25, n. 105-106, 1990.

_____. **Culturas juvenis.** 2ª. edição, Lisboa: Imprensa Universitária/casa da Moeda, 2003.

PESTALOZZI, J.H. **Antologia de Pestalozzi.** Trad. Lorenzo Luzuriaga. Buenos Aires: Losada, 1946.

PIRES, José Herculano. **Pedagogia Espírita**. 10. ed. São Paulo: Editora Paidéia Ltda, 2004.

_____. **O Reino**. São Paulo, Edicel, 1967.

_____. **Curso Dinâmico de Espiritismo**. 1 ed. São Paulo: Editora Paidéia Ltda, 1979.

_____. **Introdução à Filosofia Espírita**. 1 ed. São Paulo: Editora Paidéia Ltda, 1983.

VIEIRA, A. R. **Princípio esperança e ‘herança intacta do marxismo’**. 2000. Disponível em:

<http://www.unicamp.br/cemarx/anais_V_coloquio_arquivos/comunicacoes/gt1/sessao6>.

Acesso em: 18 dez. 2011.

SALES, Celecina de Maria Veras. **Juventude, espaços de formação e modos de vida**. In: Revista EDT- Educação Temática Digital, Campinas, v. 12, n.esp. p. 24-41, set. 2010. ISSN: 1676-2592.

_____. **Os Jovens como Experimentadores e Produtores de Devires**. In: DAMASCENO, Maria Nobre e outros(org.) Trajetórias da Juventude. Fortaleza: LCR, 2001.

TROBRIDGE. G.L. **Swedenborg: vida e ensinamentos**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ. 1998

XAVIER, F.C. **Educandário de Luz**. São Paulo: Editora Ieal. 1984.

_____. Pelo Espírito Emmanuel. **O Centro Espírita**, Reformador, janeiro 1951.

ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares, et al. **Direitos Humanos: capacitação de educadores**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008. Volume 1.

_____. **Direitos Humanos: capacitação de educadores**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008. Volume 2.

APÊNDICE

APÊNDICE A – DINÂMICA CONHECENDO O OUTRO

CONHECENDO O OUTRO

GOSTO DE FAZER...
NÃO GOSTO DE FAZER...
MEU PRATO PREFERIDO É...
GOSTARIA DE VIAJAR PARA...
TENHO MEDO DE...
MEU MAIOR SONHO É...
UMA FRASE OU UMA MENSAGEM PARA OS COLEGAS

APÊNDICE B – CONTRATO BIOGRÁFICO

CONTRATO BIOGRÁFICO

ACORDO PARA O FUNCIONAMENTO DO CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO

O presente documento expressa um acordo feito entre as pessoas que compõem o Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) desenvolvido No Centro Espírita o Pobre de Deus no ano de 2013, com a mediação do mestrando em Educação Brasileira Francisco Jahannes dos Santos Rodrigues. Após discussão de todos os pontos deste acordo decidimos orientar o processo de biografização²³ em que estamos implicados, segundo os princípios e compromissos abaixo:

- 1) Somos iguais em nossa humanidade e na busca pelo “ser mais”. Somos diferentes por nossas trajetórias e identidades e, na igualdade e na diferença, respeitaremos uns aos outros;
- 2) O respeito começa por mim mesmo(a). Respeitarei minhas limitações, resistências e meu modo de ser, porém por investir no meu processo de formação, desde já decreto que **o desejo que tenho de auto-conhecimento é maior que minha resistência**;
- 3) Estaremos abertos(as) à partilha e ao agir solidário, pois sabemos que estamos no lugar certo e com as pessoas certas para a realização deste trabalho biográfico;
- 4) Tudo que dissermos e fizermos aqui ficará em sigilo;
- 5) Somos livres para fazermos a narrativa de nossas vidas e para dizermos o que conseguirmos, sem, contudo, comprometer outras pessoas que compartilharam/compartilham experiências conosco;
- 6) Procuraremos falar, buscando equilíbrio entre o nosso tempo e o tempo do outro;
- 7) Somos livres para tecer nossas histórias, mas estamos cientes de que “os outros” nos revelam e que haverá momentos de “cooperação narrativa” em que serei interpelado dialogicamente pelo outro;
- 8) Seremos pontuais, pois o trabalho de biografização implica numa dinâmica grupal que é prejudicada com atrasos;

²³ Atividade de hermenêutica prática, ou seja, “um quadro de estruturação e significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo se atribui uma figura no tempo, ou seja, uma *história* que ele reporta a si mesmo.” (DELORY-MOMBERGER, 2008,p.27). Atividade constitutiva do ser social. Processo essencial de socialização e de construção da realidade social. Interface entre indivíduo e sociedade.

- 9) Seremos assíduos, pois cada dia aprofundamos nossos laços e nossas descobertas pessoais. Também sabemos da necessidade de valorização das contribuições de cada membro do grupo;
- 10) No processo, apontaremos fraternalmente, aspectos do trabalho que não estão sendo bem encaminhados pelo mediador ou pelo grupo. Poderemos falar a pessoas determinadas sobre o que não estamos gostando do comportamento delas, mas, sobretudo estaremos atentos(as) a nós mesmos(as).
- 11) Comprometo-nos a não julgar, nem aconselhar, a não ser que sejamos solicitados(as);
- 12) O CRB será realizado em, pelo menos, 7 encontros (ver calendário anexo), envolvendo os seguintes momentos: despertar consciencial; biografização e integração experiencial.
- 13) Estão previstas as seguintes atividades: a) Apresentação do Projeto/Sessão Pipoca; b) sensibilização inicial/informações sobre o dispositivo adotado/ escolha do símbolo de cada um/acordo de funcionamento do CRB; c) elaboração do autorretrato, a partir da pergunta - “quem sou eu?”; d) narrativa oral de si (gravada em áudio ou vídeo); e) transcrição da narrativa oral e primeiros ajustes na forma; f) leitura da narrativa no grupo e discussão em pequenos grupos para a reescrita – “colaboração narrativa”; g) vivências específicas para acionar memórias-referência que não emergiram nas fases anteriores (infância, escola, família, adolescência, universidade, trabalho, transcendência, etc); h) reflexões sobre as experiências formadoras - “elucidação narrativa”; i) escrita final da “biografia educativa”²⁴ (versão suficientemente boa de si para o momento); j) integração experiencial e avaliação do processo (metáfora do caminho e da árvore).
- 14) Os encontros acontecerão aos domingos de 12h30min às 16h.
- 15) Ficaremos responsáveis por materiais e recursos didáticos que sejam necessários para o desenvolvimento do Círculo Reflexivo Biográfico;
- 16) As perguntas disparadoras das narrativas serão: “Quais os motivos que te levaram a ingressar no Programa Sócio Educativo do Centro Espírita O Pobre de Deus? Qual o significado desta participação para você ser a pessoa que é hoje?”.

²⁴ Escrita de si, produzida em grupo com a mediação de um formador. Produto sempre inacabado, pois o sujeito não cessa de se instituir. Resulta de um trabalho reflexivo sobre a própria vida, com ênfase nos processos de formação, conhecimento e aprendizagem, demonstrando, como chegamos a ser o que somos.

CALENDÁRIO DO CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO – CRB

DATA	ATIVIDADE	DURAÇÃO	RECURSOS	LOCAL
DESPERTAR CONSCIENCIAL				
13/01	1) Dinâmica de apresentação; 2) Apresentação do Projeto; 3) Sessão Pipoca: “Escritores da Liberdade”.	3h	Datashow Vídeo Pipoca	CEPD
03/02	1) Sensibilização inicial; 2) Escolha do símbolo de cada um e de um item que cada um vai trazer para essa aventura biográfica; 3) Acordo de funcionamento do CRB; 4) Elaboração do autorretrato. OBS 1: construir esse autorretrato a partir da seguinte pergunta: quem sou eu? OBS 2: Para ajudar na construção do seu auto-retrato você deve partir das vivências no Programa Sócio Educativo do Centro Espírita O Pobre de Deus. OBS 3: quando terminar o encontro fazer um texto escrito sobre o que foi falado em sala. Não se esquecer de falar e escrever sobre as sensações.	3h	Papel ofício Som com CD Pincel Cola Cartolina Tinta guache Lápis de cor e de cera Pincéis Revista usada Tesoura Massinha Folhas secas, grãos, botões etc.	CEPD
BIOGRAFIZAÇÃO				
24/02	1) Sensibilização inicial; 2) Narrativa oral de si. Perguntas disparadoras para as narrativas orais de si: Quais os motivos que te levaram a ingressar nas atividades educativas do Centro Espírita “O Pobre de Deus”? Qual o significado desta participação para você ser a pessoa que é hoje?	4h	Papel ofício Som com CD Gravador de áudio.	CEPD
25/02 a 16/03	1) Transcrição da narrativa oral e primeiros ajustes no texto.	-----	Gravação	-----
17/03	1) Leitura da narrativa no grupo; 2) Discussão em pequenos grupos para a reescrita – “colaboração narrativa”.	3h	Texto transcrito	CEPD
24/03	1) Vivências específicas para acionar memórias-referência que não emergiram nas fases anteriores (infância, escola, família,	3h		CEPD

	adolescência, universidade, trabalho, transcendência, etc)			
14/04	1) Reflexões sobre as experiências formadoras narradas	3h		CEPD
INTEGRAÇÃO EXPERIENCIAL				
21/04	1) Entrega da escrita final – versão suficientemente boa de si para o momento; 2) Integração experiencial e avaliação do processo (metáfora do caminho e da árvore).	4h		CEPD

AS PERGUNTAS DISPARADORAS SERVEM PARA ORIENTAR VOCÊS NA NARRAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS. QUANDO ESTIVEREM NARRANDO VOCÊS BUSCARÃO RESPONDER ESTAS PERGUNTAS.

QUALQUER DÚVIDA E/OU SUGESTÃO PODEM ENCAMINHAR PARA O JORGE QUE ELE VAI ME REPASSAR OU PODE FALAR PESSOALMENTE QUANDO EU ESTIVER NO GRUPO.

É MUITO IMPORTANTE QUE TODOS POSSAM PARTICIPAR DE MODO SÉRIO, RESPONSÁVEL E FREQUENTE PARA QUE POSSAMOS “COLHER FRUTOS DE QUALIDADE” DESDE MOMENTO FORMADOR.

PARA O SUCESSO DO GRUPO AS ATIVIDADES DEVEM SER FEITAS RESPEITANDO OS PRAZOS.

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL

A seguir você preencherá um formulário socioeconômico e cultural.

Caso sinta-se incomodado em responder a alguma pergunta do questionário, marque as alternativas de não declaração, mas não deixe de responder; Apenas peço que você preencha o questionário **com sinceridade**.

1. DADOS PESSOAIS

1.1. Idade:

_____ Anos completos.

1.2. Sexo:

- Feminino
 Masculino

1.3. Estado Civil:

- Solteiro(a)
 Casado(a)
 Separado(a) / Divorciado(a)
 Viúvo(a)
 Vivo com companheiro(a)

1.4. Em relação à cor da pele, você se considera:

- Branco
 Pardo
 Negro
 Amarelo (oriental)
 Vermelho (indígena)
 Prefiro não declarar

1.5. Qual o sua escolaridade?

- Ensino fundamental incompleto
 Ensino fundamental completo
 Ensino médio incompleto
 Ensino médio completo
 Ensino superior incompleto
 Ensino superior completo
 Especialização
 Mestrado
 Doutorado
 Pós-Doutorado

2. CARACTERÍSTICAS DA MORADIA

2.1 A casa que você mora é:

- Própria
 Alugada
 Emprestada/cedida
 Outros: _____

2.2 Sua casa é de:

- Taipa
 Adobe
 Madeira
 Alvenaria
 Papelão
 Lona
 Outros: _____

2.3 Quantos cômodos tem sua casa? _____

2.4 Quantos dormitórios tem sua casa? _____

2.5 Quantos banheiros tem sua casa? _____

2.6 A água da sua casa é:

- tratada/CAGECE
 de cacimba ou cisterna
 de chafariz

2.7 Sua casa tem rede esgoto?

- Sim
 Não

2.8 Como é tratado o lixo da casa?

- pela coleta da Prefeitura
 jogado no quintal ou rua
 enterrado
 queimado

2.9 Sua casa possui energia elétrica?

- Sim
 Não

2.10 Quais desses bens existem em sua casa? (quantos)

- Aparelho de Som? _____
 Televisão? _____
 DVD? _____
 Geladeira? _____
 Freezer independente? _____
 Máquina de lavar roupa? _____
 Computador (laptop ou notebook)? _____
 Telefone fixo? _____

- () Telefone celular? ____
 () TV por assinatura? ____
 () Outros _____

3. SOBRE A CONSTITUIÇÃO FAMILIAR

3.1 Quantas pessoas moram na casa? _____

3.2 Quem são as pessoas que moram na casa?

- () pai
 () mãe
 () irmã
 () irmão
 () avô
 () avó
 () tio
 () tia
 () outros: _____

3.3 Existe algum adulto na casa que não sabe ler nem escrever? _____

3.4 Quantas pessoas concluíram o Ensino Fundamental? _____

3.5 Quantas pessoas concluíram o Ensino Médio? _____

3.6 Quantas pessoas concluíram o nível superior? _____

3.7 Quantas pessoas concluíram alguma pós-graduação? _____

3.8 Quantos adultos encontram-se estudando atualmente? _____

3.9 Quantas pessoas têm qualificação técnica profissionalizante? _____

3.10 Existe algum morador da casa que apresenta algum tipo de deficiência? _____

3.11 Existe algum morador da casa que utiliza alguma substância química (álcool, cigarro, outros)? _____

4. SOBRE A RENDA FAMILIAR

4.1 Atualmente você:

- () Apenas estuda
 () Apenas trabalha
 () Trabalha e estuda
 () Está desempregado(a)
 () Está de licença ou incapacitado de estudar / trabalhar
 () Não trabalha nem estuda
- 4.2 Qual é a sua renda familiar mensal?
- () Menos de 1 salário mínimo (até R\$678,00)
 () De um a dois salários mínimos (entre R\$678,00 e R\$1.356)
 () De dois a cinco salários mínimos (entre R\$1.356 e R\$3.390)
 () Acima de cinco salários mínimos (mais de R\$3.390)
 () Prefiro não declarar

4.3 Qual a sua participação na vida econômica de sua família?

- () Não trabalho e sou sustentado por minha família ou outras pessoas
 () Trabalho e sou sustentado parcialmente por minha família ou outras pessoas
 () Trabalho e sou responsável apenas por meu próprio sustento
 () Trabalho, sou responsável por meu próprio sustento e ainda contribuo parcialmente para o sustento da família
 () Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família
 () Outra situação

4.4 Quantas pessoas contribuem com as despesas da casa? _____

4.5 Qual a fonte de renda das pessoas que contribuem com as despesas da casa?

- () Trabalho assalariado
 () Agricultura
 () Indústria
 () Aposentadoria
 () Comércio
 () Turismo
 () Benefícios do governo
 () Pensão
 () Artesanato
 () Serviço público

4.6 Quantas pessoas trabalham com carteira assinada? _____

4.7 Qual(is) meio(s) de transporte a família possui?

- () Transporte público
 () Bicicleta
 () Moto
 () Carro
 () Outros _____

- () Passeiam na casa de familiares
 () Assistem televisão
 () Conversam com amigos
 () Participam de missa ou culto
 () Realizam leituras diversificadas
 () Viajam
 () Praça
 () Outros _____

5. SOBRE O LAZER

5.1 Que atividades de lazer você pratica frequentemente:

- () Televisão
 () *Lan House*
 () Praia
 () Rio/açude
 () Praça
 () Cinema
 () Capoeira, judô, karatê ou outras lutas
 () Futebol, vôlei, basquete, natação ou outros esportes
 () Atividades artísticas ou culturais (teatro, dança, atividades circenses, artes musicais, literatura, artesanato, artes visuais, etc.)
 () Nenhuma atividade
 () Outros _____

5.2 Com que frequência você...

	Semanalmente	Ao menos 1 vez por mês	Ao menos 1 vez por ano	Nunca
Vai ao cinema				
Vai ao teatro				
Vai ao estádio				
Vai ao museu				
Vai ao shopping				
Vai ao parque				
Assiste a shows/concertos				
Pratica de esportes				

5.3 O que as pessoas que moram na casa costumam fazer para se divertir?

- () Participam de projetos sociais
 () Participam de associações e clubes
 () Frequentam festas

5.4 Quantos livros em média você costuma ler por ano?

- Um livro
 De 2 a 5 livros
 Mais de 5 livros
 Nenhum

5.5 Quando você lê que tipo de leitura prefere?

- Revistas de novelas e vida dos artistas
 Revista em quadrinhos
 Revistas científicas
 Jornais
 Livros da escola
 Bíblia
 Outros livros (romance, receitas, científicos, etc.)
 Outros: _____

5.6 Com que frequência você tem acesso a estes meios de informação?

	Diariamente	Quase diariamente	Às vezes	Raramente	Nunca
Jornais					
Revistas					
Televisão					
Internet					
Livros					
Rádio AM/FM					

5.7 Você participa de alguma entidade ou associação? (múltipla escolha)

- Associação de bairro ou de moradores
 Associação ou movimento ligado à luta de minorias (assinalar):
 Associação pastoral ou eclesial
 Sindicato de trabalhadores
 Partido ou associação política
 Organização não governamental
 Time de futebol ou clube esportivo
 Grupo de dança, música ou teatro

Outros tipos de associações ou entidades.

Quais? _____

Não participo.

5.8 Você presta algum tipo de serviço assistencial, ajuda financeira ou trabalho voluntário? (múltipla escolha)

- Sim, a entidades filantrópicas
 Sim, a instituições de caridade que cuidam de crianças com câncer, HIV ou com algum tipo de deficiência
 Sim, a creches, orfanatos e/ou asilos de idosos
 Sim, junto a organizações não governamentais
 Sim, a escolas
 Sim, a hospitais
 Sim, outros: _____
 Não

**6. SOBRE O
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE**

6.1 Em relação à religião, você diria que é:

- Ateísta
- Agnóstico
- Acredito em Deus, mas não sigo nenhuma religião
- Católico
- Católico não praticante
- Protestante (evangélico, batista, mórmon, calvinista, luterano, testemunha de Jeová ou outro)
- Espírita
- Praticante de religião afro-brasileira (umbanda, candomblé)
- Budista
- Muçulmano
- Judeu
- Tenho outra religião. Qual?

Prefiro não declarar

6.2 Qual a sua frequência nos cultos religiosos que professam:

- Diariamente
- Semanal
- Quinzenal
- Mensal
- Eventualmente
- Raramente ou apenas em datas especiais (Natal, Páscoa, dias sagrados, etc.)
- Somente em cerimônias especiais (casamento, funeral, etc.)
- Nunca

6.3 Quais atividades ligadas ao credo religioso a família frequenta:

6.4. Você recebeu algum tipo de educação religiosa na infância?

- Sim
- Não

6.5 Qual o papel que sua religião ou crença tem na sua vida?

- É o que há de mais importante na minha vida e sobre a qual eu procuro basear todos os meus atos e opiniões
- É algo muito importante para a minha vida e sobre o qual eu procuro basear a maior parte dos meus atos e opiniões
- Tem relativa importância para mim, mas nem sempre está de acordo com as minhas opiniões ou atitudes
- Tem pequena importância e pouco me baseio nela para tomar minhas atitudes ou formar minhas opiniões
- Tem alguma importância na minha vida, mas eu não baseio minhas decisões ou opiniões na religião.
- Não é importante e não baseio minhas opiniões ou atitudes em nenhuma religião.

O que você entende por projeto de vida?

Qual o seu projeto de vida?

O que significa ser jovem em Oiticicas? (Como são os jovens em Oiticicas?)

Que atividades você realiza no dia-a-dia?

Você gosta de morar em Oiticicas? Por quê?

Você gostaria de morar em outra localidade?

Por quê?

Agradeço a sua colaboração!

ANEXOS**ANEXO A – POEMA “O AUTO-RETRATO”****O AUTO-RETRATO****Mário Quintana**

No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!